

BESTSELLER
NEW YORK TIMES

Jude Deveraux

*Autora de Alguém para Amar, Jardim de Alfazema,
Perfume da Paixão e Dias de Ouro*

Perfume de Jasmim

· ROMANCE ·
❧

Arriscaria a sua vida por amor?





Ficha Técnica

Título original: The Scent of Jasmine

Autor: Jude Deveraux

Tradução: Raquel Dutra Lopes

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789897260643

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Jude Deveraux Inc., 2011

Publicado com o acordo de Pocket Books,

uma divisão da Simon & Shuster, Inc.

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leva.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico

Nota à tradução: É bastas vezes referido no texto que os protagonistas se comunicam em Scottish brogue, o sotaque dialetal escocês, frequentemente incompreensível tanto pela pronúncia carregada como pelo uso de termos distintos dos da língua inglesa. Na maioria das ocorrências no original, o brogue não é transcrito. Naquelas em que o foi, a tradução portuguesa serve-se de algumas marcas de oralidade («c'um raio», por exemplo), sem no entanto cair no excesso de tentar apresentar um sotaque regional português, que seria desapropriado. A título de curiosidade, e em nota de rodapé, são reproduzidas as frases que foram grafadas em brogue.

Charleston, Carolina do Sul, 1799

— **P**ensa nas Terras Altas – disse T. C. Connor à afilhada, Cay. – Pensa na terra natal do teu pai, nas gentes de lá. Ele era o *laird*¹, o que significa que tu és a filha do *laird*, o que significa...

– Julga que o meu pai quererá que eu fizesse o que está a pedir-me? – perguntou ela, com os olhos de pestanas densas a sorrir-lhe.

T. C. estava de cama, com uma tala do joelho à anca. Tinha partido a perna poucas horas antes e o mais ínfimo movimento provocava-lhe esgares de dor, mas ofereceu a Cay um sorriso ténue.

– Se o teu pai soubesse o que estou a pedir à sua querida filha, amarrar-me-ia a um vagão e arrastar-me-ia por umas quantas montanhas.

– Eu vou – disse Hope do outro lado da cama. – Levo uma carruagem e...

T. C. pousou uma mão na dela e lançou-lhe um olhar carinhoso. Hope era a única filha de Bathsheba e Isaac Chapman. A sua bela e jovem mãe morrera anos antes, enquanto o pai rezingão, velho e desagradável continuava vivo. T. C. Connor alegava ser apenas «um amigo da família», mas Cay ouvira rumores sussurrados entre as mulheres acerca de ter havido mais entre Bathsheba e T. C. que uma mera amizade. Até se segredava que era possível que T. C. fosse o pai de Hope.

– Isso é muita gentileza tua, querida, mas... – Deixou a frase a pairar no ar, não querendo dizer o óbvio. Hope fora educada numa cidade e nunca montara um cavalo. Só viajava de carruagem. E, para além disso, caíra de uma escadaria quando tinha três anos e a sua perna esquerda curara-se mal. Sob as longas saias, usava um sapato com uma sola de cinco centímetros de espessura.

– Tio T. C. – replicou Hope num tom paciente –, o que está a pedir à Cay é impossível. Olhe para ela. Está vestida para um baile. Não poderá propriamente montar um cavalo a usar aquele vestido.

T. C. e Hope olharam para Cay e o esplendor cintilante dela quase iluminou o quarto. Cay tinha apenas vinte anos e, ainda que nunca viesse a ser a beleza clássica que distinguia a sua mãe, era muito bonita. Tinha uns olhos azul-escuros que espreitavam por baixo de pestanas extraordinariamente compridas, mas a sua melhor característica era o cabelo denso e arruivado, que agora se encontrava preso, com alguns caracóis soltos que lhe suavizavam a linha forte do maxilar que herdara do pai.

– Eu quero que ela vá diretamente do local da reunião para o baile. – Quando tentou sentar-se, T. C. teve de suprimir um gemido. – Talvez eu possa...

Hope deu-lhe um toque delicado no ombro e ele tornou a deixar-se cair no colchão. Ela limpou-lhe a testa coberta de suor com um pano fresco.

Sem fôlego, ele voltou a olhar para Cay. O vestido dela era maravilhoso. De cetim branco, com gaze sobreposta, estava coberto de centenas de contas minúsculas de cristal que formavam padrões intrincados. Ajustava-se na perfeição à figura dela e, conhecendo bem o pai, Angus McTern

Harcourt, o vestido teria custado mais do que T. C. ganhara durante o ano anterior.

– A Hope tem razão – disse ele. – Não podes ir no meu lugar. É demasiado perigoso para quem quer que seja, sobretudo para uma jovem. Se ao menos o Nate estivesse aqui... Ou o Ethan, ou o Tally.

À menção de três dos seus quatro irmãos mais velhos, Cay sentou-se na cadeira ao lado da cama.

– Cavalgo melhor do que o Tally – replicou, referindo-se ao irmão que não chegava a ter mais um ano que ela. – E sou capaz de disparar tão bem como o Nate.

– O Adam – acrescentou T. C. – Se ao menos o Adam estivesse aqui...

Cay soltou um suspiro. Nada havia que ela conseguisse fazer tão bem como Adam. Mas a verdade era que só o seu pai estava à altura de Adam.

– Tio T. C. – disse Hope, com um tom de aviso na voz –, o que está a fazer não é correto. Está a tentar aliciar a Cay a fazer algo que lhe será absoluta e completamente *impossível*. Ela...

– Talvez não seja impossível – interrompeu Cay. – Quero dizer, tudo o que terei de fazer será cavalgar até um lugar específico, levando um cavalo de carga, e pagar a uns homens. É só isso, não é?

– Nada mais – respondeu T. C. ao mesmo tempo que voltava a tentar sentar-se. – Quando encontrares os homens, entregas-lhes o saco de moedas e dás ao Alex as rédeas do cavalo carregado. Os homens ir-se-ão embora e tu poderás ir na tua égua até ao baile. É tudo bem simples.

– Talvez eu pudesse – começou Cay, mas Hope cortou-lhe a palavra; tinha-se levantando, de mãos nas ancas, e estava a fitar T. C., deitado na cama, com um olhar furioso.

– T. C. Connor, o que está a fazer à mente desta pobre criança é mesmo pérfido. Está a retorcer-lhes os pensamentos, a dar-lhe voltas até que ela não seja capaz sequer de recordar os factos de tudo isto... se é que alguma vez os soube.

Hope tinha quase trinta anos, mais nove que Cay, e era comum tratá-la como se ela ainda no dia anterior saltasse à corda.

– Eu *compreendo* o que o tio está a pedir – insurgiu-se Cay.

– Não, não compreendes. – A voz de Hope ia-se elevando. – Todos eles são criminosos. Todos, sem exceção. Esses dois homens a quem ias pagar... – Lançou um olhar irado a T. C. – Diga-lhe onde os arranjou.

– Cadeia – resmungou T. C., mas, perante o olhar de Hope, pronunciou a palavra com mais clareza. – Na cadeia. Apanhei-os quando foram libertados da prisão. Mas onde mais poderia eu encontrar homens para o que precisava? Na igreja? Hope, esqueces-te de que é o Alex quem interessa, no meio de tudo isto. É o Alex que...

– O Alex! – Hope levou as mãos à cabeça e, por um instante, virou-se. Quando tornou a olhar para o homem deitado na cama, tinha o rosto vermelho de fúria. Não era uma mulher particularmente bonita e a cor não a favorecia. – Não sabe nada acerca deste Alexander McDowell. Nem sequer o conhecia até ter ido visitá-lo à prisão.

Os olhos de Cay arregalaram-se.

– Mas eu julgava...

– Julgavas que o nosso querido tio T. C. o conhecia, não julgavas? Pois bem, não conhece. O nosso padrinho esteve no exército com o pai deste Alex e o teu pai, e...

– E o homem salvou-me a vida por mais que uma vez – atalhou T. C. num tom zangado. – Protegeu-nos quando éramos tão inexperientes que nem sabíamos baixar-nos quando os outros começavam a

disparar contra nós. O Mac era como um pai, ou um irmão mais velho, para todos nós.

– O Mac? – repetiu Cay, que começava finalmente a juntar as peças daquela história. – O homem que está a ajudar a fugir da prisão é filho do Mac de quem o meu pai fala?

– Sim – confirmou T. C., virando-se para Cay. – Acho que o teu pai não estaria ainda vivo se não fosse o Mac.

– Conte-lhe o que fez o filho – exigiu Hope, ainda com o rosto tão vermelho como se tivesse um escaldão. – Conte à Cay o que fez o homem para acabar na cadeia.

Quando T. C. se manteve em silêncio, Cay tartamudeou:

– Eu julgava que ele tinha sido...

– O quê? Preso por embriaguez? Por ter caído de bojo numa gamela de cavalo?

– Hope! – censurou T. C. com severidade e Cay reparou que ele também estava afogueado, tão vermelho quanto Hope. – Acho mesmo que...

– Que seria capaz de ludibriar a Cay para que ela fizesse o que o tio quer sem lhe revelar os factos?

– O que fez ele? – perguntou Cay.

– Assassinou a mulher! – respondeu Hope quase a gritar.

– Oh!

Cay não era capaz de pensar em algo mais para dizer. Os seus olhos estavam tão arregalados que parecia uma boneca no seu lindo vestido. Tinha três estrelas cobertas de diamantes no cabelo, que brilhavam, refletindo a luz das velas.

Hope sentou-se na cadeira junto à cama e olhou para T. C.

– Conto-lhe eu ou conta o tio?

– Tu pareces estar decidida a contar todos os pormenores escabrosos, portanto, conta-lhe *tu*.

– Tu não estavas aqui – começou Hope –, pelo que não viste todas as histórias terríveis que os jornais publicaram. Alexander Lachlan McDowell chegou a Charleston há três meses, conheceu a muito bela e talentosa Miss Lilith Grey e casou-se de imediato com ela. No dia a seguir ao casamento, cortou-lhe a garganta.

Horrorizada, Cay levou a mão ao pescoço.

Hope olhou para T. C., que a fitava.

– Disse algo de errado? Exagerei no que quer que fosse?

– Todas as palavras são as que os jornais publicaram – replicou ele num tom tenso.

Hope tornou a olhar para Cay.

– Este homem, o Alex, só foi descoberto por acaso. Alguém atirou uma pedra com uma nota presa pela janela do quarto do juiz Arnold. A nota dizia que a noiva de Alex McDowell estava morta e podia ser encontrada ao lado do marido, na suíte do último andar do melhor hotel da vila. Ao início, julgou que se tratava de uma piada horrível, mas, quando o doutor Nickerson começou a bater-lhe à porta com toda a força, reclamando ter recebido uma nota idêntica, o juiz saiu com ele e, juntos, foram investigar. – Hope olhou para T. C. – Devo continuar?

– Posso impedir-te?

Cay olhou para um e para o outro e viu dois maxilares dispostos exatamente da mesma maneira, dois pares de olhos a chisparem de fúria da mesma forma. Imaginou que, quando chegasse a casa, ela e a mãe se ririam de todas as palavras e gestos daquela noite. Também contaria ao pai, mas teria de editar a história com cuidado, omitindo qualquer menção a «cadeia» e «assassínio».

– O juiz e o médico surpreenderam este tal Alexander McDowell antes de o Sol raiar e, ao lado dele, na cama, estava a sua noiva. Prostrada e com a garganta cortada!

Mais uma vez, Cay arquejou, de mão no pescoço.

– Eu estaria disposto a apostar a vida em como o filho do Mac não cometeu o assassinio – disse T. C. num tom calmo.

– Isso estaria muito bem, mas é a vida da *Cay* que está a arriscar, não a sua! – ripostou Hope.

Cay observava-os e não tinha a certeza de que eles alguma vez tornassem a falar-se.

– Então vai ajudá-lo a sair da cadeia e a ir-se embora?

– O meu plano era esse, só que eu ia com ele.

– Em mais uma das suas travessias longas e perigosas – comentou Hope, ainda numa voz zangada.

– Para onde planeava ir desta vez?

– Para as terras selvagens da Florida.

Hope estremeceu com repugnância.

Durante toda a sua vida, Cay tinha ouvido falar das viagens do tio T. C., que fora com equipas de exploração até ao faroeste e vira coisas que nenhum outro homem branco havia visto. Ele adorava plantas, parecia saber de cor os nomes latinos de todas e tinha passado três anos a aprender a desenhar o que via. No entanto, enquanto outros elogiavam os seus desenhos, Cay e a mãe tinham guardado as suas opiniões para si mesmas, pois ambas partilhavam um talento artístico e consideravam as pinturas dele demasiado simples, com falta de instrução. Um dos professores de desenho de Cay – ela recebia aulas desde os quatro anos – fora o artista inglês Russell Johns. O homem era um tirano no estúdio e Cay tivera de se esforçar muito para ir ao encontro das suas exigências, mas conseguira-o. «Se ao menos fosses um rapaz», dissera-lhe ele muitas vezes num tom melancólico.

Cay não se apercebeu de que tinha dito aquelas palavras em voz alta até dar por T. C. e Hope a fitarem-na.

– Estava a pensar em...

– Mister Johns – completou T. C. – O teu último professor. – Ele olhava-a com inveja. – Quem me dera ter o teu talento, Cay. Se conseguisse desenhar tão bem e depressa como tu, produziria três vezes mais e tudo seria bom. O escorço enlouquece-me!

Hope não sabia muito a respeito de Cay ou da família desta. O interesse que partilhavam era T. C., pois era padrinho de ambas. Tudo o que havia sido dito a Hope era que Cay tinha «uma decisão a tomar» e que ficaria em Charleston enquanto a tomava.

– Pintas?

T. C. soltou uma pequena gargalhada que lhe provocou dores por todo o corpo. Esfregou o joelho por baixo das ligaduras enquanto tentava recuperar o fôlego.

– Miguel Ângelo teria inveja do talento dela.

– Não me parece – disse Cay, mas estava a sorrir. Por modéstia, fitou as mãos pousadas no colo.

– E quer arriscar esta jovem encantadora para salvar um assassino? – insurgiu-se Hope de olhos postos em T. C.

– Não. Só quero que ela faça algo por um homem que perdeu tudo! Se o tivesses visitado na prisão comigo, como te implorei, terias visto o seu sofrimento. Ele estava mais preocupado com o que tinha perdido do que com o que ia acontecer-*lhe*.

Hope não se comoveu e Cay calculou que já tivessem travado aquela discussão muitas vezes.

– E depois de este homem ser salvo, o que fará? – quis saber Hope. – Passará o resto da vida a fugir à lei?

– Como já disse, o plano original era que o Alex viajasse comigo e Mister Grady até à Florida. – Lançou um olhar de relance a Cay. – Mister Grady é o líder desta expedição, que andamos a planear desde a primavera. Eu seria o gravador, desenharia e pintaria tudo o que víssemos. Mister Grady foi amável ao contratar-me, pois sabe que não sou capaz de desenhar uma pessoa ou um animal. Só as plantas me interessam. A Cay consegue...

Cay não queria ouvir mais elogios às suas capacidades artísticas; pareciam-lhe supérfluas quando a vida de alguém estava em perigo.

– Se ninguém for ter com ele, o que fará este homem?

– Será apanhado, devolvido à cadeia e enforcado amanhã de manhã – respondeu T. C.

Cay olhou para Hope em busca de confirmação, mas esta recusou-se a comentar.

– Então quer que eu lhe leve um cavalo?

– Sim! – exclamou T. C. antes que Hope tivesse oportunidade de falar. – Nada mais. Paga aos homens que vão libertá-lo, dá o cavalo ao Alex e depois vai embora.

– E para onde irá ele se eu o fizer?

– Irá ter com Mister Grady. Desenhei um mapa do local em que o Alex deverá juntar-se à expedição. – Mirou Cay com um olhar especulativo. – Suponho que agora Mister Grady terá de arranjar outra pessoa que faça o registo, já que eu não posso ir. Que pena...

Cay sorriu, percebendo o que ele queria dizer.

– Mesmo que eu fosse um homem, não se trata de uma coisa que gostasse de fazer. Sou bastante feliz a viver perto da minha família na Virgínia e quero continuar lá. Deixo as aventuras para os meus irmãos.

– Como deve ser – interveio Hope. – Não se espera que as mulheres percorram o país a fazer o que os homens fazem. E certamente *não* se espera que montem um cavalo e galopem ao encontro de um assassino.

T. C. estava a fitar Cay com um ar muito sério.

– Conheço-te desde que nasceste e sabes que nunca te pediria que fizesses algo perigoso. Podes tapar o vestido com o grande manto encapuzado da Hope, e eu sei que sabes cavalgar. Já te vi saltar vedações que assustam a maior parte dos homens.

– Se não o fizesse, os meus irmãos rir-se-iam de mim – replicou Cay. – Eles haviam de...

Ao pensar neles, perguntou-se o que fariam caso se deparassem com aquela situação. Tally já estaria sentado na sela, Nate colocaria uma centena de perguntas antes de partir, Ethan estaria a preparar as malas porque ocuparia o lugar de T. C. na expedição e Adam...

– Eles haviam de quê? – perguntou T. C.

– Haviam de ajudar qualquer amigo do nosso pai – disse Cay, já a levantar-se.

– *Não* podes fazer isto. – Hope estava a fitá-la do outro lado da cama.

– Não te ouvi dizer que *tu* irias se pudesses? – inquiriu Cay.

– Sim – disse ela –, mas isso é diferente. Tu és tão jovem e... e...

– Infantil? Mimada? Rica? – perguntou Cay, com os olhos a estreitarem-se mais a cada palavra. Desde que conhecera Hope que tinha a impressão de que esta a considerava demasiado nova, demasiado frívola, demasiado mimada para alguma vez vir a ser capaz de concretizar o que quer que fosse. Embora fosse verdade que não sofrera os reveses que tinham marcado a vida de Hope, um

acidente que a deixara a coxear, a morte da mãe e toda uma vida a cuidar de um pai velho sempre a queixar-se, também Cay tivera algumas contrariedades na sua vida. Na sua opinião, ser a única filha com quatro irmãos mais velhos bastava para a qualificar para uma missão perigosa.

– Vou fazê-lo – afirmou Cay, fitando Hope com o olhar que usava para impedir Tally de lhe enfiar um segundo sapo pelo colarinho.

– Obrigado – agradeceu T. C. com lágrimas nos olhos. Agarrou-lhe na mão pequena e beijou-a. – Obrigado, obrigado. E vais ficar bem. O Alex é um jovem muito agradável e...

– Duvido que a família da mulher dele concordasse com isso – atalhou Hope.

Quando T. C. lhe lançou um olhar, ela sentou-se na cadeira. Sabia reconhecer uma derrota.

– Talvez seja melhor mudar de roupa – sugeriu Cay.

– Não, não, quero que fiques assim. Vai do ponto de encontro para o baile, sem delongas.

– Isso dar-te-á um álibi – comentou Hope, tendo perdido a intensidade do seu tom zangado.

– Sim, dará. Não que te perguntem onde estiveste, mas... – T. C. deixou a frase incompleta.

Hope soltou um suspiro derrotado.

– E mantém o rosto tapado. Não deixes que ninguém te veja. Nem sequer *esse homem*.

– Haverá gente a persegui-lo? – perguntou Cay, que começava a compreender aquilo para que se voluntariara.

– Tenho estado a planear isto há semanas, desde que ele foi preso – disse T. C. – e penso que cubri todas as possibilidades. Haverá três grupos de homens em fuga, e só tu saberás onde encontrar o certo.

– Isso deve ter-lhe custado muito – atalhou Hope.

T. C. acenou com a mão para assinalar que não tinha importância. O salvamento custara-lhe tudo o que possuía, mas não ia contar-lhes isso.

– Quando devo partir? – perguntou Cay, engolindo em seco ao pensar na noite que se aproximava.

– Há vinte minutos.

– Ele não quer dar-te tempo para pensares – explicou Hope.

– A minha criada...

– Eu mantenho-a ocupada – disse Hope. – Nem vai reparar que lhe escapaste.

– Eu... eu, hã... – gaguejou Cay.

– Vai! – incitou-a T. C. – Não penses mais, *vai* só! Mantém-te coberta, não deixes que te vejam o rosto, nem sequer o Alex, e depois cavalga até ao baile. Deixa o cavalo nas traseiras do salão de baile para que não haja rumores acerca de como chegaste. A Hope tratará disso.

Cay olhou para Hope, que correspondeu com um breve aceno de cabeça.

– Muito bem, então, suponho que seja melhor ir. Não sei como vou montar um cavalo com este vestido, mas...

– O manto irá tapar-te por completo – garantiu T. C., com os olhos a implorarem-lhe que não perdesse mais tempo a discutir. – Amanhã tomaremos chocolate ao pequeno-almoço e rir-nos-emos de tudo isto.

– Promete? – perguntou Cay a sorrir.

– Juro.

Depois de hesitar durante o tempo suficiente para o presentear com outro sorriso, agarrou na bainha do vestido e desceu as escadas a correr. Tinha o coração a mil, mas sabia que aquilo era uma coisa que *tinha* de ser feita. Naquela noite, salvaria a vida de um homem. Que ele pudesse ou não ser

um assassino não era algo com que quisesse preocupar-se. Não, o melhor era limitar-se a cumprir a tarefa e pensar depois no que fizera.

[1](#) Nome dado aos proprietários de terras na Escócia. (*N. da T.*)

Cay encontrava-se montada às escuras, desejando estar na Virgínia com a família. Era outono, pelo que estaria mais frio lá. Já teriam a lareira acesa na sala? Os seus irmãos estariam em casa, ou seria que tinham saído para... para o que quer que fosse que os rapazes estavam sempre a fazer? Ultimamente, Ethan andava a cortejar uma das raparigas da família Woodlock, embora Cay achasse que não fosse sair grande coisa disso. A rapariga não era suficientemente bonita nem inteligente para Ethan.

Quando a égua começou a agitar-se, Cay mudou de posição na sela e acalmou-a. Escondido entre o arvoredor atrás dela estava o cavalo muito carregado que Alexander McDowell deveria levar quando finalmente chegasse com os homens que o tinham libertado da cadeia.

Olhou em volta mas pouco via no céu noturno. Fora difícil encontrar o lugar onde o padrinho lhe dissera que deveria encontrar-se com o filho de Mac – Cay só conseguia pensar nele assim. Tratava-se do filho do homem que ajudara o seu pai e essa era a razão pela qual ela ali estava. Se não se concentrasse nisso, sabia que começaria a perscrutar a escura paisagem campestre e a pensar que estava prestes a conhecer um homem que, provavelmente, cometera um assassinio.

Hope descera com ela, ajudara-a a tapar o vestido com o grande manto de lã e dera-lhe o mapa que T. C. desenhara e que indicava para onde Cay deveria ir.

– Não é demasiado tarde para recusares – disse-lhe enquanto lhe apertava o capuz à volta da cabeça.

Cay fez a expressão mais corajosa de que foi capaz.

– Tenho a certeza que ficarei bem. Para mais, duvido que este homem seja realmente um assassino.

Hope baixou o tom de voz.

– Não leste os relatos dos jornais. O médico e o juiz encontraram-na trancada dentro do quarto com ele, que estava a dormir a sono solto. Não tinha qualquer consciência do que tinha feito. É mal puro.

Cay engoliu em seco.

– O que disse ele acerca de tudo isso?

– Que tinha bebido um copo de vinho e adormecido.

– Talvez estivesse a dizer a verdade.

– És tão novinha – comentou Hope num tom condescendente. – Nenhum homem adormece na noite de núpcias.

– Mas talvez... – tentou Cay dizer, mas Hope interrompeu-a:

– Quanto mais depressa fores, mais depressa poderás voltar. Estarei à tua espera no baile. Não estarei vestida com tanto luxo como tu, mas terei o meu vestido de seda, por isso procura-me ao fundo.

– Pousou as mãos nos ombros de Cay e observou-a por um momento. – Que Deus te acompanhe – disse-lhe e deu-lhe um beijo rápido na face.

No minuto seguinte, correram para o estábulo onde os cavalos as esperavam. Hope ajudou-a a

ajustar o manto volumoso por cima do vestido e da parte inferior das pernas que, em meias de seda, estavam expostas. O vestido de baile era estreito e, quando ela montou o cavalo, subiu-lhe pelas pernas.

– Independentemente do que o nosso padrinho diz, por favor, tem muito cuidado com este homem – aconselhou Hope quando Cay já estava na sela e toda coberta.

Tentando aligeirar a disposição séria do momento, Cay perguntou-lhe:

– Queres que te traga alguma coisa?

– A tua segurança será quanto basta – replicou sem sorrir, mas, ao ver o olhar desiludido de Cay, continuou: – Um marido. Não muito alto, não muito baixo, nem rico nem pobre. Só quero um homem que faça frente ao meu pai. – Sorriu um pouco. – E que não adormeça na nossa noite de núpcias.

– Que pai? – perguntou Cay, apercebendo-se de imediato de que estava mais nervosa do que julgava. Começou a pedir desculpa, mas Hope riu-se.

– O queixoso, claro. Com o outro não tenho problemas... à exceção de não conseguir que me obedeça. Agora, vai!

Cay esporeou a égua e avançou para oeste, em direção ao local onde encontraria o assassino.

Agora mantinha-se montada e à espera. Eles já deveriam ter chegado, mas ela nada ouvia ou via. Seria que algo correria mal? Teria a tentativa de fuga sido frustrada? Estava ciente de que sabia impressionantemente pouco sobre o que o tio T. C. fizera para concretizar aquele plano e de que deveria ter feito mais perguntas. Deveria ter sido mais parecida com o seu irmão Nate, que adorava solucionar enigmas. Ele gostava de descobrir quem fizera o quê e porquê. No silêncio escuro, pensou na primeira vez que Nate resolvera um dilema que havia deixado em alvoroço a família inteira e toda a gente que trabalhava para ela. A farinha da cozinha andava a desaparecer a um ritmo alarmante, mas ninguém admitia roubá-la.

A sorrir, a mente de Cay começou a remontar a essa altura, mas um som à sua direita fê-la puxar as rédeas da égua. Tinha prendido o outro cavalo com cuidado a uma árvore a uns quarenta e cinco metros dali e, quando olhou nessa direção, nada viu.

Contudo, os sentidos diziam-lhe que algo estava diferente.

– Quem está aí? – gritou.

Das trevas surgiu um homem alto, de barba e ar mais velho, que se aproximou tanto de si que Cay puxou as rédeas e começou a fugir, mas ele apanhou-a pela barriga da perna e, quando o fez, a perna envolta em seda e um pouco do vestido foram revelados. As contas de cristal brilhavam mesmo na escuridão da noite.

– *C’um raio* – exclamou o homem ao olhar para ela. – O idiota enviou-me uma miúda p’a fazer o trabalho dum homem. Uma miúda tão inútil que mais valia acabar c’a minha vida. Bem podia dar-me já um tiro.² – Fez uma pausa e depois perguntou-lhe em inglês norte-americano:

– Está a caminho de uma festa?

Cay esperneou para se livrar da mão dele e mirou-o com todo o desprezo que era capaz de expressar.

– Assim que me livrar de si, estou. Consegue acompanhar-me?³ – Ela tinha passado vários verões na Escócia com os primos e compreendia o insulto que ele lhe fizera, pelo que só lhe ocorria que era um patego ignorante.

Não se deu ao trabalho de indicar onde estava o outro cavalo. Se ele tinha tanta certeza que «uma miúda» era tão inútil que «mais valia dar-se um tiro», então bem podia encontrá-lo por si mesmo,

«c’um raio».

Ele limitou-se a ficar ali especado a olhar para ela, boquiaberto, e Cay calculou que estaria chocado por ela compreender o seu sotaque carregado. Entre dentes, ele disse qualquer coisa que soava a «É uma McTern», mas ela não tinha a certeza de que tivesse sido isso.

Quando ouviu um tiro, não ficou surpreendida. Obviamente, o plano de T. C. dera para o torto. Os homens a quem ela deveria pagar não tinham aparecido e o escocês de linguagem desabrida viera sozinho. Era certo que ele estava por sua conta, pensou ela enquanto esporeava a égua para que galopasse mais depressa.

Enquanto cavalgava, sentia o vestido a subir-lhe cada vez mais, até às ancas. Àquele ritmo, chegaria ao baile com péssimo aspeto. O capuz do manto tinha-lhe caído da cabeça e ela já sentia o cabelo cuidadosamente arranjado a soltar-se dos ganchos. Ficou satisfeita por se ter lembrado de prender as estrelas de diamantes ao interior do espartilho. Tinham sido o presente que o pai lhe dera no seu décimo oitavo aniversário e ela teria detestado perdê-las, sobretudo por uma causa tão desmerecedora.

Atrás de si, ouvia outro cavalo a aproximar-se depressa. Virou-se e viu que era o escocês. Apesar de ele ter muito cabelo e uma barba cerrada, ela conseguia ver que os seus olhos chispavam de raiva.

– Cubra-se, sua rapariga tonta – gritou-lhe ele.

– Não é altura para pudores!

Ela levantou-se na sela e a égua ganhou mais velocidade. Cay sempre adorara cavalgar e passara muita da sua vida montada num cavalo. Fazer corridas com os irmãos – e vencê-los – era um dos seus passatempos preferidos.

– É para que não vejam que é uma miúda – bradou ele enquanto tentava acompanhar o ritmo dela. Porém, o cavalo dele estava tão carregado com aquilo que seria necessário levar para a expedição que não era capaz de a alcançar. Não obstante, o homem continuava a incitá-lo até que Cay se apiedou do animal.

– Temos de nos separar – disse ela ao mesmo tempo que guinava as rédeas da égua muito depressa para a levar para a esquerda. Não conhecia muito bem os arrabaldes de Charleston, mas tinha um bom sentido de orientação e, para além disso, via luzes ao longe. Regressaria a casa de T. C., emalaria as suas roupas e voltaria para casa de manhã. Já tivera toda a comoção que seria capaz de aguentar durante uma visita.

Quando o homem virou com ela e quase a fez sair do trilho, Cay teve de usar todos os seus anos de experiência como cavaleira para manter a égua no caminho.

– O que julga que está a fazer?! – gritou-lhe.

– A salvar-lhe a vidinha – gritou ele em resposta. – Se voltar para a cidade, vão prendê-la.

– Ninguém sabe que alguma vez o encontrei.

Cay olhou por cima do ombro. Tinha ouvido um tiro, mas não vira viva alma.

– Eles viram-na.

– Não viram! – contrapôs ela.

Para seu grande espanto, ele agarrou no freio da sua égua e puxou-o com tanta força que ela quase caiu. Se tivesse um chicote à mão, tê-lo-ia usado nele.

– Tem de vir comigo.

– Não irei! O senhor é um criminoso!

– Tal como a menina, agora. Ou me segue ou arranco-a desse cavalo e levo-a na minha sela.

Cay sentiu-se tentada a pô-lo à prova. Via que ele tinha um corpo magro por baixo das roupas esfarrapadas e sabia que era muito mais nova que ele, mas tinha noção de que, ainda assim, ele poderia ter a força necessária para a puxar.

– Muito bem – acabou por conceder, ao que ele partiu, parecendo esperar que ela o seguisse para onde quer que fosse.

Ela tinha vontade de se virar e fugir, mas ouviu outro tiro ao longe pelo que foi atrás dele. Talvez ele soubesse de algum sítio seguro onde pudessem esconder-se. Não era verdade que todas as pessoas que eram presas sabiam coisas dessas?

Cavalgou atrás dele ao longo do que deveria ter sido um quilómetro e meio, após o que lhe pareceu que ele desaparecia nas trevas. Quando indicou à égua que parasse, olhou à sua volta, sem o ver. Ouviu o assobio de um pássaro, bem como mais alguns sons. No instante a seguir, ouviu os cascos de um cavalo a bater na estrada e, quando o homem apareceu, ela percebeu que ele estava zangado, mesmo com toda a barba que lhe cobria a cara.

Pasmada com a ingratidão dele, levou a égua até aos arbustos à beira da estrada e desmontou.

– Eu cá pensava que com’era da família, podia ter algum juízo, mas não, é burra com’uma porta.⁴

– Entendo tudo o que diz – ripostou ela – e não me agrada nem um pouco. Quando eu voltar...

– Silêncio, rapariga – resmoneou ele ao mesmo tempo que a empurrava para o chão, com um braço nas costas dela.

Cay ia protestar quando ouviu cavalos a aproximarem-se. Ao baixar a cabeça, sentiu o braço do homem a deslizar por cima dela. Ele cheirava mal e ela perguntou-se se teria piolhos e outros vermes. Se tivesse, nunca conseguiria tirá-los do cabelo.

Quatro cavalos e cavaleiros pararam não muito longe deles e Cay conteve o fôlego enquanto esperava que seguissem caminho.

– Estou a dizer-vos, era aquela rapariga de cabelo ruivo que está instalada em casa do T. C. Connor. Vi-lhe a cara quando ela olhou para trás – disse um dos homens, a falar bem alto, ao que Cay arquejou.

O escocês tapou-lhe a boca com a mão. Ele estava muito perto dela, com o corpo comprido encostado ao seu e um dos ombros em cima do dela para a manter colada ao chão.

Ela mexeu a cabeça para libertar a boca. Ele afastou a mão, mas lançou-lhe um olhar de aviso para que estivesse calada.

– Uma rapariga? – perguntou outro dos homens. – Porque haveria uma rapariga de ajudar um assassino a fugir?

– Provavelmente, foi por causa dela que ele matou a mulher e agora vão fugir juntos. Toda a gente sabe que ele se casou com Miss Grey pelo dinheiro.

– Que loucura, matar uma beldade como ela.

– Vocês parecem duas galinhas velhas a discutirem bisbilhotices. Acho que o melhor é voltarmos à casa do Connor e vermos se a rapariga está lá. Se não estiver, então acho que devemos fazer-lhe algumas perguntas.

E isso fê-los virar os cavalos e partir.

De imediato, Cay avançou para a sua égua, mas o homem agarrou-lhe a bainha do manto e tornou a puxá-la para baixo.

– Onde pensa que vai?

– A casa do meu padrinho para o avisar.

– A casa do T. C.?

– Claro.

– Faça isso e eles vão apanhá-la e metê-la na cadeia por ter ajudado um assassino a fugir.

Ela lançou-lhe um olhar furioso enquanto ele se levantava.

– Presumo que isso queira dizer que não tenciona entregar-se para proteger o seu benfeitor?

Depois de resfolegar, como se para indicar que ela era a pessoa mais burra do mundo, ele endireitou-se e avançou até ao seu cavalo.

– O Connor consegue cuidar de si mesmo. Do que ouvi dizer, já fugiu de índios, ursos e de um barco cheio de piratas. Acho que é capaz de lidar com uns quantos locais à procura de uma rapariga bonita que querem aterrorizar.

– Sim, mas... – Cay não queria perder tempo a discutir com ele. – Está bem, então vou para casa.

– E isso quer dizer...?

– Edilean, na Virgínia.

– Alguém em Charleston sabe que é aí que vive? – Ele estava a verificar os alforjes do seu cavalo.

– Várias pessoas daqui conhecem a minha família. Os meus pais vêm cá com frequência e os meus irmãos...

– Poupe-me à história da família. Não pode ir para casa, porque esse é o primeiro sítio onde a procurarão depois de interrogarem o Connor.

– Não posso ir para casa? – Cay sorriu enquanto se levantava e caminhava até à égua. – Não faz ideia de quem é o meu pai, pois não?

– Ele agora não pode ajudá-la. Monte o cavalo e tente manter as pernas tapadas. Distraem-me do meu objetivo.

Cay não tinha a certeza de que aquilo fosse um elogio, mas, se o era, não lhe agradava. As imagens que Hope lhe dera acerca do que aquele homem fizera à mulher estavam vívidas na sua mente.

– Onde vamos? – quis saber. – O meu pai conhece muita gente e ele podia...

Ele puxou as rédeas do seu cavalo com força para parar ao lado dela.

– O seu pai foi criado para ser o *laird* do clã McTern, não foi?

– Sim, foi – respondeu orgulhosamente.

– Então será um homem que protege a sua família?

– Claro. É o melhor...

– Se sabe isso a respeito dele, será sua intenção dar início a uma guerra entre o seu pai e a cidade de Charleston?

– É claro que não.

– Se for para casa e se esconder com o seu pai, ele sem dúvida lutará até à morte para a proteger. Será que deseja ver a sua família morta?

– Não – respondeu ela, com a respiração contida, pois sabia que seria exatamente isso o que o pai e os irmãos fariam. – Não quero que isso aconteça e quando o meu pai ficar a par disto...

– Tenho a certeza de que o T. C. Connor tratará de que o seu pai não venha a saber disto. O que temos de fazer é encontrar-lhe um esconderijo seguro até que eu possa provar a minha inocência. Quando eu for livre, a menina também será.

– Mas... – Conteve-se de dizer que não tinha a certeza de que ele fosse inocente. – Como pode provar a sua inocência a explorar as selvas da Florida?

– Preciso dar a estas pessoas algum tempo para acalmarem. Descobri, no meu julgamento, que

ninguém me escutaria. Demasiada gente gostava da... – Ele parecia prestes a engasgar-se.

– Da sua mulher? – perguntou Cay. – As pessoas gostavam dela?

– Achava que me casaria com uma mulher de quem ninguém gostasse? – ripostou ele.

– A sua ingratidão pasma-me. Depois de tudo o que arrisquei por si, o senhor... – Dizer o que tinha vontade de dizer não melhoraria a situação. – O que disse o médico?

– Esse cretino morreu de ataque cardíaco no dia a seguir à Lilith... ter partido. Ela foi sepultada sem que eu voltasse a vê-la.

– Se ela era acarinhada, então o médico morreu devido ao choque de tudo isso e não admira que queiram enforcá-lo por tê-la assassinado.

A acusação não pareceu perturbá-lo.

– Eu não me limitarei a enforcar o homem que a matou – resmoneou. – Agora siga-me e não me mace com o seu atrevimento.

Enquanto o seguia, Cay tentava pensar numa forma de sair daquele apuro. Se não podia voltar para junto do padrinho, recorrer a outros amigos da família, nem ir *para casa*, para onde iria? Quanto tempo duraria ser-se um fugitivo à justiça? Talvez o melhor fosse embarcar para a Escócia e ficar com a família do pai durante algum tempo. Mas quanto? Seis meses? Um ano? O escocês tinha dito que queria deixar as autoridades de Charleston «acalmarem», após o que planeava descobrir o verdadeiro assassino da sua mulher. Quanto tempo demoraria isso? E se, afinal, fosse ele o assassino? Isso significaria que nunca seria absolvido. Seria sempre um homem procurado – o que implicaria que Cay também seria perseguida pela lei para sempre.

Ela continuava a segui-lo, mas sentia-se tentada a dar meia volta e regressar a Charleston. Contudo, ao lembrar-se dos homens na estrada à procura dela, sabendo quem era e onde poderiam encontrá-la, impedia-a. Além disso, as palavras do escocês quanto à reação da família dela a tudo aquilo não a deixavam voltar. Se regressasse a Charleston, fosse a casa de T. C. e se entregasse, sem dúvida seria presa. Não era capaz de imaginar a fúria que isso suscitaria na sua família. Já quase via o pai e os quatro irmãos a abrirem caminho a tiro para a tirarem da prisão. E se um deles *morresse*?

Quando as lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces, Cay não se deu ao trabalho de as limpar. Tentou pensar nalguma coisa boa, mas tudo o que lhe ocorria era quão estúpida tinha sido. Era a primeira vez que viajava sozinha – sem companhia, à exceção da criada e do lacaio, Cuddy – e fora preciso discutir para ganhar tal privilégio.

– Vais meter-te em apuros sem nós – vaticinara Tally.

– Vais conhecer outros homens, pelo que terás mais do que três pedidos de casamento em que pensar – comentou Ethan, com um olhar muito divertido.

Nate dera-lhe uma lista de livros que queria que ela lhe comprasse e dissera:

– Vais ter cuidado, não vais?

Adam fora o pior. Dera-lhe um beijo na testa e afirmara que confiava nela, acreditava nela e sabia que ela tinha juízo suficiente para se comportar com decoro sob quaisquer circunstâncias.

Cay olhou para o flanco da égua e viu que tinha uma das pernas à mostra até acima do joelho. Tentou tapá-la com o manto, mas estava sentada em cima dele.

Quanto ao pai, quando lhe pedira permissão para viajar sozinha, ele dissera:

– Não.

Apenas isso, «Não». A mãe interviera:

– Não te preocupes, eu convenço-o. – E assim fizera.

Portanto, agora Cay tinha traído a confiança de todos – à exceção de Tally, que julgava que a irmã era uma tolinha sem juízo.

– Tome! – disse-lhe o escocês, passando-lhe um lenço sujo. Quando ela hesitou antes de o aceitar, ele insistiu: – O seu nariz vai sujá-lo mais, por isso, porque precisa que esteja limpo?

Quando ela começou a responder-lhe à pergunta, ele revirou os olhos e esporeou o cavalo à frente dela.

Cay assoou-se e depois segurou o pano imundo bem longe de si, sem saber o que fazer com ele.

– Não o deite para o chão – apressou-se o escocês a dizer. – Eles hão de pôr cães atrás de nós.

Cay ficou tão espantada com essa possibilidade que deixou mesmo o lenço cair, mas o escocês puxou as rédeas do seu cavalo e apanhou-o antes que tocasse no chão.

– Pode não gostar de mim, mas estamos nisto juntos – advertiu-a num tom zangado enquanto enfiava o pano sujo num alforje. Depois a sua voz suavizou-se. – Desculpe, menina. Não tinha a menor intenção de a arrastar para isto, mas *eu* também nunca teria enviado uma rapariga...

– Se voltar a dizer «para fazer o trabalho de um homem», sou eu que o denuncio.

Ela não tinha a certeza, mas pareceu-lhe ver um pequeno sorriso sob toda aquela barba.

– Vamos lá, menina – disse ele –, anime-se. Se me apanharem, ainda me vê na força.

Enquanto ele mandava o cavalo avançar, Cay perguntou:

– Mas serei enforcada a seu lado?

– Não. Diga-lhes que a raptei. Eles vão acreditar.

– *Eu* acredito – resmoneou ela, a esporear a égua para ir atrás dele.

² No original: «Th’ glaikit cheil sent a vemen childe tae dae a mon’s job. A wee, dreich hen ay nae use ’at Ah main troost wi’ mah life. Ah main an aw shet myself noo.» (*N. da T.*)

³ No original: «As suin as Ah gie rid ay ye, Ah am. Kin ye keep up wi’ me?» (*N. da T.*)

⁴ No original: «Ah thought ’at coz ye coods kin me, ye micht hae a wee bit ay sense tae ye, but nae, yoo’re as dumb as a bairn.» (*N. da T.*)

Cay estava com dores nas pernas e nas costas e tinha tanto sono que mal conseguia continuar a segurar as rédeas da égua. Haviam passado a noite toda e quase todo o dia a cavalgar e o pobre animal estava mais cansado do que ela.

Mas não se queixou ao homem que estava a seguir. Fitava-lhe as costas, a forma como ele se mantinha direito na sela, sem quaisquer sinais de fadiga, e perguntava-se se seria humano.

De repente, ele voltou-se para trás e não tardou a ficar ao lado dela.

– Temos de deixar os cavalos descansar.

Cay ia dizer que ele podia ter perguntado como estava *ela*, mas conteve-se.

– Sim, a minha montada está bastante exausta – replicou no seu tom mais altivo.

Não tinha a certeza, mas pareceu-lhe ver um ligeiro sorriso nos olhos azuis. Com aquela barba tão hirsuta, era difícil perceber.

– Quero que espere aqui por mim. – Apontou para um grande carvalho cujos ramos pendiam até ao chão. – Mantenha-se a cavalo, caso contrário não conseguirá voltar a montar.

– Acho que sou perfeitamente capaz de desmontar e voltar a montar – replicou ela.

– *Des e re*. – Ele abanou a cabeça. – Recebeu alguma instrução, não recebeu?

– Especializei-me em boas maneiras. Alguma vez ouviu falar delas?

– Não *neste* país – disse ele, embora parecesse haver um sorriso sob os seus bigodes por aparar.

Ela seguiu-o até ao abrigo da árvore, baixando-se para evitar os ramos baixos.

– Tem o dinheiro com que ia pagar aos homens?

O rosto de Cay espelhou o seu alarme. Iria ele levar-lhe o pouco dinheiro que ela tinha e deixá-la ali para que enfrentasse a lei sozinha?

Já sem humor no rosto, os olhos dele chisparam.

– Eu não sou um ladrão! Preciso de algumas moedas para pagar um sítio para passarmos a noite e alguma comida. Pode ficar com o resto.

Ela levou a mão ao alforje que tinha junto à perna e tirou de lá o saco de dinheiro que o tio T. C. lhe dera. Não pôde evitar parar um pouco a lembrar-se de quando ele lho passara para a mão. O padrinho e Hope tinham ficado tão longe...

– Está a pensar demorar a noite toda? – insurgiu-se o escocês.

Cay teve vontade de lhe atirar as moedas ao rosto ingrato, mas conteve-se.

– De quanto precisa?

– Um dólar ou dois deverão bastar. Agora, ficará aqui à minha espera, ou irá a correr ter com as autoridades? Preciso de saber o que devo esperar quando voltar.

Parte de si queria ir ver o xerife daquela terra e dizer-lhe que tinha sido raptada por aquele homem, mas sabia que não poderia fazê-lo. Nunca seria capaz de voltar a enfrentar o padrinho.

– Preciso de uma pena, de papel e de tinta – respondeu. – Tenho de enviar uma carta à minha família, para que saibam que estou bem.

– Tenciona mentir, então?

– Peço desculpa?

– Está entregue aos cuidados de um homem que, há um dia, estava prestes a ser enforcado. Não me parece que a sua família julgue que isso é «estar bem».

Cay não queria pensar na fúria do pai ou nas lágrimas da mãe. Sobretudo, não queria imaginar o que os irmãos fariam para a encontrarem.

– Se vai chorar outra vez, tenho de ir buscar o lenço.

Cay endireitou-se na sela.

– *Não* vou chorar e preferiria assoar-me à manga que servir-me daquele trapo nojento que o *senhor* me deu.

– Uma escolha sensata – comentou ele, de novo com cantos dos olhos a enrugarem-se. – Agora fique aqui, mantenha-se serena e espere.

– Farei isso se me apetecer – disse ela em tom de desafio, mas sabendo que tudo o que queria era parar de se mexer.

Tornou a ver a comissura da boca dele a remexer-se, como se estivesse a conter o riso; depois ele virou o cavalo e encaminhou-se para leste.

Quando ficou sozinha, Cay pensou que deveria desmontar, mais não fosse para lhe mostrar que não se lhe submeteria. Mas não tinha energia para isso, pelo que se limitou somente a deixar a cabeça pender para a frente, adormecendo de imediato.

Quando Alex voltou, foi assim que a encontrou, sentada na égua, ainda com as rédeas nas mãos e profundamente adormecida. Debruçando-se, espreitou-lhe o rosto. Era bem bonita. As contas do seu vestido elegante refletiam-se no queixo pequeno e não parecia ter mais que doze anos. Que poderia ter passado pela cabeça de T. C. Connor para enviar aquela criança para o meio do inferno em que se tornara a vida de Alex?

Havia uma parte de si que queria entregar-se e acabar com tudo – acabar com a própria vida. Não havia um único momento em que não recordasse a visão da mulher que amava deitada a seu lado, com a linda garganta desfeita por um golpe sangrento.

Tudo o que acontecera depois disso, a forma como fora tratado na cadeia, o julgamento, tudo isso, parecera-lhe ser o que merecia, não por lhe ter feito mal, mas por não ter sido capaz de a proteger.

E, agora, T. C. Connor, o único homem que fora seu amigo durante o calvário, colocara outra mulher à sua responsabilidade – e Alex não tinha o que seria necessário para a proteger dos perigos que os rodeavam.

Com cuidado, tirou-lhes as rédeas das mãos cansadas e encaminhou a égua em frente. Manteve-se atento para garantir que ela não caía da sela, mas Cay continuou bem sentada enquanto percorreram a distância até ao estábulo onde Alex reservara abrigo para aquela noite. O proprietário velhote, Yates, regateara bastante pelo que Alex ficara satisfeito por ter pouco dinheiro consigo. Se o velhote tivesse visto a rapariga, naquele vestido luxuoso, ter-lhes-ia exigido tudo o que tivessem. Ou, pior, teria somado dois e dois e ido falar com o xerife.

Alex sabia que os dois formavam um par tão incongruente que dariam azo a suspeitas onde quer que fossem. A rapariga era jovem e tinha um ar que proclamava que era rica. Desde o cabelo, que lhe chegava aos ombros em caracóis densos e lustrosos, aos pés envoltos em sapatos prateados, toda ela gritava «dinheiro». Cheirava a riqueza e classe, educação e sofisticação. Alguma vez teria bebido chá de uma caneca rústica ou seria que só usava porcelana?

Quanto a Alex, era o oposto. As suas roupas estavam rasgadas e imundas, o corpo emaciado pelas

semanas que passara na prisão. Sempre que T. C. ovisitava, levava-lhe uma caixa com comida, mas os guardas deliciavam-se de tal maneira a «revistar» o conteúdo que, quando chegava a Alex, a comida estava praticamente incomestível.

Não lhe tinham permitido que tivesse instrumentos para se barbear nem água para se lavar. As pessoas de Charleston odiavam-no pelo que julgavam que ele tinha feito e trataram-no de acordo com isso. Fora tratado pior que um animal.

Portanto, agora Alex via-se na obrigação de cuidar daquela jovem inocente e não fazia ideia do que fazer com ela. Deveria ensinar-lhe uma patranha que ela pudesse contar à família? Ela poderia dizer que fora raptada por um assassino condenado e que ele não a deixara partir. Mas duvidava que ela conseguisse tornar a história credível. Se T. C. a tinha, de alguma maneira, ludibriado para que fosse ao encontro de um prisioneiro em fuga, isso significava que ela possuía um bom coração, mas nenhum sentido de sobrevivência.

Para mais, como poderia ela regressar para junto da família por si só? Como poderia ele deixar uma rapariga como ela entregue a si mesma? Bastava um olhar de relance para aquele vestido elegante debaixo do manto enorme e todos os ladrões de Charleston a perseguiriam.

Não, agradava-lhe o plano de T. C., segundo o qual ele se juntaria a um grupo expedicionário e viajaria até às zonas selvagens da Florida. O plano ditava que T. C. desenharia o que vissem, enquanto Alex iria na qualidade de vaqueiro. Trataria dos cavalos e da caça e ajudaria de qualquer maneira que fosse necessária.

Naquele dia, durante a viagem para sul, quando perguntara à rapariga por que motivo T. C. não aparecera, ela contara-lhe que este tinha partido a perna. Mesmo nessa manhã, T. C. subira a uma escada para chegar ao telhado e caíra de costas. Alex resmungara para com os seus botões qualquer coisa acerca da estupidez de ter feito isso no dia em que ia ajudar um prisioneiro em fuga, mas mantivera a voz baixa. Que a rapariga conseguisse entendê-lo mesmo quando falava no seu sotaque mais carregado deixara-o atarantado. Quando chegara à América, ninguém percebia patavina do que dizia. Durante os primeiros seis meses, vira-se forçado a fazer pantominas de tudo. Mas começara a aprender a forma americana de falar, em que cada palavra se pronunciava tal e qual como se escrevia. Pessoalmente, Alex achava que isso era enfadonho e muito pouco criativo, mas conseguia fazer o mesmo.

Quando conhecera Lilith, a mulher com quem se casaria, falava tão claramente como a maioria dos norte-americanos. Só em alturas de grande stresse, como ao escapar da prisão e deparar-se com uma rapariguinha à sua espera, o sotaque mais carregado voltava.

Levaram apenas alguns minutos a chegar ao estábulo delapidado de Yates e, quando Alex viu a cara do velhote à espreita numa janela suja, colocou o corpo à frente do da rapariga e ficou contente por se ter lembrado de lhe tapar o cabelo todo com o capuz. Daquele ângulo, ninguém conseguiria perceber se era um rapaz ou uma rapariga tal como ele queria, pois dissera que estava a viajar com o irmão mais novo.

Alex fez os cavalos entrarem no estábulo e pôs a tranca na porta. O velhote tinha ali uma vaca, um cavalo velho e umas quantas galinhas empoleiradas nas vigas. Era um edifício velho e sujo e Alex esperava que não chovesse, caso contrário ficariam ensopados, pois conseguia ver a luz poente pelos buracos do teto. Estavam a cavalgar havia quase vinte e quatro horas.

Deixou a rapariga, ainda adormecida, no cavalo, enquanto verificava se tudo por que tinha pagado se encontrava ali. Havia um fardo de palha ao canto, um pouco de aveia para os cavalos e, numa

velha mesa, uma tigela de sopa aguada e um naco duro de pão. Por minguada que fosse a refeição, Alex teve a sensação de que o velhote lhe dera tanto quanto podia dispensar.

Depois de espalhar a palha num cubículo vazio, Alex foi buscar a rapariga. Esta estava a cair num sono mais profundo e começava a vacilar no cavalo. Encostou uma mão à cintura dela para a amparar e, com cuidado, puxou-a para si. Afinal, era compacta, mais pesada do que ele esperava, mas a verdade era que ele estava mais fraco do que costumava ser. Ainda a dormir, ela aninhou-se nele, como se estivesse habituada a ser levada por um homem – e ele sabia que estava. Uma das razões pela qual sabia quem ela era e que vida tinha era que, quando era pequeno, a mãe lia as cartas da mãe dela, Edilean Harcourt, em voz alta para que Alex e o pai ouvissem.

Fora depois da morte da mãe, quando tinha apenas nove anos, que Alex começara a trocar correspondência com o irmão de Cay, Nate. Tinham nascido no mesmo ano e Mrs. Harcourt julgara que corresponder-se com alguém da sua idade poderia ajudar Alex a lidar com a mágoa. De facto, ajudara e ele e Nate nunca tinham deixado de escrever um ao outro.

Nos cerca de quinze anos que passara a corresponder-se com o irmão dela, Alex aprendera muito acerca da família Harcourt. Quando ele e Nate tinham dez anos, tomaram a decisão de guardar segredo sobre as cartas. Para Alex, isso implicara não ler as cartas de Nate em voz alta para que o pai ouvisse, embora lhe contasse tudo. Mas, para Nate, que vivia com a sua grande família, na qual tudo se partilhava, implicara manter Alex só para si. Apenas os pais sabiam da correspondência entre os rapazes.

Alex recordava todas as palavras que Nate escrevera acerca da sua irmã mais nova e, enquanto estava preso, T. C. dissera-lhe que a afilhada estava a visitá-lo em Charleston.

– Mas não tinha de me mandar – resmungou Alex.

A rapariga agitou-se nos seus braços e, quando ele a levantou mais, os braços dela passaram-lhe à volta do pescoço. O manto abriu-se, revelando o iridescente vestido branco, o braço nu e a parte superior do peito dela.

Quando tentou tapá-la, Alex quase a deixou cair. Semanas de pouca comida e nenhum exercício tinham-no fragilizado.

Deitou-a na palha do cubículo cuidadosamente, endireitou-se e espreguiçou-se. Não conseguiu evitar observá-la. Cay tinha o cabelo ruivo-escuro espalhado à sua volta como um halo e o lindo vestido cintilava sob a luz poente que entrava pelo telhado. Estava deitada no grande manto, que se espalhava por baixo dela como um cobertor. Era, deveras, uma visão encantadora – bastava vê-la para soltar um gemido.

Que *raio* haveria de *fazer* com ela?

Mandar alguém tão frágil e inocente como ela para enfrentar o mundo sozinha não era algo que ele pudesse conceber.

Deixou-a ali deitada, profundamente adormecida, enquanto cuidava dos cavalos. Tirou-lhes as selas e os alforjes, esfregou-os com mãos-cheias de palha e deu-lhes comida e água.

Quando tornou a aproximar-se da rapariga, viu que ela não se tinha movido, pelo que se sentou à mesa velha e bamba, numa das cadeiras ao fundo do cubículo, e olhou para ela enquanto comia metade da refeição frugal que Yates lhes tinha deixado. Acabou numa questão de minutos e tudo o que lhe apetecia fazer era dormir. Desejou ter o seu *plaid* ⁵ à mão, para poder envolver-se nele e tapar as roupas finas e rasgadas, mas não tinha.

Estava a ponderar onde haveria de dormir quando a rapariga se virou de lado, deixando parte do

seu grande manto de lã a descoberto. Ele sabia que não devia, mas o conforto que ela oferecia era irresistível. Levantou um lado do manto, estendeu-o ao lado dela e tapou-se com a lã pesada. Se não estivesse tão sujo, ter-se-ia aninhado nela, mas sabia que a sua imundície lhe sujaria o vestido. Enquanto adormecia, perguntou-se como poderia ela cavalgar durante tantas horas e continuar tão limpa. Mas a verdade, na sua opinião, era que a capacidade de se manterem limpas era um dos mistérios das mulheres.

[5](#) Manta de xadrez que constitui a parte superior do traje escocês típico. (*N. da T.*)

Alex acordou sobressaltado, mas ficou quieto, de olhos fechados, à escuta. Não ouvindo nada, levantou-se e olhou em volta. Aparentemente, o estábulo estava tal como quando adormecera, mas ele pressentia que algo se alterara ou estava prestes a alterar. O seu pai dizia que Alex herdara um bocadinho da clarividência da mãe. Esta sabia sempre quando alguém ia chegar. Por volta dos seis anos, quando Alex via a mãe a apressar-se para limpar a casa, a expectativa acelerava-lhe o coração, pois percebia que algo iria acontecer. Ela *nunca* se enganava.

Baixou o olhar para a rapariga, ainda deitada de lado, ainda profundamente adormecida. Ficou em silêncio, a escutar os sons ténues dos poucos animais presentes no celeiro; nada estava mal. Contudo, não conseguia desfazer-se da impressão de que algo mau estava prestes a acontecer.

Quando olhou para cima, para os buracos no telhado, viu que ainda faltavam algumas horas para a aurora, o que significava que pouco descansara. Algo no seu íntimo lhe dizia que precisava tirar os cavalos do estábulo. Sabia que, quando o perigo chegasse, ele e a rapariga teriam de partir depressa pelo que seria necessário ter os cavalos a postos.

Sem fazer barulho, Alex aproximou-se da cavalaria onde estava o seu cavalo e passou as mãos pelo dorso do animal. Não se tratava de um dos cavalos de corrida a que ele estava habituado, nem dos pôneis *Highland* da sua juventude, mas era uma boa escolha para transportar o equipamento que T. C. sabia que Alex precisaria.

Em voz baixa, pediu desculpa ao cavalo enquanto começava a voltar a arreá-lo. O animal não estivera tempo suficiente sem os fardos, mas, sob as mãos delicadas e experientes de Alex, não protestou.

Em seguida, tratou da égua da rapariga passando-lhe as mãos pelos flancos. Parecia-lhe que aquele animal deveria ser a melhor montada que T. C. teria nos seus estábulos. A égua agitou-se, mas Alex acalmou-a com palavras sussurradas e toques delicados com as mãos. Ela era jovem e dava-lhe a entender que seria capaz de correr suficientemente depressa para deixar outros para trás. Enquanto lhe verificava as ferraduras, não conseguiu evitar um sorriso, pois lembrou-se da forma como a rapariga montava. Tinha sido bem ensinada e estava à vontade em cima de um cavalo, como se tivesse sido educada nas Terras Altas da Escócia. Esse pensamento fê-lo sorrir mais. Não havia dúvida de que ela lhe diria que qualquer habitante da Virgínia era capaz de montar tão bem como qualquer escocês.

Lentamente, em silêncio, Alex começou a arrear a égua com a bela sela inglesa que a rapariga usava. Não tinha quaisquer alforjes para transportar o que quer que fosse pelo que era inútil, mas decerto era encantadora. Alex ficara satisfeito por a rapariga não estar a montar à amazona, embora soubesse que o mais provável era que costumasse fazê-lo.

Depois de os cavalos estarem selados, Alex avançou até à grande porta do celeiro e abriu-a com cautela. Nada ouviu, ninguém viu. Em silêncio, conduziu os animais para o exterior, após o que os encaminhou ao longo de cerca de oitocentos metros, até ao grande carvalho, ao qual os amarrou. Se não chovesse, ficariam bem, mas Alex sabia que sentiriam a falta do conforto do estábulo.

Trancou a porta depois de entrar e aproximou-se da rapariga. Esta continuava a dormir, ainda na posição em que ele a tinha deixado. Obviamente, ela levava uma vida segura na qual nunca houvera necessidade de se manter alerta, nem sequer durante a noite. Alex explorou o estábulo, com as mãos a percorrerem as paredes escuras. A única porta era a da frente, mas ele achava que talvez precisassem de outra forma de escaparem. Havia quatro tábuas soltas e apodrecidas ao fundo e foi fácil tirá-las. Tapou a grande abertura juntando as tábuas inclinadas.

Quando, por fim, tornou a sentir-se seguro, regressou para junto da rapariga, que esfregou o nariz enquanto dormia, provocando-lhe um sorriso. Em tempos, Nate enviara-lhe um esboço muito pequeno da irmã, desenhado pela mãe, e Alex guardara-o na mesa de cabeceira durante anos. Quando Lilith o vira quase tivera ciúmes.

Ao pensar na mulher, o sorriso abandonou-o. Agora tudo o que parecia ter em mente era a imagem dela numa poça de sangue. A morte dela, tê-la perdido, ao início privara-o da vontade de viver. Fora T. C. quem lhe dera a ideia de limpar o nome.

– Vai para a Florida com o Grady – dissera-lhe, mantendo a voz baixa para que os guardas não o ouvissem. – Uns quantos meses num *flatboat*⁶, rodeado por tanto esplendor, vão dar-te tempo para pensares e recordares.

– Eu não *quero* recordar – respondera Alex.

– Eu sei o que se sente quando se perde a pessoa que mais se ama. Eu perdi a minha duas vezes, primeiro quando o pai a obrigou a casar com outra pessoa, a segunda quando ela morreu. Sei que não parece possível, mas o tempo realmente cura feridas. Vai para a Florida e dá a esta vila tempo para acalmar. Permite-te recuperar alguma paz. Alex, *tens* de demonstrar às pessoas que és inocente.

Agora, Alex olhava para o telhado. Poderia dormir mais duas horas antes de terem de partir. Por ora, ainda não sabia o que havia de fazer com a rapariga, mas um plano começava a formar-se na sua cabeça. Só precisava de a manter a salvo até chegarem ao local em que deveria encontrar-se com James Grady. Se conseguisse fazê-la chegar lá sã e salva, poderia deixá-la com amigos de T. C. Ela poderia esperar aí durante algumas semanas e então pagar a alguém para a acompanhar até casa. Alegaria ter sido raptada pelo assassino – a ideia fê-lo inspirar profundamente –, mas que conseguira escapar-lhe.

Quando se deitou na palha ao lado dela, tirou a grande faca que embainhara por baixo da camisa rasgada e suja e pousou-a a seu lado. Tinha uma pistola e uma espingarda no cavalo, mas sabia que as armas de fogo encravavam, que a pólvora podia molhar-se. Para aquele momento, uma faca seria a sua melhor defesa.

* * *

Cay acordou lentamente e, durante vários segundos, não soube onde se encontrava. Tinha as pestanas grudadas e sentia qualquer coisa a fazer-lhe pressão nas costas. Enquanto pestanejava e esfregava os olhos, virou a cabeça. Quando o viu a seu lado, só a custo não gritou. O rosto coberto de barba do escocês estava a poucos centímetros do seu e o fedor que emanava era quase avassalador.

A única coisa que lhe passava pela cabeça era como escapar-lhe. Agora que se havia passado algum tempo desde a fuga, decerto ela e o tio T. C. conseguiriam arranjar alguma forma de provar a sua inocência. Dado que ele parecia estar profundamente adormecido, Cay pensou rebolar para fora da cavaliariça e sair do estábulo em bicos de pés; todavia, como o grande manto estava emaranhado à

volta dos dois, se mexesse mais do que os braços, acordá-lo-ia.

Enquanto os seus olhos se habituavam à luz ténue do celeiro, viu a faca ao lado dele. Se conseguisse alcançá-la, poderia encostar-lha à garganta e obrigá-lo a... libertá-la. Sim, era isso que era preciso fazer.

Enquanto esticava o braço direito desnudo por cima da cara dele, manteve-se atenta a quaisquer sinais que indicassem que ele estivesse a despertar, mas o escocês não se movia. Tinha tanta certeza que ele estava a dormir que, quando o ouviu falar, arquejou.

– Menina, o que está a tramar? – perguntou-lhe ele em voz baixa, ainda de olhos fechados.

Os pensamentos de Cay entraram em rodopio e imaginou que rolava para longe do alcance dele e que corria. Poderia chegar à porta do estábulo antes dele? Seria que o proprietário, fosse lá quem fosse, a ajudaria a fugir?

Mantendo os olhos fechados, Alex levou a mão à faca a seu lado e ofereceu-lha, com o cabo virado para ela.

– É isto que quer?

Com um único movimento ágil, Cay agarrou na faca e encostou-a à garganta dele.

– Solte-me ou acabo-lhe com a vida – disse no tom mais ameaçador que conseguia proferir.

– Menina – respondeu ele paciente –, se precisa de se afastar de um homem, não pode avisá-lo.

Ela fez mais pressão com a faca.

– Por respeito ao meu padrinho, não o matarei. Tudo o que quero é afastar-me de si.

Alex ainda não tinha aberto os olhos mas continuava calmamente deitado, com a faca encostada ao pescoço.

– É livre de partir, mas aviso-a de que ainda não passou tempo suficiente. Se não conseguirem encontrar-me para me enforcarem, serão capazes de decidir esticar antes o seu pescocinho.

– Mas eu sou inocente.

Abrindo os olhos, Alex fitou-a. Apenas alguns centímetros separavam os seus rostos.

– Ajudar um homem condenado a fugir é inocente?

– Eu estava a ajudar o meu padrinho, não *o senhor*!

– Ah, então podem enforcá-lo a seu lado.

Ela juntou mais a faca à garganta dele.

– Se eu tivesse juízo, matava-o já e deixaria que todos vissem...

Cay não terminou a frase porque Alex desviou a faca com o braço e apressou-se a pôr-se de pé.

– Anda alguém lá fora – sussurrou ele enquanto a puxava para a ajudar a levantar-se, mas os pés dela prenderam-se no manto volumoso e ela caiu nos braços dele.

– *Écanunca* vi uma miúda mais inútil⁷ – resmoneou ele enquanto a empurrava.

Cay quase embateu contra a parede do estábulo, mas conseguiu soltar os pés e endireitou-se a tempo de ver o homem correr até à porta e espreitar por uma fenda. No instante seguinte, ele estava de novo a seu lado.

– O velho Yates vem aí e traz companhia. Temos de ir.

Ela acabara de ver a comida em cima da mesa e o seu estômago fez barulho.

– Não é altura para comer, menina – disse-lhe Alex, impelindo-a para as traseiras do celeiro.

Quando ela por pouco não tropeçou, Alex agarrou no pedaço de pão e enfiou-o na camisa suja. Logo a seguir, pôs-se à frente dela e afastou as tábuas da parede para um lado. Alguém começou a bater nas grandes portas duplas. Num tom ensonado e zangado, Alex gritou:

– Qu’ é que querem?⁸

– Fale como deve ser – silvou-lhe Cay, que já estava do lado de fora, a pensar correr para a frente do celeiro e entregar-se, mas as palavras do escocês, acerca de um enforcamento duplo, ou triplo, fizeram-na hesitar.

– O que querem? – repetiu Alex enquanto se esgueirava pela abertura da parede. Porém, a costura das calças prendeu-se e ele não conseguia libertar-se.

Só então Cay se deu conta de que ainda tinha a faca na mão. Ergueu-a e, por um instante, ela e Alex entreolharam-se e Cay percebeu que ele pensava que ela ia esfaqueá-lo.

Com destreza, levou a faca à ilharga dele, cortou-lhe a costura das calças e soltou-o. O olhar de agradecimento dele quase a fez corar.

– Os cavalos estão à sombra do carvalho. A distância pela estrada é curta, mas não podemos ir para aí. Temos de seguir pelos campos e bem depressa. Consegue correr, menina?

– Consigo fugir a irmãos – disse ela, como se isso respondesse à pergunta. Alçando o manto e a bainha do vestido, passou-os por cima de um braço.

Intrigado pelo que ela dissera, Alex começou a acelerar pelos campos e Cay acompanhou-o. Quando já estavam a correr aos ziguezagues havia quase vinte minutos, Cay sentiu-se tentada a tirar o manto e o vestido e a correr apenas em roupa interior. E, se o fizesse, servir-se-ia da faca do escocês para cortar as barbas do espartilho. Naquele momento, precisava mais de respirar profundamente do que ter uma cintura estreita.

A dada altura, tiveram de atravessar uma vedação de madeira. Alex passou primeiro e em seguida levantou os braços para a ajudar a descer, mas, quando ela quase caiu em cima dele, ele cambaleou para trás.

– É um homem muito fraco. Já saltei para os braços dos meus irmãos a partir de ramos de árvore, sem os mandar ao chão.

Alex abriu a boca como se fosse defender-se, mas tornou a fechá-la e desatou novamente a correr, com Cay a segui-lo de perto. Contudo, ela ouvia-o a resmungar qualquer coisa entre dentes e viu-o abanar a cabeça umas quantas vezes. O facto de ter conseguido arreliá-lo fê-la sorrir. Era o mínimo que podia fazer, já que ele lhe causava tanto desconforto.

Quando, por fim, chegaram aos cavalos, ela estacou, surpreendida. Alex dissera-lhe que os animais estavam à sombra do grande carvalho, mas ouvir isso e vê-los eram duas coisas distintas. Estacou, a agarrar nas roupas amarrotadas, com as ceroulas molhadas e a colarem-se-lhe às pernas, as meias rasgadas e imundas.

– Quando fez isto?

– Agora não há tempo para perguntas, menina – respondeu Alex. – Temos de sair daqui. – Como ela não se mexia, ele agarrou-a pela mão e puxou-a. – Tenho de a atirar para a sela?

– O senhor? – redarguiu ela, a recuperar do choque. – O meu irmão mais novo tem mais força!

– O Tally? – Alex juntou as mãos para que ela apoiasse o pé e se içasse para a sela. – Esse rapaz mais depressa atirava lama ao inimigo do que lhe batia.

Assim que disse a frase, arrependeu-se. Estava a referir-se a algo que Nate lhe contara sobre os irmãos mais novos, quando todos eles eram apenas crianças.

Cay fitou-o de olhos esbugalhados.

– Como sabe isso?

O pai dela ainda se ria da enorme luta de lama que ela travara com o irmão quando tinham,

respetivamente, três e quatro anos.

Alex puxou as rédeas do seu cavalo para o virar e tocou com um dedo numa têmpora.

– Nunca ouviu falar de clarividência, menina? Adivinho o que as pessoas pensam.

Sorriu-lhe, revelando dentes regulares e brancos; em seguida baixou-se e incitou o cavalo para que saísse do abrigo propiciado pelos ramos pendentes. No instante a seguir, já o estava a esporear e a começar a galopar.

– E calculo que assuma que irei atrás dele – disse Cay, dando uma palmadinha no pescoço da égua.

Olhou para o caminho que tinham feito. O Sol ainda não tinha ultrapassado o horizonte, mas já se via o suficiente para que ela percebesse que ninguém os perseguia. Talvez devesse regressar ao estábulo e agir por forma que aquele homem a ajudasse a voltar para junto da sua família.

Cay chegou até a virar a égua nessa direção, mas algo a travou. Talvez fosse a forma como o escocês a tinha deixado ficar com a fâca quando facilmente poderia ter-se apoderado dela, ou talvez fosse o facto de ter mencionado Tally. Ou ainda a fé que o tio T. C. tinha nele; de qualquer maneira, Cay não fugiu.

– Acho que vou arrepender-me disto – disse em voz alta ao mesmo tempo que voltava a égua na direção do escocês e ia atrás dele. Demorou algum tempo a apanhá-lo e, se o cavalo dele não estivesse tão carregado, não lhe parecia que o tivesse conseguido. Ele cavalgava tão bem como os seus primos escoceses.

Quando Cay surgiu a seu lado, o olhar dele revelou o alívio que sentia.

– Só vim porque o senhor ficou com o pão – referiu ela bem alto.

Ele levou a mão ao interior da camisa esfarrapada e tirou o pedaço de pão duro e velho e passou-lho.

Não era fácil esticar a mão entre os dois cavalos e recebê-lo, mas Cay tinha participado em corridas de estafetas com os irmãos, pelo que sabia agarrar algo enquanto galopava a toda a velocidade. Arrancou-lhe o pão da mão e, por um instante, pensou: «Espera-se que eu *coma* esta coisa nojenta?» Se não sentisse tanta fome e ele não estivesse a observá-la, teria atirado o pão para o chão, mas não lhe daria essa satisfação. Deu uma dentada e mastigou com garra.

– Bem, Catherine Edilean Harcourt, talvez não seja assim tão inútil – disse ele num sotaque norteamericano bem perceptível, após o que esporeou mais o cavalo.

Por um momento, Cay ficou tão estupefacta por ele saber o seu nome completo que deixou a montada abrandar.

– Vamos lá, menina! – incitou-a ele. – Não temos o dia todo para estar aí a preguiçar.

– A preguiçar! – protestou ela enquanto comia o que restava do pão. – Anda, rapariga – disse à égua –, vamos apanhá-lo.

Cinco minutos depois, Cay ultrapassou-o e, após dez minutos, tinha-se distanciado tanto que, quando olhou para trás, não o via. Até pensou que o perdera, mas, quando dobrou uma curva da estrada, ali estava ele – e zangado.

– Não volte a fazer isso – censurou-a em voz baixa, mas o tom era quase assustador. – Não posso protegê-la se não souber onde está. Uma coisa é provocar um homem, mas pôr a sua égua em risco é outra. Poderia ter-lhe magoado as patas dianteiras neste piso duro.

– Eu? – replicou Cay com a égua a descrever círculos à volta dele, cujo cavalo se mantinha imóvel. – Chegou aqui antes de mim, pelo que decerto terá cavalgado mais depressa que eu. Não usou a estrada?

– Como *eu* vim não é da sua conta. Para que possa protegê-la, *terá* de me obedecer.

A raiva apoderou-se dela.

– O único homem a quem «obedeço» é o meu pai... e às vezes o Adam – acrescentou. – Quanto a si, se não é capaz de aguentar o meu ritmo, sugiro-lhe que se sente e fique à espera que o xerife o encontre.

E, sem mais, puxou as rédeas da égua para a virar e desatou a cavalgar estrada fora, tão depressa quanto a égua conseguia.

Foram precisos quase cinco quilómetros a galope para que a sua fúria comesse a abrandar. De todas as coisas insuportáveis e arrogantes que alguma vez lhe tinham dito, as dele eram as piores.

Abrandou a montada e olhou para trás. Não havia sinal do homem. Bem, na verdade, o que ele dissera talvez não tivesse sido o pior de tudo o que já ouvira. Um por um, todos os irmãos lhe tinham dito que ela devia «obedecer-lhes». E a verdade era que assim fizera. Eles não a teriam deixado – tão jovem e sendo rapariga – acompanhá-los se não o fizesse. Mas *nunca* obedecera a Tally!

Quando a égua começou a coxear um pouco, Cay desmontou e levou-a até à sombra de uma árvore. O pobre animal precisava de descansar – e ela também. Ficou à escuta, mas nada ouvia. Na estrada, não estava viva alma. Assim que parou, apercebeu-se de quão faminta e sedenta estava. A sua égua tinha apenas a bonita sela de couro que ela trouxera de casa. Não tinha um cantil, como a do cavalo do escocês.

Estava encostada à árvore quando ouviu vozes. Apressou-se a endireitar-se, pronta a saudar quem quer que fosse, mas, no instante a seguir, apercebeu-se que era um grupo de homens que se aproximava. Baixou a cabeça e avaliou o estado em que se encontrava.

O seu vestido, que tão bonito tinha sido, estava sujo, com contas a pender de fios repuxados. Ainda assim, dava para ver que fora caro. E havia a sua égua, um animal encantador, com a sela feita à mão no dorso. Bem vistas as coisas, Cay concluiu que seria mais sensato não permitir que um grupo de homens desconhecidos percebesse que ela era uma mulher que estava sozinha. Até os ver e avaliar quem eram, parecia-lhe que deveria esconder-se.

Encaminhou a égua para o arvoredor denso à beira da estrada e esperou. Quando os homens se tornaram visíveis, ficou contente por ter tido o discernimento de se esconder. Eram quatro, todos sujos e, a julgar pela maneira como montavam os cavalos, não estariam completamente sóbrios.

– Passaram a noite a beber – disse uma voz junto ao seu ouvido.

Cay não conseguiu conter uma exclamação de espanto ao ver o escocês a seu lado.

– O que foi aquilo? – perguntou um dos homens enquanto puxava as rédeas abruptamente para parar o cavalo e saltar para o chão.

– Nada – disse um dos outros. – Vamos para casa.

– Estou a dizer-vos, ouvi qualquer coisa.

O primeiro homem aproximou-se mais das árvores e fitou a sombra densa.

Alex passou um braço à volta dos ombros de Cay, tapou-lhe a cabeça com o capuz do manto e puxou-a para o chão, baixando-se também.

– O Yates disse...

– Esse velho mentiroso? Acreditaste que ele deu guarida a dois assassinos ontem à noite?

– Porque não? Aquele assassino de Charleston fugiu com a amiga, porque não haviam de se esconder no estábulo do Yates?

– Porque basta um fósforo para incendiar aquilo. Se são assassinos, porque não mataram o Yates?

Eu sei que tive vontade uma data de vezes.

– Ele tinha aquelas moedas, por isso onde as arranjou?

– Eu sempre achei que ele tinha dinheiro. É só demasiado forreta para pagar a sua própria cerveja.

Anda lá, vamos para casa. Deves ter ouvido um gato.

Alex e Cay observaram o homem que, relutante, lhes virou costas e montou o cavalo, após o que o grupo se foi embora.

Quando Alex se afastou de Cay, esta virou-se de barriga para cima e fitou-o.

– É livre, se quiser ir-se embora – disse-lhe ele com raiva na voz. – Eu não sou carcereiro e não quero que me vejam como um. Pode partir quando quiser, mas, se ficar comigo, terá de... – Interrompeu-se, com uma expressão que dava a entender estar a tentar compor o que dizia. – Ao menos, *ouvir* o que digo e tê-lo em consideração.

Apetecia-lhe ser desafiadora e dizer-lhe que se ia embora, mas as palavras dos homens tinham ficado a ecoar-lhe nos ouvidos. Que a notícia da fuga do escocês se tivesse espalhado até tão longe era assustador. Pior ainda era que ela continuava a ser considerada sua cúmplice.

– Não deve ter irmãs ou saberia que não é boa ideia dizer-lhes que lhe «obedeçam».

Cay continuava deitada no chão, a olhar para ele.

Alex abanou a cabeça.

– Nem irmãs nem irmãos. Sou o único filho do meu pai.

– E a sua mãe?

– Morreu quando eu tinha nove anos.

– Lamento – disse ela.

Ele estava a fitá-la de cima, sem qualquer humor nos olhos azuis e à espera da resposta dela.

Cay não queria ceder. Não queria seguir caminho com aquele homem. Queria ir para casa, estar com a sua família, tomar um banho quente e vestir roupas limpas. Só queria que tudo aquilo acabasse!

Os olhos de Alex suavizaram-se quando se sentou ao lado dela, com as pernas dobradas e os braços a abraçá-las.

– Menina, sei como se sente. Também não desejava nada disto. Num minuto estava a apostar em corridas de cavalos e a ganhar dinheiro àqueles rapazes ricos e ociosos de Charleston, ia casar-me com a mulher mais linda do mundo... e, num abrir e fechar de olhos, vi-me numa prisão imunda e prestes a ser enforcado. – A sua voz tornou-se mais grave. – E a mulher que amava tinha morrido.

Ela via-lhe o rosto de perfil e apercebia-se da tristeza – não do *pesar* – no seu olhar. De facto, Cay não tivera tempo para pensar na situação do ponto de vista dele.

Dado que ela permanecia calada, Alex avançou até ao cavalo e apertou a cilha.

– Vou levá-la de volta – disse-lhe. – Não merece fazer parte disto.

Ela levantou-se e aproximou-se dele.

– Quer dizer para a Virgínia?

– Pois, para a Virgínia ou para onde queira ir.

– Mas e o perigo que isso representa para a minha família?

– É melhor que obrigá-la a ficar com um assassino.

Alex soltou o cavalo e estava prestes a montá-lo, mas Cay bloqueou-lhe a passagem.

– Temos de falar sobre isto.

– Não há de que falar – replicou ele já a sentar-se na sela. – Acho que devemos partir, mas dizê-lo

poderá levá-la a pensar que tem de me *obedecer*; portanto, faça o que quiser.

Cay não se mexeu.

– Talvez devêssemos tirar algum tempo para fazer um plano.

Ele estava a cavalo enquanto ela continuava de pé no chão – e parecia tão pequena... o seu cabelo glorioso caía-lhe pelos ombros e tinha raminhos e folhas, o que não lhe atenuava a beleza. Nate nunca mencionara o cabelo da irmã, exceto para dizer que era ruivo e que os irmãos a provocavam por causa disso. Certa vez, Tally tingira uma peruca velha e pavoneara-se pela casa a fingir que era Cay. Esta parara-o deixando cair um dos preciosos vasos de porcelana da mãe por uma varanda, que por pouco não lhe acertou na cabeça. Alex rira-se do castigo das duas crianças: uma semana a lavarem a roupa da família.

– Boa ideia – respondeu-lhe. – Tem algumas sugestões quanto ao que devemos fazer?

Ela pestanejou umas quantas vezes, pois não contava com a franqueza dele e a verdade era que não tinha a mínima noção de como escapar ao ser perseguida. Como de costume, recorreu ao humor.

– Arranjamos-lhe um vestido e voltamos para a Virgínia como duas velhotas. – O riso bailava-lhe nos olhos. – Claro que isso implicaria que fizesse a barba e, quem sabe, tomasse um banho.

Cay aproximou a égua do cepo de uma árvore para o qual subiu a fim de montar.

– Se é preciso tomar banho, então não posso fazer isso – respondeu ele num tom tão sério que ela não percebeu se estaria a brincar ou não. – E não uso vestidos. – Fitou-a com um olhar muito sério. – Vamos para norte ou para sul?

Cay engoliu em seco. Nunca na sua vida tivera de tomar uma decisão daquelas. Foi a ideia do que poderia acontecer à família que a fez decidir. Se os seus irmãos se encontrassem naquela situação, nunca hesitariam quanto a protegerem quem amavam.

– Para sul – acabou por sussurrar.

Ia dizer mais, mas ele acenou rapidamente com a cabeça e incitou o cavalo a avançar, ao que ambos começaram a cavalgar a bom ritmo. Pararam duas vezes para beberem água e darem de beber aos cavalos, após o que seguiram caminho.

Numa das paragens, Cay perguntou-lhe quão longe achava que teriam de ir para escaparem à área dos mexericos. Ela nem olhara para o mapa de T. C. Tudo o que sabia era que estavam a dirigir-se para sul, com o sol sempre a dar-lhe no rosto.

– As pessoas adoram histórias de terror, pelo que calculo que teremos de chegar à Florida para podermos escapar ao falatório.

«Florida», pensou ela, e foi incapaz de reprimir um calafrio. Pântanos, aligátores e plantas que comiam pessoas. Pelo menos, era essa uma das histórias que o tio T. C. costumava contar-lhe e a Tally quando eles eram pequenos. Adam dissera que era mentira e fora ele quem a abraçara nessa noite, quando ela gritara com pesadelos.

– Não se preocupe – disse Alex. – Não irá comigo para os pântanos. Vou deixá-la com os amigos do T. C.

Depois acercou-se do seu cavalo, remexeu no alforje e passou-lhe um bocado de carne seca.

– Detesto isto – resmungou ela enquanto ia mastigando com relutância. – Pensava que dissera que não tinha um plano.

– E não tinha, se quisesse que a levasse até à Virgínia.

Dado que ele não acrescentou mais nada, ela instigou-o:

– Então? Está a pensar partilhá-lo ou não?

Ele estendeu-lhe as mãos para a ajudar a montar a égua.

– Não.

Irritada, Cay pousou-lhe uma mão no ombro e passou o pé para a coxa dele. Era um movimento que usara muitas vezes com os irmãos e que garantia desequilibrá-los. Mas Alex estava preparado e deu um passo atrás que quase fez com que Cay caísse de costas. Apanhou-lhe a mão antes que ela batesse no chão.

Ela começou a gritar com ele, mas o que via do seu rosto parecia-lhe tão satisfeito que não pôde deixar de sorrir.

– Tem a *certeza* que não tem irmãs?

– Nenhuma, mas estou a aprender que basta pensar na coisa mais maldosa que possa fazer, pois será isso que fará.

Cay abriu e fechou a boca várias vezes, com a intenção de se defender, mas acabou por se rir.

– É possível que seja mais fraco e mais velho que os meus irmãos, mas talvez seja mais esperto. Exceção feita ao Adam, claro.

Ele ofereceu-lhe as mãos entrelaçadas, ela apoiou o pé e montou a égua.

– Exceção feita ao Adam – repetiu Alex enquanto voltava para a sela. Ao virar-se, perguntou: – Que idade tem o Adam?

– Vinte e oito.

– Tal como me lembrava – comentou Alex num tom pensativo enquanto olhava para o Sol. – Quanto a si, não sei, mas eu já comia qualquer coisa.

– Tenho estado a olhar para a rabadilha do seu cavalo com vontade de lhe dar uma dentada.

– Ai sim? – replicou Alex. – Talvez deva dar-me por satisfeito por não ser *a minha* rabadilha que queria.

– A sujidade havia de me envenenar – respondeu ela sem sequer um laivo de um sorriso. – O cavalo está mais limpo. E cheira melhor.

Alex não conseguiu evitar sorrir quando ela atirou o lindo cabelo para trás, ergueu o queixo e o ultrapassou.

⁶ Género de barçaça tipicamente usada no transporte fluvial norte-americano entre o final do século XVIII e meados do século XIX. (*N. da T.*)

⁷ No original: «Ah ne'er saw a lassie as useless as ye.» (*N. da T.*)

⁸ No original: «Whit dae ye want?» (*N. da T.*)

— De certeza que vai ficar bem? — perguntou Alex a Cay pela terceira vez.

— É pior que o meu pai — disse ela, mas estava a fingir a bravata. A verdade é que morria de medo de ficar sozinha na floresta. Olhou para trás, para as velhas ruínas sinistras onde ele instalara um teto de lona. Uma vez que a parte da frente era aberta, não haveria qualquer proteção contra... o que quer que estivesse à espreita no arvoredo. — Estou bem — garantiu. — Ficarei simplesmente aqui à sua espera até que regresse.

— Tem a pistola e sabe usá-la, não sabe?

Ele já tinha perdido muito tempo a assegurar-lhe que não era provável que ursos atacassem o acampamento.

— Sou bastante boa atiradora. — Cay esfregou os braços por causa do frio enquanto lançava um olhar de relance para o céu. — Parece que é capaz de chover em breve, portanto, talvez seja melhor ir andando.

Ela queria implorar-lhe que não a deixasse ali sozinha, mas preferiria morrer a dizer-lhe isso. Já Alex não se deixou enganar pela fanfarronice dela. Sabia que estava assustada e, dado que eram procurados pela lei e perseguidos por todos os caçadores de recompensas de três estados, tinha motivos para sentir medo. Mas ele precisava de arranjar comida e não poderia aparecer em público com ela. Havia demasiada gente em busca de um casal a cavalo.

— Vou levar a sua égua — disse ele, atento para perceber quão incomodada ela ficaria.

Quando uma expressão de pânico perpassou o rosto dela, Alex quase perdeu o alento. Tinham sacas de comida seca nos alforjes dele, mas far-lhes-ia falta mais tarde. Naquele momento, tanto um como outro precisavam de uma refeição quente e, se fosse possível, ele iria arranjá-la.

— Vá! — disse-lhe Cay enquanto se recolhia no abrigo de lona. — Deixe de se preocupar comigo. Eu sei tomar conta de mim.

Alex achava que ela mal conseguia caminhar sozinha, mas não lhe diria isso. O seu verdadeiro medo era que Cay decidisse que aquela era a sua oportunidade de fugir e partisse assim que ele voltasse costas. Detestava pensar no que uma milícia popular faria a uma jovem se julgasse tratar-se de uma criminosa.

Com relutância, selou a égua e, lançando um último olhar para trás, deixou-a sozinha na floresta, protegida por umas quantas paredes decrepitas de tijolo de uma casa ardida.

Cavalgou tão depressa quanto podia pelo caminho estreito por entre as árvores e, pela milionésima vez, amaldiçoou T. C. Connor. Por um lado, Alex devia a vida ao homem, mas, por outro, era por sua causa que ele se via obrigado a cuidar — e alimentar — uma rapariga que não sabia fazer *coisa alguma*. Recusava-se a obedecer a ordens e ia para onde queria quando queria. E bastava que Alex sugerisse como ela deveria fazer algo para que ela lhe dissesse que ele era o homem mais ingrato e malcheiroso que alguma vez conhecera.

Ao passar para a estrada, Alex não conseguiu suprimir um sorriso. Ela sabia cavalgar, isso ele reconhecia, e a imagem dela a cavalo, com o cabelo solto, o enorme manto a tufar-se atrás de si e

aquele vestido branco a cintilar-lhe no corpo pequeno e esbelto fê-lo soltar uma risada.

Interrompeu-se de imediato, olhando em redor para ver se alguém o ouvira, mas a estrada estava deserta.

A verdade era que a rapariga era boa companhia, algo de que ele precisava desesperadamente depois dos últimos meses da sua vida. O julgamento fora uma farsa. Não estivera uma única pessoa naquele tribunal – nem mesmo o seu advogado – que não o considerasse culpado. Todos os dias o arrastavam da cela para o tribunal e as pessoas silvavam-lhe, cuspiam-lhe, até lhe atiravam pedras. Quando o veredicto foi pronunciado, até Alex já começara a duvidar da sua inocência. Na verdade, uma defesa de «não sei o que aconteceu» não era lá muito convincente.

Só T. C. lhe demonstrara alguma amabilidade e, quando lhe contara o plano que tinha para o libertar, Alex encarara-o com ceticismo. Que, no dia da fuga, T. C. tivesse partido uma perna e ficado impossibilitado de supervisionar a operação, que um dos homens pagos para ajudar Alex a escapar tivesse sido alvejado e o outro capturado eram circunstâncias que pareciam adequar-se a toda aquela situação. Quando finalmente conseguira chegar, a pé, ao local marcado, deparando-se com uma rapariga bonita com um vestido cintilante próprio para um baile, Alex julgara que o mundo ia acabar. Tivera a certeza de que, dali a uns minutos, estaria morto – e ela também.

O facto de ela ter compreendido o seu sotaque – coisa que a maioria dos norte-americanos não conseguia – fizera-o perceber, com horror, que estava perante a filha de Angus McTern Harcourt. Era a adorada irmã do melhor amigo de Alex e fora colocada à sua responsabilidade quando ele não era sequer capaz de se proteger a si mesmo. Caso tivesse tido tempo para pensar, estava certo de que se teria entregado em vez de a deixar arriscar a vida. No entanto, as balas que os perseguiram não lhes tinham permitido fazer o que quer que fosse, para além de fugir.

No entanto, a rapariga provava ser feita de material mais resistente do que parecera numa primeira impressão. Ele vira quão assustada ela estava, mas também que se enchia de coragem e tentava melhorar ao máximo uma situação muito má.

Alex incitou a égua a avançar. O mapa de T. C. indicava que havia uma taberna ali perto e ele tencionava fazer o que pudesse para conseguir alguma comida decente para ambos. Já se tinham passado semanas desde a última vez que comera uma refeição quente e sentia as costelas a sobressair. Voltou a sorrir, ao lembrar-se que a rapariga lhe chamara fraco – e velho. Passou a mão pela barba. Precisava dela, agora, para ocultar o rosto que tantas pessoas de Charleston e dos arredores haviam visto. Mas a barba parecia levar a rapariga a pensar que ele era um velho, decerto mais velho que seu idolatrado irmão, Adam.

Alex baixou a cabeça ao passar por um casal numa carruagem aberta e deixou escapar um suspiro de alívio quando eles não o reconheceram como sendo um fugitivo.

Continuando a cavalgar, foi tentando recordar-se do que Nate lhe contara acerca da irmã, mas não havia sido muito. Nate gostava de resolver enigmas e eles tinham-se correspondido acerca de coisas que consideravam misteriosas. Ele só lhe escrevia a propósito da irmã mais nova quando esta fazia alguma coisa pela qual era castigada – e isso costumava significar uma luta com o irmão Arthur Talbot Harcourt, «Tally». Muitas vezes, Alex fizera o pai rir ao contar-lhe os disparates de Cay e Tally.

– É parecida com a mãe – dizia-lhe o pai. – Conte-te da vez em que ela disparou contra o Angus?

Alex respondia que sim, mas que gostaria de voltar a ouvir. Fora Malcolm, tio-avô de Cay, quem lhes contara a história pela primeira vez. Por três vezes, Alex e o pai tinham visitado os McTern, que

viviam numa terra mesmo a norte de Glasgow. Alex conhecera todos os primos direitos de Cay, que eram seis, mais velhos, mais ricos e mais bem-educados do que ele. Só no que dizia respeito a cavalos, ou a qualquer outro animal, Alex era visto como o líder. Fora o rapaz mais velho, Derek, que tinha mais onze anos que Alex, quem lhe reconheceu esse talento. Derek fora adotado por Malcolm, que era agora o *laird* do clã McTern, e pela mulher deste, Harriet, e um dia seria Derek o *laird* pelo que os outros lhe prestavam atenção. Ele dizia que Alex era um «mágico» com animais, capaz de os levar a fazer tudo o que quisesse. Quando Alex escrevera a Nate e lhe contara isto, ele começara a chamar-lhe «Merlin» e, para explicar o nome, enviara-lhe um livro sobre o antigo feiticeiro. O nome pegara e desde então Nate tratava-o assim.

A mente de Alex regressou ao presente ao ver a taberna ao longe. Era maior e muito mais concorrida do que ele teria gostado. Ia com esperança de poder entrar e encomendar comida, mas, estando ali tanta gente, decerto as notícias de Charleston já seriam conhecidas. Se Alex estivesse limpo e a usar boas roupas, com o rosto ocultado pela barba, provavelmente conseguiria passar despercebido. No entanto, tal como se encontrava, parecia mesmo alguém acabado de fugir da prisão.

– Maldição! – resmoneou, já a pensar regressar para junto de Cay.

Bem poderiam sobreviver comendo carne e frutos secos durante mais alguns dias. Quanto mais para sul avançassem, menos provável seria que fossem reconhecidos.

Contudo, tinha o estômago a dar horas, a recordá-lo de que precisava de comida a sério. Desmontou e encaminhou a égua para o arvoredor, a partir de onde podia observar a atividade na taberna. Dali via que a cozinha ficava nas traseiras do edifício e que até estava uma grande chaleira no exterior. Viu cozinheiros e talhantes, de aventais ensanguentados, a andarem de um lado para o outro.

À frente, as portas duplas abriam-se com frequência, à medida que as pessoas entravam e saíam. Não, de forma alguma conseguiria entrar ali sem que alguém soubesse quem ele era.

Teve uma ideia. Se não podia entrar, então teria de arranjar maneira de fazer com que *todos* saíssem. Verificou a quantidade de pólvora que tinha consigo. Com isso e algumas pinhas, seria capaz de fazer uma grande barulheira.

* * *

Cay correu pelo caminho até o escocês deixar de ser visível, após o que regressou ao pequeno acampamento desolador e se sentou num cepo. Tinha na mão a pistola que ele lhe deixara e começou a perguntar-se se a pólvora estaria seca. Se estivesse molhada e ela disparasse, a pistola poderia rebentar-lhe na cara. Mesmo que não explodisse, ela demoraria pelo menos três minutos a recarregá-la. Mas e se a pólvora estivesse do outro lado do que quer que fosse o seu alvo? Se fosse, por exemplo, um urso a atacá-la e ela falhasse o primeiro tiro, como poderia esquivar-se ao monstro enorme, alcançar a pólvora e recarregar a arma? Por outro lado, se não matasse o urso com o primeiro disparo, o animal matá-la-ia pelo que conseguir mais pólvora não teria qualquer importância, pois já estaria morta.

Quando um galho atrás de si se quebrou, ela levantou-se num pulo e apontou a pistola, mas tratava-se apenas de um esquilo.

– *Tens* de te acalmar – disse em voz alta e em seguida olhou em volta para ver se teria sido ouvida.

Era de dia, mas as copas densas das árvores faziam com quem parecesse crepúsculo.

Cay não estava habituada a ficar sozinha. Quando estava em casa, na Virgínia, ou com os familiares, na Escócia, havia *sempre* alguém do sexo masculino presente. Por um instante, fechou os olhos e desejou ver um dos seus irmãos, um primo ou o pai.

– Até podia ser o Tally – sussurrou. Se Tally surgisse naquele momento ela ficaria tão contente por vê-lo que suportaria todas as suas provocações com um sorriso.

Abriu os olhos e tornou a sentar-se no cepo. Nenhum dos homens da sua vida iria aparecer para a salvar, abraçar e dizer que tudo correria bem. Também não poderia refugiar-se nos braços da mãe e desabafar todas as suas inquietações. A verdade era que, se abordasse qualquer um deles naquela altura, poderia fazer com que fossem presos por terem ajudado um assassino a fugir.

Ficou com lágrimas nos olhos, mas limpou-as e olhou de relance para o velho caminho. O homem tinha partido há pouco, pelo que não havia esperança de que voltasse em breve.

Voltou a sobressaltar-se ao ouvir algo atrás de si, mas nada viu, pelo menos não um urso a correr pela colina abaixo, decidido a comê-la e ao cavalo. O facto de o cavalo continuar a pastar tranquilamente e não parecer ter ouvido o que quer que fosse tranquilizou-a o suficiente para tornar a sentar-se.

Ter-lhe-ia agradado ter uma fogueira acesa, mas ele dissera-lhe que não, por recear que alguém a visse. A floresta era fria, húmida e muito isolada e o fogo dar-lhe-ia calor, luz e ânimo, para além de ramos a arder para afugentar animais selvagens.

Voltou a dizer-se que tinha de se acalmar, mas a sua mente não sossegava. Talvez o escocês não voltasse. Sozinho, poderia avançar com maior à-vontade e mais depressa. Cay não vira o mapa do tio T. C., por isso não fazia ideia de onde ele se encontraria com os exploradores – não que isso *lhe* interessasse. Ela deveria ficar noutro sítio e esperar ou enviar alguém que informasse os seus familiares para que a fossem buscar.

Levantando-se, colocou-se debaixo da lona que Alex montara para si e ficou a pensar se a intenção dele teria sido criar um acampamento só para ela.

Enrolou o grande manto de Hope à sua volta, tapou a cabeça com o capuz e encostou os joelhos ao peito. Sentir a lã a envolvê-la fê-la lembrar-se da última noite que passara em casa do tio T. C. Cay sabia que fora muito corajosa, mas a verdade era que se sentira enfurecida pela forma como Hope a tratara, como se ela fosse demasiado jovem e frívola para fazer algo tão simples como o que T. C. *lhe* pedia.

– E ela tinha razão – disse em voz alta enquanto fungava para conter as lágrimas que ameaçavam cair.

Precisava de pensar nalguma coisa boa. Podia pensar em... em... No pedido que Hope fizera, de que ela *lhe* arranjasse um marido. Isso dava-lhe vontade de rir. Hope era autoritária, controladora, nem sempre simpática e por vezes dizia coisas que magoavam. Não admirava que continuasse solteira.

Talvez Hope e o escocês devessem casar-se, pensou Cay, uma ideia que a fez descontrair e até sentir um certo calor no seu íntimo. Dado que ele parecia esperar que as mulheres *lhe* obedecessem cegamente, ela imaginava as discussões que os dois teriam. Hope exigiria que o marido tomasse banho uma vez por ano e ele dir-lhe-ia que ela tinha de fazer tudo o que ele mandasse, mesmo que não fizesse qualquer sentido.

As imagens fizeram-na rir-se em voz alta. Deitou-se no chão coberto de folhas e esforçou-se por manter os pensamentos divertidos presentes. O escocês era mais velho que Hope – Cay calculava

que tivesse quarenta e poucos anos –, mas isso não fazia mal. Com quase trinta anos, Hope não poderia ser muito esquisita quanto a quem encontrasse disposto a casar-se consigo.

A pouco e pouco, Cay começou a descontrair o suficiente para se deixar adormecer, como tanto precisava.

Quando Alex voltou com um grande saco de comida quente, não foi diretamente para o acampamento, mas contornou-o. Queria ver o que se passava sem se envolver de imediato. Quando viu as ruínas, sem dar pelo cavalo nem pela rapariga, quase entrou em pânico. Precisou de algum tempo para acalmar o coração, que parecia ter-lhe saltado para a garganta. Ela levava o cavalo e partira. Ou não! Talvez tivesse sido encontrada e raptada. Ou teria ele de a salvar da prisão?

Quando o cavalo, preso a uma corda comprida, se revelou, Alex ficou tão aliviado que se sentiu embaraçado. Não queria admiti-lo, mas ia ficar contente simplesmente por vê-la, não apenas por ela estar à sua responsabilidade. Cay era uma ligação ao seu pai, à Escócia e a Nate, que era o seu melhor amigo, apesar de nunca se terem encontrado pessoalmente.

Devagar, Alex conduziu a égua pela colina abaixo, com o grande saco de comida à sua frente e imaginando a alegria dela ao ver a comida que ele levava.

Desmontou, tirou a sela da égua e deixou-a a pastar antes de avançar para o pequeno abrigo improvisado que preparara para Cay. A rapariga estava deitada nas folhas e não acordou quando ele se aproximou. As suas faces marcadas por lágrimas revelavam que tinha estado a chorar.

Parecia que, na sua ausência, a coragem dela cedera. Alex abriu o saco e em silêncio foi tirando o conteúdo. Primeiro, um pão ainda quente, acabado de sair do forno, depois uma tarte alta de groselha num prato de barro. Por baixo estava uma enorme tigela de madeira cheia quase até à borda com um guisado de vaca, que tinha grandes nacos de carne, batatas e cenouras, tudo a boiar num molho fragrante. No fundo estava uma colher de pau.

Alex mergulhou a colher no guisado e aproximou-o do nariz de Cay. Esta demorou um pouco a mexer-se, mas pareceu sair do capuz a começar pelo nariz, ainda de olhos fechados.

Ele afastou a colher e ela seguiu-a.

– Ooooh! – exclamou ela ao abrir os olhos, já a levar a mão à colher... mas Alex recuou mais. Cay limitou-se a fitá-lo, estupefacta. – Dê cá isso! – Atirou-se à colher, tirou-lha da mão e comeu do guisado. Enquanto mastigava, fechou os olhos, extasiada. – Divinal. Simplesmente divinal.

Alex preparou-se para lhe tirar a colher, mas ela não deixou.

– Arranje uma para si.

– Eu arranjei uma para mim, é essa. Temos de a partilhar.

– Partilhar uma colher? – Cay estava horrorizada.

Com o braço longo, Alex chegou à mão que ela pusera atrás das costas e tirou-lhe a colher, atirando-lhe o pão.

– Use isso e diga-me agora quem está a ser ingrato? Suponho que pense que deveria ter-me arriscado a ser apanhado só para roubar *duas* colheres.

Cay partiu um pedaço de pão e mergulhou-o na tigela. Ficava ensopado de molho, mas era difícil apanhar a carne; estava sempre a cair.

Alex observou-a a fazer várias tentativas frustradas para conseguir carne, após o que lhe ofereceu a colher que tinha usado.

Apercebendo-se de que ou partilhava ou passava fome, ela arrancou-lha da mão.

– Tem as maneiras de um bárbaro.

– E a menina tem o apetite de um lenhador. Devolva-me isso ou não lhe conto como consegui isto.

Por pouco não me matavam.

– Alguém o seguiu? – perguntou Cay com a colher a caminho da boca.

Ele tirou-lhe o talher.

– Digo-lhe que quase me mataram e a sua única preocupação é que possam apanhá-la *a si*?

Cay ia começar a defender-se, mas viu que o olhar dele era de provocação.

– Se alguém o tivesse seguido, eu teria de partilhar a colher com mais gente. Consigo já é mau que chegue.

– Suponho que ter um assassino condenado a dormir ao seu lado é tudo o que consegue aguentar.

Cay não achou graça à piada. Era demasiado real – e demasiado assustadora.

– Acho que deveria contar-me a sua versão do que aconteceu em Charleston.

Ela usara o tom mais compadecido que possuía para o encorajar a falar, mas ele mal olhou para ela.

– *Humpf!* – resmungou, voltando a tirar-lhe a colher.

– O que quer isso dizer?

– Quer dizer que não é da sua conta.

– Eu acho que, se eu posso arriscar a vida por si, e se o senhor...

– Aquilo era um urso? – perguntou ele com um pedaço de pão a caminho da boca.

Num instante, Cay rolou e saltou para se aproximar dele, soltando um guinchinho de alarme.

– *Ná*, era só o vento – concluiu Alex, continuando a comer.

Ela apercebeu-se de que ele inventara a história do urso só para que ela parasse de falar do homicídio.

– Não me parece que seja lá muito boa pessoa.

– Em Charleston, todos concordariam consigo.

– Uma vila inteira é capaz de julgar bem o caráter de alguém. – A sua intenção era dizê-lo com ligeireza, mas, pela expressão dele, viu que não tinha sido bem sucedida. Comeram em silêncio durante algum tempo até que ela perguntou: – Amava-a muito?

– Sim, amava.

Encorajada pelas palavras dele, ela insistiu:

– Como se conheceram?

– Numa corrida.

Tinham acabado o guisado e Alex levou a mão atrás de si para revelar a tarte que Cay não vira.

– De groselha? É a minha preferida.

– E que comida não seria a sua preferida neste momento?

Os olhos dele tinham perdido a expressão triste e distante e Cay ficou contente por isso.

– Carne e maçãs secas e água do riacho com bocadinhos de musgo a flutuar.

Com uma risada, Alex serviu-se da grande faca para cortar a tarte em quatro.

– Vamos guardar um pouco para amanhã. Isto é, se nos deixar alguma comida. Onde põe tudo o que come, menina?

Ele fitou-a, sendo que a maior parte dela estava oculta pelo manto, mas sabia que ela não era grande.

– Músculo – replicou ela, com a boca cheia e a lambear o sumo que lhe tinha escorrido pelo pulso.

– Toda eu sou músculo.

Isso fê-lo rir e ela gostou do som.

– Há quanto tempo a conhecia?

– A quem?

– À sua mulher. Há quanto tempo a conhecia quando se casaram?

– Três semanas.

Boquiaberta, ela fitou-o.

– Mas isso não é tempo suficiente para conhecer uma pessoa e decidir casar com ela.

– E quem lhe disse isso? A sua mãe?

– E o meu pai.

– E o vigário também, tenho a certeza.

Ela comeu mais um pouco de tarte.

– Então presumo que também seja um perito no amor, para além de saber como se esconder da lei.

Cay receou que o seu comentário o fizesse voltar a fechar-se, mas não pareceu incomodá-lo.

– Sei quando sinto amor, sim. Então o que lhe disse a sua mãe que fizesse? Que conhecesse bem um homem antes de se casar com ele?

– Claro.

– Como ela fez com o seu pai?

– Ela conheceu-o anos antes de se casarem – respondeu Cay, a estreitar os olhos. – Parece saber bastante acerca da minha família. O tio T. C. falou-lhe de nós?

– Um pouco, sim. Acha que já está satisfeita ou será melhor fazer outra incursão à taberna? Eles são capazes de ainda terem um quilo ou dois de carne.

– Já basta, sim, mas espero que faça tentações de proteger essa metade da tarte.

– Com a minha vida.

Ela observou-o enquanto ele punha a tarte no prato dentro do saco, ao qual amarrou uma corda, para o içar a uma árvore.

Quando ele regressou à pequena tenda, ela perguntou-lhe como tinha aprendido a fazer aquilo.

– Devemos sempre proteger a comida, menina. Estou surpreendido por os seus parentes escoceses não lhe terem ensinado isso.

– Quando os visito, fico num castelo, não ao ar livre.

Enquanto ela falava, começou a chover. Ela envolveu-se melhor no manto e dobrou as pernas. Tinha escurecido enquanto comiam e agora ela estava ali isolada com aquele homem que mal conhecia.

– Vai deixar de ter medo de mim, menina? – perguntou-lhe ele em voz baixa.

Ela endireitou a coluna.

– Porque haveria de temer um velhote fraco como o senhor? De que estávamos a falar?

– Da sua experiência na arte da corte – respondeu ele muito depressa, com a voz plena de riso.

– Fico contente por poder entretê-lo, mas, na verdade, fui para Charleston para ponderar três pedidos de casamento.

Ela ficou satisfeita quando ele a fitou com um ar estarrecido.

– Três?

– Julgava que os homens não me queriam? Lá porque me acha inútil, isso não quer dizer...

– Está a dizer-me que não consegue decidir com qual dos três homens quer casar?

O tom com que ele falava indicava-lhe que considerava tal situação uma coisa bizarra, talvez até algo de errado, mas ela não fazia ideia do motivo.

– Sim – disse, hesitante. – Todos eles são bons homens, e...

– Mas e a *paixão*? – perguntou ele com veemência.

Cay deu graças pela escuridão que lhe ocultava o rubor.

– Se está a referir-se ao que um homem e uma mulher fazem quando estão sozinhos, posso garantir-lhe que sei tudo a esse respeito. Passei a vida rodeada de animais e de rapazes. São uma data de criaturas sujas e falo dos rapazes, não dos animais. – Ele fitava-a de olhos arregalados. – Porque está a olhar para mim assim?

Virando-se por um instante, Alex abanou a cabeça como se isso a fosse distrair.

– Algum dos três homens a deixa com o sangue a ferver?

– Com o sangue a ferver? Não, eles não fazem o meu sangue fazer o que quer que seja para além do que é habitual. Sabe, acho que devia dormir um pouco. – Esticou as pernas nas meias rasgadas e tentou acalmar a mente para adormecer, mas tinha passado horas a dormitar e sentia-se irrequieta. Para mais, ele parecia continuar à espera de uma resposta. – Todos eles são bons homens e podem providenciar-me um bom futuro, bem como aos nossos filhos. Não vejo o que isso tem de mal... – Interrompeu-se porque ele resfolegou com tal desdém que a levou a apoiar-se num cotovelo para olhar para ele. Alex tinha-se deitado na relva húmida, sem nada que o tapasse à exceção das roupas finas, e estava de costas para ela. – E o que quer isso dizer?

– Nada, menina. Durma.

Ela sentou-se.

– Não, quero saber o que queria dizer a resfolegar dessa maneira tão odiosa.

– Resfolegar? – murmurou ele, parecendo divertido com o que ela dissera. – Eu não «resfoleguei», limitei-me a emitir o som que faço quando ouço algo tão inacreditável que nem o compreendo.

– Se não me disser o que queria dizer, eu...

– A menina faz o quê?

Ela debruçou-se, aproximando-se dele.

– Infernizo-lhe a vida – respondeu em voz baixa.

Alex voltou-se para a encarar e ela percebeu que ele estava a imaginar de que formas poderia ela concretizar a ameaça.

– Suponho que isso signifique que me vai matar de tédio a falar durante a noite toda.

– Isso seria o começo.

Ele deitou-se de barriga para cima e pôs as mãos debaixo da cabeça.

– Pelo que vi do casamento, não é fácil; e a única maneira de o fazer resultar é amando a outra pessoa.

– Concordo com isso – retorquiu ela, hesitante, sem perceber de que se queixava ele.

– Então ama esses três homens?

Ele estava a olhar para ela, que continuava sentada.

– Poderia amá-los. Para que saiba, foram-me apresentados oito pedidos de casamento desde que fiz dezasseis anos e selecionei apenas três homens a ter em consideração. Não se dá o caso de ter recebido três pedidos e aceitar qualquer um deles. O primeiro homem que quis casar comigo era... Bem, era *muito* inapropriado e não o incluí.

– Ah, então escolheu três deles, que julga que poderá amar, e foi até Charleston para decidir qual deles será?

– Sim – disse ela, olhando de relance para ele mas sem compreender porque se ria dela. – *Qual* é a graça?

Ele parecia prestes a responder, mas depois sentou-se e fitou-a.

– Menina, tem de sentir paixão. – Quando ela começou a falar, ele ergueu uma mão. – Devia olhar para um homem e sentir que morreria se não passasse o resto da sua vida com ele. Precisa de sentir que o coração lhe salta para a garganta e que não sai daí.

– Eu acho que se *aprende* a amar alguém. Sei que julga que sou pouco mais que uma criança, mas já vi alguns desses casamentos «de paixão» e nunca resultam. Uma das amigas da minha mãe fugiu com um homem mais novo que ela e... Bem, agora eles estão sempre a discutir. A filha deles é minha amiga e passa metade da vida lá em casa em vez de estar com os pais, que não param de discutir.

– Quantos filhos têm?

– Onze.

– Têm onze filhos mas passam o tempo *todo* a discutir?

Cay ordenou ao seu próprio rosto que não corasse, mas não conseguiu controlá-lo pelo que esperou apenas que ele não reparasse.

– Não são um casal feliz.

– Eu acho que passam bem. Os que se tratam com grande cordialidade é que são infelizes.

– Que ridículo. Os meus pais tratam-se com muita cordialidade.

Ele fitou-a com intensidade.

– Talvez não sempre – concedeu ela. – A minha mãe é um pouco teimosa e o meu pai por vezes zanga-se um pouco por causa disso e algumas vezes eu e os meus irmãos ameaçamos sair de casa se eles não se entenderem. Mas amam-se muito.

– E escolheram-se por serem indicados um para o outro, foi?

– O meu pai era o *laird* do clã e a minha mãe uma herdeira. Sim, acho que eram bastante indicados um para o outro.

Resfolegando mais uma vez, ele esticou-se no chão, com os braços cruzados em cima do peito e dando a entender que queria dormir.

– Não havia casal menos adequado em toda a cristandade – resmoneou.

– Quero que me diga como sabe tanto a respeito da minha família.

– O T. C...

– Não acredito que o tio T. C. lhe tenha falado tanto sobre nós. Falou-lhe da Bathsheba?

– Mencionou-a – confirmou Alex, mas não se virou. – Ele estava perdidamente apaixonado por ela?

– Loucamente. A minha mãe disse-me que, quando a Bathsheba se casou com outro homem, o tio T. C. quase se suicidou, tal era a sua mágoa.

– Eu conheço essa sensação – respondeu Alex em voz baixa. – Conheço-a muito bem.

Cay queria falar mais, até queria discutir com ele. Não tinha grande sono e a noite que os rodeava, com a chuva a cair, deixava-a nervosa.

– E o senhor amava muito a sua mulher? – perguntou delicadamente.

– De alma e coração.

– E ficou a saber isso em apenas três semanas?

– Soube-o no primeiro instante. Os olhos dela fitaram os meus e passei a ser dela.

– Mas nada sabia sobre ela, nem como era a personalidade dela, do que gostava ou não, que esperanças tinha para o futuro, nada!

– E suponho que a menina saiba tudo acerca dos homens que está a considerar.

– Com certeza.

– Faz listas, é isso?

Cay pensou no seu caderno, cheio de comparações entre os homens com quem poderia vir a casar-se. Tinha comparado idades, casas, historiais, tudo o que lhe ocorresse. Sabia que o casamento era uma questão séria e não queria enganar-se. Queria um casamento tão bom como o dos pais.

– Claro que não faço coisas dessas – mentiu. – Vou deixar que o meu coração tome a decisão. Não é isso que uma noiva deve fazer?

– Se está a perguntar-me o que acho que *a menina* deve fazer, julgo que deve deitar-se e adormecer. Partimos de manhã cedo, antes de o Sol raiar, pelo que precisa de descansar tanto quanto possa.

Relutante, Cay deitou-se no solo duro e tentou serenar a mente, mas esta não parava.

– Já acabou o plano que tem para mim?

– Sim, acabei, mas não vou dizer-lhe o que tenho em mente, portanto, não vale a pena atenazar-me agora.

– Eu não atenazo – ripostou ela.

– Podia dar aulas disso. Podia abrir uma escola para ensinar a atenazar um homem até que este chore e suplique alívio da sua língua.

Ela detestava mesmo que ele a tratasse como uma criança!

– O Micah Bassett não queria alívio da minha língua. Na verdade...

– Menina, está sozinha na floresta com um assassino condenado. Diga-me que não lhe vai dizer o que uma rapariga é capaz de fazer com a língua.

– Eu, hã...

Cay não conseguiu lembrar-se de algo que pudesse usar para se explicar, mas a verdade era que não havia explicação que pudesse dar. Em vez disso, virou-se sobre metade do manto e, depois de um momento de hesitação, tapou-o com a outra metade. Ele resmungou um agradecimento e, quando se aproximou mais de si, Cay sentiu o calor do corpo dele nas suas costas. Fosse devido a esse conforto ou aos sons suaves da chuva, fechou os olhos e adormeceu.

— Não vou vestir-me de rapaz — afirmou Cay. — Nem pensar, está fora de questão! Ponto final, não vou discutir mais.

— Bom! — exclamou Alex. — Assim não terei de ouvir mais as suas queixas. Quando se vestir, como um rapaz, poderá manter a boca fechada... a menos que encontre algum homem com quem julgue que deve casar-se e nesse caso poderá fazer outras coisas com a boca.

— O senhor é repulsivo. É pior que *qualquer* dos meus irmãos!

— Está a incluir o Adam? — perguntou ele. — Ou será que ele é demasiado puro para pensamentos que a igreja não aprove?

Ela estava a apertar a cilha da sua égua e espreitou por baixo do pescoço do animal para lhe lançar um olhar furioso. Alex não olhou para ela, mas Cay apercebeu-se de que ele estava satisfeito consigo mesmo, convencido que lhe levara a melhor num duelo de palavras.

— O meu irmão Adam não tem quaisquer pensamentos que não pudesse repetir à frente de uma congregação na igreja. Está pronto para ir ou precisa de ajuda?

— Não preciso de ajuda alguma e o seu irmão parece mesmo maçador — respondeu Alex ao mesmo tempo que contornava a égua, se debruçava, agarrava Cay pela barriga da perna e quase a atirava para a sela.

Só os anos de experiência e os músculos muito fortes das coxas a impediram de ir parar ao outro lado da égua. Mas recusou-se a dar-lhe a satisfação de a ouvir queixar-se.

— Veja bem, já é quase masculina. — Ele olhou para cima. — A verdade, menina, é que, se não tivesse esse cabelo todo, até podia passar por um rapaz.

Com aquela única frase, ele dissera tudo o que ela receava. A sua mãe era tão bela que vários homens tinham escrito poemas acerca dela. Um jovem compusera uma canção inspirada na sua beleza. Mas Cay, a única filha, não se parecia tanto com a mãe como com o pai e os irmãos. Na verdade, enquanto cresciam, com uma diferença de apenas dez meses entre si, por vezes as pessoas pensavam que ela e Tally eram gémeos — do sexo masculino.

Alex, junto aos pés dela e a fitá-la, apercebeu-se de que a magoara e de que ela estava a esforçar-se muito para não chorar. Não fora essa a sua intenção. A verdade era que, depois de uma boa refeição e de uma noite bem dormida, acordara naquela manhã e deparara-se com uma rapariga muito bonita num vestido lindo a esticar-se para tentar chegar a uma saca pendurada numa árvore. Ao início, ele não se lembrara onde estava nem o que acontecera nos meses anteriores. Preso naquele momento, passara-lhe pela cabeça que nunca havia visto algo mais belo — e aí residia o problema.

A ideia de a vestir com roupas de rapaz ocorrera-lhe quando dissera ao velho Yates que estava a viajar com o irmão, mas não a partilhara com Cay por recear que ela reagisse mesmo daquela maneira. O que se passaria com as mulheres, que achavam que não existiam se não usassem fitas e laços a todas as horas do dia?

— Vai ser só durante algum tempo — disse-lhe num tom delicado, continuando a olhar para ela. — Há uma vila aqui perto e hoje é domingo. Acho que conseguimos entrar numa loja enquanto estiver

fechada e arranjar o que precisamos. E deixar dinheiro para pagar tudo – acrescentou, pois já a conhecia suficientemente bem para saber que ela queria fazer isso. – Depois de estar equipada, poderemos seguir para sul, para a Florida. Vou deixá-la com amigos do T. C.; depois deixa passar umas semanas e em seguida poderá ir para casa. Ninguém dará por um rapaz a viajar sozinho, mas uma rapariga bonita sem companhia só atrairá problemas.

– Na sua opinião, não. *O senhor* acha que já me pareço com um rapaz. Imagino que queira que esconda o cabelo com uma peruca.

Dado que ele não respondia, ela observou-o: Alex estava muito concentrado a carregar o cavalo. Ela inspirou fundo.

– Quer que corte o cabelo, não quer?

Alex montou o seu cavalo e, depois de um momento de cobardia, correspondeu-lhe ao olhar.

– Pensei nisso e o seu cabelo daria cabo do disfarce. Parece muito jovem tal como é e, com roupas de rapaz, parecerá ainda mais. Se usar uma peruca branca, chamará a atenção. Para além disso, da maneira como cavalga, a peruca cairia e depois todo o seu cabelo ficaria à vista.

Cay levou a mão ao cabelo, que já lhe passava dos ombros. Em criança, havia sido o cabelo que fizera com que finalmente parassem de a comparar com o irmão.

– Não vou cortá-lo. – Fez a égua avançar. – Posso ter as roupas em consideração – acedeu. – Mas *não vou* cortar o cabelo.

– Está bem – respondeu ele em voz baixa. – Não vamos cortá-lo. – E, mesmo enquanto o dizia, sabia que estava a mentir. Não ia deixar que a vaidade dela lhes colocasse as vidas em risco. – Porque não vai à frente durante algum tempo? – sugeriu-lhe num tom conciliatório.

Era o mínimo que podia fazer, tendo em conta o que talvez se visse obrigado a fazer-lhe. Se ela não o fizesse de livre vontade, ele teria de o fazer sem permissão – e isso assustava-o. Se lhe cortasse o cabelo enquanto ela dormia, o melhor seria não voltar a fechar os olhos enquanto estivesse perto dela ou também ela lhe cortaria qualquer coisa – e não seria o cabelo.

Cavalgaram durante três horas, na penumbra da madrugada, mantendo-se afastados das estradas principais e progredindo pelo meio de campos sempre que podiam. À medida que avançavam para sul, ia havendo maior distância entre as vilas e começaram a ver plantações. Estas eram como pequenas vilas, sendo aí que se cultivava ou fazia tudo o que a família e os trabalhadores precisavam.

Cay fez a maior parte do percurso em silêncio e Alex sabia que isso se devia a não querer vestir-se como um rapaz, mas ele não via outra forma de a manter a salvo. Graças ao facto de ter surgido com um vestido que parecia feito de estrelas, os homens que o perseguiram tinham percebido facilmente que ela era uma mulher. Por isso, agora procuravam um casal. Se Alex pudesse mudar nem que fosse um único aspeto da descrição, ficariam mais seguros.

Não ia dizer-lhe isso, mas calculava que, por aquela altura, já houvesse folhetos impressos com as características de ambos e que o cabelo dela seria a mais reconhecível. Quase que via as palavras nos folhetos: «Cabelo ruivo flamejante.» Ou: «Noventa centímetros de cabelo ruivo-escuro denso e lustroso» e «pele de porcelana que parece nunca ter sido exposta ao sol».

Quanto a si, gostaria de se barbear, mas a xilogravura que aparecera nos jornais mostrava-o de rosto escanhado. A ser reconhecido, seria de barba feita. Para mais, como Cay lhe tinha dito muitas vezes – demasiadas para o seu gosto –, a barba fazia-o parecer muito mais velho do que era na verdade.

Cay lançou-lhe um olhar de relance e depois refreou a égua para cavalgar ao lado dele.

– Para que é esse ar?

– Para nada. É o ar que tenho – respondeu ele num tom rezingão.

– Não sei porque tenho de aturar-lhe o mau humor. Eu é que sou inocente e só estou nesta confusão porque me voluntariei para o ajudar.

– Agora quem está de mau humor?

– Tenho o direito de estar. O senhor deveria sentir-se grato.

– Agradeço-lhe por me ter salvado a vida, mas não lhe agradeço por quase ter feito com que fôssemos apanhados.

– Quando é que eu...? – começou ela, mas depois fechou a boca.

No momento a seguir, virara a égua e desatara a galopar no sentido contrário, a toda a velocidade.

Alex teve bastante dificuldade em alcançá-la e amaldiçoou o facto de ter o cavalo tão carregado com equipamento e mantimentos que lhe custava mexer-se. Quando a alcançou, quase arrancou o braço da articulação do ombro ao tentar tirar-lhe as rédeas para a abrandar. Mas ela era muito boa cavaleira e, por mais que se esforçasse, não conseguia subjugar-lá.

– Desculpe – gritou-lhe Alex enquanto Cay se afastava. – Peço desculpa. Do fundo do meu coração, menina, peço desculpa pelo que disse.

Ele estava certo de que a tinha perdido, mas, para seu espanto, ela abrandou e virou-se para ele.

– Diga-o outra vez.

Rebaixar-se era contrário aos seus princípios. O pai sempre lhe dissera que poderiam não ter um título nobiliário ou dinheiro, mas que tinham orgulho e que um homem nunca abria mão disso. No entanto, ao olhar para aquela rapariguinha, sentia que, se tivesse de o fazer, lhe beijaria os pés para que ela o perdoasse. E essa ideia de lhe beijar os pés fez com que o mau humor e a autocomiseração o abandonassem.

– Lamento, menina – disse ele, mas tinha um pequeno sorriso nos lábios. – Revelou ser uma pessoa corajosa e forte ao aceitar resolver o que o T. C. Connor tinha encencado e peço-lhe que me perdoe por ter dito o contrário.

– Está a falar a sério ou só diz isso para eu não o deixar aqui sozinho?

As palavras dela quase o levaram a engasgar-se. Ele ficaria muito melhor sem ela, mas não o diria. Naquele momento, estava a perguntar-se o que teria passado pela cabeça de Angus McTern Harcourt para ensinar a filha a cavalgar daquela maneira. Mas era verdade que ela era metade escocesa, pelo que talvez isso lhe estivesse no sangue.

– Ainda está a olhar para mim com um ar esquisito.

– Estava a pensar que, com umas roupas de jóquei, havia de ganhar qualquer corrida. Se tivesse os meus cavalos e não estivéssemos metidos nesta alhada, podíamos fazer uma fortuna nas corridas.

Cay não conseguiu evitar um sorriso.

– Foi isso que o deixou tão mal-humorado hoje de manhã? Sente falta dos seus cavalos de corrida?

Ele ia dizer-lhe a verdade, que temia pelo futuro e pelo que podia acontecer caso fossem apanhados, mas não o disse. Em vez disso, baixou o olhar e respondeu:

– Estava a pensar que será terrível ter de cortar um cabelo como o seu. Mas, menina, é demasiado bonita com esse grande halo a rodopiar-lhe à volta da cabeça.

Alex tinha a certeza de que ela ia dizer-lhe que da sua boca só saía estrume e que em seguida desataria a galopar para nunca mais o ver, mas não foi isso que ela fez. Em vez disso, tocou no

cabelo e esboçou um sorriso doce.

– Acha mesmo?

– Acho – respondeu ele e estava a ser sincero.

– Suponho que me zanguei demasiado depressa – admitiu ela. – Sempre tive esse problema. O Adam diz que é o meu maior defeito.

– E é claro que o Adam tem sempre razão – murmurou ele.

Ela fitou-o com intensidade, tentando perceber se ele estava a provocá-la ou a ser sincero.

Alex esforçou-se por manter o olhar sereno e não deixar escapar uma risada.

– Será que agora já vem comigo, menina?

– Só se me tratar pelo meu nome – respondeu ela. – Eu sei que lhe disseram o meu nome completo, mas todos me chamam...

– Cay – atalhou ele. – Por causa das suas iniciais, *C-E-H*. Era assim que o seu irmão Nate julgava que se chamava porque a vossa mãe bordou tudo com as suas iniciais antes de a menina ter nascido. Estava convencida que ia ter uma filha. Agora... Cay, está preparada para ir? Não deveríamos demorar a chegar à vila.

Quando ele voltou o cavalo e se encaminhou para sul, obviamente esperando que ela o seguisse, Cay não foi capaz de se mexer. Mas que grande quantidade de informação o tio T. C. lhe dera! Na sua opinião, contara demasiados assuntos de família a um desconhecido. De sobrolho franzido, começou por fim a segui-lo.

Ao ouvir o clique claque dos cascos da sua égua, Alex sorriu para consigo e pensou que talvez tivesse finalmente aprendido algo acerca das mulheres. Sabia que maculara o orgulho ao pedir desculpa e implorar-lhe que fosse com ele, mas também vencera, pois agora ela seguia atrás dele. Talvez o orgulho e as mulheres não fossem compatíveis. Qualquer que fosse a verdade, sentia-se satisfeito por ela estar a tomar a decisão sensata, permitindo-lhe que a protegesse.

* * *

– Isto não me agrada – sussurrou Cay enquanto Alex remexia o prego que tinha arrancado da lateral do edifício e enfiado na fechadura.

– Acha que a mim agrada? – replicou ele também num sussurro. – Neste momento gostaria de estar em casa com a minha mulher, não aqui.

– Desculpe – disse ela num tom contrito. – Por vezes esqueço-me da sua perda.

Alex fez pressão no puxador, empurrou o prego para baixo e a porta abriu-se finalmente.

– Depressa – disse ele, deixando-a entrar primeiro.

Ficou no exterior por um instante, olhando em redor para verificar se teria sido visto. Mas parecia que toda a gente da pequena vila estava na igreja naquela manhã de domingo, pelo que, durante algum tempo, estariam a salvo.

– É uma loja agradável – comentou Cay, lançando um olhar às prateleiras bem aprovisionadas nas paredes à sua volta. Mais para o fundo havia armários cheios de roupas. – Não estamos em Charleston nem em Nova Iorque, mas, para o sítio em que fica, não é má.

Alex não estava interessado na qualidade da loja, desde que pudessem conseguir aquilo de que precisavam e sair dali antes de serem descobertos.

– Temos de sair daqui e ir embora – disse ele em voz baixa. – E seja discreta.

– Acha sempre que não sei nada – replicou ela a avançar para o fundo da loja espaçosa.

A frente havia um balcão comprido, com caixas e frascos por trás. Havia barricas com biscoitos e picles.

Alex tirou uma grande saca de serapilheira de trás do balcão e começou a enchê-la de biscoitos e maçãs secas. Não tinha dito a Cay que receava que o envolvimento de T. C. na fuga da cadeia pudesse ter chegado aos ouvidos de Mr. Grady e que este talvez estivesse à espera de um homem que correspondesse à descrição de Alex. Detestava a ideia de poder estar a percorrer aquela distância tão grande apenas para caírem numa armadilha.

Dado que não ouvia Cay a falar, partiu do princípio que ela estaria a mudar de roupa, pelo que não quis incomodá-la. Pousou a saca junto à porta e caminhou silenciosamente até ao fundo da loja. Ali havia armários cheios de roupas, nenhuma com a qualidade a que ela decerto estaria habituada, mas eram vestimentas de material resistente, em bom estado e bem trabalhado. Só precisou de alguns instantes para se livrar da roupa esfarrapada e suja e vestir umas bragas novas, beges, que lhe assentavam bem nas coxas, uma camisa branca com um plastrão ao pescoço e um colete comprido, verde-escuro. Quando viu uma prateleira cheia de chapéus de palha largos, agarrou num. Protegê-lo-ia do sol da Florida. Olhando para si mesmo, calculou que se assemelhava a um rico proprietário de uma plantação, decerto não a um prisioneiro das Terras Altas da Escócia, recentemente evadido da prisão.

A sorrir, saiu do cubículo para se mostrar a Cay e ver o que ela teria encontrado para si, mas, ao vê-la, estacou.

Havia um espelho de pé ao fundo da loja e ela estava diante dele, de escova na mão e a alisar calmamente o cabelo. Ele julgava que já se tinha habituado a vê-la, mas a verdade era que nunca a vira sem o manto a tapá-la. Tinha o vestido rasgado na bainha e certos sítios não estavam nas melhores condições, mas continuava a ser um belo traje. O decote era acentuado e entrevia-se a curva dos seus seios. Umas mangas curtas expunham-lhe os braços longos, que ele reparou serem bem definidos, resultado de anos a lidar com cavalos teimosos. O vestido branco ficava-lhe justo no peito, tinha uma fita mesmo por baixo e depois fluía até ao chão.

Por um instante, ele manteve-se imóvel, a observá-la, e lembrou-se de que ela se tinha vestido assim para ir a um baile em Charleston. Provavelmente, teria imaginado encontros românticos ao luar com jovens, que talvez lhe acrescentassem mais algum pedido de casamento aos já existentes, de que um dia falaria aos netos.

No entanto, por causa do seu bom caráter, tinha acedido a fazer algo que poucas jovens abastadas, ou mesmo pobres, fariam. Arriscara a vida para salvar um homem que nunca vira, um homem acerca do qual ela tinha motivos para considerar culpado de um assassinato.

Continuou a observá-la enquanto ela escovava o cabelo e calculou que estivesse a pensar que aquela seria a última vez. E Alex percebeu, pela expressão de tristeza do rosto dela, que acederia a fazê-lo.

Como desejava poder obrigar o tempo a andar para trás! Se pudesse, regressaria a... Não podia pensar nisso, pois sabia que regressaria à altura mais feliz da sua vida, quando se casara com Lilith.

Inspirando profundamente, afastou-se das prateleiras cheias de materiais e aproximou-se dela.

– Concede-me esta dança, Miss Cay?

Estendeu-lhe os braços e esperou que ela não se importasse com o seu cabelo sujo nem com o fedor da prisão que permanecia no seu corpo.

Mas ela tinha sido bem educada. Sorriu-lhe graciosamente, ergueu um pouco a saia e colocou a

outra mão na dele. Quando Alex encostou os dedos à cintura dela, desejou ter música, mas o melhor que podia fazer era trautear uma velha balada escocesa que a mãe costumava cantar-lhe. Não se tratava de um verdadeiro baile, com a intrincada mudança de pares, mas antes de uma dança privada, só entre os dois.

Quando ela começou a trautear também, revelando que conhecia a canção, o sorriso dele cresceu e Alex fê-la rodopiar pelo espaço, entre mesas e prateleiras, à frente do balcão e por trás dele. Quando ela esticou a mão, agarrou num frasco castanho-escuro e o pousou no balcão, ele desatou a rir. Ela não estava a esquecer-se do motivo prático que os levara ali.

Só passados vários minutos ele tornou a encaminhá-la até ao espelho, após o que fez uma vénia e recuou.

– Devo confessar, Miss Cay, que nunca apreciei tanto uma dança como esta.

– Nem eu.

Ela fez uma cortesia, esticando a saia do vestido ao máximo.

Dando alguns passos atrás, ele fitou-a, a pensar que ela estava lindíssima naquele vestido branco e comprido – e que queria recordá-la assim. Aquela era a rapariga que lhe salvara a vida.

– Tem de me ajudar – disse ela.

Alex continuava a fitá-la. Ao longo de todos os anos em que se correspondera com Nate, este nunca mencionara que a sua irmã mais nova era tão bela.

– Ajudá-la a fazer o quê?

– A despir-me.

Ele demorou um pouco a compreender o que ela dissera.

– Quer que eu a ajude... a despir-se?

Ela sorriu-lhe com doçura.

– Se vamos viajar juntos, terá de agir como um dos meus irmãos. – Cay virou-se e levantou o cabelo. – Pode começar por me desabotoar a parte de trás do vestido.

– Devem ser mil botões. Vamos passar aqui o dia.

– O senhor já foi casado, pelo que deverá saber desabotoar a parte de trás de um vestido.

– Fui casado por umas horas – replicou Alex enquanto se debatia com o quarto botão. Eram minúsculos e as casas pequenas eram escorregadias.

Cay olhou para ele por cima do ombro.

– Umas horas? Então não...?

– Não que isso seja da sua conta, mas não, não o consumámos.

Ele estava de sobrolho franzido a olhar para os botões.

– A Hope contou-me que o senhor tinha adormecido na noite de núpcias, mas eu não acreditei nela.

– Eu não «adormeci». Fui drogado.

– Ah, pois, copo de vinho e depois dormiu. Quem o drogou?

– Se eu soubesse, poderia ter-me salvado no julgamento.

Alex já tinha desabotoado metade do vestido.

– A Hope disse-me que a porta estava trancada por dentro e que só o senhor e a sua noiva se encontravam no quarto.

– Isso é praticamente a única coisa em que os advogados acertaram. – Alex libertou o último botão. – Pronto, agora tire esse vestido e vamos andando. Pode chegar alguém.

– A um domingo? Com certeza que não. Nem o meu pai trabalha aos domingos.

– Então calculo que isso queira dizer que nenhum homem o faça – ripostou Alex com desdém. Ele estava a observar as costas do vestido dela como se tivesse acabado de escalar uma montanha e se sentisse orgulhoso do feito.

– Vire-se – disse ela. – Eu continuo a ser uma rapariga e o senhor um homem e... – Interrompendo-se, ela fitou-o como se só então se apercebesse de que ele tinha mudado de roupa.

– Agrada-lhe? – perguntou ele, estendendo os braços.

– Parece o dono de uma plantação – comentou ela em voz baixa. – Essas roupas ficam-lhe bem. – Virou-se de novo para o espelho, mas continuou a observar o reflexo dele. – Claro que o facto de ser o homem mais sujo do país e de ter lêndas no cabelo desfaz o efeito geral.

Alex passou a mão pelo cabelo. Costumava tê-lo apumado, preso na nuca com uma fita preta, mas entretanto crescera, estava desganhado, comprido e, como ela dizia, muito sujo.

– Talvez possa lavá-lo quando chegarmos ao nosso destino.

– Não. Ou toma um banho completo hoje ou não visto roupas de rapaz.

Alex sorriu-lhe.

– É demasiado tarde para isso. Nunca conseguirá voltar a abotoar esse vestido sem a minha ajuda.

Cay agarrou noutro vestido de uma das prateleiras perto de si e mostrou-lho. Era uma coisa simples, de xadrez, com uma fita entrançada na gola. Estava com um olhar ameaçador.

Alex não ia dizer-lhe isso, mas, para continuar a usar um vestido, ele preferia de longe que mantivesse o branco. Já se habituara à forma como faiscava com a luz do Sol. A surpresa era que ela parecia saber, por algum misterioso mecanismo feminino, que ele não gostaria que ela usasse o vestido simples e castanho.

– Tem de tomar um banho.

– Prometo que me lavo. – Ele estava a sorrir-lhe. – Não sou um bárbaro, ainda que julgue que sou.

Cay tornou a olhar para o espelho. Estava a segurar o lindo vestido, ao qual lançou um último olhar prolongado; viu que Alex lhe virava costas e depois deixou o vestido cair e afastou-se dele. Observou-se ao espelho, atentando ao espartilho comprido, às ceroulas que lhe chegavam aos joelhos e às meias rasgadas acima dos sapatinhos gastos e sujos. Era a última visão que tinha de si mesma enquanto rapariga.

Pior, sabia que teria de lhe pedir ajuda para tirar o espartilho. A sua criada apertara-lho dias antes e ela ainda não o despira.

– Tem de me desapertar – disse ela.

– Preciso de me virar para fazer isso. Ou quer que use uma venda?

– Um homem usa uma venda quando é alvejado por ter desapertado o espartilho de uma mulher que não quer que o faça, mas eu estou a pedir-lhe que faça isto, pelo que não há problema.

A rir-se, Alex voltou-se e Cay ficou satisfeita quando ele conteve a respiração. Era o único homem que alguma vez a vira em roupa interior. À exceção do pai e dos irmãos, pensou ela, mas esses não contavam. Uma vez, Tally enchera-lhe o espartilho com um pó que fazia muita comichão pouco antes de ela se encontrar com um velho amigo da mãe, Thomas Jefferson, que se tornara governador da Virgínia. Ao lembrar-se do que fizera ao irmão depois disso, não conseguiu suprimir um sorriso.

– Por onde começo? – perguntou Alex, de olhos fixos nas costas da peça feita de barbas de baleia.

– Faça de conta que é um arnês de cavalo e desaperte-o.

– Podia usar a faca e...

– Não! – atalhou ela. – Nada de cortar.

Ele quase fez uma piada, dizendo «ainda não», referindo-se ao facto de nada ir cortar até encostar a faca ao cabelo dela, mas achou melhor conter-se. Os atilhos tinham sido apertados de uma maneira que se transformara num nó nos últimos dias e ele demorou algum tempo a conseguir soltá-los. Quando começou a aliviar os atilhos, sentiu-a a inspirar profundamente várias vezes.

– A minha criada apertou-o mais do que é habitual por causa do baile – explicou Cay enquanto soltava uma expiração.

– Isso não é doloroso?

Alex tinha-se deparado com um nó e queria mesmo sacar da faca e cortar a maldita coisa.

– Claro que é, mas vocês, homens, adoram uma cintura estreita.

Ele dobrou-se e aproximou mais o rosto dos atilhos. Parecia que a criada tinha dado um nó no meio, para além de em cima.

– Mas os vestidos que vocês, mulheres, usam atualmente escondem-vos a cintura!

– Ai escondem? – perguntou ela numa voz doce e inocente.

Ele desapertou os atilhos, deu um passo atrás e sorriu. Lá nisso ela tinha razão. As modas de cintura alta pouco ocultavam.

– Não, não escondem grande coisa. Quando uma mulher se põe à frente de uma vela, dá para ver...

– Pigarreou. – Já está.

Cay já estava a encolher-se para tirar o espartilho. Ele deixara-lhe a parte de baixo apertada, pelo que ela teve de o despir pelas pernas. Alex fazia tenções de se virar, mas ela começou a remexer-se de tal maneira que ele não conseguiu deixar de olhar – e de rir-se.

– Já respiro!

Passou as mãos pelas costas e coçou-se por cima do camiseiro de algodão e, dado que isso não bastava, foi até à parede e esfregou-se nela, com uma expressão de absoluto contentamento.

– Não deveria ter receado o urso, ele teria pensado que era da tribo dele.

– Cale-se – retorquiu ela num tom amigável. – Se *o senhor* tivesse passado dias de espartilho, sem o tirar sequer à noite, haveria de... – Virou-lhe costas. – Torne-se útil, venha cá e coce-me as costas. Tenho tanta comichão que vou dar em louca.

Alex hesitou, mas fez o que ela lhe pedia, coçando-lhe as costas ao de leve por cima do tecido.

– Eu sei que é um homem fraco, mas decerto conseguirá fazer melhor que isso.

Ele começou a coçar com mais força e, já que as suas unhas não eram o suficiente, agarrou na faca e serviu-se do cabo para lhe esfregar as costas até ficar com a certeza de que lhe arrancaria a pele se continuasse.

Finalmente, ela afastou-se.

– Melhor. Muito melhor.

Continuava a remexer-se, a encolher os ombros e a descrever círculos com os braços.

Mais uma vez, ele maravilhou-se com a beleza dela. Porque não teria ocorrido a Nate mencioná-la nas suas cartas?

– Acha que já pode vestir-se, menina?

– Claro. O que hei de escolher?

– Qualquer coisa que a tape – resmoneou ele, após o que recomeçou a dar uma vista de olhos pela loja em busca de mais alguma coisa que pudessem precisar.

Em cima do balcão encontrava-se o frasco que ela ali pousara enquanto dançavam. O rótulo dizia: «Óleo de jasmim.» Parecia que, mesmo em roupas de rapaz, ela fazia tenções de cheirar bem.

Obviamente, ele teria de lhe dizer que não poderia usá-lo, mas não lhe estragaria o bom humor naquele momento. Voltou a pôr o óleo na prateleira.

Ao fundo da loja, Cay estava a ter problemas com as roupas. Tinha deixado o camiseiro vestido, mas, ao pôr uma camisa de rapaz por cima, continuava com os seios proeminentes. E estes tendiam a baloiçar quando caminhava. Não ia falar ao escocês desta contrariedade nem pedir-lhe opinião. Em vez disso, tinha de procurar um pano que pudesse usar para prender os seios. A um canto havia rolos de tecido e uma tesoura, pelo que cortou um pouco de musselina branca e fez uma grande ligadura com esse material. Não a apertou demasiado, apenas o suficiente para impedir o movimento e ficar com o peito uniforme, após o que tornou a vestir a camisa. Se a usasse larga, parecia-lhe que funcionaria.

Não demorou muito a vestir o resto da roupa. Trocou as meias de seda rasgadas por umas brancas e grossas de rapaz e foi com facilidade que meteu as pernas esbeltas numas bragas. Apertá-las na cintura já foi mais complicado, pois tinham muitos botões e atilhos, mas lá percebeu como era. Enfiou a camisa nas calças, passou os braços por um colete, encontrou um casaco leve de lã e vestiu-o. Quando se dirigia para a frente da loja, tirou um grande chapéu de palha de uma prateleira e foi até ao balcão.

– Então? – perguntou a Alex, de costas para ela.

Virando-se, ele observou-a de cima a baixo, mas nada disse.

– Não gosta? Fiz alguma coisa mal? Não estou habituada a usar bragas, mas acho que as apertei como deve ser.

Em silêncio, ele colocou-se atrás dela, pousou-lhe as mãos nos ombros e empurrou-a até ao espelho. O reflexo mostrava uma rapariga vestida como um rapaz. O cabelo caía-lhe pelos ombros em caracóis lassos e os brincos de pérola continuavam nas suas orelhas. Era impressionante que se tivessem aguentado tanto tempo, mas a verdade era que ela os tinha apertado muitas vezes.

Sem dizer palavra, Alex estendeu a mão e ela percebeu a que se referia. Solto os brincos e pô-los na palma da mão dele.

– Vou guardá-los com o resto da sua roupa e levá-los connosco.

– Claro que vamos levar o meu vestido. Talvez tenha arranjo. Não tenciono usar estas roupas horríveis para sempre. Depois de ter partido nas suas viagens com os outros homens, talvez eu possa voltar a ser uma rapariga.

– E viajar sozinha até à Virgínia como uma mulher solitária? Não, não o fará.

Assim que disse tais palavras, Alex arrependeu-se delas, mas Cay não respondeu. Em vez disso, estava outra vez a retorcer-se.

– O que está a fazer agora?

– A mexer-me. É estranho não ter um espartilho. Desde os doze anos que o uso, todos os dias.

– Dos doze? – espantou-se Alex. – Tem vivido amarrada dentro dessa coisa desde que era pouco mais que um bebé?

– Claro. De que outra maneira haveria uma mulher adulta de conseguir uma cintura pequena? Não julgava que uma mãe esperava que a filha fosse adulta e só então tentava encolher-lhe a cintura, pois não?

– Posso responder sinceramente que nunca me tinha perguntado como seria que as mulheres ficavam com a cintura estreita. Acho que pensava que nasciam assim.

Cay abanou a cabeça.

– A seguir vai dizer-me que julga que o brilho do cabelo e o rubor das faces das mulheres também são naturais.

Dado que isso era verdade, Alex apenas podia fitá-la em silêncio.

– Acho que perdeu muito da vida por não ter mãe nem irmãs.

– Acho que era um bebé selvagem até a ter conhecido – disse Alex entre dentes, após o que continuou num tom mais alto: – Já está pronta para ir embora, menina?

– Vai ter de parar de me chamar isso, agora que devo passar por rapaz.

– Quando fizermos alguma coisa em relação ao seu cabelo, para que não pareça uma menina, deixarei de lhe chamar isso.

Todo o humor desapareceu do rosto de Cay.

– Eu acho que, se o lavar e o pentear para trás enquanto estiver molhado, talvez possa ficar tal como está.

A tristeza no olhar dela não agradava a Alex.

– É o mesmo que dizer isso da juba de um leão – afirmou ele, ficando contente por ela sorrir.

– A sério?

– A sério. Sabe, acho que nunca tinha visto tanto cabelo numa só pessoa. E a cor é realmente magnífica.

Enquanto falava, ia avançando para a porta e Cay seguia-o.

– Não o acha demasiado vermelho? – perguntou ela, arregalando os olhos numa expressão de inocência. Queria distraí-lo o suficiente para que ele não reparasse nas coisas que ia pondo na saca.

Olhando para ela, ele agarrou na saca de mantimentos e manteve a porta aberta para que ela passasse.

– Não mudaria nem uma madeixa. – Lançou um olhar de relance para o interior da loja, viu o dinheiro que tinha deixado em cima do balcão e fechou a porta depois de ela sair.

Cay olhou para a porta fechada.

– Está a dizer essas coisas para me convencer a fazer o que quer?

– Pois, estou, mas também estou a dizer-lhe a verdade, menina – disse ele num tom delicado. – Tem um cabelo lindo.

A sorrir, ela desceu as escadas.

Na loja, sentira o desafogo das roupas de rapaz, mas só ao montar a égua viu de facto quão diferentes eram. Em vez de ter de contar com outras pessoas ou objetos para montar, sem uma saia a restringir-lhe as pernas, pôde pôr um pé no estribo e impulsionar-se sozinha. Olhou para baixo, viu as suas pernas dentro das bragas escuras e teve a certeza de que, se a sua elegante mãe a visse naquele instante, desmaiaria. Edilean Harcourt *nunca* usaria roupas de rapaz, quaisquer que fossem as circunstâncias. Mas Cay não conseguia evitar a sensação de estar um pouco mais livre. Viu que o escocês a observava com curiosidade.

– Quero ver o mapa que indica o local para onde vamos – exigiu ela no tom mais firme de que era capaz.

Não fazia ideia do que dissera para que ele se risse tanto, mas recordou-o que era melhor não fazer barulho, pois alguém poderia ouvi-los.

– Acho que piorei a minha sorte – disse ele enquanto puxava as rédeas do cavalo e começava a dirigir-se para sul, com Cay mesmo atrás de si.

Cay tivera o cuidado de não fazer mais comentário algum acerca do cabelo do escocês ou do estado do seu corpo até pararem para acampar nessa noite. Quando, de olhar baixo, lhe pediu com doçura que acampassem junto a um ribeiro ou a um rio, ele semicerrou os olhos, como se quisesse perguntar-lhe o que estava ela a tramar, mas nada disse e tinha sido aí que pararam. Durante todo o jantar de fruta seca, biscoitos e pickles, ela não referira o assunto.

Só depois de acabarem de comer é que ela se levantou e olhou para ele, ainda sentado.

– Está na altura de tomar um banho.

– Faz demasiado frio – disse ele, sem levantar a cabeça.

– Devem estar uns vinte e cinco graus e o senhor é escocês, portanto, como pode achar que faz demasiado frio?

– A corrente do rio é muito forte.

Ela não teve de olhar para o rio para ver que corria muito delicadamente.

– Tenho sabão para o seu cabelo.

– Não preciso. – Ele ainda não tinha olhado para ela. – Quanto ao seu, menina, lamento mas está na altura de o cortar. Trouxe uma tesoura para não ser preciso servir-me da faca, mas acho que é melhor deitarmos mãos à obra.

Ela percebia que ele estava a tentar distraí-la, mas isso não estava a resultar.

– Cheira tão mal que tenho de tapar o nariz e respirar pela boca. Tem o cabelo tão sujo que já vi rabos de vaca mais limpos. Fede e eu não aguento mais.

Alex mantinha o olhar fixo num ponto distante, mirando a água e o Sol já baixo no céu, sem a encarar. A verdade era que não queria livrar-se do fedor da prisão. Sabia que estava a ser tolo, mas não o haviam deixado tomar banho desde o dia em que casara com Lilith e, caso se lavasse, sabia que apagaria a última coisa que o ligava à mulher.

E depois havia o facto de se encontrar sozinho com uma jovem que começava a ver como bastante desejável. Ao fim e ao cabo, parecia-lhe que seria melhor fazê-la manter-se longe de si.

– Eu gosto do meu cheiro.

– Bem, eu não gosto. Se vamos juntos até à Florida, haverá alturas em que precisará da minha ajuda e, se quer que lha preste, terá de estar *limpo*.

Dado que ele se limitou a ficar sentado, ela virou-lhe costas, aproximou-se da égua e começou a pôr-lhe a sela. Alex demorou mais tempo do que ela previra a pará-la, mas fê-lo.

– Por que razão o seu pai não a virou de barriga para baixo em cima do joelho para a ensinar a respeitar os mais velhos?

– O meu pai nunca bateria numa criança, mas a minha mãe... – Cay lançou-lhe um olhar furioso. – Não me faça começar a falar da minha família! A água está ali e o sabão está na saca. E, quando acabar, vou passar-lhe óleo de jasmim pelo cabelo.

Alex deu um passo atrás, com uma expressão horrorizada.

– Não, não vai.

– O óleo matará o que quer que esteja a viver aí. Por asfixia.

– Mas o cheiro, menina... não conseguiria suportar esse pivete. – Ao aperceber-se de que ela não ia ceder, ele tornou a olhar para a água.

– Está bem – disse Cay no tom mais agradável de que foi capaz. – Mas *eu* vou tomar um banho. – Virando-se, esgueirou-se para a floresta que os rodeava e tirou os sapatos enquanto o amaldiçoava com todas as forças. – Deve querer cheirar mais a *homem*. Pois sim. Mas não vou voltar a partilhar o *meu* manto com ele e ele não vai voltar a dormir ao meu lado, nunca mais. Não vai...

Interrompeu a tirada ao ouvir água a chapinhar. O som só podia ter sido provocado por um peixe enorme, um urso que quisesse comê-los ou... Aproximou-se mais da corrente e viu a cabeça do escocês à tona.

– Pode fazer calor em terra, mas a água está fria – disse Alex e, mesmo com a luz a desvanecer-se, ela via que ele estava com o rosto vermelho.

– A água na Escócia é mais fria – lembrou ela, a rir-se.

– Sim, mas eu não entro nela nu. Tenho o meu *plaid*.

Cay continuou a sorrir e voltou para o arvoredo. Encontrava-se sozinha na floresta com um homem nu que talvez fosse um assassino, mas estava a sorrir. Até ela achava que aquilo era esquisito.

– Não vem para água, menina?

Ele parecia um velhote a chamar uma rapariguinha – que era o que estava a acontecer, mas ela sabia que ele o fazia a brincar.

A piada dele dissipou a estranheza do momento.

– Use o sabão. Espero apenas que seja suficientemente forte para o livrar de alguma da sujidade.

– Não poderá vir mostrar-me como devo fazê-lo? – perguntou ele num tom provocador.

Cay manteve-se fora de vista, mas estava a rir-se. Uma vez que ele nada mais disse e que se ouvia muita água a chapinhar, ela espreitou cuidadosamente por trás de uma árvore. Estava com água pelo peito, com o cabelo ensaboado e a tremer. Enquanto o observava, ele mergulhou e ela viu-lhe o traseiro nu a surgir à superfície. Cay virou costas, riu-se e começou a tirar o resto das roupas.

O que faria o escocês se ela entrasse para a água com ele?, perguntava-se. No seu grupo de amigas, era Jessica Welsch a sedutora. Certa vez, a mãe de Cay dissera que era motivo de espanto que Jess não tivesse fugido com um homem aos treze anos, tendo em conta o passado da mãe dela, Tabitha. Cay quisera ficar a saber toda a história por trás daquele comentário, mas a mãe não quisera falar mais disso.

– O que faria eu se fosse a Jessica? – perguntou-se em voz alta.

Ocorreu-lhe que tiraria a roupa toda e caminharia nua até ao rio. A luz pálida da tardinha, o ar ameno, estar sozinha com um homem... tudo parecia estar certo.

No entanto, Cay encostou-se a uma árvore e suspirou. O problema era que aquele não era o homem certo. Tratava-se de um homem que ela mal conhecia, que era demasiado velho para si e do qual a sua família não se orgulharia. Mesmo que provasse a sua inocência, nunca se livraria do estigma da acusação e do julgamento.

Não, pensou ela, e soltou outro suspiro. Talvez as circunstâncias fossem as certas, mas o homem não era.

Esperou até o ouvir sair da água e depois entrou. Guardou uma boa distância do local onde ele tinha estado e, apesar de ter vontade de nadar e brincar na água – que estava mais fria do que parecia – não o fez. Ensaboou-se e lavou o cabelo, enxaguou-o e depois secou-se com uma das duas toalhas

que o tio T. C. incluía nos alforjes.

Quando regressou ao acampamento, ele tinha preparado uma fogueira e estava sentado à frente do fogo, envergando roupas limpas, com um cheiro e um aspeto muito melhores. Na verdade, era possível que fosse da luz, mas parecia mais novo e talvez até um pouco bonito.

– Melhor? – perguntou ele.

– Muito. Só que agora já não conseguirei detetá-lo só pelo cheiro.

Ele debruçava-se sobre a fogueira e dava-lhe a impressão de ser mais alto do que lhe parecera quando o conhecera; agora tinha o cabelo molhado e limpo, sem estar todo espetado.

Cay pegou no frasco castanho de óleo de jasmim. Tinha reparado no óleo, provavelmente feito pela mulher do dono da loja, e percebido que funcionaria para acabar com piolhos, lêndeas e todos os tipos de vermes. Mas o mesmo seria verdade em relação a vários outros óleos. O objetivo era abafar as criaturas, a fim de que não conseguissem respirar. Ela escolhera jasmim porque adorava o cheiro. Tivera de o recuperar depois de Alex ter tentado escondê-lo. Ele concentrara-se tanto nos elogios que lhe fazia que nem a vira a enfiar o frasco na saca.

Ele nada disse, limitando-se apenas a assentir com a cabeça para lhe dar permissão. Quando ela se sentou atrás dele, de pente na mão, Alex arregalou os olhos.

– O que tenciona fazer-me, menina? – perguntou ele em voz baixa.

– Não o que espera. Baixe-se para que lhe veja o cabelo.

A sorrir, ele sentou-se à frente dela, mas, dado que Cay nada fazia, tornou a olhar para ela.

– É demasiado alto para chegar. – Abriu a toalha húmida em cima do colo. – Estique-se e deite a cabeça no meu colo.

– Menina, acho que não...

– Consegue controlar a sua «paixão» por mim? – completou ela sem sorrir. – Tem medo de se apaixonar assim que me tocar?

Ele sabia que ela estava a troçar dele e isso não lhe agradava, mas, por outro lado, ela tinha o dom de o fazer rir.

– Vou guardar-me para alguém mais velho e deixar que o Michael fique consigo.

– Micah – corrigiu ela enquanto ele encostava a cabeça ao seu colo para que ela comesse a penteá-lo. Depois de lhe desfazer os nós, despejou o óleo e começou a espalhá-lo. A fragrância celestial espraçou-se pelo ar à volta deles. – Fiz isto uma vez ao meu irmão Ethan, quando ele ficou com mel e cera de abelhas no cabelo. O meu pai queria rapar-lho, mas eu não podia suportar tal coisa, por isso disse que lhe tiraria aquilo do cabelo.

– Que idade tinha?

– Uns onze.

– Então ele tinha...

– Catorze.

– Sempre foi uma espécie de mãe para eles?

– Não. – Ela ia-lhe massajando o couro cabeludo com o óleo. Queixara-se tanto dos piolhos dele, mas, afinal, nada sentia, apenas o escalpe e o cabelo demasiado comprido. – Talvez tenha funcionado um pouco como uma mãe para o Ethan, mas ele é o mais querido dos meus irmãos, o mais delicado e o mais bonito.

– Bonito? Como uma rapariga?

– Não. Pelo menos, nenhuma rapariga o acha bonito dessa maneira. As mulheres de todas as idades

ficam loucas por ele.

– Isso deve ser agradável.

– Ele aceita-o bem. À minha mãe é que custa. Ela diz que as raparigas da minha geração não se refreiam e não têm vergonha nenhuma. Diz ainda que hoje em dia as raparigas se atiram aos homens.

– Como a menina e o seu jovem?

– Eu nunca...

– Ele não a ensinou a usar a... – Alex fez um gesto vago na direção da boca.

– Não – respondeu Cay num tom hesitante, pois era com relutância que admitia ter mentido. – Foi a Jessica que me falou disso. Ela tem mais experiência com rapazes que eu e as minhas outras amigas.

– Então nada fez com esse rapaz, o Micah, que não devesse ter feito?

Cay não gostou que ele falasse com ela como se fosse seu pai.

– Ele dificilmente é um rapaz. Tem trinta anos, nunca foi casado e realiza serviços religiosos aos domingos.

Alex virou-se e fitou-a.

– É pároco? Está a pensar casar com um pastor?

– E que mal tem isso?

– Acedeu a ajudar um assassino condenado a fugir da prisão. Não lhe parece que isso vai um pouco contra àquilo que a boa esposa de um homem santo deveria fazer?

– Já lhe disse que não o fiz por si, mas pelo tio T. C.

– E estamos a falar do homem que esteve perdido de amores por uma mulher chamada Bathsheba?

– Sim – disse Cay, sem compreender onde queria ele chegar.

– Diga-me, filha, o T. C. alguma vez fez alguma coisa quanto à sua paixão?

Dado que ela permanecia calada, ele olhou para ela.

– Vá lá, menina, estou a vê-lo na sua cara. O que fez ele.

– Hope.⁹

– Ele *esperava* vir um dia a encontrar a mulher que amava?

– Não! – exclamou ela enquanto punha as mãos no couro cabeludo dele e o virava para a frente. – A Bathsheba teve uma filha chamada Hope, e ela é muito parecida com o tio T. C. – Ela fitou-o com um ar zangado. – Se continuar a olhar assim para mim, despejo-lhe este óleo nessa boca trocista.

Alex fechou os olhos, mas continuava a sorrir.

– Só estou a dizer, menina, que, se casar com o pastor e as pessoas descobrirem o que fez, isso não facilitará a vida ao seu marido. Mas talvez ele seja um homem compreensivo que lhe perdoe os pecados.

– Eu não... – Cay interrompeu-se sem saber o que dizer. O que *faria* Micah quando ficasse a par do que ela tinha feito? Como poderia explicar-lhe que passara dias sozinha com aquele homem, que até tivera a cabeça dele no seu colo, mas que nada de pecaminoso acontecera? Quando viu a forma como Alex lhe sorria, sentiu-se tentada a cumprir a ameaça de lhe despejar o óleo na boca. – Está a esquecer-se de que é um assassino condenado e de que estamos aqui sozinhos? Eu sei que não quer que lhe fale acerca de... acerca de homens.

– E com razão. Só queria saber que não tinha feito algo que não devesse ter feito.

– Quanto mais o conheço, mais parecido o acho com um dos meus irmãos.

– Qual deles?

– Por um lado, com o Nate, por outro, com o Tally.

– Mas não com o belo Ethan?

– Definitivamente não.

– E o perfeito Adam?

– O Adam é único. Ninguém é como o Adam.

Durante algum tempo ficaram em silêncio e Alex fechou os olhos, com o cheiro a espalhar-se à sua volta e as pequenas mãos de Cay a massajarem-lhe o couro cabeludo.

– Juro, menina, que me fez entrar em transe.

Enquanto lhe acariciava o cabelo, separando-o por cima das pernas, Cay começou a pensar mais na sua família, no local onde estava e no facto de não saber para onde ia ou o que ia acontecer. Toda a sua vida fora tão bem planeada e sempre soubera o que queria fazer dela. Poderia ter-se desenhado como seria aos trinta. Por essa altura, teria dois filhos e uma filha. Só precisava de decidir que homem seria seu marido. Agora duvidava que um dos potenciais candidatos sequer a quisesse depois de passar aquele tempo a fugir à lei.

De repente, começaram a formar-se lágrimas e uma delas caiu na testa de Alex. Este tinha os olhos fechados, de mente e corpo entregues ao primeiro conforto que sentia em muito tempo, mas percebeu o que ela estava a sentir. Não lhe agradava pensar que fizera uma rapariga chorar, sobretudo uma rapariga tão doce e inocente como aquela.

– Sabia que vim para este país por causa das corridas de cavalos? – perguntou-lhe ele num tom tão baixo que ela mal o ouviu.

– Não. Eu... – Cay soluçou e fungou enquanto continha as lágrimas. – Na verdade, sei muito pouco a seu respeito.

– À exceção do que leu nos jornais – comentou ele e Cay sentiu o corpo dele a retesar-se.

– Para ser sincera, não os li. Tudo o que sei é o que a Hope me contou. – Dado que as suas palavras não surtiram qualquer efeito nele, fez o que teria feito com um dos seus irmãos e começou a afagar-lhe o cabelo de uma maneira que sabia o acalmaria. – Gosta de outros animais para além de cavalos de corridas?

– Gosto de todos – respondeu ele. – De pássaros, cavalos, guaxinins... gosto de animais.

– E de aranhas?

Ele sorriu.

– Menos, mas sim. Fiz uma coisa má na Escócia. Fi-la duas vezes.

Ela continuou a penteá-lo. O cabelo dele estava espalhado no seu colo e coberto com o óleo fragrante.

– Os meus irmãos fizeram algumas coisas de que o meu pai não gostou. Uma vez, não sei bem o que fez o Nate, mas o meu pai ficou uma semana inteira zangado com ele.

Alex não conseguiu deixar de sorrir. Ele sabia exatamente o que Nate tinha feito, porque o fizera e o que o seu pai julgara que tinha feito. Mas não ia revelá-lo a Cay.

– Em segredo, acasalei a minha égua com o grande garanhão de Lorde Brockinghurst. Duas vezes.

Cay riu-se.

– Ai sim?

– Pois, foi. Tinha uma eguazinha encantadora, vivaça como poucas. Um pouco como a menina, na verdade. E levei-a para sul, até Londres, e esperei que o garanhão mais rápido do homem fosse deixado a pastar à noite. Ele cobrava muito para cruzar uma égua com aquele grande animal e eu não tinha dinheiro para isso.

- Então roubou aquilo que não lhe pertencia.
- Eu gosto de pensar que dei ao cavalo o prazer de ter a minha linda égua durante a noite.
- Então foi um filantropo.
- Mais ou menos. – Alex estava a sorrir.
- E qual foi o resultado?
- Primeiro, nasceu uma potra e, como saberá, as éguas não correm tão depressa como os cavalos.
- Talvez não queiram fazê-lo – sugeriu Cay. – Talvez queiram permanecer num só lugar e ficar com as famílias.

Alex abriu um olho para a observar.

- Eu hei de fazê-la chegar a casa, menina, não se preocupe com isso.
- Disfarçada de rapaz? Talvez fosse melhor começar a mascar tabaco.

Ele ainda estava a olhar para ela.

- Talvez fosse, menina, pois ainda não se parece com um rapaz. O seu cabelo...

Quando ele se esticou para lhe tocar, ela afastou-lhe a mão.

- Estávamos a falar de cavalos.

– Ah, sim. – Tornando a virar-se, ele fechou os olhos. Sabia que o que quer que tivesse estado no seu cabelo já teria há muito sido tirado, mas estava satisfeito por ela não o afastar. – A segunda cria era uma beleza, perfeita em todos os sentidos.

- Ou seja, um macho.

– Com certeza. De que outra forma poderia ser perfeito? – Quando ela começou a empurrar-lhe a cabeça do colo, ele riu-se e agarrou-lhe a mão. – Estou só a brincar consigo, menina. Não percebe?

Ela desistiu e continuou a penteá-lo.

- Então o que fez?
- Tinha um plano, entende?
- E que plano era esse?

Alex queria contar-lhe, mas não podia, pois o plano envolvia a família dela. Ele sabia que, uns dez anos antes, o pai de Nate – e de Cay – comprara uma quinta equestre não muito longe de Edilean. Tinha uma casa e um celeiro, um ribeiro, um lago, tudo aquilo de que um homem precisaria para criar uma família e ter cavalos. Nate escrevera-lhe a propósito da quinta, dizendo que o pai era demasiado ocupado para poder cuidar do local como seria necessário, o que o levava a dar prejuízo. Quando Alex respondera que lhe parecia ser a quinta dos seus sonhos, Nate implorara ao pai que não a vendesse, dando a entender que talvez viesse a querê-la para si mesmo.

Fora a possibilidade de um dia ter uma quinta perto da do amigo que dera alento à vida de Alex. O pai falara-lhe das oportunidades que se encontravam na América e ele havia muito que queria ir para lá. O seu plano era ganhar dinheiro suficiente a participar em corridas de cavalos para comprar a quinta e depois o pai poderia juntar-se-lhe na América e viver com ele. Tudo se desviara um pouco do curso previsto quando conhecera Lilith e se casara com ela antes de ter dinheiro suficiente para adquirir a quinta, mas ele sabia que devia aceitar o amor quando este surgia. Claro que Lilith não era exatamente o que um homem esperaria de uma esposa numa quinta, mas ele tivera a certeza de que tudo poderia ser resolvido.

- Qual era o seu plano? – insistiu Cay perante o seu silêncio.
- Fazer muito dinheiro. Não é por isso que toda a gente vem para a América?
- E fez?

– Sim. – Alex abriu os olhos e fitou a escuridão. A fogueira dava luz, mas o Sol já se tinha posto e a noite caíra depressa. – Embarquei num navio com os meus três cavalos, a mãe e duas crias. O meu plano era cruzar as éguas e pôr o filho a correr. O *Tarka* era rápido...

– *Tarka*? Esse era o nome do pônei mais rápido do meu pai quando ele vivia na Escócia. Cheguei a montá-lo quando era pequena.

Alex quase revelou que Nate lhe contara essa história e que tinha sido por isso que dera esse nome ao cavalo, mas conteve-se.

– É um nome muito comum.

– É? Julgava que era bastante invulgar. Então trouxe os cavalos para a América e pô-los a correr? Ou só o *Tarka*?

– A minha eguazinha conseguia vencer a maioria dos cavalos. Usava o *Tarka* quando queria ganhar uma grande maquia.

– Compreendo. Convencia os outros de que talvez pudessem derrotá-lo, mas depois punha outro cavalo na corrida. Mantinha-o escondido?

– Tem uma mente retorcida – concluiu ele, mas estava a sorrir.

– Era o que fazia?

– Pois, era exatamente isso que fazia. Mantinha o *Tarka* escondido bem longe no campo, para que nenhum daqueles rapazes ricos pudesse encontrá-lo. Ganhava algumas corridas e perdia outras, mas depois trazia o *Tarka*. – O seu sorriso tornou-se maior. – Devia tê-lo visto. Alto, preto e lindo como o nascer do dia. Era um animal magnífico e tinha noção disso. Trotava de cabeça erguida e com a cauda levantada e nem olhava para os outros cavalos. E corria! Numa pista de corridas disparava como se os outros cavalos estivessem para ali a pastar. Vencia-os de longe. Nada na América conseguia sequer tocar-lhe.

Cay estava a franzir o sobrolho.

– Fala como se ele estivesse... – Hesitou. – Como se já não estivesse vivo. O que lhe aconteceu?

– Não sei – respondeu Alex e a alegria abandonou-lhe a voz. – Quando fui acusado pelo homicídio, tudo o que tinha me foi tirado. Perguntei ao T. C. o que acontecera aos meus cavalos, mas ele não sabia e nada descobriu.

– Devia ter-lhe dito que tinha encontrado uma planta que nunca antes fora vista e o tio T. C. teria revirado a Terra toda para a encontrar.

Alex sorriu, recuperando o bom humor.

– Faz-me sempre rir, menina. – Ele virou-se de lado e olhou para ela. – Quando tiver conseguido reaver o meu bom nome, hei de recuperar o *Tarka*, a mãe e a irmã.

– E como pensar limpar o seu nome?

– Eu tenho...

Ia dizer-lhe que já se tinha esforçado muito para o fazer, mas, como isso envolvia o irmão dela, não poderia contar-lhe. Quando T. C. o visitara na prisão, Alex escrevera a Nate, contando-lhe os factos do que lhe tinha acontecido. Sabia que os guardas não lhe permitiriam ter papel e caneta pelo que se vira forçado a escrever a carta ao longo de várias visitas e T. C. levava as páginas de cada vez que ia embora. Quando Alex terminara, T. C. contratara um mensageiro para que este entregasse a carta longa e detalhada a Nate. Alex julgava que haveria tempo para que Nate lhe acudisse e para poderem falar acerca do que acontecera, mas o juiz declarara que o crime de Alex era tão hediondo que ele deveria ser enforcado dois dias depois de o veredicto ser declarado. Não houvera tempo

para que Nate recebesse a carta, partisse para Charleston e ilibasse Alex.

– Tem o quê?

Alex levantou-se e pôs mais lenha na fogueira.

– Nada, menina. Não tenho absolutamente nada.

Ela percebeu que ele estava a mentir. Tinha a certeza que ele pensara contar-lhe o que tencionara fazer, mas afinal não lhe contaria. Ela confiava-lhe *a vida*, mas ele nem sequer lhe dizia o que ia fazer para se defender. Puxou os joelhos para cima e abraçou-os. Quando pousou a toalha a seu lado, o perfume de jasmim tornou a envolvê-los.

– Será que pode chamar-me outra coisa para além de «menina»?

A boca dele revirou-se num sorriso de esguelha.

– Quando me chamar o que quer que seja.

– Isso é absurdo. Eu chamo-lhe...

– Pois, o que me chama?

– Mister McDowell.

– Isso agrada-me. – Quando ele se espreguiçou, a camisa húmida colou-se-lhe aos músculos das costas. – Mostra que tem respeito pelos mais velhos. Talvez possa acrescentar um *sir*, de vez em quando, o que será adequado à nossa situação atual.

– Atual...? – insurgiu-se ela. – Se não o tivesse salvado, por esta altura estaria morto. Quando o encontrei, estava apeado e a ser perseguido por homens que disparavam na sua direção. O que aconteceu aos homens que o libertaram?

– Um foi atingido e o outro entregou-se – disse Alex em voz baixa.

– Como conseguiu escapar?

– Rebolei às escuras e desatei a correr. Nunca pensei que conseguisse fugir-lhes. – Olhando para ela, sorriu. – Mas uma linda jovem vestida para uma festa estava à minha espera para me salvar. Parecia um anjo.

– Não foi isso que disse na altura. Disse-me que estava condenado.

– Percebeu-me mal. Eu disse que achava que tinha morrido e ido para o céu.

– O que disse foi... – começou ela, mas depois percebeu que ele estava a provocá-la. – Sim, de facto creio que se referiu a mim como um anjo e que terá dito que, oh, estava felicíssimo por me ver ali à sua espera.

– É mesmo assim que me lembro do nosso encontro também. – Os olhos dele cintilavam na escuridão e ela não pôde evitar corresponder-lhe ao sorriso. – Menina, acho... – Fitou-a. – Cay, acho que devíamos dormir um pouco. Amanhã de manhã partimos cedo.

Ela gemeu.

– Outra vez antes da aurora. Quando estou em casa, a minha criada acorda-me com um bule cheio de chocolate quente e eu fico deitada a bebericá-lo enquanto ela me pergunta o que quero vestir nesse dia.

– Parece muito enfadonho – retorquiu ele enquanto atiçava a fogueira.

– Não, é... – Olhou em redor para a noite serena. Tinham avançado tanto para sul que a vegetação começava a alterar-se. Ela reparara em flores que até então só vira em desenhos do tio T. C. – Na altura não me parecia enfadonho – disse ela, de olhos fixos no solo. – Alex.

– O que disse?

– Que, quando estava em casa, não me parecia que fosse enfadonho.

– Não, isso eu ouvi. O que foi a última coisa que disse?

Ela sorriu.

– Alex. Era isso que queria ouvir?

– Não, gosto mais de Mister McDowell.

Ela agarrou numa mão-cheia de terra e atirou-lha e, quando lhe acertou num braço, ele queixou-se como se se tivesse magoado a sério.

– Não é um cavalheiro.

– Nunca quis ser. Só queria o que tinha um garanhão de um cavalheiro.

A rir-se, ela levantou-se.

– Acho que está na altura de irmos dormir. Vou só pedir à minha criada que me aqueça a cama e me prepare o chocolate quente e fico pronta para passar a noite. – Ela esperava que ele risse, mas Alex fitava-a com intensidade. – O que foi?

– Não parece um rapaz.

– Espero que não. – Olhou para baixo, observando as suas roupas. – Devo confessar que estas bragas oferecem uma grande liberdade. E a ausência de... certas peças interiores fizeram com que hoje fosse muito mais fácil cavalgar.

– Não, é a forma como anda, como se mexe. Menina... – Alex ergueu uma mão. – Cay, o que quero dizer é que nunca passará por rapaz com esse aspeto.

Ela levou a mão ao cabelo. *Não* iria chorar!

– Eu sei. O meu cabelo...

– Podia rapar-lhe a cabeça, que continuaria a parecer uma rapariga. É a sua postura, a forma como mexe as mãos.

– O que tem a forma como mexo as mãos?

– Nada disto tem o que quer que seja de errado, se for uma dama a entrar num salão de baile. Mas parece uma rapariga vestida de rapaz.

– Oh! – exclamou ela por fim compreendendo o que ele dizia. – Quer que me mexa como o Tally.

– Não sei, mas tente lá.

Ela avançou até ao lado mais afastado da fogueira, lançou os ombros para trás, endireitou o peito e passou por ele a pavonear-se de uma maneira que dizia que ela era a maior e a melhor. Quando parou, limpou o nariz ao punho fechado e olhou para ele com um ar insolente, como se o desafiasse a lutar com ela.

Alex soltou uma risada e depois riu-se a bom rir.

– Não acredito que isso seja verdade. O rapaz não pode andar assim.

– Passa a vida a fazê-lo.

– Vamos tentar novamente, só que desta vez sem ser como se estivesse a tentar começar uma rixa. Ter os ombros para trás é bom, mas pavoneie-se menos.

– Talvez mais como o Adam.

Ela voltou a caminhar, desta feita cobrindo o espaço em poucas passadas largas, com um olhar que dizia que estava demasiado ocupada para prestar atenção ao resto do mundo.

Alex pigarreou para evitar o riso.

– Não serve? E se for como o Ethan?

Ele acenou-lhe com a mão, indicando-lhe que tentasse.

Cay refez o caminho, só que agora avançou lentamente, reparando em tudo e, quando os seus olhos

atentaram em Alex, fitaram-no durante muito tempo, como se nunca o tivesse visto mas gostasse mesmo muito de o conhecer.

– Deus do céu! – exclamou Alex. – Decerto o rapaz não faz *isso*.

Cay encolheu os ombros.

– As raparigas seguem-no pela rua.

– Bem, hã, acho que não precisa de fazer isso. Não queremos ser seguidos. E o outro irmão. Como disse que se chamava?

– Nathaniel. Nate.

Cay olhou em redor em busca de qualquer coisa, até que apanhou um alforje de couro que estava ao lado da sela.

– Faça de conta que isto é um livro. – Aproximou-o do rosto e percorreu o espaço lentamente, ignorando tudo à exceção do livro. Quando chegou ao fundo, manteve a cabeça baixa e contornou uma árvore. Voltou para junto da fogueira e olhou para Alex. – Então?

Este não conseguia conter o riso.

– Não me parece que nenhum deles sirva. Será que não podia...?

– Não podia o quê?

– Bem, menina... Cay, não podia andar como *eu*?

– Oh? Quer dizer assim? – Ela tufou o peito, franziu o sobrolho e fitou uma pessoa imaginária com um ar zangado. – «Será que não pode vir, menina? Não tenho o dia todo. Dá mais trabalho do que aquilo que vale.» – E apressou-se a caminhar para a escuridão como se se deixasse ficar para trás.

– Eu não... – começou Alex, mas depois abanou a cabeça. – Talvez o faça. Mas, se mantiver essa maneira de andar e ficar calada, talvez se dê bem.

– Isso foi um elogio?

– Da minha parte, não – disse ele, mas estava a sorrir por baixo de toda a barba. – Acho que agora devíamos dormir. Amanhã treinamos mais o seu andar.

– Não vai dizer-me que tenho de me sentar de pernas abertas, pois não?

– Pois vou – respondeu ele num tom solene.

– Talvez isso seja bom. Se eu cometer um pecado tão grande, a minha mãe vai encontrar-me, esteja eu onde estiver.

Cay pegou no grande manto de Hope, que estava no chão, e embrulhou-se nele. Tencionava usá-lo para se tapar e proteger da terra, mas, ao fitar as bragas que tinha vestido, pensou na realidade da situação deles. Se alguém adivinhasse que ela era uma mulher e se vissem que estava com Alex, não seria difícil perceber quem eles eram. Poderiam acabar os dois na prisão.

– Quero que me corte o cabelo agora – disse ela em voz baixa, sem se atrever a levar a mão à cabeça, por recear recomeçar a chorar.

Viu que ele ia pedir-lhe que o perdoasse, ou talvez arranjar uma desculpa para justificar que o deixassem assim até à manhã seguinte, mas Alex manteve-se calado. Apontou para um cepo ali perto, no qual ela se sentou, com as costas rigidamente direitas.

Alex tirou da saca no chão a tesoura que tinha trazido da loja e colocou-se atrás de Cay. O cabelo dela ainda estava húmido, mas, como começava a secar, ia-se tufando em grandes caracóis. Cortar um cabelo assim era um grande desperdício de beleza.

Cay levantou a cabeça para olhar para ele, viu-o a hesitar e teve vontade de lhe dizer que não tornasse aquilo mais difícil para si. Em vez disso, decidiu espicaçá-lo.

– Já lhe falei do Benjamin?

– Quem é esse? – perguntou Alex, levantando uma madeixa do cabelo dela e segurando-a. Queria encostá-la ao rosto e senti-la na pele. Entre o tempo que estivera na cadeia e as semanas do julgamento, haviam-se passado meses desde que sentira a suavidade de uma mulher. – Tem um quinto irmão?

– O Benjamin é o mais novo dos meus pretendentes. Tem apenas vinte e dois anos e é muito bonito. Não tanto quanto o Ethan, claro, mas é muito agradável olhar para ele. Provém de uma família bastante abastada, adora arriscar, jogar e apostar em cavalos.

– Apostar em cavalos? Decerto não está a considerar casar com um jogador?!

Com uma madeixa espessa na mão, Alex deu a primeira tesourada. Quando o glorioso cabelo ruivo caiu no chão, ele fitou-o. Ao sentir o cabelo a ser cortado, Cay esforçou-se por não chorar.

– Mas ele faz-me rir e inventa jogos maravilhosos para nos divertirmos. Acho que talvez seja com ele que devo casar-me. Ele haveria de achar que ter percorrido o país com um assassino condenado foi uma grande aventura.

– Mas que tipo de homem é ele, se não se importa com aquilo por que a menina passa? – Alex cortou-lhe mais cabelo. – E se eu fosse culpado, como toda a gente pensa que sou? Faz ideia do que já poderia ter-lhe feito?

– Mas não fez e, quando voltar, vou contar tudo ao Ben. Ele até vai rir-se por lhe ter posto óleo de jasmim na cabeça.

– Ai vai? – perguntou Alex de sobrolho franzido enquanto lhe cortava mais cabelo. – Não vai ter ciúmes?

– O Ben diz que os ciúmes são uma emoção estúpida e que, quando estivermos casados, nunca devo ter ciúmes dele, independentemente do que ele fizer.

– Parece que faz tenções de fugir com outras mulheres enquanto a Cay fica em casa com uma carrada de pirralhos.

– Não é isso que se espera de uma esposa?

– Não – replicou Alex. – Acho que um casal deve trabalhar em conjunto para criar uma família.

– Então está a dizer que um homem *deve* ser ciumento?

– Eu acho... – Interrompeu-se, pois percebeu que ela estava a provocá-lo. – Acho que é uma miúda impertinente, é o que acho. Pronto, já acabei.

Quando Cay se levantou, o manto caiu-lhe dos ombros e, por um instante, ela limitou-se a ficar a olhar para ele, com medo de mexer a cabeça. Que sensação proporcionaria ter tão pouco cabelo? Lenta e hesitantemente, ela virou a cabeça para um lado e depois para o outro. Na verdade, não era uma sensação assim tão má. Ele tinha-o cortado mesmo acima dos ombros para que ela pudesse prendê-lo junto à nuca, como faziam os seus irmãos.

Cay tornou a virar a cabeça, mas, desta feita, mais depressa. Tendo perdido cerca de trinta centímetros de cabelo, estava surpreendentemente leve. Começou a agitar a cabeça e o cabelo voava-lhe à volta da cara. Quando parou, olhou para Alex, que a fitava de olhos arregalados e ainda com a tesoura na mão.

– Creio que me agrada bastante. – Cay pousou um pé no cepo e segurou num cachimbo imaginário.

– Então, diga-me, caro senhor, o que pensa do preço do trigo nos dias que correm? Parece-lhe que voltará a subir ou será que os ingleses também nos deram cabo disso?

Ele nunca vira alguém com um ar menos masculino. O cabelo rodopiava-lhe sobre os ombros em

caracóis espessos e as longas pestanas projetavam-lhe sombras nas faces.

– Acho que deverá deixar que seja eu a falar.

Ela endireitou-se e tornou a agitar o cabelo. Era mesmo uma sensação maravilhosa.

– Será que pode parar de fazer isso? – insurgiu-se Alex.

– Porquê?

– Porque me incomoda, nada mais. Devia ir dormir.

– E o senhor?

– O que faço é da minha conta – replicou ele, ciente de que parecia resmungão. Sabia que continuava apaixonado por Lilith, mas já se tinha passado muito tempo desde que estivera a sós com uma mulher e Cay era... Procurou a palavra certa. *Cativante*. Era deveras cativante. Continuava à sua frente, a fitá-lo, e ele sabia o que ela queria. Queria saber onde ele ia, o que ia fazer e quando voltaria. Tinha vontade de voltar a dizer-lhe que isso era problema seu, não dela, mas não o fez. – Vou lavar o cabelo e livrar-me deste óleo horrível – acabou por dizer. O que ia realmente fazer era mergulhar durante bastante tempo no ribeiro gelado.

– Não pode fazer isso – respondeu ela. – Tem de o deixar ficar na cabeça pelo menos até amanhã de manhã para abafar o que quer que tenha no cabelo. Pode lavá-lo antes de partirmos amanhã. – Cay agarrou no manto e embrulhou-se nele. – Mas faça como entender. Eu agora vou dormir.

Ela estendeu-se no solo junto à fogueira e ali ficou em silêncio por um momento até que levantou um dos lados do manto. Era um convite que lhe fazia. Não era muito, mas a lã serviria de barreira entre eles e ela sentia-se mais segura quando ele estava por perto.

Durante aquilo que lhe pareceu bastante tempo, Alex não se mexeu. Era como se estivesse a tomar uma decisão. Por fim, ela ouviu a sua risada abafada – um som que começava a reconhecer facilmente – e ele deitou-se na vegetação a seu lado, tapando-se com o seu lado do manto.

– Boa noite, Cay – disse ele.

– Boa noite, Alex – respondeu ela e, quando sentiu o calor do corpo dele através da lã, adormeceu.

² O nome Hope também quer dizer Esperança. (*N. da T.*)

— Continua a tresandar — queixou-se Alex enquanto se sentava no cepo e baixava a cabeça, com o cabelo fragrante a pender à sua volta. — Não consigo livrar-me deste fedor. Já o ensaboei três vezes, mas só me cheira a... flores. Cheiro como uma maldita *flor*!

Cay estava atrás dele, de tesoura na mão, a tentar cortar uns quantos centímetros ao cabelo comprido dele. Invejava-lhe o cheiro do cabelo, mas sabia que não deveria admiti-lo.

Parecia-lhe que o verdadeiro problema dele era que, quando tinham acordado nessa manhã, estavam enroscados um no outro como cachorrinhos. Se era verdade que a lã grossa do manto continuava a separá-los, eles não deixavam de estar juntos. Alex estava deitado de lado, virado para a fogueira, e Cay por trás dele, com o corpo encostado ao dele e o braço por cima do peito dele. Tinha o rosto enterrado no cabelo fragrante dele e estava a ter sonhos bons.

Sabia que Alex não queria admiti-lo, mas também deveria estar a ter sonhos agradáveis, pois segurara-lhe na mão e encostara-lhe a palma ao rosto.

No entanto, quando despertara por completo, pusera-se de pé com um rugido de raiva. Mas não tinha assustado Cay. Esta espreguiçara-se, sorria-lhe e dissera-lhe que cheirava maravilhosamente. Fora então que ele corraera até ao ribeiro, se despira e fizera tudo o que podia para se livrar do óleo de jasmim.

Não tinha funcionado. O cabelo dele continuava a cheirar muito bem. Cay fê-lo sentar-se no cepo para lho cortar e, sempre que fazia algum comentário ou, pior, que aproximava o nariz do cabelo, ele ficava ainda mais zangado.

— Vou rapar a cabeça, é isso que vou fazer — resmungou. — Vou ficar careca.

— Terá de rapar a cara também, pois creio que essa sua barba tem o mesmo perfume divinal.

Virando-se, ele lançou-lhe um olhar furioso.

— Desculpe. É um cheiro muito masculino. No entanto, mal posso esperar por contar às minhas amigas. Gostava de saber se a mulher do dono da loja me arranjará a receita. Nunca tinha cheirado um óleo de jasmim tão forte. Como será o chá de jasmim dela?

Alex levantou-se, ainda a mirá-la com um ar zangado, e tirou a toalha dos ombros. Infelizmente, tratava-se da toalha que estava impregnada de óleo de jasmim, pelo que bastou movê-la para espalhar mais a fragrância pelo ar.

Cay teve de morder o lábio para se impedir de rir bem alto, mas já estava farta de tentar aplacá-lo. Ele estava a ser ridículo.

— Ao menos o senhor não é um assaltante de bancos — disse ela.

— E porque seria isso pior do que ser considerado um assassino?

Alex estava a selar o cavalo e a colocar um dos alforjes.

— Poderiam identificá-lo assim que entrasse no banco. — Quando ele se voltou com um olhar que queria ordenar-lhe que se calasse, ela limitou-se a pestanejar. — Haviám de contratar damas para lhe seguir o rasto.

De olhos a chispar, ele deu um passo em frente e ela recuou. Se Cay estivesse de vestido, teria

tropeçado nos ramos caídos no chão, mas, com as bragas e a liberdade recém-conquistada, foi com facilidade que saltou por cima deles.

– O que diria o seu mandado de captura? «Cheire este criminoso.» Se calhar, podiam distribuir pequenas amostras do óleo em pedaços de papel. As pessoas poderiam comparar o cheiro com o do cabelo de todos os homens que encontrassem.

– Sua... – começou Alex, mas ela via que a fúria já lhe abandonara o olhar.

– Os homens que usam água de rosas seriam eliminados. Não, só o jasmim seria culpado. Pense no que faria pelo mundo do crime. Não seria o retrato de um homem, mas antes o seu cheiro, aquilo que o identificaria.

– Está bem, já chega – disse Alex, a disfarçar um sorriso. – Monte lá a sua égua e vamos andando. Isto é, se conseguir parar de troçar de mim.

– Vou esforçar-me ao máximo, mas tenho um pedido. Será que posso ir a favor do vento, consigo atrás?

Ele não conseguiu continuar a conter o riso.

– Vá lá, menina, levante-se ou nunca chegaremos ao lugar combinado com Mister Gray.

Ela subiu para a sela e, quando puxou as rédeas da égua ao passar por ele, inspirou ostensivamente e fechou os olhos, como que em êxtase.

Ignorando o gesto dela, ele saiu da pequena clareira e regressou à estrada.

– Agora tenha presente: quando virmos pessoas, mantenha a cabeça baixa e nada diga. Não seria preciso muito para que percebessem que é uma rapariga.

– Mas não cheiro como uma – disse ela com um grande sorriso. – Deixo isso para si.

Ele abanou a cabeça e ambos começaram a avançar.

«Onde estará ela?», tornou Alex a perguntar a si mesmo. Cay deveria estar na taberna a seu lado, mas não estava. A ideia de testar o disfarce fora dela e, horas antes, tinham discutido por causa disso.

– Não o fará! – exclamara ele num tom que pretendia ser autoritário.

– Nalguma altura terei de aparecer em público, portanto, porque não agora?

– Ainda estamos demasiado perto de Charleston.

Ele estava rigidamente sentado no seu cavalo, de olhos fixos em frente, sem olhar para ela.

– Eu sei que já estamos a sul de Savannah. Não que me tenha deixado ver o mapa ou me tenha dito o que quer que seja sobre onde estamos, para onde vamos ou quanto tempo demoraremos a chegar lá. Na verdade, ainda não me contou quais são os planos que tem para mim. Salvei-o da morte, pus a minha vida em risco, mas o senhor nem sequer me informa acerca do tempo e do local e quando lhe pergunto...

– Está bem – interrompeu-a Alex bem alto. – Se isso a fizer parar de tagarelar, deixo-a ir à taberna nas suas roupas de rapaz. Mas terá de se comportar. E pare de mexer no cabelo!

Olhando para ela, a seu lado na égua, pensou que mais valia irem já entregar-se ao xerife local. Para ele, Cay não se parecia nada com um rapaz. E a imitação absurda que fizera de um ou outro dos seus irmãos era risível. Ninguém no mundo inteiro acreditaria que ela era do sexo masculino.

O sorriso de Cay cintilava.

– Não faça essa cara de enterro. Só o senhor julga que pareço uma rapariga. A propósito, o meu vestido está bem guardado? – Ela não lho disse, mas estava preocupada com os ganchos de diamante presos no espartilho.

– Sim, menina, está.

Ele não conseguia evitar o ar de quem estava prestes a morrer, pois era assim que se sentia quando a via. Tinha a certeza de que seriam apanhados logo que ela se mostrasse.

Olhando de relance para ele, Cay sorriu e atrasou a égua para ficar atrás dele. Passados alguns minutos, ele viu-a a levantar-se, apoiada no pé direito, enquanto tirava o esquerdo do estribo.

– O que está a tentar fazer? – perguntou-lhe no tom mais calmo que conseguiu evocar.

– É um truque que o Tally costuma fazer e que eu nunca fui capaz porque estava sempre de vestido. Foi o meu primo Derek que lhe ensinou. Ele vai...

– Ser o *laird* – completou Alex muito depressa, sem evitar a sensação de... bem, era uma sensação muito semelhante à da inveja. Fora Alex quem ensinara ao primo dela, Derek Moncrief, como pôr os dois pés num estribo e esconder-se no flanco do cavalo. Servira-se várias vezes do truque quando queria esgueirar-se do pai depois de ele o ter proibido de cavalgar por entre as urzes à noite. – Não é assim – disse num tom mais zangado do que tencionava. – Ponha todo o peso no pé direito, depois passe a perna esquerda para o outro lado. Isso, menina, agora baixe-se. Daquele lado do cavalo, ninguém consegue vê-la.

Cay dirigiu-lhe um sorriso tão agradecido que ele desviou o olhar.

– Suponho que seja um truque escocês.

– Na verdade, foi o meu pai que me ensinou e ele tinha aprendido com os vossos índios. Teria pensado que seria o seu pai quem o ensinaria aos seus irmãos.

– Ele...? – Cay não foi capaz de suprimir a tristeza por o pai poder ter ensinado um movimento tão útil aos seus irmãos mas não a si. Que outras coisas lhes teria mostrado e não a ela? – Que mais sabe fazer? – perguntou a Alex.

– Acha que lhe vou ensinar truques para depois poder fugir-me?

– O senhor disse que não era uma prisioneira e que poderia partir a qualquer altura. Para além disso, agora que já não tenho as costelas constringidas, estou a começar a...

– A quê? A divertir-se?

– Não, é claro que não. Mas eu... – Estreitou os olhos e fitou-o. – Pare de olhar para mim como se eu fosse um grande incómodo e ensine-me mais qualquer coisa. Da próxima vez que vir o Tally, quero poder fazer qualquer coisa que o impressione muitíssimo.

– Ah, então se quer impressioná-lo *muitíssimo*, talvez queira experimentar isto.

Alex sabia que não deveria perder tempo a mostrar-lhe um truque de equitação, mas não suportava que todo o crédito lhe fosse roubado. Fê-la trocar de cavalo consigo e disse-lhe que ficasse à beira da estrada com o seu. Deixou cair o lenço sujo que lhe oferecera na primeira noite e depois avançou com a égua até ao fundo da estrada. Sob o olhar atento de Cay, galopou na sua direção a toda a velocidade e, quando passou pelo lenço, baixou-se e apanhou-o. Era quase o mesmo que tinha feito quando ela deixara o pano cair uns dias antes, mas, daquela vez, desceu ainda mais e Cay não fazia ideia de como ele se aguentava na sela sem cair.

Travando, ele virou e encaminhou de novo a égua para junto dela.

– Quero aprender a fazer isso.

Ele desmontou e entregou-lhe as rédeas da égua.

– Ensino-a, mas não agora. Não temos tempo. – Ao ver a expressão que Cay estava a fazer, inclinou-se para ela. – E se tentar fazê-lo sozinha e partir o pescoço, vai ter de se haver comigo.

– Quando me ensina?

– Quando... – Ele queria dizer que lhe mostraria como se fazia assim que chegassem à Florida, mas sabia que, nessa altura, teria de partir com a equipa da expedição e ela ficaria. Era possível que nunca mais a visse, depois dos dois dias que demorariam a chegar ao local do encontro. Mas não ia dizer-lhe isso. – Quando tivermos tempo – foi tudo o que respondeu.

Durante o resto do dia, Alex viu-a a treinar o primeiro truque. Fê-la cavalgar à sua frente para poder ver o que ela ia fazendo e poder corrigi-la – e para a salvar caso ficasse em risco de partir alguma parte do corpo. No entanto, tê-la à sua frente revelou ser um erro, já que podia observá-la a mover-se por cima da égua, naquelas bragas demasiado justas e na camisa muito fina.

Quando chegaram à taberna, ele estava de mau humor. Fazia sentido que ela quisesse testar o disfarce, mas ele não conseguia obrigar-se a admiti-lo. Ou talvez se desse o caso de ele querer voltar a passar a noite com ela ao ar livre. Tinha-se habituado a estar perto de outro ser humano. Durante as horrendas semanas que passara na prisão, não obstante toda a sua mágoa, houvera alturas em que ansiara por estar perto de alguém. Por falar com alguma pessoa para além dos escassos minutos que lhe permitiam com T. C. Ouvir alguém que não fosse o seu advogado!

– Eu posso levar as pessoas a pensar que sou um homem – dissera Cay enquanto tentava persuadi-lo a deixá-la aparecer em público assim vestida. Ele não seria capaz de a desapontar.

– Está bem – acabara por aceder. – Mas tem de fazer exatamente o que eu lhe disser.

– Faço sempre, não faço?

Alex gemeu.

– É tão obediente como uma galinha.

– O quê? – insurgira-se ela. – Uma galinha? De todos os animais que poderia ter escolhido, porque haveria de me comparar com uma galinha?

– É capaz de ser por causa do cabelo. Um galo vermelho. Uma galinha vermelha.

Mais uma vez, ela tinha-lhe restaurado o bom humor.

Agora ele encontrava-se na taberna, à espera que ela aparecesse. Tinha pedido duas refeições e duas canecas de malte, ficando depois a pensar se ela alguma vez teria tomado uma bebida alcoólica. Mas a história não seria credível se ele lhe tivesse pedido um bule de chá.

Tornou a olhar de relance para a porta. Ela tinha ido à retrete, mas isso fora meia hora antes, portanto, onde estaria ela, o que estaria a fazer? Já teria sido reconhecida?

Estavam três homens sentados à mesa ao lado da sua e um deles disse:

– Junte-se a nós. Não pode passar sozinho uma noite tão agradável como esta.

– Estou à espera do meu, hã, irmão.

– Então juntem-se os dois – convidou o segundo homem.

– Não, mas obrigado – respondeu Alex, esforçando-se ao máximo por recordar o sotaque norte-americano, que não usava desde que conhecera Cay. Dado que os três homens continuavam a fitá-lo, acrescentou: – O meu irmão é tímido. Não se dá bem com estranhos.

– É um miúdo engraçado? – perguntou o terceiro homem. – Magro como um espeto?

Alex tentou não arquejar nem deixar que o homem visse que as suas palavras o tinham assarapantado. Estava mesmo à espera que a frase seguinte revelasse que o homem já sabia que Cay era uma rapariga, mas conseguiu assentir com a cabeça.

– Nesse caso, não é assim tão tímido – disse o primeiro, a sorrir. – Vi-o com a filha do empregado e estavam a ser tudo menos tímidos. Estavam a rir e a conversar.

Alex apenas conseguia olhar para os homens, horrorizado. Que diabo teria Cay feito agora? Ia denunciá-los! Já estava a levantar-se da cadeira quando a porta da frente se abriu e ela entrou. Tinha deixado o casaco em cima da égua, pelo que a sua figura esbelta estava bem delineada pela grande camisa branca e as bragas que lhe contornavam as ancas estreitas. O que poderia tê-lo levado a pensar que ela alguma vez passaria por um homem?

– Cá está ele. Então, rapaz, conseguiste alguma coisa com a rapariga?

Cay sorriu e respondeu:

– Pois, consegui. Mas não vou contar-vos, velhotes, por isso bem podem deixar de ter esperança.

Com grandes gargalhadas, os três homens regressaram às suas canecas de cerveja.

– O que pensa que está a fazer? – perguntou Alex de dentes cerrados assim que ela se sentou ao lado dele.

– Depois conto-lhe – disse ela muito baixinho enquanto erguia a caneca de peltre para saudar os homens da mesa ao lado, que continuavam a rir. Deu grandes goles.

– Pouse isso!

– Tenho sede.

– O que faltava era que se embebedasse, desatasse a dançar e mostrasse a toda a gente o que realmente é.

– E se dançasse? – ripostou Cay. – Ninguém haveria de pensar que era uma rapariga. Só o senhor me vê assim. – Levou a mão a um picle de ovo na tigela a meio da mesa e deu-lhe uma dentada. – Quer saber o que eu estava a fazer? Isto é bom. Se calhar dão-me a receita.

– Os homens não pedem receitas às pessoas.

– Podia dizer que a minha mãe... Não! Que quero que a minha noiva mos faça depois de casarmos.

Ele tirou-lhe a metade do ovo que ela ainda não comera e meteu-a na boca.

– Diga o mínimo indispensável e não peça receitas. Estamos entendidos?

– Eu entendo que está a ralar-se com coisas com as quais não é preciso preocuparmo-nos. Ah, cá está a nossa comida.

– Pelo menos há um campo em que é tão boa como qualquer homem: no apetite.

Alex sentia-se tão preocupado com o que estava a acontecer que mal reparou na rapariga que lhes entregou os dois pratos a abarrotar de comida. Havia fatias grossas de presunto, feijão verde, batatas com manteiga, broa de milho e xarope de maçã. Quando viu que Cay tinha recebido quase o dobro que ele tinha no prato, levantou a cabeça e fitou a empregada com um olhar interrogativo.

Tratava-se de uma rapariga bonita, de cabelo loiro, olhos azuis e um peito que ocupava quase todo o espaço do pescoço à cintura dela – e que estava bastante exposto pela blusa decotada. Quando Alex olhou de relance para os homens da mesa ao lado, viu que estavam embasbacados e boquiabertos.

– Tens o corpete torto – disse Cay ao mesmo tempo que levava as duas mãos ao peito prodigioso da rapariga e começava a endireitar-lhe toda a parte da frente da blusa. Se Alex tivesse posto comida na boca, ter-se-ia engasgado. Assim, restava-lhe ficar especado, num choque que não o deixava falar. – Pronto, muito melhor.

– Obrigada, senhor – disse a rapariga, fazendo uma cortesia a Cay que, por sua vez, passava a concentrar-se na comida.

Todos os olhos da taberna – todos eles masculinos – observaram a rapariga enquanto esta voltava para a cozinha.

Depois de ela ter saído, todos desataram a rir e o bom humor dirigia-se a Cay. Dois dos homens aproximaram-se e deram-lhe palmadas no ombro.

– Mas que bem, rapaz!

– Bem feito!

A cabeça de Cay quase bateu no prato com a segunda palmada, mas ainda lançou um olhar de esguelha a Alex que a fitava com um ar furioso.

Quando os risos e as atenções por fim acalmaram, ela disse em voz baixa:

– Está a ver? Todos julgam que sou um rapaz.

– Chamou atenção para si mesma – disse Alex entre dentes, após o que sorriu a um homem que cumprimentou Cay ao passar pela mesa dele. – Foi uma exibição verdadeiramente asquerosa! E nem dá para acreditar que a rapariga lhe tenha permitido que lhe fizesse tal coisa!

– Parece mais afetado que o Adam – criticou Cay com a boca cheia. – Será que pode passar-me a mostarda? E para sobremesa eles têm pudim de maçã.

– E o que tenciona fazer com *ela*?

Depois de um momento de confusão, Cay sorriu.

– Fazer-lhe cócegas por baixo do saiote?

Alex aspirou o ar, chocado.

– Faz o favor de se acalmar? – pediu-lhe Cay, a sorrir a outro homem que lhe bateu no ombro. – Eu sabia o que estava a fazer. Preciso de lhe contar o que aconteceu no estábulo. Falei com...

– Por favor, diga-me que não ouvi bem. Não acabou de dizer que *falou* com alguém, pois não?

– Não vai dar-me ouvidos agora, pois não? Acho que é melhor esperar que estejamos juntos na cama e depois conto-lhe.

A declaração foi tão chocante que Alex não conseguiu pensar numa resposta a dar-lhe. Acabou o seu jantar e, quando a taberna tornou a ficar silenciosa, percebeu, sem levantar a cabeça, que a filha do taberneiro tinha voltado.

– Toque-lhe e eu...

– Que vai fazer? – perguntou ela, desafiando-o com o olhar.

– Vou obrigá-la a passar a noite ao relento e não dormirei perto de si.

Cay ia começar a protestar, mas a perspectiva de passar a noite sozinha num acampamento fê-la fechar a boca. Murmurou «obrigado» quando a empregada lhes serviu a sobremesa, mas não lhe tocou. Depois de a rapariga se ir embora, os homens da taberna deram largas ao desapontamento, mas a falta de mais demonstrações fê-los acalmarem-se.

– Assim está melhor – comentou Alex.

Cay empurrava fatias de maçã de um lado para outro na tigela de barro.

– Estava a tentar ajudar, mas o senhor não ouve o que tenho para dizer.

Alex baixou a cabeça, aproximando-a da dela.

– Só receio que alguém a reconheça.

– Eu sei, mas fiz uma coisa boa. Enviei uma carta ao Nate.

– O quê? – Alex teve de esperar e assentir com a cabeça a um homem que passou por eles. – Fez o quê?

– Falei com umas pessoas que vão entregar uma carta ao meu irmão. Pedi ao Nate que fosse a Charleston e descobrisse o que realmente aconteceu.

Dado que Alex enviara exatamente o mesmo pedido à mesma pessoa, não podia protestar. Cay interpretou mal o silêncio dele e começou a defender-se:

– Se ao menos me ouvir, posso explicar tudo.

– Está bem – disse ele. – E que conversa foi essa acerca do nosso quarto?

– A Eliza, é esse o nome da empregada, deu-nos um dos quartos privados. Teremos de partilhar uma cama, mas...

– Isso não é bom.

– Está bem, então vou dizer-lhe que prefere que nos instalemos num dos quartos grandes que têm oito camas. Se não dormir consigo, terei de dormir com outro homem qualquer. Este sítio está demasiado abarrotado para que alguém tenha uma cama só para si.

Alex lançou-lhe um olhar furioso.

– Já acabou isso?

Cay enfiou três enormes colheradas de maçã e xarope na boca e levantou-se.

– Agora já.

Teve de limpar os lábios com as costas da mão, pois o molho escorria-lhe para o queixo.

– Lá para cima – ordenou ele. – A menos que queira brincar com mais uns quantos saíotes.

– Não, vou deixar isso para o Josiah.

– Não me diga que é mais um dos seus pretendentes.

– Fale em voz baixa! – silvou-lhe Cay. – O Josiah é o homem que a Eliza ama e eles vão fugir amanhã, para casarem e viverem na quinta do meu pai, aquela de que lhe falei.

Os olhos de Alex arregalaram-se. Quase lhe perguntou se estava a referir-se à *sua* quinta, em relação à qual Nate tanto se esforçara para que não fosse vendida, para a qual ele vinha a poupar dinheiro, pois planeava viver lá com a sua mulher e filhos. Em vez disso, seguiu-a pelas escadas até ao pequeno quarto que fora preparado para eles. Ficou contente ao ver que um grande travesseiro tinha sido atirado para a cama. Era usado para separar desconhecidos quando estes tinham de partilhar camas nas estalagens ao longo das estradas.

– Muito bem – disse ele. – Estou disposto a ouvi-la.

– Eu estava a voltar da retrete quando ouvi uns sons, pelo que...

– Que género de sons?

– Hã... – hesitou ela.

Como haveria de dizer que tinha ouvido beijos, o roçar de tecido e respiração ofegante, sem dar a entender que tinha estado a espiar? O que, de certa forma, era o que tinha feito... Mas não ficaria qualquer pessoa curiosa nessas circunstâncias?

– Desembuche – disse Alex. – E não perca tempo a inventar uma história que acha que me vai agradar. O que ouviu e o que fez?

– Ouvi uns sons numa das cavaliças e, como estava a ser muito cautelosa, claro que quis investigar. – Lançou-lhe um olhar de relance para ver se ele estava a acreditar no que ela dizia e ficou satisfeita ao vê-lo a fitá-la com aquela expressão condescendente que ela começava a conhecer bem. Ele estava com muito melhor aspeto, agora que tinha o cabelo penteado para trás, mas continuava com o rosto barbudo. No entanto, parecia ter menos rugas em redor dos olhos e ser mais jovem do que ela havia pensado ao início. Talvez fosse da luz ténue do quarto. Quando se sentou à beira da cama, Cay perguntou-se porque estaria a dar-se ao trabalho de dourar a verdade. Afinal, aquele homem não era da sua família, logo, porque teria ela de o proteger das realidades da vida? – Ouvi sons afetuosos.

– Afetuosos?

– Sim. Beijos, esse tipo de coisa. Aproximei-me e vi a Eliza e o Josiah na cavaliça, eles estavam a beijar-se e... e... – Acenou com a mão. Ele seria capaz de perceber o resto. – Comecei a afastar-me em bicos de pés, mas depois a Eliza desatou a chorar.

– Então regressou – disse Alex. – Não entende que isso é algo que só uma mulher faria? Como poderá manter o disfarce se está sempre a agir como uma rapariga?

– Posso recordá-lo de que, na primeira noite, quando chorei, o senhor me passou um lenço? Será que isso faz de *si* uma rapariga?

Alex virou a cara para ocultar o sorriso, mas ela viu-o.

– Então qual era o problema da Eliza? – perguntou e Cay percebeu que a zanga dele se desvanecera. Cay sabia que a causa do mau feitio dele era a preocupação que tinha por si.

– O pai dela quer casá-la com um velho rico.

– E presumo que ela queira casar com um jovem pobre.

– Pois. Está apaixonada pelo Josiah, que não tem um tostão.

Cay estava a olhar para Alex e a pensar no à-vontade que tinha surgido entre eles nos últimos dias. Quando se lembrava de estar em Charleston com Hope e o tio T. C., isso parecia ter acontecido muito tempo antes.

– Então o que fez? Deu-lhes a quinta? – Ele não conseguia disfarçar o tom amargurado. Depois de tudo o que ele e Nate tinham feito, parecia que Cay ia descontraidamente dar a quinta a outra pessoa. Alex nunca tinha levado a mal que ela se achasse no direito de fazer o que quer que fosse, mas agora estava ressentido.

– Disse-lhes que, se levassem as minhas cartas à minha família, eu trataria de pedir ao meu pai que os empregasse. O Josiah gosta de plantar coisas e, como o meu pai tem uma quinta que precisa de um capataz, sugeri essa posição na carta para o meu pai. O que se passa consigo? Está a reagir como se eu tivesse feito algo que não devia. Pensei que ficasse satisfeito por eu ter conseguido enviar as cartas, uma para o Nate, a contar-lhe a verdade, e outra para o meu pai, dizendo-lhe que estou a adorar a minha estadia em Charleston. Vão ser entregues em mão.

Alex receava que o jornal de Charleston tivesse incluído o nome de Cay nos artigos publicados acerca da fuga da prisão e que, por aquela altura, o pai e os irmãos dela já estivessem na vila. Mas não ia dizer-lhe isso.

– A empregada sabia que a Cay era uma mulher? Foi por isso que a deixou...? – Alex fez um gesto à frente do peito.

– Não, ela acha que sou um rapaz que está a tornar possível que ela escape com o homem que ama. Quanto ao... – Cay imitou-lhe o gesto. – Ela tinha a blusa desarranjada por causa do... sabe, daquilo no estábulo com o Josiah e eu estava a compô-la. Receio que, por um instante, me tenha esquecido de que devia ser um rapaz. Foi só por um minuto. Só me esqueci por um minuto e não voltarei a esquecer-me. Aqueles homens fizeram mesmo uma grande algazarra por causa disso, não fizeram?

– Sim, fizeram. E essa algazarra foi tão grande que vão lembrar-se bem de nós.

Alex levantou-se, foi até à janela estreita e espreitou lá para fora. Precisava de se controlar. Cay agira bem e ele não tinha o direito de estar zangado com ela. Se T. C. tivesse conseguido impedir que o nome dela fosse publicado e se, por alguma razão, a carta de Alex não houvesse chegado às mãos de Nate, Cay teria feito uma coisa *muito* boa. E não fora ela quem lhe roubara o sonho. Isso acontecera quando Lilith fora... levada deste mundo.

Cay nada sabia sobre as preocupações de Alex. Estava a pensar que era estranho encontrar-se naquele pequeno quarto com ele, já que tinha passado a maior parte do tempo ao ar livre. Com as paredes a confinar o espaço, a situação tornava-se muito mais íntima. Cay avançou e colocou-se ao lado dele.

– Está a pensar na sua mulher? – perguntou-lhe em voz baixa.

– Sim. Queria criar cavalos e nós íamos...

Ele interrompeu-se e virou-se para olhar para Cay. Ela tinha o cabelo espesso solto da fita que o prendia na nuca e as suas pestanas longas acompanhavam-lhe o olhar inocente.

Cay sentiu a estranheza que se instalava entre eles e isso não lhe agradou. Gostava da camaradagem simples que tinham desenvolvido e queria mantê-la.

– Não há dúvida de que cheira bem – comentou.

A sorrir, Alex virou costas à janela e o momento desconfortável passou.

– Quero este lado da cama, o mais próximo da porta.

– Para poder proteger-me se alguém arrombar a porta? – A sua intenção era brincar, mas, assim que pronunciou as palavras, desejou não o ter feito. Parecia que estava a referir-se à noite em que a mulher dele morrera. – Eu não queria...

Ele estava de costas para Cay, pelo que ela não conseguia ver-lhe o rosto, mas viu-o a retesar os

ombros e, passado um instante, a descontraí-los.

– Farei tudo o que puder para a proteger.

Ao voltar-se, olhou para ela e, por um segundo, Cay viu a dor profunda que existia no íntimo dele.

«Tenho de o fazer rir», pensou. Era o sentido de humor o que o arrancava à tristeza. Começou a desabotoar a camisa.

– Mas que raio julga que está a fazer? – perguntou ele com rispidez.

– Pedi que nos trouxessem uma tina e vou tomar um banho de água quente.

Alex fez um ar chocado, mas depois o seu rosto relaxou. Mais uma vez, a dor tinha-se ocultado.

– E eu lavo-lhe as costas.

– Lava-as a Eliza.

– Então eu lavo o peito *dela*.

Cay riu-se, pois ele vencera-a. Ela não conseguiria arranjar uma rebatida melhor.

– Vire-se. Tenho de tirar esta banda antes de ir para a cama.

– Dormia com um espartilho, porque não pode dormir com isso? – perguntou ele já a virar-lhe costas.

– Um espartilho acentua a parte de cima, mas esta coisa... Oh, pronto. Sim, maravilhoso. Estou mesmo no céu. Já pode virar-se.

Obedecendo, Alex olhou para ela e desejou não o ter feito. Ela tinha a camisa vestida e abotoada, mas esta deixava pouco à imaginação.

– Por que motivo aqueles homens terão julgado que era um rapaz é uma coisa que não entendo.

– Obrigada – disse Cay, a sentar-se à beira da cama para tirar os sapatos e as meias.

– Já chega. Não vai tirar nem mais uma coisa.

Cay não conseguia conter o sorriso. Tinham-lhe feito muitos elogios ao longo da vida, mas o que Alex dissera parecia mais real. Ele não estava a dizer-lhe coisas agradáveis por saber que a família era rica ou que ela herdaria um bom quinhão, mas por ela ser, bem, desejável. Apesar de todo o conforto das roupas de rapaz, ela gostava mais de ser rapariga.

Ainda a sorrir e quase completamente vestida, Cay meteu-se na cama, do lado da janela, tapou-se com as cobertas leves e observou Alex, que se movimentava pelo quarto. Pensou que, um dia, seria casada e ficaria sozinha num quarto com um homem que amaria e que seria parte de um verdadeiro casal.

Alex descalçou as botas e despiu o colete, mas, quando começou a desabotoar a camisa, olhou para ela e parou. Tal como ela, meteu-se na cama com quase toda a roupa, depois soprou para apagar a vela e tapou-se.

Cay ficou deitada na escuridão a ouvi-lo respirar. Tinham passado várias noites juntos, mas, de certa forma, estarem a sós naquele pequeno quarto parecia mais íntimo. Entre eles estava o travesseiro comprido e cilíndrico, mas ela sabia que ele estava perto.

Sentia-se cansada, depois de um dia longo de cavalgada, e queria dormir, mas, ao ouvir a respiração acelerada e forte de Alex, percebeu que algo o perturbava. Demorou algum tempo a calcular o que seria até concluir que provavelmente seria a primeira noite que passava numa cama num quarto desde que a mulher fora assassinada.

Fora assassinada, repetiu ela mentalmente, reparando que pensava na questão em termos que indicavam não ter sido Alex a fazê-lo.

– Como era ela? – perguntou em voz baixa.

– Calada – respondeu ele e, ao início, Cay julgou que estava a dizer-lhe que queria que ela se calasse. Porém, ouvia a respiração dele e percebia que adivinhara aquilo que lhe ia na cabeça.

– Não era como eu, então?

– Não, não era. Era calada, delicada e sofisticada.

– Não passava os dias a saltar para trás e para a frente num cavalo, pois não?

– Não. Mas reconheço que gostei bastante dos seus saltaricos.

Cay ouvia e sentia o desconforto a começar a abandoná-lo. A sua estratégia estava a funcionar. Virando-se de lado, apoiou a cabeça numa mão e olhou para ele por cima do grande travesseiro. Estava de barriga para cima e ela via-lhe o perfil iluminado pelo luar que entrava pela janela.

– Fale-me dela.

– O que quer saber?

– Qualquer coisa. Onde cresceu ela? Como era a família dela? Que escola frequentou? Quantos irmãos e irmãs tinha?

– Não sei – disse Alex num tom surpreendido. – Não sei a resposta a nenhuma dessas perguntas.

– Não sabe onde foi que ela cresceu?

– Não. – Virando-se, Alex fitou-a. – Nunca lhe perguntei e ela nunca me disse. Mas a verdade é que passámos tão pouco tempo juntos...

Cay recostou-se na almofada.

– Que esquisito. Eu falei-lhe da minha família dez minutos depois de nos termos conhecido.

– Pois, pois falou, menina. Contou-me tanto acerca da vossa vida e da sua família que sinto que os conheço. Mas a Lilith não era assim. Dizia pouco, apenas o que era importante.

– Mas a família *é* importante. A família é tudo. Sei que o seu pai é muito importante para si. Falou dele à sua mulher?

– Falei. Conte-lhe muito acerca da minha vida na Escócia e falei-lhe do meu pai. Ela gostava de ouvir as minhas histórias. Não me entendia quando não falava com sotaque americano, mas eu não podia culpá-la por isso, pois não?

Cay ficou satisfeita ao detetar o humor na voz dele e agradava-lhe ouvir que a respiração de Alex estava a abrandar. Fizera o que tencionava: acalmara-o. Claro que lhe passou pela cabeça que, se tivesse algum juízo, não passaria a noite trancada num quarto com um homem condenado por ter cortado a garganta da mulher que dormia a seu lado.

Tal como ela pressentia as mudanças de humor dele, também ele sabia distinguir alterações na respiração dela.

– Se preferir que vá para outro quarto, eu vou.

– Não – respondeu ela. – Sinto-me mais segura consigo aqui.

Ele nada disse durante algum tempo, mas depois estendeu o braço por cima do travesseiro e pegou-lhe na mão pequena.

– Obrigado. É apenas a segunda pessoa a ter acreditado em mim.

Cay gostou de ter a mão grande e quente dele na sua – gostou demasiado. Afastou a mão e virou-se de costas para ele.

– Se desaparecer na Florida sem me mostrar como faz aquele truque do lenço, retirarei tudo o que disse.

Sorriu ao ouvi-lo abafar o riso e perceber, pelo serenar da respiração, que estava a adormecer. A respiração suave e calma dele descontraíu-a, mas Cay fitou a Lua pela janela e pensou no que

aconteceria nos dias seguintes.

Graças às muitas perguntas que fora fazendo, conseguira calcular qual seria o «plano» que ele tinha para ela. A sua intenção era largá-la com alguns amigos do tio T. C. enquanto ele ia explorar. Ao fim de uma semana ou duas, ainda vestida de rapaz, Cay deveria regressar para casa dos pais, na Virgínia, esperando que nunca se viesse a saber coisa alguma acerca da sua escapadela, na qual ajudara um criminoso a fugir. Não se voltara a falar de tentar provar a inocência de Alex como ao início. Algures pelo caminho, parecia que ele tinha abandonado a ideia. Ao longo dos últimos dias, só falara do regresso de Cay à família e a um lugar seguro.

Teria desistido das suas ideias de justiça?, perguntava-se ela. E, se fosse esse o caso, tê-lo-ia feito por sua causa? A forma como passara a falar mostrava-lhe que pretendia embrenhar-se nas terras da Florida selvagem e talvez nunca mais voltar.

No entanto, ela dera pela diferença na voz dele ao falar do passado. Quando falava acerca dos cavalos, fazia-o cheio de energia, até entusiasmo. Deixara a terra natal e o pai com esperança numa vida futura.

«Tal como eu tenho um plano para a minha», pensou Cay. Ela sabia o que queria da vida e ele também. Alex até tinha começado a prepará-la enquanto ainda vivia na Escócia. Cay sorriu ao lembrar-se da história que ele lhe contara acerca de ter acasalado a sua égua com um garanhão «monstruoso». Fizera-o para poder chegar à América e um dia ter uma quinta sua, na qual viveria com a mulher e os filhos.

«Ele quer exatamente o mesmo que eu», pensou ela, e a tristeza quase a assoberbou ao aperceber-se de que era possível que ela conseguisse o futuro que queria, mas que isso estaria vedado a Alex. Seria atormentado pelo facto de ter sido condenado por homicídio e escapado a um enforcamento por apenas um dia para o resto da vida.

Mas e se Nate recebesse a sua carta, fosse a Charleston e descobrisse quem matara a mulher de Alex? Saber quem matara alguém não a faria ressuscitar. Embora fosse verdade que talvez viesse a ser absolvido de todas as acusações, *nunca* recuperaria a mulher que amava. Seriam necessários anos para superar um acontecimento tão trágico – isto se alguma vez recuperasse.

– Pare de pensar tanto – disse Alex. – Está a manter-me acordado.

– Está bem – respondeu ela. – Só que não me parece que ir para a Florida vá resolver o que quer que seja.

– A mim também não – admitiu ele –, mas, neste momento, é a única coisa que posso fazer. Precisamos de dormir, já que eu faço tenções de partir bem cedo.

– Talvez conseguisse adormecer se enterrasse a cara no seu cabelo e inspirasse o perfume de jasmim.

– Nem pense em tocar-me.

– Sim, Mister McDowell – disse ela a fechar os olhos.

Na manhã seguinte, bem antes de o Sol nascer, Alex disse a Cay que saísse da cama, mas ela não acordava.

– Temos de ir, por isso ponha aquela coisa no peito e vamos embora.

– Quero o meu chocolate quente – balbuciou Cay enquanto tentava levantar-se. – E quero tomar um banho.

– Tomou banho há dois dias. Agora vista-se.

Assim que Alex foi até ao outro lado do quarto, ela deixou-se cair na cama e adormeceu de imediato.

– Levante-se! – exclamou ele, agarrando-a pelo cós das bragas e puxando-a. – Deixe-se cair assim outra vez e dou-lhe uma grande palmada nesse rabiosque redondo.

– É cruel.

Parecia que ela não conseguia abrir os olhos e, apesar de estar de pé, não parava de baloiçar.

– Cay! – chamou-a ele num tom austero. – Vista-se.

– Estou vestida – balbuciou ela.

Ele agarrou no pano com que ela prendia o peito e atirou-lho para cima de um ombro, mas ela limitou-se a ficar ali parada. Dado que não se mexia, ele disse:

– Que Deus me perdoe, estou tentado a deixá-la ficar aqui! Já fui lá abaixo e o taberneiro descobriu que a filha fugiu com o moço da cavaliariça. O homem sabe que alguém os ajudou. Se a deixar aqui, não será capaz de manter a boca fechada e acabará a vangloriar-se de ter tratado de *tudo*. O mais provável é que ele a mande prender.

Cay abriu um olho.

– Não me deixava aqui sozinha, pois não?

Alex, completamente vestido, parou junto à porta.

– Cinco minutos. Se não estiver ao pé dos cavalos daqui a cinco minutos, não voltará a ver-me.

Cay manteve-se imóvel durante um minuto inteiro. Era óbvio que ele estava a mentir, mas, por outro lado, se calhar não estava. Quatro minutos e meio depois de Alex ter saído do quarto, Cay encontrava-se diante do estábulo, a bocejar ao lado da égua. Quando ele saiu da taberna, com duas canecas a fumegar nas mãos, ela disse-lhe:

– Bem que demorou. Estou há horas à sua espera. – Viu o laivo de um sorriso a surgir-lhe sob os bigodes, mas ele limitou-se a passar-lhe uma caneca. – Onde está o pequeno-almoço?

– É só isto. O taberneiro está demasiado zangado para cozinhar. O homem com quem queria que a filha casasse está lá dentro.

Uma vez que ele nada mais dizia, ela perguntou:

– Então e como é ele?

Os olhos de Alex revelavam a sua diversão.

– Muito velho, muito feio.

Ela sorveu a caneca e encaminhou-se para a taberna, mas ele agarrou-a por um braço.

– Onde julga que vai?

– Contar ao homem o segredo do óleo de jasmim. Faz com que até homens velhos e feios fiquem com bom aspeto.

– Monte a sua égua – disse-lhe Alex a rir. – Se cavalgarmos a bom ritmo, poderemos chegar lá amanhã.

– Amanhã? – repetiu ela e a palavra despertou-a. Só mais um dia.

Alex fitou-a, já montado no seu cavalo.

– Vai sentir-me a falta, menina?

Ela queria dizer-lhe que ficaria contente por ver a família, mas as palavras não lhe saíam da boca. Quando o viu a franzir o sobrolho, percebeu que ele tinha recomeçado a preocupar-se.

– Falei-lhe do Ephraim? – perguntou ela a saltar para a sua égua.

– É o terceiro pretendente?

Ela seguiu-o pelo átrio e para a estrada.

– Sim. Tem quarenta e dois anos, é viúvo e tem três filhos quase adultos.

– Menina, por favor, diga-me que está a brincar.

– Não. Ele é bastante abastado, tem uma bela casa e...

– Mas deixa-lhe o coração a dançar de alegria assim que o vê?

– Creio, Alex McDowell, que é o homem mais romântico que alguma vez conheci.

– À exceção, claro, do Adam.

– Em noites longas de inverno, o Adam escreve poesia.

Alex gemeu.

– Espero nunca vir a conhecer o seu irmão perfeito.

Quando Cay olhou para Alex, ocorreu-lhe que ele talvez nunca chegasse a conhecer qualquer um dos seus parentes. Ele observou-lhe o semblante a mudar, viu o brilho a abandonar-lhe o olhar.

– Está pronta para cavalgar? Consegue acompanhar-me?

– Venço-o em qualquer corrida.

– Assim está melhor. Já chega de tristezas. Não tardará a livrar-se de mim.

Virou-se e começou a descer pela estrada a um ritmo acelerado, com Cay a segui-lo de perto.

À medida que avançavam para o sul mais profundo, foram deixando de ver vilas e até estradas. Passavam por enormes plantações magníficas que mais pareciam aldeias que casas. Hectares de campos cheios de anil, de algodão e de arroz faziam fronteira com os caminhos sulcados e infestados de ervas daninhas pelos quais eles seguiam.

Quando não eram plantações, eram casas minúsculas e decrepitas nas quais parecia sempre haver uma dúzia de crianças a correr. O contraste entre os muito ricos e os muito pobres era vincadíssimo.

Cay observava tudo tanto quanto podia, correspondendo ao ritmo exigente que Alex marcava. De vez em quando, ele olhava para trás e perguntava-lhe se estava bem, ao que ela assentia com cabeça.

O sol tornou-se mais brilhante, o céu mais azul, as pessoas e os edifícios mais dispersos. Ela puxou o chapéu de palha para baixo a fim de escudar os olhos do brilho ofuscante e continuou a avançar.

Ao meio-dia, pararam junto a um ribeiro, comeram e beberam.

– Continua a desejar estar em casa? – perguntou-lhe Alex.

Ela olhou em redor, observando as palmeiras altas de troncos esguios e os fetos enormes.

– Não, acho que não.

– Nem sequer pelos seus dois homens?

– Três.

– Não está mesmo a considerar o que tem filhos crescidos, pois não? Que idade tem o mais velho?

– É um rapaz de dezoito anos.

Alex pôs a tampa no seu cantil.

– Há de meter-se na cama consigo.

– Nunca o faria. É um rapaz muito amável. Estuda direito.

– Oh, nesse caso... se é advogado deve ter um carácter impecável.

– O senhor é horrível.

– Nunca disse que não era. – Montou o seu cavalo e olhou para ela. – Se eliminar o velho, fica com um pregador e um jogador. Menina, precisa de pensar bem com quem vai casar.

Alex encaminhou o cavalo de volta à estrada estreita a rir-se.

Enquanto montava a égua, Cay deitou a língua de fora a Alex. Porém, este voltou-se e viu-a – e riu-se tanto que ela teve vontade de lhe bater.

Cavalgaram durante mais algumas horas e as estradas foram-se estreitando até não serem mais que trilhos. Por duas vezes, pararam junto a casas para que Alex pedisse indicações. Em ambas, as pessoas convidavam-nos a entrar, como se os proprietários estivessem ávidos por companhia e notícias do mundo. Cay queria ficar, queria desmontar e dar uma volta, mas Alex recusava sempre. Numa das casas, uma rapariga bonita, que teria uns dezasseis anos, olhou para Cay batendo as pestanas e ofereceu-lhe um grande naco de broa de milho. Não ofereceu nada a Alex.

Quando estavam de novo a caminho, Cay começou a comer a broa com entusiasmo.

– Acho que é mesmo a *melhor* broa que alguma vez provei. *Hmm*. Que delícia. – Não ofereceu nem uma dentada a Alex. – Sabe porque foi que ela me deu isto, não sabe? – perguntou. Alex manteve-se calado. – Estava a tentar seduzir-me, foi por isso. E estava a tentar seduzir-me porque julgou que eu era um rapaz.

Alex mirou-a de cima a baixo. As bragas colavam-se-lhe às coxas, o cabelo dava-lhe pelos ombros e o grande chapéu projetava uma sombra que parecia um véu sobre o rosto dela. Ele achava que ela não poderia ter um ar mais feminino.

– Acaba apenas de provar que as pessoas são estúpidas.

– Veem o que devem ver. Quando vamos parar para passarmos a noite? Há por aqui algumas tabernas?

– Nesta estrada, não. Vai partilhar isso ou não?

Cay tinha um grande pedaço de broa na mão.

– Posso vender-lho.

– É a menina que tem o dinheiro.

– Não quero dinheiro. Quero que me diga que planos tem para mim.

Ele fitou-a de olhos semicerrados.

– Como se ainda não soubesse.

– Quer dizer que percebeu o que motivava as minhas perguntas subtis?

– A menina não sabe o que quer dizer subtil.

– Muito bem, então conte-me uma história acerca de quando era pequeno.

– E se lhe contasse que quando estive preso partilhava a cela com ratos? Ou talvez queira que lhe conte que os habitantes da vila me atiravam pedras quando eu era arrastado para o tribunal?

O rosto de Cay perdeu o sorriso e entregou-lhe a broa. Ele devorou-a em duas dentadas.

– Esse seu coração sensível ainda a deixará em apuros. Ganhei! – exclamou ele antes de esporear o cavalo.

– Seu... – gritou ela enquanto ele acelerava à sua frente. Maldito fosse! Porque não teria ela dado ouvidos a Tally quando o irmão quisera ensinar-lhe palavrões? – É uma pessoa muito má, Alexander McDowell! – bradou ela e o riso dele flutuou pelo ar até a alcançar, mas por essa altura também já ela sorria.

—E se as pessoas da estalagem não gostarem de mim? — perguntou Cay.

Alex estava a apagar todos os vestígios do que restava da fogueira.

— Como poderão não gostar? — perguntou ele em voz baixa.

— O quê?

— Disse que não vai viver com elas para sempre, apenas durante umas semanas, pelo que ficará bem.

— Quantas semanas?

— Não sei. — Pisou um ramo que ainda estava a fumar. Quando olhou para Cay, viu que ela o fitava como se achasse que ele detinha as respostas a todas as suas perguntas. — Menina, realmente não sei o que esperar. Não posso propriamente perguntar a alguém o que ouviu dizer acerca do assassino que fugiu de Charleston, pois não?

Cay sentou-se num cepo e pensou que era capaz de ficar ali. De acordo com o mapa do tio T. C. — que ela acabara de ver — estavam a apenas três horas da vila minúscula à beira do rio St. Johns, onde Alex deveria encontrar-se com Mr. Grady. A vila tinha cerca de uma dúzia de casas, um entreposto comercial e mais umas quantas lojas. Uma das casas aceitava hóspedes e era aí que ela ficaria. Tinha julgado que «amigos» de T. C. lhe dariam guarida, mas, afinal, o que a esperava era uma simples estalagem.

Alex sentou-se a seu lado.

— Então, menina, ânimo. Será só durante algum tempo, depois voltará a estar com a sua família.

— E como hei de chegar lá sozinha? E se for atacada por salteadores?

— Será mais rápida que eles. Ou então passará para o outro lado do cavalo e esconder-se-á como eu lhe ensinei.

Ela detetou o riso na voz dele. Levantou-se e fitou-o com um ar zangado.

— Enquanto *o senhor* vai divertir-se nas áreas selvagens da Florida!

Quando a noite anterior já ia avançada, tinham acampado no meio de um matagal de plantas espinhosas e, como já era hábito, haviam dormido perto um do outro. O tempo estava demasiado ameno para que precisassem do manto ou de uma fogueira, mas eles sentiam-se demasiado exaustos para inventarem justificações para não ficarem juntos. Alex colocou um cobertor no chão húmido e ia colocar outro a vários metros daquele, mas, depois de olhar de relance para Cay, juntou-os. Afinal, seria a última noite que passariam juntos.

Estavam demasiado cansados para conversarem muito, mas, naquela manhã, Alex mostrara-lhe o mapa de T. C. e ela pudera ver quão perto se encontravam. Tinham passado a manhã a cavalgar a bom ritmo e Cay nem um sorriso esboçara.

— Então, menina, alguma piada pronta há de ter — instigou-a Alex, cavalcando ao lado dela.

— Não, nem uma.

— E se eu despejasse mais óleo no cabelo?

Ela tentou pensar nalguma réplica engraçada, mas não foi capaz.

Ao início da tarde, Alex desviou-se do caminho agreste, entrou numa clareira rodeada por arbustos densos que ameaçavam engoli-los e preparou uma fogueira. Sabia que estava a desperdiçar tempo, mas, tal como Cay, tinha noção do tempo que lhes restava antes de se despedirem para sempre. Ia sentir a falta dela. Não lho disse, mas estava profundamente preocupado com o que poderiam encontrar à espera deles.

Agora, sentado no cepo, olhou para ela.

– Não faria isto se não tivesse de o fazer. Sabe disso, não sabe? Se as coisas fossem como eu queria, havia de... – Sorriu. – Havia de ir consigo e conhecer os seus irmãos.

Ela sentou-se no cepo ao lado dele.

– Se não precisasse de se esconder na selva, seria um homem casado e não me teria conhecido.

– É verdade – concordou ele. – Mas talvez, se eu conseguir descobrir o que me fizeram, um dia possa ir visitá-la.

– Não o fará. – Cay suspirou. – Acho que a minha vida inteira ficou arruinada.

– Lamento, menina. Nunca tive a intenção de a transformar numa fugitiva, de ter artilheiros a persegui-la ou de...

– Mas a questão é mesmo essa – interrompeu-o ela, levantando-se de novo. – Eu acho que *gosto* disto tudo. Antes de ter acontecido, era uma pessoa muito feliz. Tenho uma família maravilhosa, bons amigos e moro numa vila muito agradável. Tinha tudo. Mas agora... – Ela estendeu os braços. – Agora nada tenho para além da roupa que trago vestida e...

– E do vestido no meu alforje – acrescentou ele –, com três ganchos com diamantes.

Ele estava tão contente por tornar a vê-la com energia que teve vontade de voltar a dançar com ela, como fizera na loja.

– Sabia que a minha mãe geriu uma companhia?

Alex teve de se impedir de lhe dizer que sabia tudo acerca disso, pois não queria interrompê-la.

– Que género de companhia?

– Foi em Boston, antes de se ter casado, e empregava muitas mulheres para venderem fruta. Teve um grande sucesso e, quando vendeu o negócio, conseguiu bastante dinheiro, que deu às empregadas. A minha mãe fez algumas coisas verdadeiramente maravilhosas. Mas e *eu*, o que fiz?

– Enlouqueceu três homens com a sua indecisão? – sugeriu ele.

Ela sabia que ele estava a brincar, mas não achou graça.

– É isso mesmo! A verdade é que já me custa lembrar-me da aparência que têm esses homens.

– Um feio, um bonito e um no meio termo.

Cay assentiu com a cabeça.

– Mais ou menos.

– Então o que está a dizer, menina? Quer ficar na Florida e esperar que eu volte? Não sei durante quanto tempo estarei ausente.

Ele queria dar a Nate tempo suficiente para investigar.

– Esperar – repetiu Cay. – Devo *esperar*.

A palavra parecia-lhe horrível, mas, ao mesmo tempo, ia pensando que talvez pudesse desenhar o que visse. O seu professor, Mr. Johns, dissera-lhe muitas vezes que era uma pena que ela não pudesse ir para oeste e pintar as paisagens magníficas que ele ouvira dizer que havia lá. Talvez pudesse, enquanto esperava pelo regresso de Alex, ir até às plantações por onde tinham passado e pintar retratos dos habitantes.

– Talvez não seja assim tanto tempo – disse Alex sem conseguir esconder a esperança que se revelava na sua voz.

Talvez, quando ele regressasse, Nate já tivesse descoberto a verdade. No últimos dias, tinha-se perguntado *por que motivo* haveria alguém de desejar a morte de Lilith. Porquê a dela e não a dele? E, para além disso, já se tinha perguntado se seria possível que o que fora sugerido durante o julgamento correspondesse à verdade: que tivesse sido Lilith quem deitara droga no vinho e lho dera a beber. Mas voltava sempre à mesma pergunta: *porquê?*

– Está a pensar na sua mulher, não está? Tem outra vez aquele olhar distante e triste.

– Já me conhece bem. – Alex pousou a mão no cepo a seu lado e Cay sentou-se. – Não ficarei muito tempo na expedição. E se ficasse cerca de um mês e depois dissesse ao Grady que tenho de partir? Ajudava-o a arranjar alguém para cuidar dos cavalos, regressava e acompanhava-a de volta à Virgínia.

Cay fez um esgar.

– Fazer isso iria contra todo o propósito da sua fuga. Não, temos de nos separar. O seu plano para me deixar é bom, acontece apenas que não me agrada.

Ele ficou satisfeito com a lógica dela e com a forma como era capaz de se sacrificar.

– Espero provar a minha inocência.

– Se não o fizer, passará a vida toda escondido.

– Eu sei, menina – disse ele em voz baixa –, mas posso garantir-lhe que farei tudo o que puder para poder limpar o *seu* nome.

– Tenho a certeza que o meu pai e os meus irmãos impedirão que me aconteça seja o que for. É consigo que estou preocupada. É um bom homem e...

– Ai agora sou um bom homem? – atalhou ele já a montar o seu cavalo.

– Às vezes é – replicou ela num tom tenso, a pôr um pé no estribo. Ela estava a tentar fazer-lhe um elogio, mas ele, como sempre, ria-se dela.

– Convida-me para jantar na sua grande casa? Relembraremos os tempos em que dormíamos juntos na nossa grande cavalgada para sul e deixaremos o seu marido louco de ciúmes.

O desafio dele era contagioso.

– Depois eu e o meu marido discutiremos, mas faremos as pazes de uma forma muito amorosa e isso deixá-lo-á ciumento *a si*.

Ela pegou nas rédeas e avançou de nariz bem altivo.

– Ah! – exclamou Alex ao colocar-se ao lado dela. – Por essa altura eu terei duas... não! Três mulheres nos braços e serei o proprietário da maior quinta equestre de todo o estado da Virgínia.

– Perderá até a camisa ao jogo e que mulher quererá um velho malcheiroso como o senhor?

Ela estava contente por vê-lo a sorrir e especialmente satisfeita por ouvi-lo falar de mulheres que não a falecida esposa.

– O perfume de jasmim será o último grito no vestuário masculino – disse ele, imitando um homem que se importasse com a moda. – Até os comerciantes o usarão nos seus coletes de pele.

– E isso atrairá as borboletas, o que dará azo a uma nova tendência para as mulheres. Os nossos chapéus serão cobertos de asas de borboletas.

– E o seu marido detestá-los-á porque o fãrão espirrar.

– Eu vou casar-me com alguém tão másculo que nunca espirrará sequer – respondeu ela ao mesmo tempo que incitava a égua a avançar.

O bom humor de Cay durou mais uma hora, porém, quando começou a pensar no que aconteceria quando chegassem, foi-se sentindo mais tristonha a cada passo que davam. Ficaria sozinha numa estalagem durante semanas depois de Alex partir, depois deveria seguir, como ele lhe dizia várias vezes, com cautela até casa. Não lhe ocorria coisa alguma mais enfadonha, solitária ou perigosa. Não conseguia evitar pensar numa centena de coisas que poderiam correr mal. Apesar de ter dito a Alex que estava certa de que a família lhe limparia o nome, não deixava de se preocupar. E se a polícia de Charleston se apercebesse de que o mais provável era que o prisioneiro tivesse ido para sul? Havia muita gente a par das expedições do tio T. C., pelo que seguramente a sua próxima viagem seria conhecida. Ela sabia que T. C. e Mr. Grady planeavam aquela jornada desde a primavera, por isso não seria necessário um grande trabalho de investigação para calcular que o fugitivo em fuga – e a sua cúmplice – tivessem ido para a Florida ao encontro da equipa expedicionária.

Se assim fosse, o que faria Cay se as autoridades aparecessem na Florida depois de Alex partir? Estaria sozinha. Completamente por sua conta e risco.

Como já era frequente, Alex pareceu adivinhar-lhe os pensamentos.

– Antes de partir para casa, terá de pedir que lhe contem as últimas notícias e descobrir se ainda a perseguem. Mas tenho a certeza de que o T. C. já tratou disso.

– Como poderá tê-lo feito?

– De várias maneiras. Poderá ter-lhes dito que a menina ia encontrar-se com alguém e que foi apanhada no caos provocado pela fuga da prisão. Quando a sua família chegar a Charleston, confirmará que não se encontrava lá quando eu estava com a Lilith. Na verdade, será como se nunca me tivesse conhecido.

– Então vão julgar que foi apenas uma coincidência que o tio T. C. o tenha visitado na cadeia e que eu, afilhada dele, estivesse consigo quando fugiu?

– Talvez ele possa dizer que ia a caminho de algum encontro secreto com um dos vários homens que a pedem em casamento. Não sei. Tenho a certeza de que o T. C. seria capaz de inventar uma centena de histórias. – Alex teve de inspirar fundo para se acalmar, pois a voz começava a revelar a preocupação que sentia. – O que sei é que terão tratado de tudo e que será seguro para regressar a casa. Se eu não tivesse a *certeza*, não a deixaria ir.

– Mas o *senhor* não ficará a salvo.

– Seja como for, eu não tenho uma casa a que regressar – disse ele em voz baixa, mas conseguindo oferecer-lhe um sorriso. – Pense nas coisas boas, menina. Vai voltar a ver a sua família e também os homens que ama.

– Oh! Esses – disse Cay sem grande interesse. – Tenho estado a pensar e acho que é capaz de ser melhor procurar mais. Talvez devesse procurar fora de Edilean.

– Isso é uma boa ideia – concordou Alex. – Talvez até pudesse procurar fora de Williamsburg.

– O que será de mim quando não o tiver sempre pronto a troçar de mim?

– Em breve descobrirá – respondeu ele num tom alegre.

Ela lançou-lhe um olhar aguçado.

– Está mesmo desejoso de viajar pelo interior desta selva, não está?

A paisagem que os rodeava era lindíssima, com palmeiras, arbustos carregados de botões a florir e pássaros grandes que ela nunca antes vira.

– Creio que sim – disse Alex. – Quando o T. C. me propôs isto, estava numa cela de prisão e não conseguia imaginar-me num barco e a deslizar por aquilo que ele dizia ser um paraíso. Mas agora,

que vejo esta terra, penso que gostaria de ver mais.

– Quem vai ocupar o lugar do tio T. C., como gravador?

– Não sei.

A mente de Cay começou a esboçar uma ideia.

– Mister Grady terá sido informado de que o tio T. C. não virá?

– Não sei. Presumo que o T. C. lhe tenha escrito uma carta a dizer-lhe que precisará de outro gravador, pelo que talvez o Grady chegue já com alguém para esse lugar.

– Mas nós viemos tão depressa. Se Mister Grady também estiver a viajar até aqui, não poderá ter recebido carta alguma.

– Isso não é problema meu. De certeza que ele conseguirá encontrar outra pessoa que desenhe as plantas e os animais. Que dificuldade terá isso?

Cay quase se lançou numa longa explicação do que era necessário à preparação de um artista, mas não o fez. Em vez disso, manteve-se silenciosa, começando a pensar noutra possibilidade. Era uma ideia demasiado rebuscada para ser exequível, mas, ainda assim, agradava-lhe.

Uma hora depois, entraram na povoação e Cay olhou à sua volta. As poucas casas estavam cobertas com algo que parecia ser lama caiada e os telhados com folhas secas de palmeira. As estruturas pareciam-lhe encantadoras. À sua direita ficava um edifício comprido e baixo que ela supôs ser a estalagem. Duas raparigas adolescentes encontravam-se no exterior à sombra, uma delas a debulhar milho seco, a outra a usar um grande pilão num almofariz para o moer. Pararam a tarefa e observaram Alex e Cay com interesse.

Alex assentiu com a cabeça na direção da casa.

– Vamos começar por deixá-la instalada.

– Não! – Perante o olhar dele, ela acrescentou: – Quero dizer, vamos ver onde deve encontrar-se com Mister Grady. É possível que ele esteja à sua espera e se pergunte se vai aparecer.

– Chegámos com um dia de antecedência, por isso duvido que ele já tenha contratado outra pessoa.

– Mas não temos a certeza, pois não?

Alex tentou suprimir um sorriso.

– O que a assusta mais, menina? A ideia de estar sozinha ou o medo da falta que lhe vou fazer?

– Como hei de sair da cama de manhã sem o senhor a puxar-me pelas bragas? E como viverei sem o perfume de jasmim à minha volta durante a noite? – A sua intenção era que as palavras fossem uma piada, mas disse-as sem humor pois de facto sentiria a falta daquelas coisas.

Alex esboçou um sorriso compassivo.

– Muito bem, então, menina, vamos lá descobrir onde devo encontrar-me com Mister Grady.

Ele puxou as rédeas do cavalo para a esquerda e Cay seguiu-o de bom grado. Não queria enclausurar-se numa estalagem. O clima estava agradável, ameno e fragrante e ela queria ficar ao ar livre durante tanto tempo quanto fosse possível.

Foi fácil encontrarem o lugar combinado, pois havia uma doca que se projetava num rio calmo e plácido. Ali havia pilhas de caixotes de madeira e dois homens estavam a verificá-los. Um parecia ter cerca de quarenta anos e era baixo, robusto, com cabelo grisalho e muito bem arranjado. O outro era um rapaz alto e magro, com cabelo cor de palha, um grande nariz e sardas. Nunca seria bonito, mas, à sua maneira, era atraente. E pavoneava-se ao caminhar de uma forma que levou Cay a lembrar-se de Tally.

– É o amigo do T. C.? – perguntou o homem mais velho, de olhos postos em Alex. – O que faz

magia com os animais?

– Acho que não estarei à altura disso – disse Alex enquanto desmontava. Ou, pelo menos, julgou que o dizia. O que os homens tinham ouvido fora: «Eu cá’cho que nã ‘tarei à’ltura diss’»¹⁰, pelo que se limitavam a fitá-lo.

Cay desmontou e colocou-se ao lado de Alex.

– O que o meu irmão queria dizer é que não sabe se corresponderá aos elogios que o T. C. Connor lhe terá tecido. – Estendeu a mão para cumprimentar o homem. – Chamo-me Cay. Eu... – Assim que disse o seu nome, interrompeu-se. As pessoas costumavam julgar que era um diminutivo de Kesia, um nome de rapariga.

Alex passou-lhe um braço à volta dos ombros num gesto fraternal.

– É uma abreviatura de Charles Albert... – hesitou por um instante e completou: – Yates.

Cay lançou-lhe um olhar intenso. Não lhe agradava tomar o apelido do homem que os denunciara ao xerife.

– E este é o meu irmão... – Pensou se deveria usar o primeiro nome dele, mas «Alex» era bastante comum. – Alex Yates.

Obviamente, Alex também não gostava do apelido e apertou-lhe mais o ombro com os dedos, mas ela afastou-se dele.

– Tudo isto pertence a Mister Grady.

– É verdade – confirmou o homem mais velho enquanto correspondia ao aperto de mão de Cay. – Eu sou o Elijah Payson e todos me chamam Eli. E este malandreco é o Tim Dawson. Onde está o T. C.?

– Caiu e partiu uma perna – informou Alex. – Não virá.

Falava lentamente, tentando pronunciar as palavras com cuidado para que Eli o compreendesse.

– Isso não vai agradar a Mister Grady – disse Eli. – Ele quer que vamos a sítios onde nunca antes foram pessoas brancas e quer que tudo seja registado.

– Se virmos plantas que comam gente, de certeza que vai querer desenhos delas – comentou Alex. Eli riu-se.

– Estou a ver que ouviu algumas das histórias do T. C. Se virmos algumas dessas, teremos de atirar o jovem Tim para lá, por isso vamos precisar de alguém que o desenhe a ser comido vivo.

Parecia que Tim não gostava de ser alvo de uma piada. Ficou com o rosto vermelho de raiva.

– *Ele* é mais pequeno que eu! – exclamou a apontar com o queixo para Cay.

– É verdade – disse Alex –, mas o meu irmão não vai connosco. Ficarà por aqui durante a minha ausência. – Voltou-se de novo para Eli. – Então, mostre-me o que têm os caixotes.

– Com todo o gosto – replicou Eli e afastaram-se ambos para irem inspecionar o conteúdo dos caixotes.

Cay avançou pelo pontão em direção ao rio e admirou a sua beleza. Quando era criança, passara bastante tempo a velejar e a remar no rio James com os irmãos. Até então não lhe ocorrera que a expedição seria feita por via fluvial, mas fazia sentido. Nos últimos dias fora observando que as estradas se tornavam cada vez mais impenetráveis e o que rodeava a povoação parecia não passar de selva.

– Então não vais connosco?

Virou-se e deparou-se com o rapaz, Tim. Era mais alto do que ela, mas mais novo, e tão magro que parecia que o seu corpo ainda não se habituara à altura.

- Não – respondeu ela a sorrir-lhe.
- Tens medo, é?
- Ora, não, não é por isso que não vou.
- Há lá aligátors. Já ouviste falar disso?
- Sim, já.

Ela continuava a sorrir, mas a atitude dele complicava as coisas. Ele era quase beligerante.

- Já viste algum?
- Não. Se me dás licença...

Ele impediu-a de se ir embora.

- Vais a correr contar ao teu irmão mais velho que te chamei medricas?

Cay endireitou-se e fitou o rapaz.

- Não faço qualquer tenção de te mencionar ao meu irmão ou a quem quer que seja.

O olhar dela dava a entender que não o considerava suficientemente importante para falar dele.

- Achas que não vais lembrar-te de *mim*? – perguntou ele e, num abrir e fechar de olhos, bateu-lhe com força num ombro.

Cay cambaleou para trás, tentou recuperar o equilíbrio mas não conseguiu e, no instante seguinte, caiu ao rio. Ficou debaixo de água, no meio das plantas e do lixo que as pessoas tinham atirado para ali. Viu várias caveiras de animais enquanto se debatia por regressar à superfície. Alex estava ajoelhado na doca, de mão estendida para a puxar para cima e ela percebeu que por pouco não mergulhara para a salvar. Tinha o sobrolho muito franzido.

- Mas c’a demónios ‘tava a fazer? – A voz dele revelava zanga e receio. – Não tenho com que me ralar sem que se afogue?^{[11](#)}

Ela respondeu-lhe no mesmo dialeto:

- O lingrinhas deu-me uma chapada.^{[12](#)}
- Ai deu? – perguntou Alex com um sorriso a revirar-lhe as comissuras dos lábios.

- Ele caiu – disse Tim bem alto. – O rapaz tropeçou num caixote e caiu logo à água. Eu tentei apanhá-lo, mas não consegui.

- Foi assim, rapaz? – perguntou Eli, a fitar a figura molhada de Cay com um ar compassivo.

Estavam os três a observá-la, à espera que respondesse, e ela sentia-se tentada a dizer a verdade mas sabia que isso era a forma feminina de resolver os assuntos. Tinha visto os irmãos a fazerem coisas horríveis uns aos outros, mas todos eles prefeririam morrer a denunciar-se. Parecia que havia algum estranho código de honra masculina que ditava que a verdade fosse ocultada. Teve de morder a língua, mas disse:

- Sim, caí.
- Pronto, acontece – respondeu Eli num tom amável. – Ao menos não se magoou.

Alex pôs o braço à volta dos ombros dela, numa atitude protetora.

- Vamos lá arranjar-te umas roupas secas. – Olhou para Eli. – Vemo-nos de manhã cedo.

- Mister Grady deverá chegar por volta do meio-dia – disse Eli. – Vou deixar que seja o *Alex* a dizer-lhe que não temos gravador.

- Eu digo – confirmou Alex, começando a afastar Cay dali.

Mas ela voltou-se.

- Esqueci-me do chapéu.

Quando caíra à água, o chapéu voara-lhe e aterrara na doca. Enquanto o apanhava, o rapaz, Tim,

olhava para ela com um ar trocista e vitorioso. Cay tinha o cabelo a escorrer e a pingar-lhe para o nariz. Sabia que não deveria ser tão infantil e que decerto não deveria descer ao nível do rapaz odioso, mas não conseguiu conter-se. Talvez as roupas masculinas que usava estivessem a transformá-la no irmão Tally. Ao endireitar-se depois de ter apanhado o chapéu, esticou a perna e prendeu-lhe o tornozelo com o pé. Os pés do rapaz deslizaram pelo chão e ele caiu para a frente, batendo com a cara na lateral de um caixote de madeira.

Cay colocou o chapéu na cabeça com um gesto decidido e passou por ele de queixo erguido.

– Ele deixou-me a sangrar do nariz! – gritou Tim atrás dela.

Eli fitou o rapaz com um ar severo.

– Mas a culpa foi só tua, não foi, rapaz? Tal como disseste que o jovem Cay tinha caído ao rio por culpa sua, este teu azar também foi um acidente. Não foi?

Cay manteve-se de costas voltadas e conteve a respiração.

– Tropecei – disse Tim com relutância.

A sorrir, Cay olhou para Alex.

– Está pronto? Vamos andando?

– Vamos, a menos que queira fazer mais alguma coisa. Se calhar, gostaria de atropelar o rapaz com uma carruagem.

– Não. Um nariz a sangrar já chega. – Ela exibia um sorriso doce. – Acha que podíamos ir comprar umas roupas novas? Caso contrário, terei de correr por aí nua até estas secarem.

– Cay, menina, depois do que fez àquele rapaz, vou obedecer a tudo o que disser.

– Se ao menos isso fosse verdade – replicou ela com um suspiro, o que o fez rir.

[10](#) No original: «Ah dornt think Ah can bide up tae 'at». (*N. da T.*)

[11](#) No original: «What the bludy heel waur ye daein'?» / «Ah dornt hae enaw tae fash yerse abit withit ye drownin'?» (*N. da T.*)

[12](#) No original: «At worthless wee stumph gae me a stoatin skelp.» (*N. da T.*)

Cay segurava as roupas molhadas longe do corpo enquanto endireitava o novo colete bonito. O proprietário do entreposto comercial dissera que o tinha adquirido a um jovem cavaleiro que precisava de dinheiro para mantimentos antes de se aventurar nas terras selvagens.

– Nunca voltou – contou o homem, de olhos arregalados, a tentar amedrontar Cay. – Provavelmente, foi comido por qualquer coisa.

– O meu irmão não vai participar na viagem – informou Alex sem pinga de humor na voz. A última coisa que desejava era que Cay ficasse mais assustada do que já estava. – Quanto custa o colete?

Agora Alex estava a franzir o sobrolho por causa da forma como Cay não parava de admirar os bordados que debruavam a peça, representando abelhas a zumbir num rebordo de flores silvestres. Na sua opinião, ela estava com um ar tão feminino que seria melhor que vestisse as roupas velhas e quase puídas que ele lhe escolhera. Porém, nada a satisfazia para além do colete decorado.

– Pare com isso ou as pessoas vão perceber que é uma rapariga – resmungou-lhe entre dentes.

– Aquele homem achou que eu era um rapaz. E o horroroso do Tim também e o Eli não duvidou que eu fosse do sexo masculino. Só o senhor julga que pareço uma rapariga.

– São todos cegos.

Colocando-se à frente dele, ela virou-se e começou a andar às arrecuas.

– Quer dizer que, se me visse agora, ou seja, se não me conhecesse e nunca me tivesse visto antes, saberia que eu era uma rapariga?

– Sim – respondeu Alex. – Anda como uma rapariga, fala como uma rapariga e azucrinas como uma rapariga. Nunca vi alguém mais feminino que a menina.

– Acho que está aí um elogio.

– Não, não está. – Alex estava de cenho carregado. – Se a deixar aqui, vão desmascará-la e, quando alguém se aperceber de que está a ocultar a sua verdadeira identidade, quererão saber porquê.

– Então leve-me consigo. – A ideia passara o dia a bailar-lhe na mente, mas ela tencionava ir convencendo Alex lentamente, não apresentá-la assim de supetão. – Eu sei... – Ia começar a dizer que sabia desenhar, mas ele interrompeu-a.

– Nem pensar! Está fora de questão. Não, não e não.

E caminhou à frente dela, dirigindo-se à estalagem.

– Mas... – Ela alcançou-o. – Talvez ir consigo seja melhor que ficar aqui sozinha e desprotegida.

– Não. Enveredar por território desbravado onde cada curva revela um novo perigo *não* é melhor que ficar aqui em segurança. E não quero ouvir nem mais uma palavra sobre este assunto.

Ao abrir a porta da estalagem, lançou-lhe um olhar que indicava que não escutaria mais nada do que ela pudesse ter a dizer.

Cay endireitou os ombros e entrou à frente dele. Queria replicar com alguma resposta aguçada, mas logo foi avassalada pelas duas raparigas que tinham visto do lado de fora ao chegarem à povoação.

– Sabíamos que vinha aí – disse uma delas, de olhos arregalados a fitar Cay. – Eu disse à Alice

que ia hospedar-se connosco.

Eram gémeas, ao que parecia idênticas e não particularmente bonitas. Usavam vestidos que tinham sido lavados muitas vezes e já estavam desbotados. Ao pé delas, Cay, no seu colete belamente bordado, tinha um ar resplandecente.

– É o rapaz mais bonito que alguma vez vi – disse a segunda rapariga enquanto dava o braço a Cay. A primeira deu-lhe o braço do outro lado.

– Venha para a sala de jantar que nós damos-lhe de comer. Está muito magro.

– É verdade que vai ficar meses e meses connosco?

Cay olhou por cima do ombro, implorando silenciosamente a Alex que lhe acudisse, mas ele estava a fitá-la com um sorriso que ela já conhecia bem. O desconforto dela estava a agradar-lhe muito – e ele sentia-se contente por ela ir ficar ocupada durante algum tempo.

– Tenho umas coisas que preciso de tratar – disse com a voz carregada de riso. – Até logo, maninho. Tem uma boa noite.

Cay lançou-lhe um olhar que prometia que se vingaria por ele estar a abandoná-la, mas Alex limitou-se a sorrir ainda mais enquanto se ia embora, fechando a porta depois de sair.

Assim que ficou sozinha com as duas jovens, estas bombardearam-na com perguntas.

– Que idade tem?

– Onde mora a sua família?

– É casado? Comprometido?

– Qual é a sua comida preferida? Sou uma excelente cozinheira.

– Vi-o a andar de cavalo. Eu também gosto de cavalos. Acho que temos muito em comum.

– Vai mesmo ficar meses connosco? Podemos cavalgar juntos todos os dias. Só nós os dois. Eu levo um cesto para fazermos um piquenique e, se nos perdermos, poderemos passar a noite toda fora.

Quando a rapariga que fizera esta oferta começou a acariciar a mão de Cay, ela recolheu-a e sentou-se à mesa de jantar.

– Fora! – estrondeou uma voz atrás dela. – Saiam já as duas e deixem este jovem em paz.

Ao virar-se, Cay viu uma mulher diante da porta com uma travessa de comida e uma caneca nas mãos. Era alta e elegante, mas um pouco envelhecida para poder ser considerada bonita. Cay calculou que estivesse no início da casa dos trinta anos, mas tinha um olhar que a fazia parecer mais velha, como se tivesse visto e feito demasiado na sua curta vida.

Enquanto pousava a comida à frente de Cay, lançou um olhar ameaçador às raparigas e estas, ainda que relutantes, saíram da sala.

– Peço desculpa pelo comportamento delas – disse a mulher. – Não é muito habitual recebermos jovens e receio que elas se tenham excedido um pouco. Farei os possíveis por mantê-las afastadas de si enquanto estiver hospedado cá.

No prato de Cay estava um pássaro assado que não se parecia com uma galinha nem com qualquer outra criatura alada que ela alguma vez tivesse visto, o que a fez interrogar-se sobre o que se caçaria naquela parte do país. Com hesitação, agarrou na fâca e no garfo que a mulher lhe tinha dado e começou a comer. Estava bom.

– Sou a Thankfull¹³ – disse a mulher ao sentar-se à frente de Cay.

Cay quase perguntou porque estava agradecida, mas não o fez. Tinha passado tanto tempo com Alex que já fazia piadas a propósito de tudo.

– Como sabiam que ia hospedar-me aqui?

A boca de Thankfull remexeu-se com humor.

– O Tim veio cá para tratar do nariz. Ainda bem que não vai com eles, caso contrário, ele ia arranjar-lhe problemas.

– Ele antipatizou comigo de imediato.

Cay estava a comer um legume que nunca vira antes mas que era delicioso. Gostava de saber se cresceria na Virgínia. Talvez na estufa de laranjas da mãe.

– Acho que ficou com ciúmes – disse Thankfull. – Esperava ser o mais novo da viagem, mas depois o Cay apareceu com a sua juventude, elegância e educação, e...

– Educação? – Não lhe agradava que aquela mulher adivinhasse muito a seu respeito.

Thankfull sorriu.

– Segundo o jovem Tim, fala como um professor de inglês. Não que ele alguma vez tenha visto um, mas não há dúvida que tinha muito a dizer acerca dos seus «modos sobranceiros».

Cay ficou satisfeita por a mulher parecer compreender tão bem o rapaz e começava a achar que gostava dela. O que era bom, pois parecia que teria de passar muito tempo na sua companhia.

– Vive aqui há muito tempo?

Thankfull foi até ao aparador de onde tirou uma tigela de cerâmica. Do pouco que Cay vira, a casa estava parcamente mobilada com peças que pareciam ter sido fabricadas na zona e mantinha-se limpa e arrumada.

– Desde sempre – respondeu Thankfull enquanto punha colheradas de fruta cortada na tigela e a colocava à frente de Cay. – Não é bem assim, mas parece que já se passou uma eternidade.

Cay sabia que não deveria pedir-lhe mais pormenores, pois essa era uma característica feminina. O seu pai costumava dizer que poderia conhecer um homem ao longo de vinte anos e não ficar a saber tanto a seu respeito como a mulher descobria em vinte minutos.

No entanto, não conseguiu conter-se. Estava num lugar desconhecido, rodeada de desconhecidos, e queria ficar a par da vida daquela mulher.

– E o que a faz sentir isso? – perguntou.

Durante algum tempo, Thankfull nada disse, porém a expressão de Cay encorajou-a. Não o referiu, mas praticamente todos os hóspedes que recebiam eram homens mais velhos, que só queriam falar de algum género de negócios. Não perdiam tempo a sentar-se à conversa com uma estalajadeira.

– A minha mãe morreu quando nasci, portanto, durante vários anos fui só eu e o meu pai. Ele gostava de mudar de poiso pelo que nunca conheci muita gente a fundo, mas havia um jovem... – Acenou com a mão, como se isso não tivesse importância. – Seja como for, o meu pai ouviu dizer que havia trabalhos melhores e, enfim, que tudo era melhor mais para sul, por isso fomos descendo e descendo. Ele voltou a casar quando eu tinha dezassete anos e a sua nova mulher teve as gémeas, a Jane e a Alice. Ela não era uma mulher fadada para a maternidade nem para a vida doméstica.

– Quer dizer que se aproveitou do facto de ter uma enteada mais velha e a encarregou do cuidado das filhas e da casa?

Thankfull sorriu e, quando o fez, Cay achou que ficava com um ar muito mais jovem e bonito.

– Mais ou menos. Afinal, ela só tinha mais seis meses que eu. Queria aproveitar a vida.

– Mas a senhora...

Thankfull encolheu os ombros.

– Ela morreu quando as meninas tinham dez anos e o meu pai morreu no ano a seguir, pelo que foi bom eu ainda estar em casa e poder cuidar delas.

– Então foi mãe sem ter sido esposa.

– Uma pessoa faz aquilo que tem de fazer.

– Sim, pois faz – reconheceu Cay, agarrando na tigela de fruta e olhando lá para dentro. Estava a pensar em tudo o que acontecera consigo e Alex. Ela fizera realmente aquilo que tinha de fazer.

– Então vai ficar aqui e esperar que o seu irmão volte da expedição de Mister Grady?

– Na verdade, o meu irmão quer que eu passe umas semanas aqui e depois volte para casa.

– Sozinho?

– Sim – respondeu Cay. – Que mal tem isso?

– É tremendamente jovem para viajar sozinho.

– Tenho vinte anos.

A boca de Thankfull abriu-se de espanto.

– Por favor, não conte isso às minhas meias-irmãs. Eu disse-lhes que só tinha dezasseis. Se elas ficarem a saber que já tem vinte, obrigam-no a casar com uma delas no espaço de duas semanas.

Cay sorriu.

– Duvido.

– Sim, é o que farão – asseverou Thankfull num tom grave. – Não faz ideia do quanto elas desejam sair daqui. A Alice diz que vai ser atriz, mas a Jane quer casar-se e ter filhos.

– Mas elas não podem ter mais do que... que idade têm?

– Catorze, quase quinze. Mas têm estado expostas a muito nas suas curtas vidas, o que as convence de que são mais velhas. Esperava que o Cay pudesse gostar de uma delas e... e...

– Que a tirasse das suas mãos?

– Sim – admitiu Thankfull, a sorrir.

– Então também gostaria de sair daqui?

– Mais do que de qualquer outra coisa.

– Mas não encontrou um homem, entre tantos que decerto virão até aqui? – perguntou Cay.

– Já recebi propostas, sim, mas não, não encontrei um homem com que quisesse ficar. Se é que me entende.

Cay ia dizer que a entendia perfeitamente, mas pensou duas vezes e calou-se. Se iria passar semanas na companhia de Thankfull fazendo-se passar por homem, o melhor seria começar a agir como tal.

Quando Thankfull lhe disse que tinha uma carta para lhe entregar, a surpresa foi tal que Cay quase se engasgou.

– Quem poderá tê-la enviado?

Thankfull sorriu devido à construção cuidada da frase e olhou de relance para a porta, a fim de se assegurar de que não havia olhares à espreita.

– É de Mister Connor.

A forma como ela proferiu o nome levou Cay a fitá-la com curiosidade. Até parecia que Thankfull tinha um fraco pelo homem. Ou, como Alex decerto diria, «uma paixão ardente». Mas a verdade era que ele parecia ver romance em tudo.

– Sim? – acabou Cay por dizer. – E tem a certeza que é para mim?

Thankfull tirou do bolso um papel dobrado e, por um momento, segurou-o como se tivesse relutância em separar-se dele.

– Diz apenas «para Cay» e está endereçado ao meu cuidado. Foi entregue ontem por um homem a

cavalo. Acho que ele deve ter viajado dia e noite para chegar cá antes de o seu irmão se ir embora.

– Pois deve – murmurou Cay, agarrando na carta. Queria quebrar o selo de lacre sem mais delongas e ver o que escrevera o tio T. C., mas bastou olhar para Thankfull para saber que não poderia fazê-lo. Era óbvio que a mulher queria ouvir o conteúdo da carta, mas Cay nada poderia revelar-lhe.

– Já acabou de comer? – perguntou uma das gémeas, espreitando à porta.

Thankfull suspirou.

– Acabou – disse ela enquanto levava o prato e a tigela vazios. – Mas talvez agora queira descansar.

– Mas eu tenho coisas que quero mostrar-lhe – revelou uma das raparigas.

– E eu também – retorquiu a outra. – Por favor, venha lá para fora connosco. Há montes de coisas que gostaríamos que visse.

Cay sentia-se dividida entre querer fugir das raparigas e desejar manter o seu disfarce de rapaz, ao qual provavelmente agradaria ter duas jovens a darem-lhe atenção.

– Podem mostrar-me algumas das curiosidades desta zona? – perguntou enquanto se levantava.

– Mostramos-lhe tudo o que quiser ver – disse uma das raparigas entre risinhos.

Cay sorriu-lhes e pensou que, quando tornasse a ver a mãe, lhe imploraria que a perdoasse. Muitas vezes a considerara demasiado austera, demasiado antiquada, mas agora percebia o que acontecia a raparigas que não tinham uma mãe para as corrigir a toda a hora. Era *naquilo* que se transformavam.

– Não tem de ir – disse-lhe Thankfull, lançando um olhar severo às irmãs.

– Não, não faz mal – respondeu Cay enquanto permitia que as raparigas a puxassem pelas mãos e a levassem para fora da sala. – Estou interessado nesta terra.

¹³ Nome homófono da palavra «thankful», que significa agradecido/a. (*N. da T.*)

—Elas tentaram beijar-me! – contou Cay, horrorizada, a Alex.

A noite já tinha caído, eles encontravam-se no estábulo e ele estava a escovar os dois cavalos.

– Ai sim, tentaram?

– Não se *atreva* a começar a rir-se de mim. Se o fizer, eu... – Esboçou um pequeno sorriso. – Não o deixo ver a carta do tio T. C.

Aquela frase fê-lo parar de sorrir. Virou-se e olhou para ela.

– O que diz ele?

– Na verdade, ainda não a abri.

– Não a leu?

– Para que saiba, estive muito ocupada desde que me deixou no meio daqueles tubarões-fêmeas. Sabe o que as duas raparigas queriam de mim? Tocaram-me por todo o lado. E, sempre que eu dava um passo, elas tentavam beijar-me. Uma delas fez-me tropeçar para que caísse no colo da outra. Elas...

– Então são como todas as outras mulheres do planeta – concluiu Alex sem dar importância à questão. – Onde está a carta?

– *Não* são como as outras mulheres. *Eu* nunca...

– Como há de saber um homem quando uma mulher quer que ele a beije, a menos que ela lho diga? – perguntou ele num tom impaciente. – Agora dê-me a carta.

– Talvez tenha razão, mas existe uma coisa chamada subtilidade. Os médicos usam sanguessugas que não se colam tanto a uma pessoa como aquelas duas a mim. Eu não podia dar um passo sem que elas...

O olhar que Alex lhe dirigiu fê-la parar de falar acerca das gémeas e tirar a carta do bolso, embora fosse pensando que deveria ter lido a carta sozinha. Afinal, era-lhe dirigida. No entanto, nos últimos dias habituara-se de tal forma a partilhar tudo com Alex que nem lhe ocorrera guardá-la só para si.

Estendeu-lhe a carta selada, mas ele não a aceitou. Em vez disso, recomeçou a escovar-lhe a égua.

– Leia-ma.

Cay quebrou o selo da carta. Ver a caligrafia do tio, que conhecia tão bem, quase a levou às lágrimas, mas inspirou fundo e recompôs-se.

– Foi escrita cinco dias depois... de eu o ter conhecido. – Parecia ser a forma mais educada de descrever a fuga da prisão. Começou a ler:

Minha querida, tão querida Cay

Não posso sequer começar a pedir perdão pelo que te aconteceu. A culpa foi toda minha e nunca me perdoarei. No entanto, por mais que gostasse de me alongar enquanto me restassem papel e tinta, o Adam está cá e sabes bem o que isso significa. Tenho de ir direito

ao assunto.

Em primeiro lugar, os teus pais nada sabem. Na noite daquilo a que apenas posso chamar o Grande Erro, a Hope seguiu numa pequena e veloz carruagem com Cuddy, a criada fiel da tua mãe, e foi até Edilean para pedir o auxílio do Nate e de quantos dos teus irmãos fosse possível. Por sorte, o Adam encontrava-se em casa e tratou de tudo. Ele percebeu que contar ao vosso pai implicaria começar uma guerra. O Angus perderia a cabeça, receando pela tua segurança e, se ele descobrisse que fora eu quem a fez perigar, a minha vida estaria acabada, e com razão.

O Nate disse-me que o Adam é capaz de mentir de forma admirável quando é preciso e, desta vez, superou-se. Contou uma história incrível aos vossos pais para justificar a necessidade de partirem de imediato e ele e Nate chegaram aqui em tempo recorde. Acho que o Adam é capaz de ter posto um arnês numa águia e voado até aqui.

O Adam passou um dia a falar com gente de cá, a fazer perguntas e, assim que eu terminar esta carta, tenciona ir-se embora, mas não me diz para onde. O Nate ficará em Charleston, a tentar resolver o enigma de como terá a mulher do Alex sido assassinada dentro de um quarto trancado.

Cay, o teu bom nome foi repostado. Isso foi simples de fazer, mas, se estás a ler esta carta, deverás ter chegado à Florida. Será que o Alex...

Cay parou de ler em voz alta enquanto passava os olhos rapidamente pelo resto da carta. Em seguida olhou para Alex.

– Tinha razão quando disse que o tio T. C. arranjará maneira de me ilibar.

– Leia o resto – ordenou Alex.

– Não é importante. Já comeu alguma coisa? A Thankfull, a estalajadeira, cozinhou um pássaro qualquer que eu nunca tinha visto. Recheia-o com arroz e umas especiarias. Fica mesmo bom e...

– Leia a carta e não salte nem uma palavra. – O tom de Alex indicava que não toleraria uma desobediência.

Ela tornou a levantar a carta.

Será que o Alex ainda está contigo? Quando o visitava na prisão, era um homem muito zangado e a dor que sentia por ter perdido a mulher quase me partiu o coração. Ter-te-á feito companhia durante o longo percurso para sul? O meu coração aflige-se com aquilo porque deves ter passado com ele.

O Adam pediu-me que te dissesse para ficares aí na Florida e esperares que um dos teus irmãos te vá buscar. Não deverás deixar esse local, mas antes permanecer até que um deles, provavelmente o Tally, vá ter contigo. O Adam repetiu isto vezes sem conta. Parece que não acredita que sejas uma jovem muito obediente. Eu disse-lhe que se dava exatamente o oposto, que tinhas acedido de imediato a ajudar o pobre Alex quando ele precisava. Cay, minha querida, o teu irmão mais velho dirigiu-me alguns palavrões que nem em todas as minhas viagens entre marinheiros e homens das montanhas tinha ouvido!

Imploro-te, por favor, fica onde estás. A Thankfull irá cuidar de ti e poderás usar os meus

materiais artísticos enquanto esperas. Ela mostrar-te-á onde estão. É uma jovem muito bondosa e foi ela que me ajudou a reunir tudo. Diz-lhe

Cay, querida, será que conseguiste fazer o Alex falar? Enquanto estava preso, pouco dizia. Prometi segredo, mas deixa que te diga que ele sabe mais do que eu julgava. Não digas ao Alex, mas a carta que ele escreveu na cadeia nunca chegou ao destinatário. O Nate pede para dizeres ao Alex, se ele ainda aí estiver, que ele fez um juramento sagrado em como descobrirá quem lhe assassinou a mulher.

Agora tenho de ir. O Adam está a olhar-me de uma maneira que me assusta. É tão parecido com o vosso pai!

Despeço-me com carinho e lamento toda a dor que te causei e à vossa família. Quando voltarmos a ver-nos, lembra-me de que te devo chocolate.

*Com muito amor,
T. C. CONNOR*

Cay voltou a dobrar a carta e olhou para Alex, mas este mantinha o rosto virado, concentrando-se na égua. Contudo, ela já o conhecia suficientemente bem para saber que estava a pensar intensamente no que o tio T. C. escrevera.

– A que se referia ele quando disse que o senhor sabe mais do que ele julgava?

Alex continuou em silêncio a escovar o dorso da égua.

– Fico satisfeito por saber que a ilibaram – acabou por dizer. – E concordo com os seus irmãos quanto a dever ficar aqui e esperar que um deles a venha buscar. Não me agradava a ideia de fazer a viagem de regresso sozinha. – Olhou de relance para ela. – Mesmo que esteja vestida de rapaz. – O tom da sua voz indicava que achava aquilo risível.

– O Tally – comentou Cay, fazendo a palavra parecer pesada e proibitiva – vai rir-se de mim.

Alex emitiu um som que dava a entender que ser ridicularizada seria uma reação adequada.

– Mas acho que o calará com histórias da sua aventura. Cavalgou noite dentro com um assassino fugido à justiça. Pode falar-lhe do medo que sentiu e do perigo constante em que viveu.

Cay arqueou uma sobrancelha.

– O perigo por que passei quando dançámos na loja? Ou quando encostou a cabeça no meu colo e lhe esfreguei óleo de jasmim no cabelo?

Alex virou a cara para que ela não o pudesse observar.

– Não sei, menina – respondeu ele num tom suave. – Naquela primeira noite teve medo de mim.

– É verdade. Por pouco não lhe cortei a garganta.

Ele abafou uma risada.

– Sabe que ainda tenho uma crosta no flanco, onde me picou?

– Não piquei nada!

– Ah, picou, sim. Foi depois, quando saímos pela lateral do celeiro e me soltou as bragas da tábua.

– Tornou a olhar para ela. – Deixe-me que lhe diga, menina, que achei que me ia esfaquear ali mesmo e não sabia se teria sido capaz de me desviar para que não me acertasse.

– Não foi uma escolha fácil para mim, entre o senhor e o proprietário daquele estábulo decrepito.

– Está contente por me ter escolhido? – perguntou Alex, a rir-se, mas, enquanto olhava para ela, o

seu rosto ficou sério. Era fácil perceber que, mais uma vez, ela estava a dizer-lhe que não queria ficar ali sem ele.

– Sim.

Seguiu-se um momento desconfortável em que se entreolharam e o facto de aquela ir ser a última noite que passariam juntos pairou no ar. Alex pôs-lhe fim.

– Então e beijou?

– Quem?

– Beijou as raparigas?

– Que doentio. É pior do que um assassino, é demente. Devia ser trancado num asilo.

– E o jovem Tim? Ele ficou mesmo impressionado consigo. Voltou para trás para lhe dar um beijo, foi?

– Vou dizer ao meu irmão Adam que o senhor não me tratou muito bem e ele dá-lhe uma tarefa.

Alex riu-se.

– Oh, vou mesmo sentir-lhe a falta, menina. Fez-me rir depois de ter julgado que não voltaria sequer a sorrir.

– Nem estaria vivo, se não fosse eu – replicou ela numa voz absolutamente séria, com o olhar a cravar-se no dele.

Alex tornou a virar-se para os cavalos.

– Não, não irá comigo e não me faça começar a falar disso outra vez. Conte-me mais acerca da comida deste sítio. A partir de amanhã, sou capaz de começar a jantar aligátor. A que saberá?

– Espero que saiba a carícias de burro apodrecido – ripostou ela, fitando-lhe as costas com um ar furioso. – E não se atreva a pedir-me que durma consigo esta noite porque não o farei. O senhor, Alexander... Yates é um palerma ingrato, mesquinho e mal-humorado. E quem me dera saber algumas das palavras que o meu irmão conhece para poder chamar-lhe essas coisas.

Sem mais, ela saiu do estábulo e bateu com a porta. Alex virou-se, olhou para a porta e suspirou. Ia sentir muito, muito mesmo, a falta dela.

* * *

Horas depois, nessa noite, Cay estava na cama – sozinha – e teve de se esforçar para não chorar. Quando deixara Alex, as gémeas estavam à sua espera, com mais perguntas e mais tentativas para lhe tocarem. Eram tão diretas nos avanços que faziam que ela se sentiu tentada a dizer-lhes a verdade, que era uma mulher. Mas não poderia fazer isso.

A ideia de ter de lidar com aquelas duas nem que fosse só por um dia era o bastante para a fazer desejar saltar para cima da sela e encaminhar-se para norte. Não conseguia sequer imaginar uma semana inteira – ou mais – perto delas.

E pior ainda era que, quando esse tempo horrível chegasse ao fim, seria Tally quem veria. Tally! O irmão que gostava, mais do que de qualquer outra coisa, de a fazer sentir que era incompetente em tudo o que tentasse.

Já o ouvia: «Então estavas de vestido de gala quando foste acudir a um criminoso condenado a meio da noite? Não tiveste medo que o teu vestido se sujasse? Nem de que o teu cabelo se soltasse daquilo que usas para o aguentar no alto da cabeça, seja lá o que isso for?»

E ele não se calaria enquanto ela teria de ficar a seu lado e suportá-lo.

Contudo, talvez pudesse alvejá-lo, pensou. Uma bala no ombro. Ou talvez numa coxa. Ele

recuperaria, mas, até lá, havia de se calar.

Estava entretida com estes pensamentos encantadores quando ouviu uma batida na porta. Dado que ouvira Thankfull a ameaçar as raparigas para que não tornassem a incomodá-la, teve a certeza de que seria Alex, decerto para lhe pedir desculpa. Espalhou sobre a almofada o cabelo que lhe restava.

– Entre.

Quando Thankfull passou a cabeça pela nesga entre a porta e a ombreira, Cay desatou a enfiar o cabelo atrás da cabeça.

– Não queria incomodá-lo, mas fiquei a pensar se a carta de Mister Connor conteria alguma coisa má.

– Não – respondeu Cay. – Só notícias de casa.

– Não pude deixar de notar que, quando saiu do estábulo, estava um pouco irritado pelo que pensei que talvez...

Cay recordou-se que, futuramente, teria de ser mais cautelosa. Estava habituada a andar na estrada com Alex, onde nunca se cruzavam mais que uma vez com a mesma pessoa.

– Não, foi só o meu irmão a ser igual a si mesmo.

– Oh! – exclamou Thankfull. Estava a fitar as mãos e parecia ter mais alguma coisa a dizer mas não saber como fazê-lo. – Ainda bem, então. Quanto à carta, quero dizer. Espero que Mister Connor esteja bem.

Quando Cay pôs de parte a sua exasperação com Alex, apercebeu-se do que Thankfull queria: saber notícias do tio T. C. Connor.

– Não há dúvida de que ele a tem em grande consideração.

– Tem? – perguntou Thankfull, levantando a cabeça e sorrindo. – Quero dizer, eu também o tenho em alta estima. Contou-lhe da vez que fizemos a sua arca de pinturas flutuar?

– Mencionou o episódio – respondeu Cay, dizendo uma mentira educada. T. C. nunca falara de mulheres, a menos que pertencessem a alguma tribo índia que ele tivesse visitado. – Mas não me recordo dos pormenores.

– Importa-se? – pediu Thankfull, avançando para a cadeira ao lado da cama.

– Não, claro que não – disse ela, endireitando-se na cama.

Tinha despido o colete novo mas continuava com a camisa larga. Deixara as bragas dobradas aos pés da cama e ocorreu-lhe que, se fosse de facto um homem, aquele encontro seria muito impróprio.

– Mister Connor e Mister Grady estiveram cá na primavera e fizeram planos para agora.

– E hospedaram-se aqui consigo?

– É verdade – anuiu Thankfull, de novo a olhar para as mãos. – Mister Grady estava sempre muito ocupado, mas Mister Connor... – Olhou para Cay. – Deve saber que ele é um artista magnífico. Até Mister Grady o dizia.

Cay teve de se esforçar para não responder. Na sua opinião, o tio T. C. era um excelente botânico, mas o que desenhava ou pintava não tinha qualquer valor.

Thankfull levantou-se e acercou-se da janela, fitou a Lua e depois tornou a olhar para Cay, sentada na cama.

– Normalmente, não presto muita atenção aos homens que passam por aqui, mas Mister Connor era diferente. Era amável e educado e travávamos conversas maravilhosas.

– Ele é um homem muito bom.

– Não é!? – replicou Thankfull entusiasmada enquanto tornava a sentar-se na cadeira. – Trouxe

caixas de materiais de arte. Tinha umas grandes resmas de papel que tinha sido feito em Itália, lápis de cor franceses e aguarelas inglesas. Era tudo tão bonito.

Cay apenas conseguia pestanejar de espanto, pois era óbvio que a mulher estava apaixonadíssima por T. C. Connor. Cay gostaria de saber se o amor seria correspondido. Segundo a sua mãe, o tio T. C. era incapaz de amar quem quer que fosse, à exceção da falecida Bathsheba.

– Na carta que me escreveu, o tio T. C. dizia que a senhora sabia onde estava o material artístico dele e que eu posso usá-lo enquanto espero que um dos meus irmãos me venha buscar.

– Ele disse isso? Que amável da parte dele lembrar-se. Sim, tenho-o no meu quarto.

Cay ficou com vontade de lhe perguntar se dormia com o material a seu lado, mas conteve-se.

– Referiu uma arca?

– Sim, ele tinha um baú de metal onde guardava o material e as obras acabadas. Estava tão bem construído que era à prova de água. Eu e Mister Connor fomos até ao rio e atirámo-lo para nos assegurarmos de que flutuava e não deixava entrar água. Claro que atámos uma corda à volta do baú, para que não fosse parar a Cowford, mas tudo correu na perfeição, tal como ele tinha planeado. Quando o puxámos, horas depois, os papéis que tínhamos colocado lá dentro estavam tão secos como quando deitámos a caixa ao rio.

– Horas? – perguntou Cay e, quando Thankfull corou, o seu rosto pareceu anos mais jovem. «É impressionante o que o amor pode fazer a uma pessoa», pensou ela.

– Demorámos quase um dia inteiro a verificar se a arca era ou não à prova de água.

– Deve ter sido uma diversão agradável para si.

– Foi, realmente. – Thankfull tornou a levantar-se. – O baú está fechado, mas Mister Connor deixou-me a chave. – Se a carta dele diz que pode usar os itens, será de bom grado que lhos darei. Mas precisarei de uma prova, como é óbvio.

– Sim, uma prova – repetiu Cay, esforçando-se por não franzir o sobrolho.

Parecia que Thankfull tinha arranjado uma justificação para ver a carta de T. C., mas, obviamente, Cay nunca poderia mostrar-lha, pois continha demasiada informação privada. Portanto, não teria acesso ao material do padrinho enquanto ali estivesse, abandonada por Alex, o *Ingrato*.

– Agora deixo-o dormir – disse Thankfull. – Bastará que me deixe ver a confirmação de Mister Connor para que lhe entregue a arca.

A sorrir, aproximou-se da porta. Por impulso, Cay perguntou-lhe:

– Como é Mister Grady?

Os olhos de Thankfull arregalaram-se.

– Acho que não sou capaz de o descrever. O Tim diz que ele chegará amanhã, por isso poderá ver por si mesmo.

– Considera-o um homem amável?

– Ele... James Grady é um homem único. Parece-me que o melhor é ir embora agora ou as raparigas ficarão com a ideia errada a nosso respeito.

Apressadamente, ela saiu do quarto. Depois de deixar passar um bom minuto, Cay começou a dar murros na almofada. Pior e pior e pior. Tudo estava a agravar-se muito depressa. Enfrentava a possibilidade de passar semanas a ser torturada por três mulheres perdidas de amores. Duas delas pareciam decididas a transformar Cay em seu marido, enquanto a terceira, antes de lhe permitir que tivesse sequer um lápis para desenhar, tentaria obrigá-la a mostrar uma carta que ela não poderia revelar. O que haveria ela de *fazer* durante aquelas semanas?

E, como se isso não fosse suficientemente mau, no final desse tempo, seria Tally quem viria buscá-la.

Não pela primeira vez, ocorreu-lhe saltar pela janela e partir na sua égua. Melhor ainda, poderia mergulhar no rio e nadar até casa. Seria que o rio St. Johns se unia algures ao rio James? Se calhar, se conseguisse arranjar um barco, poderia remar em direção ao norte. Não conseguiu conter o sorriso ao imaginar a preocupação de Alex quando descobrisse que ela tinha desaparecido. Seria bem feito!, pensou ela. Ele merecia apanhar um susto de morte, depois daquilo a que a condenara. Logo a ela, que lhe salvara a vida, miserável!

Já a adormecer, perguntou-se onde estaria ele a passar a noite e esperou que fosse nalgum lugar desconfortável e malcheiroso.

Cay ia empurrando os ovos de um lado para o outro no prato. Estava tão em baixo que nem sequer queria saber de que espécie de ave provinham os ovos. Já tinha visto tantas criaturas estranhas a voar e a correr por ali que não se lembrava de todas. No dia anterior, esforçara-se ao máximo para perguntar às raparigas o que era o pássaro enorme que as sobrevoava, mas elas não estavam interessadas nos pássaros, só em Cay. Tudo o que queriam fazer era tocar-lhe, sentar-se perto dela, obrigá-la a olhar para elas.

– Ele não pode ter razão – resmoneou Cay ao pensar que Alex dissera que *todas* as raparigas agiam daquela maneira.

Ela poderia assegurar-lhe que o seu comportamento com os seus pretendentes nunca se aproximara sequer daquele. Sempre se apresentara da forma mais respeitável e senhoril. Nas poucas ocasiões em que ficara a sós com um dos três homens com quem considerava poder casar, nunca fizera algo que não pudesse ter feito à frente da mãe. Talvez não à frente do pai, mas da mãe, sim.

– Disse alguma coisa? – perguntou Thankfull à entrada, antes de pousar outra tigela com comida na mesa.

Cay era a única pessoa hospedada na estalagem e, se comesse metade do que lhe era servido, ficaria gorda. Perguntou-se se engordar levaria as gémeas a deixarem-na em paz.

– O seu irmão não passou por cá esta manhã – disse Thankfull. – Acha que quererá tomar o pequeno-almoço?

– Não sei onde terá passado a noite, nem se ou quando comeu.

– Compreendo – respondeu Thankfull num tom hesitante.

– Passei a noite sob um céu estrelado – disse Alex, parado junto à porta.

Cay virou-se ao ouvir a voz dele e teve de se conter para não correr para os seus braços. Era maravilhoso ver alguém que não fosse um desconhecido. E, apesar de ter travado o sorriso antes que este se alastrasse por completo pelo seu rosto, ele viu-o.

– Mister Yates – saudou-o Thankfull. – Por favor, sente-se e tome o pequeno-almoço. Vou trazer-lhe um prato com ovos.

Ela saiu da sala e Alex sentou-se à frente de Cay.

– Sentiu-me a falta? – perguntou-lhe, já a agarrar numa torrada que estava numa travessa no centro da mesa.

– Não. Espero que tenha gelado durante a noite.

– Quem me dera que os verões na Escócia fossem tão amenos como os invernos aqui. Quanto tempo mais tenciona ficar zangada comigo, menina?

– Pare de me chamar isso, antes que a Thankfull o ouça.

– O que lhe parece que os pais tinham a agradecer quando ela nasceu?

Era praticamente a mesma piada que ocorrera a Cay quando a conhecera, mas não iria dar-lhe a satisfação de ouvi-la dizer isso. Limitou-se a fitá-lo e recomeçou a mexer os ovos pelo prato.

– O Grady deve chegar hoje.

– Espero que não chegue. – A zanga de Cay revelava-se na sua voz. – Espero que *o senhor* também tenha de ficar aqui.

– Quer assim tanto que fique consigo, é?

– Não quero nada que fique comigo. Só não quero ter de continuar neste sítio, à espera que o meu irmão chegue e troce de mim.

– Menina – começou Alex num tom paciente –, há correios aqui pelo que poderá escrever aos seus outros irmãos e pedir-lhes que venham buscá-la. Como se chamava o bonitinho?

– Ethan. Não. Se o Adam disse que seria o Tally quem viria buscar-me, será o Tally. Ninguém contradiz o Adam.

O cenho de Alex franziu-se por instantes, mas ele depressa o controlou.

– Vai despedir-se de mim, amanhã?

– Pensava que se ia embora hoje. *Esperava* que se fosse embora hoje.

– O Grady trará o *flatboat* com mais mantimentos e partiremos amanhã cedo. Vai chorar enquanto me acena em despedida?

– Vou dar uma festa.

– E as gémeas vão estar lá? Vai surripiar-lhes beijos?

Ela agarrou na faca e lançou-se por cima da mesa para lhe acertar, mas ele desviou-se, a rir, no preciso momento em que Thankfull regressava.

– Espero que estejam do seu agrado – disse ela, olhando com curiosidade ora para Cay, ora para Alex.

– Excelente – respondeu Alex, fitando-a com um sorriso caloroso.

Ela correspondeu-lhe ao sorriso antes de voltar para a cozinha.

– Estava a meter-se com ela! – disse Cay numa voz que mais parecia um silvo.

– É uma mulher atraente.

– E o senhor é um homem casado.

– Não, menina – disse Alex em voz baixa –, não sou.

– Eu não queria... – começou ela, mas depois calou-se. Não tinha jeito para ficar zangada. Mesmo quando era criança e Tally lhe fazia coisas horríveis, ela nunca conseguia ficar furiosa durante muito tempo. Pousou a cabeça nas mãos, de cotovelos na mesa. – Não quero ficar aqui sozinha.

– A Thankfull parece ser uma pessoa bastante simpática, se calhar acabará por ser sua amiga. – Havia compaixão na voz de Alex.

– Ela está apaixonada pelo tio T. C.

– Ai está? Quem diria?! E ele está apaixonado por ela?

– Como hei de saber? Sou afilhada dele. Ele não me fala da sua vida amorosa.

– Talvez devesse. Teria sido melhor do que falar-lhe dos assassinos da vida dele.

Cay não conseguiu evitar um sorriso.

– Concordo consigo.

Debruçando-se, ele segurou-lhe na mão e ela fitou-o.

– Lamento mesmo muito tudo isto, menina. Não queria que tivesse sido assim e o T. C. também não. Se ele não tivesse feito aquela estupidez de subir a escada, seria ele quem estaria aqui, não a menina.

– E ele iria consigo – afirmou Cay com um olhar implorante.

Alex afastou a mão e comeu um pouco dos ovos.

– Não me obrigue a repetir-me. Não pode ir e ponto final.

– Ele chegou! – gritou uma das gêmeas a correr para a sala de estar. O seu olhar recaiu de imediato em Cay. – Ooooh! – suspirou e sentou-se a seu lado, mas Cay levantou-se.

– Quem é que chegou? – perguntou Alex.

A rapariga nem olhou para ele; só tinha olhos para Cay.

– Mister Grady.

– Oh! – exclamou Cay sem entusiasmo, a fitar Alex.

Este depressa comeu mais três garfadas de ovos, agarrou no chapéu e disse que tinha de ir.

Cay seguiu-o de perto. À porta, ele parou.

– Acho que é melhor ficar aqui. Não sei por onde andou o Grady, pode ter tido acesso a notícias de Charleston. É capaz de desconfiar de si.

– O meu nome foi ilibado, lembra-se? É *o senhor* quem corre perigo, não eu.

Alex fez uma careta.

– Mas foi uma boa tentativa – continuou ela. – A sério, quase acreditei em si.

Alex riu-se.

– Então valeu a pena. – Passou um braço à volta dos dela. – Vamos lá, maninho, descobrir o que me espera.

– A si, não a mim – disse Cay num tom tristonho. – Já vi na sala de jantar o que me espera.

– Elas não são más raparigas, irmão. Se calhar, quando voltar, receberei um convite para um casamento.

– Isso não tem graça.

A rir-se, Alex cingiu mais o braço à volta dos ombros dela, mas Cay esgueirou-se.

– Espero que um aligátor lhe coma uma perna.

– Então, menina, não está a falar a sério.

– Sim, estou. Eu...

Cay interrompeu-se porque tinham chegado à doca e, entre as muitas caixas e os caixotes, estava um homem alto que envergava uma camisa branca como a neve, um colete verde-escuro e umas calças caqui. Na cabeça tinha um grande chapéu de feltro com um bordo largo. Apesar de estar de cara voltada, percebia-se que era jovem e que tinha as coxas musculadas de um cavaleiro.

– É ele?

Alex franziu o sobrolho ao ver a expressão dela.

– Calculo que sim. Porquê?

– Faz-me lembrar uma pessoa que conheço, nada mais.

– Acho que será melhor voltar para a estalagem. Se o Grady a reconhecer, estaremos acabados. Prometo que irei despedir-me de si logo à tarde.

Ela afastou-se de Alex quando este tornou a tentar passar-lhe o braço à volta dos ombros.

– Não vou voltar para aquele lugar até ter de o fazer. Quem me dera que ele se virasse para eu poder ver-lhe a cara.

Alex postou-se à frente dela para lhe tapar a vista.

– Isto não me agrada. Se acha que conhece este homem, então ele também a conhecerá. Não há de pensar que é um rapaz.

– Se for quem eu penso que será, não me reconhecerá, já que, da única vez que o vi, eu tinha oito anos.

– Continuo a achar...

– É o Yates? – perguntou uma voz atrás deles.

Com relutância, Alex desviou o olhar de Cay e virou-se; ao ouvi-la arquejar atrás de si, soube que aquele era o homem que ela conhecia.

James Grady era um homem muito elegante. Parecia estar no início da casa dos trinta e era tão alto quanto Alex mas mais bem constituído, pois não passara fome durante semanas. Tinha cabelo escuro e olhos cinzentos e as suas faces exibiam covinhas compridas.

Assim que Alex o viu, soube coisas a seu respeito. Tal como Cay, Grady parecia emanar uma aura de dinheiro. Quando se olhava para o homem, imaginava-se uma sala de estar com vinho do porto em copos de cristal e fumo de charuto. Imaginavam-se mulheres em vestidos tão elegantes como se tivessem sido criados no Monte Olimpo.

Sem sombra de dúvida, Alex soube que James Grady era uma versão mais velha dos rapazes ricos, filhos de proprietários de plantações, que ele vencera nas corridas de cavalos em Charleston. Por outras palavras, pertencia à mesma classe e tinha a mesma educação que Cay. Estava à sua altura, movia-se nos mesmos círculos. Era seu igual.

Alex disse a si mesmo que não tinha motivo algum para o odiar, mas já sentia a emoção a percorrer-lhe as veias.

– É o Yates? – repetiu o homem.

– Sim – conseguiu ele responder por fim. – Sou Alex Yates.

– E é o amigo sobre o qual o T. C. me escreveu, o que é capaz de lidar com qualquer animal.

– Lá isso não sei, mas vou dar o meu melhor.¹⁴

– Peço desculpa?

Enquanto trocava estas palavras com Grady, Alex conseguira manter Cay atrás de si. Ela tentara libertar-se, mas ele segurara-a com força. Finalmente, cravou-lhe os cotovelos nas costas e ele teve de a soltar.

Ela contornou-o e pôs-se à frente dele, fitando Mr. Grady com os olhos bem abertos.

– E eu chamo-me Charles Albert Yates – apresentou-se, mantendo os ombros para trás e o peito para fora. – Somos irmãos e eu sirvo-lhe de intérprete.

Foi então que Alex se apercebeu de que, mais uma vez, tinha recaído no seu sotaque carregado e que, por causa disso, Grady não o compreendera.

– O que o meu irmão disse foi que muito estimava o cumprimento de Mister Connor e que dará o seu melhor para ir ao encontro das expetativas.

– Foi isso que ele disse? – perguntou Mr. Grady, a sorrir enquanto olhava para Cay, muito divertido. – Disse tudo isso só com aquelas palavrinhas?

– Disse – confirmou Cay, sem parecer dar-se conta de que Mr. Grady estava a provocá-la. – Ele consegue falar inglês como deve ser, mas não o faz lá muito bem.

– E por que motivo o seu irmão tem um sotaque tão carregado e você não?

– Oh, mas é que tenho, se me deixar¹⁵ – replicou ela, com um brilho nos olhos a denunciar-lhe o contentamento.

Mr. Grady riu-se.

– Bem, rapaz, estou a ver que será bom tê-lo também na nossa pequena equipa. Poderá...

– Ele não vai – disse Alex bem alto e em inglês com sotaque norte-americano.

– Oh, peço desculpa – atalhou Mr. Grady. – Pensei que ele iria connosco.

– Ele tem de ficar aqui e esperar que o irmão... o nosso irmão, o venha buscar.

– Um rapaz rijo e saudável como este não pode viajar sozinho pelo nosso grande país? Que idade tem, rapaz?

Cay ia dizer que tinha vinte, mas Alex deu-lhe uma cotovelada tão forte que ela quase caiu. Enquanto se esforçava por recuperar o equilíbrio, ele respondeu por ela:

– Dezasseis.

Mr. Grady olhou para Cay a endireitar-se e comentou:

– Parece mais velho.

Observava-a como se tentasse lembrar-se de alguma coisa, por isso Alex colocou-se entre os dois.

– Eu tomarei conta dos cavalos, tratarei de caçar e farei o que mais for preciso – afirmou.

– O que preciso é de alguém capaz de desenhar e pintar as maravilhas que iremos ver. – Mr. Grady começou a dirigir-se de novo para a doca, com Alex a seu lado e Cay a segui-los de perto. Dado que tinha metade do tamanho quer de um homem quer do outro, custava-lhe acompanhá-los. Sempre que tentava contornar Alex, este esticava um braço e impedia-a. Depois de duas tentativas, correu para caminhar ao lado de Mr. Grady. – Se eu tivesse sabido do acidente do T. C., poderia ter trazido alguém comigo. Conheço um rapaz que até sabe desenhar. Não é tão bom como o T. C., mas poucos o são. Agora estou aqui, pronto para partir, mas não tenho quem registre o que virmos. Alguma vez foi às profundezas da Florida, Mister Yates?

Alex olhou de relance para Cay e viu que ela estava de olhos arregalados, fitando Mr. Grady com um ar fascinado. Antes do que quer que fosse, ele *tinha* de a fazer voltar para a estalagem.

– A propósito, eu também estou apenas a uma geração da bela terra – disse Mr. Grady perante o silêncio que se instalara. – O meu pai veio da Escócia era eu um rapaz, não mais velho que aqui o jovem Charlie, e...

– Cay – corrigiu ela e, quando ele olhou para ela, disse num tom mais alto: – É como me chamam por causa das minhas iniciais.

– Cay, é? – Por um momento, Mr. Grady pestanejou voltado para ela antes de tornar a virar-se para Alex. – Vocês vieram de Charleston?

– Viemos.

– E que história é esta de que ouvi falar acerca de um assassino em fuga? Um primo meu vive lá e as cartas dele não falavam de outra coisa. O seu nome, Alex, trouxe-me isso à memória. Parece que o sacana matou a mulher na noite de núpcias.

Alex abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas não proferiu som algum.

– Foi terrível – apressou-se Cay a dizer –, mas corriam rumores de que o homem estava inocente, que teria sido vítima de uma conjura tão malvada que os jornais nem podiam escrever sobre isso.

– Deveras? – espantou-se Mr. Grady. – O meu primo não deve ter ouvido esses rumores, pois não há dúvida de que não os mencionou nas suas cartas.

– Foi o tio T. C. que nos contou tudo.

– Tio?

– Sim, senhor – confirmou Cay. – É meu padrinho.

– Que interessante – comentou Mr. Grady. – Já conheço o T. C. há uns dez anos, mas nunca o ouvi referir-se a afilhados, apenas a afilhadas.

– Suponho que, como vivíamos na Escócia, ele se terá esquecido de nós – justificou ela, tendo o cuidado de não olhar para Alex, do outro lado de Mr. Grady, pois decerto estaria a fitá-la com olhares que a mandavam calar-se. As mentiras que ela ia inventando amontoavam-se. Cay ignorou-o

e perguntou: – Então não tem um artista para a viagem?

– Não vai dizer-me que sabe desenhar, pois não?

– Não! – exclamou Alex. – Mal sabe como se pega num lápis, quanto mais num pincel. Não é verdade, maninho? – Estava a lançar-lhe um olhar furioso.

– Por acaso, na escola, era bastante bom em desenho. Decerto melhor do que outros. – Olhou para Alex. – Como estavas quase sempre fora, não te lembras.

– Bem, então, rapaz, vamos lá deixá-lo experimentar – decidiu Mr. Grady. – Eu faço-me sempre acompanhar por uma secretária portátil, portanto, acha que consegue improvisar com papel e uma pena?

– Posso tentar – disse Cay com toda a modéstia que conseguiu afetar.

– Não me parece... – começou Alex, mas, perante o olhar tanto de Cay como de Mr. Grady, interrompeu-se. – Preciso de falar com o meu irmão a sós.

– Nesse caso, tornamos a reunir-nos aqui quando estiverem prontos? – sugeriu Mr. Grady. – Terei uma pena e papel a postos.

Alex não perdeu tempo algum a agarrar Cay por um braço e a puxá-la para o lado de um dos edifícios.

– Mas que raio julga que está a fazer?

– Quero ir consigo.

– Já falámos sobre isto. Esta viagem é demasiado perigosa, portanto, não pode ir e não há mais conversa.

– Avançar para as entranhas do Hades seria melhor do que ficar aqui e esperar que o Tally chegue e troce de mim.

Alex passou a mão pela face barbuda e tentou contar até dez, mas sabia que não faria diferença sequer se contasse até cem.

– Não pode ir connosco – disse no tom mais calmo de que foi capaz. – Até o seu irmão lhe disse que ficasse.

– O Adam não sabe que há circunstâncias atenuantes. Se ele soubesse *com quem* ia viajar, dir-me-ia que fosse.

Alex encostou-se à parede do edifício e inspirou profundamente.

– Muito bem, desembuche. Quem é ele?

– Quem é quem?

Ele semicerrou os olhos.

– Achei apenas que poderia dar alguma ligeireza à situação, mas parece que o senhor perdeu o sentido de humor. Está bem! Pare de olhar assim para mim. O verdadeiro nome de Mister Grady é James Armitage e ele...

Alex gemeu.

– Já ouviu falar da família?

– Falaram-me deles assim que desembarquei do navio que me trouxe da Escócia.

O pai queria comprar-me os cavalos.

– O Rei.

– O quê?

– Chamam «Rei» ao pai do Jamie, «Rei Armitage».

– Do Jamie?

– É como a família o trata. Suponho que o seu apelido do meio seja Grady. Talvez fosse esse o apelido de solteira da mãe. Sabe porque chamam Rei ao pai dele?

– Acho que é dono da Georgia, não é?

– Só de uma grande parte do estado. É a Carolina do Sul que lhe pertence quase por completo. O Jamie é o terceiro filho dele e percebo porque viaja com um nome falso. É a única forma que tem de ser tratado como uma pessoa normal. E é muito simpático, não é?

Por um momento, Alex tapou os olhos com a mão.

– Por favor, diga-me que não está outra vez a tentar arranjar um marido.

Ela recostou-se na parede ao lado de Alex e respondeu num tom sonhador:

– Quando tinha oito anos, fui com os meus pais a Gracewell, na Carolina do Sul, visitar a família Armitage. O meu pai trabalhou com Mister Armitage durante a Guerra da Independência e são amigos. O meu pai não lhe chama Rei; chama-lhe apenas Billy e passam muito tempo a falar da Escócia. Quando os visitámos, o Jamie estava em casa, de férias da William & Mary¹⁶. É...

– Eu sei o que é e, acredite ou não, também sei ler e escrever.

Cay olhou para ele como se quisesse perguntar-lhe de que estava ele a falar, mas depois prosseguiu a sua história.

– Eu tinha apenas oito anos, ele tinha vinte e dois e empurrou-me num baloiço.

Alex esperou um pouco, mas ela não acrescentou o que quer que fosse.

– E depois o que aconteceu?

– Nada. Foi só isso. Ele empurrou-me no baloiço durante uma meia hora, depois voltou para dentro de casa e, na manhã seguinte, foi-se embora antes de eu ter acordado. Nunca mais o vi.

Alex afastou-se da parede para poder olhar para ela.

– Está a escapar-me aqui alguma coisa? Contou essa história como se fosse mesmo importante.

– E foi. Nessa noite, disse à minha mãe que ia casar com Jamie Armitage e ela respondeu que tinha feito uma boa escolha.

Alex pestanejou umas quantas vezes.

– Sempre foi tão obcecada com o casamento?

– Quero que seja o *certo*. Que mal tem isso? Tenho visto tantos casamentos infelizes e não quero viver assim.

Ela cruzou os braços e virou-lhe costas.

– Aqui há uns dias estava a falar-me dos três homens que querem casar consigo e da decisão que tinha de tomar e agora quer ir atrás deste homem.

Cay tornou a encará-lo.

– Eu não ando atrás de homem algum. Estou só a dizer-lhe que conheço *este* homem. Conheço a família dele, a casa dele e algumas das vilas que são do pai dele.

– E quer viajar comigo para poder ir atrás dele, tal como aquelas gémeas andam atrás de si?

– Mete-me nojo.

Alex inspirou fundo umas quantas vezes para se acalmar e tentar uma abordagem diferente.

– O seu irmão Adam disse-lhe que ficasse aqui e esperasse e acho que é isso que deve fazer.

– Eu acho que o Adam queria que eu passasse tanto tempo quanto possível com um dos herdeiros dos Armitage. O Adam não gostava... – Interrompeu-se e ela desviou o olhar.

– Não gostava do quê?

Ela não queria responder, mas Alex não parava de a fitar.

– Dos homens.

– Está a dizer que o seu irmão mais velho, que parece que a menina venera, não gostava dos três homens com quem ponderava vir a casar?

– Sim. Satisfeito?

Alex não conseguiu resistir a esboçar um sorriso.

– O que tinha o Adam a dizer sobre eles?

– Não vou contar-lhe.

– Era assim tão mau? Ou será que não tem coragem para repetir as palavras dele?

– O Adam dizia que aqueles três homens não eram suficientemente bons para me beijarem a sola dos sapatos. Pronto! Fica contente por saber isto?

– Bastante. – Ele estava com um grande sorriso. – Sabe, tudo o que me contou acerca do seu precioso Adam fez-me antipatizar com o saca... com o homem, mas agora começo a pensar que talvez gostássemos um do outro.

– Não, não gostariam. São demasiado parecidos.

– Parecidos? Está a voltar atrás e a dizer que afinal *sou* como o seu irmão mais velho?

– Está a obter demasiado prazer com tudo isto, por isso não vou dizer-lhe mais nada, exceto que vou com o Jamie, quer isso lhe agrade, quer não.

– Não vai.

– Vou.

– Não.

– Sim.

Alex cerrou os punhos. A sua vontade era pô-la a um ombro e amarrá-la a uma árvore. Pagaria a alguém para que a libertasse quatro horas depois de eles terem partido – ou talvez fosse melhor deixar passar umas seis horas. Ela cavalgava bem depressa.

– Não me agrada a maneira como está a olhar para mim. Vou e ponto final.

– E o que vai fazer? Arranjar o cabelo aos homens? Remendar-lhes as roupas? Ouvi dizer que tem alguma experiência com roupa suja. Já sei! E se se encarregasse de cozinhar?

Cay tinha vontade de alardear a lista de credenciais da sua educação artística, mas obrigou-se a ficar calada. O comentário sobre a roupa suja recordou-a de que ele sabia coisas a respeito da sua família que só podiam ter-lhe sido contadas por alguém que os conhecesse. A lógica dizia que a pessoa deveria ter sido o tio T. C., mas ela nunca o ouvira falar muito do que quer que fosse, exceto de plantas. Qualquer que tivesse sido a fonte, Alex tinha conhecimento de coisas pessoais e privadas acerca de si e da sua família. Porém, era estranho que não soubesse que ela era capaz de desenhar e pintar. Cay costumava andar com um bloco de esboços e lápis. Raramente ia a algum lugar sem os meios que lhe permitissem desenhar o que visse, mas, na noite em que o conhecera, ia a um baile pelo que deixara o material de desenho em casa. E, desde então, tudo fora tão estranho e novo que ela não pensara muito em arte.

Ora, parecia-lhe que o facto de Alex não saber algo a seu respeito poderia ser uma coisa muito boa.

– Disse que qualquer um poderia desenhar. Se não estou em erro, perguntou: «Que dificuldade terá isso?» Será que *o senhor* sabe desenhar?

– Um pouco – respondeu ele. – Quer acredite, quer não, tive um mestre de desenho que se formou em Londres.

– Estava a pensar ficar com a posição de gravador, não estava?

– Ocorreu-me – replicou ele a sorrir.

Apetecia-lhe pontapeá-lo! Que mais lhe teria ele ocultado?

– E se fizéssemos uns desenhos e deixássemos o Jamie decidir qual de nós registará esta viagem para a posteridade?

Alex continuava a sorrir.

– Menina, devo avisá-la que era o melhor da minha turma a desenhar.

– Era? – perguntou ela, tentando parecer impressionada.

– Sim, era. Gostava de ir para os montes e desenhar os animais que via. Se não me tivesse dedicado aos cavalos, poderia... – Encolheu os ombros. – Que formação teve a menina?

– A da Academia de Mistress Cooper para Jovens – apressou-se ela a dizer. – Costumávamos pintar chávenas de porcelana.

Isso era verdade, mas escusou-se revelar que acontecera quando tinha quatro anos e que pintara os retratos da família nas chávenas – o que levava a mãe a contratar o primeiro de vários tutores particulares de desenho.

– Ai era?

Ele tinha um sorriso tão grande que era quase um esgar. Alex estava confiante de que venceria qualquer competição artística. Se a irmã de Nate tivesse alguma propensão para a arte, decerto este lho teria contado e, como não o fizera, Alex calculou que ela só recebera uma formação básica. Chávenas! Ela não fazia ideia do que requereria uma viagem daquelas. Seria necessário conseguir desenhar depressa e com acuidade.

– Temos um acordo? – perguntou ela. – Fazemos um concurso e deixamos que o Jamie seja o juiz. Se ele disser que eu não sirvo, volto para a estalagem e fico lá até que o Tally me venha buscar. Está combinado?

Alex franziu o sobrolho. Ela dizia aquilo tão confiante que lhe pareceu que poderia haver ali manha.

– O que está a tramar?

– Nada. Só quero ir convosco e vou dar tudo por tudo por desenhar melhor que o senhor. Se tivesse sugerido um duelo de pistolas ao raiar do dia, eu também poderia experimentá-lo.

– Tudo isso só para poder ir com este tal Armitage?

– Isso e outras coisas.

– Diga-me, menina, é o homem ou o dinheiro dele que quer?

Por um momento, teve de combater o impulso de o esbofetear, mas recusou-se a descer ao nível dele.

– O dinheiro, como é óbvio, já que, na sua opinião, quero casar-me com homens pelos quais não sinto amor. Talvez julgue que sou incapaz de amar. É *isso* o que julga? Que tenho um coração demasiado frio para amar quem quer que seja?

Alex pestanejou muito, tal era a sua confusão.

– Como passámos de desenhos para corações frios?

Cay lançou as mãos ao ar numa atitude de repulsa.

– É um idiota e, pior, é um *homem*.

Ao passar por ele, fez um gesto como se afastasse a saia para não tocar em escumalha como ele.

Alex encostou a cabeça à parede do edifício e olhou para cima. Não tinha a certeza, mas parecia-

lhe que era capaz de ter acedido a deixá-la participar numa viagem muito perigosa por uma selva inóspita. E o pior era que não fazia ideia como isso teria acontecido.

[14](#) No original: «Ah dunnae kinn abit ’at, but I’ll dae th’ best Ah can.» (*N. da T.*)

[15](#) No original: «Och, but Ah dae when Ah lit myself.» (*N. da T.*)

[16](#) Universidade de Williamsburg, na Virgínia, fundada em 1693. (*N. da T.*)

Alex observou Cay a caminhar em direção à doca. Ia de cabeça erguida, queixo projetado e um andar determinado, como o de um homem prestes a envolver-se numa luta. Apesar de tudo, não pôde deixar de se sentir orgulhoso dela. Era impossível acreditar que se tratava da rapariga que ele tinha conhecido.

No entanto, o orgulho que sentia não anulava a sua determinação quanto a impedi-la de participar naquela viagem. Não poderia dizer-lhe que a principal razão pela qual não a queria consigo era saber que, se passassem mais tempo juntos, ele não seria capaz de manter as mãos longe dela. Não aguentaria mais dias a vê-la saracotear-se naquelas bragas justas sem lhe tocar. Dado que diziam ser irmãos, decerto se esperaria que partilhassem uma tenda. Como poderia ele fazer isso?

Quando tinham começado a viajar juntos, Alex estava tão zangado, tão cheio de raiva e ódio, que poderia ter dormido ao lado de uma dúzia de mulheres nuas sem se aproveitar do que elas lhe oferecessem.

Contudo, Cay, com a sua visão animada da vida, a sua crença de que nada era impossível, mudara tudo isso. Mas Charleston e o que lhe havia sido feito aí já pareciam algo que não era real e que nunca tivesse de facto acontecido.

Observou-a a sorrir a Grady e a explicar-lhe que ela e o irmão competiriam para ver se ela poderia ir ou não. Alex não gostava de ser presunçoso, mas estava certo que ganharia. Sempre tivera jeito para representar em papel aquilo que via. Não lho contara, mas certa vez o pai levara-lhe aguarelas de uma viagem a Edimburgo e Alex fizera várias pinturas de paisagens. Sabia que seria bom para aquilo que Grady queria para a viagem, venceria com facilidade.

Difícil seria consolar Cay por não poder ir com eles. Imaginou uma cena doce na qual ela chorava e ele a reconfortava. Seria firme mas compreensivo e dir-lhe-ia que aquilo acontecia para seu próprio bem. Estava certo que ela acabaria por entender que ele tinha razão.

Partiriam na manhã seguinte, haveria lágrimas nos belos olhos dela e ele lembrar-se-ia delas ao longo de toda a jornada perigosa. Tinha esperanças de que, durante a sua ausência, Nate descobrisse algumas respostas; e de que, ao regressar, fosse possível ser ilibado.

Quando já não estivesse maculado pela injustiça, recuperaria os seus cavalos e seguiria para norte, até à Virgínia, em busca de Cay. Se, por essa altura, ela não estivesse já casada com algum rapaz frio e incapaz de lhe dar valor ou descobrir como ela era de facto, ele... Preferia deixar esse pensamento para o futuro.

Cay estava a acenar-lhe para que se aproximasse. Parecia que a competição ia ter início. A sorrir, Alex encaminhou-se para a doca.

* * *

– Está tudo bem assim? – perguntou Mr. Grady, acenando com a cabeça para os dois cavaletes que mandara Eli e Tim preparar. Umas tábuas largas tinham sido apoiadas em caixotes, com grande

folhas de papel, bem como penas e tinta ao lado. – O jovem Cay quis um pote com água – disse a Alex. – Precisa de um também?

Alex não fazia ideia do que a levaria a querer juntar água à tinta, mas não deu importância ao assunto e sentou-se num caixote, puxou a pena e a tinta para junto de si e segurou no seu cavalete improvisado.

– Uma vez que, como sabem, estaremos em andamento – disse Mr. Grady –, por vezes será necessário registrar as coisas rapidamente pelo que vamos contar o tempo desta documentação. Terão três minutos para desenharem o que veem. Se é a doca, uma pessoa ou um pássaro, isso cabe-vos decidir. Eu só quero ver o que conseguem fazer em pouco tempo.

Cay sentou-se no estrado áspero da doca, de pernas dobradas, e fitou a sua folha em branco. Tudo o que o professor, Russell Johns, lhe gritara estava a correr-lhe pela cabeça. Quando chegara à América, vindo de Inglaterra, apenas dois anos antes, estava completamente desamparado. Não conhecia vivalma e, segundo a mãe dela, tinham-lhe partido o coração, mas nem sequer ela conseguira fazê-lo revelar o que acontecera para o deixar tão infeliz. A mãe de Cay contratara-o para que ensinasse a filha, mas, a bem da verdade, esta achava que nunca lhe tinha agradado. Ele queria alguém que devotasse a vida à arte, mas Cay não queria fazer isso. Agora, porém, ouvia a voz dele a dar-lhe lições sobre como desenhar imagens em movimento. «Desenhe mais depressa!», gritava ele. «Espera que os seus irmãos fiquem quietos e esperem por si?» Cay aprendera a esboçar rapidamente os irmãos a jogarem à bola ou a cavalgarem com apenas alguns traços. Com tinta, tivera de estar certa das linhas que fazia, sem hesitar, pois os erros não poderiam ser corrigidos. Depois de três meses a trabalhar naqueles desenhos rápidos, Mr. Johns tinha finalmente resmungado. Não a elogiara, mas também não se queixara. Para Cay, isso fora o maior dos louvores.

Mr. Grady sacou do seu relógio de bolso, olhou para ele e exclamou:

– Comecem!

Cay trabalhava com as duas mãos. Na direita, tinha a pena, que mergulhava frequentemente em tinta, enquanto molhava as pontas dos dedos na água. À medida que ia desenhando traços rápidos e largos, espalhava a tinta molhada com a água para criar sombreados na cena representada.

Quando Mr. Grady indicou que o tempo chegara ao fim, Cay ergueu a pena e levantou-se. O rapaz magricela, Tim, com um sorriso de desdém como se estivesse desejoso de a ver fracassar, pavoneou-se pelo estrado para ver o desenho que ela tinha feito.

Eli acercou-se primeiro do desenho de Alex.

– Por tudo o que é sagrado, isto é bom. Achava que o T. C. sabia desenhar, mas o senhor é muito melhor do que ele. – Olhou para Mr. Grady, que fitava o desenho de Cay em silêncio. – Tem de encarregar este homem da tarefa.

Mr. Grady nada disse, limitando-se a ficar ao lado de Tim, a observar o desenho de Cay. Curioso, Eli aproximou-se deles.

Alex estava atento a Cay e a tentar suprimir um sorriso. Depois do que Eli dissera, tinha a certeza que o concurso já tinha um vencedor.

– Então, meni... – Conteve-se a tempo: – Cay, não fiques desanimado. Não podemos todos ter...

Calou-se ao ver o desenho dela. Em apenas três minutos, ela captara a doca, o rio, o céu e Eli com uma rede de pesca no colo. Havia linhas e sombras, algumas grossas, outras finas, umas claras, outras escuras. Na opinião de Alex, o desenho deveria ser emoldurado e exibido num museu.

Todos os homens – Tim, Eli, Grady e Alex – se voltaram para Cay.

– Eu sei que está em bruto, mas não tenho praticado – desculpou-se ela. – Prometo que farei melhor durante a viagem.

Alex foi o primeiro a recompor-se e a virar-se. Sem dizer palavra alguma, começou a descer a rua em direção à estalagem.

– Acho que o meu irmão está zangado comigo – disse ela e começou a correr atrás dele.

– O emprego é seu! – gritou-lhe Mr. Grady, ainda de olhos postos no desenho no cavalete.

– Nunca vi uma coisa assim – comentou Eli.

– Ele não viu aquele pássaro feio em cima do poste – disse Tim ao que os dois homens lhe lançaram olhares de censura.

– O pelicano não estava ali há um minuto – replicou Eli.

– Creio bem, Tim, que está a revelar um pouco do monstro de olhos verdes. – Mr. Grady agarrou no desenho e estudou-o. – Acho que vou mandar isto à minha mãe. Ela quer sempre saber pormenores acerca das minhas excursões pelas trevas desconhecidas. Agora posso mostrar-lhe.

Cay alcançou Alex diante da estalagem e ficou satisfeita por nem Thankfull nem as meias-irmãs dela estarem por perto.

– Divertiu-se? – perguntou-lhe ele entre dentes. – Soube-lhe bem troçar de mim?

– O senhor é que se vangloriou das suas capacidades, não eu. – Cay estava estupefacta com a atitude dele. Nunca imaginara que tivesse tão mau perder. – Está zangado por eu ser melhor a representar imagens?

Ele lançou-lhe um olhar que indicava que essa era uma ideia absurda.

– Então o que o deixou tão zangado? – Assim que fez a pergunta, percebeu: – Está zangado porque não quer que vá consigo.

– Não tinha deixado isso bem claro?

Ela estava a fitá-lo com um ar furioso, de mãos nas ancas.

– Estava tão seguro de que venceria o concurso que apostou comigo, mas não tinha intenção alguma de honrar a sua parte, pois não? É um homem vaidoso incapaz de admitir que se enganou.

– Baixe os braços. Nenhum homem faz essa figura.

Cay estava tão possessa que mal conseguia falar.

– Tente obrigar-me.

Alex agarrou-a por um braço e puxou-a para a lateral do edifício, seguindo por um caminho entre palmeiras e arbustos que cresciam de um lado e do outro. Passados alguns minutos, estavam fora de vista da povoação. Parando numa clareira, ele virou-se para ela.

– Parece que não tem noção de quão perigosa vai ser esta viagem. Há criaturas a viver na Florida que as pessoas nunca viram. Pode morrer de várias maneiras. Pode...

Cay recuou um passo, arregalando os olhos ao aperceber-se de algo.

– O senhor não tem medo que me aconteça qualquer coisa nesta expedição. Há mais qualquer coisa. Viajei com um assassino procurado, com homens a perseguirem-me, a seguirem-me o rasto para onde quer que fôssemos, mas nessa altura não o vi preocupado com a minha segurança. Fizemos fogueiras, forçámos a entrada numa loja e ainda perdeu tempo a dançar comigo. Há outra razão para que não queira que vá convosco, não há?

– Não, claro que não – apressou-se ele a dizer, mas evitou-lhe o olhar.

Ela aproximou-se mais dele e inclinou a cabeça para conseguir fitar-lhe os olhos. Por vezes, com aquela barba cerrada, era difícil perceber-lhe a expressão.

– Gosto de pensar – disse ela em voz baixa – que, nas últimas semanas, nós nos tornámos próximos. Passámos por muito juntos, será que isso não faz de nós amigos?

Alex ia começar a responder-lhe, mas estavam num lugar tranquilo, rodeados por vegetação viçosa, com pássaros a cantar e a fragrância de flores à volta deles. Sem conseguir conter-se, puxou-a para os seus braços e beijou-a. Ao início, foi um beijo delicado, mas Cay inclinou-se para trás e olhou para ele, perplexa. Pestanejou algumas vezes, com as pestanas compridas a projetarem sombras e passou os braços à volta do pescoço dele para lhe corresponder ao beijo.

Ele sabia que, apesar de falar muito, ela era muito inexperiente, por isso beijou-a com delicadeza, mantendo os lábios suavemente nos dela, sem exigir muito, mas ela encostou o corpo ao dele e aprofundou o beijo. Abriu os lábios ao encontro dos dele, convidando-lhe a língua a entrar na sua boca.

Foi necessário servir-se de toda a sua força de vontade, mas afastou-a de si.

– Isso não se faz! – exclamou ele com o coração a latejar e a respiração a acelerar.

Cay também tinha o coração a bater com muita força e fitava-o com os olhos arregalados, sem compreender.

– Os outros homens que beijej não eram assim.

– Vai pôr-me na sua lista de pretendentes? – O comentário saiu-lhe mais zangado do que ele pretendia, mas não gostava de a imaginar a beijar outros homens.

– Vou pô-lo em primeiro lugar em *todas* as minhas listas.

Disse-o com tanto entusiasmo que ele se riu. Parecia que ela conseguia sempre desvanecer-lhe o mau humor.

– Agora já percebe porque não posso levá-la comigo? – perguntou ele.

– Quer dizer por me desejar mais do que tudo na vida e por eu lhe deixar o sangue a ferver?

– Mais ou menos – disse ele. – Agora entende que não podemos viajar juntos e que não podemos mesmo ficar na mesma tenda.

– Tem realmente um problema. – Ela virou-se por um instante e depois tornou a olhar para ele. – Está apaixonado por mim?

– Vou ser sincero consigo, menina, não sei se alguma vez poderei voltar a apaixonar-me. Talvez uma pessoa apenas tenha um verdadeiro amor na vida e eu casei-me com o meu.

Cay tentou não revelar a sua desilusão. Ela também não estava apaixonada por ele, mas uma rapariga gostava de pensar que tinha pelo menos meia dúzia de homens a suspirar por si.

– Então é apenas... a natureza o que obsta a que viajemos juntos.

– Pois, a natureza.

Ela puxou as laterais das bragas.

– E o facto de eu estar a usar roupas de homem não ajuda a aplacar o que sente?

– Quando muito, ainda piora a situação. Se todas as mulheres comessem a usar calças de homem e a revelarem as verdadeiras formas das suas pernas, não sei como nós aguentaríamos.

– Diz isso porque não viu tantas pernas de mulheres como eu – replicou Cay. – Posso garantir-lhe que há mais feias do que benfeitas.

– É verdade?

– Já está a rir-se de mim?

– Receio que sim. Parece que se tornou um hábito.

Ela encostou as mãos ao peito dele.

– E se eu prometer nada fazer para... lhe agitar o sangue? – Deu um passo, aproximando-se mais de Alex. – E se eu jurar que me comportarei durante todos os momentos da viagem?

Alex pousou-lhe as mãos e empurrou-a.

– Um beijo e transforma-se em Eva. Chegue-se para lá e não me toque.

Cay afastou-se dele, mas não conseguia disfarçar o sorriso. Alex estava a fazê-la sentir-se feminina. Depois daquilo que lhe pareciam semanas a ser encarada como um rapaz, com aquelas raparigas horríveis a atirarem-se a ela, dava-lhe uma certa sensação de, bem, poder ser considerada uma mulher. Era encantador sentir-se desejada, querida.

Voltou-se de novo para ele.

– Por favor, deixe-me ir consigo, Alex. Lamento o seu... o seu desejo masculino, mas prometo que farei tudo o que puder para o travar. Serei má e horrenda para si a toda a hora e dar-lhe-ei pontapés se estiver a menos de um metro de mim. Não quero lembrá-lo de coisas más, mas salvei-lhe a vida. Quando precisou de ajuda, dei-lha. Naquela noite, quando nem o tio T. C. nem a Hope podiam ir em seu auxílio, era eu ou ninguém. Tive muito medo, mas não deixei de o fazer. E, à exceção da altura em que tentei cortar-lhe a garganta, acho que, ao fim e ao cabo, o tratei bastante bem.

– O que está a dizer é que estou em dívida para consigo. – Alex tinha uma expressão séria.

– Na verdade, sim.

– Diga-me, quer mesmo ir ou tem medo do seu irmão?

– Do Tally? Não tenho medo dele, nenhum, mas ele vai ridicularizar-me e fazer-me sentir realmente mal. – Lançou as mãos ao ar, frustrada, e virou-lhe costas por um momento. – Não percebe o que isto significa para mim? Se voltasse agora para casa, o meu pai nunca mais tornaria a deixar-me sair. Teria tanto medo que me acontecesse alguma coisa horrível que haveria de me trancar no quarto e atirar a chave para o poço. A minha criada teria de me passar a comida por uma corda pela janela.

– Já para não falar do bacio.

– As senhoras não falam dessas coisas e pode rir-se tanto quanto quiser, mas se tiver de esperar aqui que o Tally me venha buscar e que o Adam e o Nate resolvam o mistério do homicídio, o meu pai irá ver-me como alguém que tem de ser protegida a toda a hora. Julgará que, para me proteger, será necessário manter-me em prisão domiciliária permanente. – Suspirou de frustração. – No fim, o mais provável é que me case com algum primo escocês capaz de matar três dragões antes do pequeno-almoço.

– Casar com um escocês seria um destino pior do que a morte?

– Pode rir-se, esteja à vontade, mas estou a falar a *sério*. Se consigo levar o seu desejo desmedido por mim a sério, acho que deveria encarar os meus problemas com a mesma seriedade.

– Desejo... – Alex endireitou-se. – Muito bem, menina, conte-me lá como ir para a selva a ajudará.

– Se alcançar uma façanha, isso levará a minha família a descurar o facto de ter percorrido vários estados a ser perseguida por homens armados.

– E fazer desenhos vai ajudá-la?

– Se servirem um propósito. Gostaria que o meu pai ficasse orgulhoso de mim. Gostaria que o meu futuro marido tivesse algo para contar aos nossos filhos.

– Como a menina conta a história da frutaria da sua mãe?

– Sim, exatamente. Várias mulheres que trabalhavam para ela vivem agora em Edilean e casaram-se com homens que o meu pai conhecia.

Alex voltou-lhe costas. Era certo que estava em dívida para com ela, pensou. Podia brincar quanto a isso, mas, se não fosse a bravura dela, ele não estaria vivo. A verdade era que ele queria muito que ela os acompanhasse. Apesar do que dissera Adam – que Cay parecia ver como um santo colocado na terra para dar ordens aos meros mortais –, nunca sentira que fosse seguro deixá-la sozinha. Tinha pensado em todas as coisas más que poderiam acontecer-lhe. Nem toda a gente teria ficado a saber que ela fora ilibada. E se alguém se apercebesse de que não era um rapaz, mas sim uma rapariga de cabelo ruivo? Haveria de querer saber porque estava disfarçada e não seria preciso pensar muito para recordar as notícias escandalosas que tinham descido pela costa desde Charleston. Alex não gostava de imaginar o que poderia acontecer a Cay caso se visse confrontada por alguém que não estivesse a par dos desenvolvimentos mais recentes.

Para além disso, havia o lado pessoal da situação. Ele apreciava a companhia dela. Cay fazia-o rir, fazia-o sentir-se bem. No dia em que casara com Lilith, sentara-se com uma taça de champanhe, a observar a sua linda noiva a avançar por entre os convidados e a cumprimentar todos com serenidade e julgara-se o homem mais afortunado do mundo. A julgar pelo número de convidados e pelas coisas boas que lhe desejavam, pensava que tinha feito muitos amigos desde que chegara à América. Sorria enquanto eles riam e bebiam à sua saúde e felicidade futura. Eles tinham-lhe dado palmadas nas costas e falado de cavalos, bem como de investimentos que gostariam de partilhar com ele. Nesse dia, Alex sentira que fazia parte de um mundo de gente rica e feliz. Já não era o homem acabado de desembarcar com três cavalos e as roupas sujas e esfarrapadas. Tornara-se Alguém, um jovem num caminho ascendente.

Contudo, no dia seguinte o corpo de Lilith fora encontrado a seu lado e, depois disso, tudo mudara. A fúria da vila apressara o julgamento. E, enquanto Alex estava preso, nem um dos seus alegados amigos o tinha visitado. Só T. C. aparecera. De imediato, Alex pedira uma pena, tinta e papel, que T. C. lhe levara. Sentia-se obcecado com a necessidade de contar às pessoas que julgava serem suas amigas que estava inocente, que nunca teria assassinado Lilith. Amava-a tanto. Abrira o coração nessas cartas e T. C. entregara-as pessoalmente.

Nem uma pessoa respondera à sua carta. De facto, Alex obrigara T. C. a contar-lhe a verdade: todas as cartas tinham sido devolvidas por abrir. Ninguém queria ter contacto algum com Alexander McDowell depois de ele ter sido preso. Parecia que a ninguém ocorrera sequer a possibilidade de ele estar inocente.

Ao fim de três semanas a escrever freneticamente a gente que conhecera desde que chegara à América, escreveu a Nate. Talvez por serem amigos desde a infância e sempre se terem esforçado muito por se impressionarem mutuamente, ele não tinha querido admitir perante o amigo que fracassara – pois era assim que Alex via o assunto. Chegara à América convencido que poderia fazer qualquer coisa, singrar no que quer que fosse. Durante toda a vida ouvira o pai a falar-lhe das oportunidades que existiam naquele país novo. Afinal, fora ali que o pai fizera toda a sua fortuna. Muitos anos antes, Mac havia recebido quatrocentos hectares de terra através da Ohio Company¹⁷, mas o pai de Nate, Angus, persuadira-o a vender a propriedade a um certo capitão Austin, que estava a tentar acumular terrenos para a mulher que amava. No final, isso revelara ter sido a melhor coisa que Mac alguma vez fizera, pois o rei de Inglaterra nunca assinou os documentos. Nenhum dos terrenos de quatrocentos hectares foi atribuído às pessoas que detinham certificados de propriedade. O capitão Austin perdera tudo.

Alex, considerava que o novo país era uma terra de riquezas até à manhã após o seu casamento,

quando tudo lhe fora tirado, incluindo, ao que parecia, a amizade de todos os que conhecera até então. Só depois de os seus novos «amigos» revelarem o verdadeiro carácter Alex tinha engolido o orgulho e escrito a Nate. Demorara semanas a escrever aquela carta. T. C. só tinha permissão para o visitar durante alguns minutos de cada vez e, nalguns dias, nem sequer o deixavam entrar. Ele escondia uma pena e tinta na bota e forrava o casaco com papel. Alex escrevia tanto quanto conseguia, o mais depressa que era capaz. Contou a Nate tudo o que acontecera, da forma mais detalhada possível, esperando que a história contivesse alguma pista. Sabia que a mente do amigo se encheria de perguntas. Teria alguém misterioso abordado Lilith? Que Alex tivesse visto, não. Mas a verdade era que estava tão apaixonado que em pouco reparara para além dela. Todavia, deveria ter havido alguma pessoa, pois alguém a odiara o suficiente para a matar – não a Alex, mas *a ela*.

– Está cá? – perguntou Cay.

Alex demorou um pouco a regressar ao presente. A sua mente perdera-se de tal forma no passado que até sentia o cheiro da cela de prisão que lhe servira de lar durante tantas semanas. Mais do que qualquer outra coisa, Alex queria puxar Cay para os seus braços e sentir o corpo jovem e saudável dela contra o seu, encostar a cara ao cabelo dela.

Reparando que ela parecia saber e até compreender o que ele estava a sentir, Alex obrigou-se a afastar-se mais dela.

– Está com o seu «ar de esposa».

– O meu quê?

– Sempre que pensa nela, os seus olhos semicerram-se e o seu corpo parece que se afunda. Se é isso o que o amor faz a uma pessoa, não quero que me toque sequer.

– Não foi o amor que fez isto. Fez... – Interrompeu-se, pois percebeu que ela estava a tentar que ele deixasse de sentir pensa de si mesmo. – Então o que estava a dizer era que o seu Abraham não a faz sentir-se assim?

– Ephraim. Não, mas o filho dele sim.

E, sem mais, ela saiu da clareira e voltou para a povoação.

Alex continuou no mesmo sítio, mas estava a sorrir.

– Esteja no barco às cinco da manhã, com a arca do T. C. – gritou-lhe ele.

Ao ver que ela assentia com a cabeça mas não se virava para olhar para ele, sorriu ainda mais. Sim, a verdade era que queria que ela fosse com eles, pois, pura e simplesmente, gostava da companhia dela.

O facto de ele também sentir... O que dissera ela? Paixão por ela? Algo assim. Sim, isso era um fator a ter em conta, mas ele sabia que era capaz de o controlar. Mais tarde, depois de terem ultrapassado aquilo e depois de ele ter sido ilibado, talvez eles... Não conseguia pensar no futuro. Naquele momento, tudo o que existia era o presente e ele tinha de viver com o aqui e o agora.

¹⁷ Companhia de especulação imobiliária fundada em meados do século XVIII. (N. da T.)

Na manhã seguinte, Alex teve de se esforçar para disfarçar a diversão quando, às 4.30 da manhã, ainda antes de o dia raiar por completo, viu Cay a saracotear-se na direção deles. Atrás dela vinham as gémeas, carregadas com o baú pesado de T. C., cheio de material de arte; mais atrás ainda estava Thankfull, a segurar numa velha sacola de couro e num grande cesto que ele esperava que contivesse comida.

Alex olhou para Eli e viu que também ele estava prestes a desatar à gargalhada perante a visão daquele desfile, mas Grady franzia o sobrolho.

– Yates! – chamou Mr. Grady num tom autoritário sem que Alex soubesse a qual dos «Yates» se referiria. – Diga ao seu irmão mais novo que, doravante, ele terá de transportar o seu próprio equipamento. Não admitimos parasitas nesta viagem e, se ele não pode cumprir as regras, ficará em terra.

Cay chegara ao flanco do *flatboat* e parecia não saber o que dizer.

– Elas queriam ajudar-me – tartamudeou. – Por isso, hã...

Alex largou as cordas que tinha acabado de amarrar e apressou-se a acercar-se dela.

– Fique calada – sussurrou-lhe no seu sotaque mais carregado. – Um rapaz não daria explicações.

– Certo. Nunca explicar. Vou acrescentar essa regra à minha lista. – Baixou mais o tom da voz. – Juntamente com classificar beijos.

Alex sabia que ela estava a brincar, mas não sorriu.

– Vá buscar o baú e ponha mãos à obra.

– A fazer o quê?

– Olhe à sua volta. Descubra o que é preciso ser feito e depois faça-o. – Se ela fosse mesmo um rapaz de dezasseis anos, ele teria agarrado no baú para lho atirar para os braços. O facto de Grady ter reagido chocado por um rapaz permitir que mulheres carregassem o seu equipamento mostrava a Alex que Cay precisava de ganhar calo e que tinha de fazer algum trabalho se queria passar por rapaz. Pensando melhor, Alex aproximou-se das gémeas, tirou-lhes a arca de metal e entregou-a a Cay. Quando esta não se mexeu, disse-lhe: – Pegue na maldita coisa!

Ela assim fez, mas não estava preparada para os vinte quilos que a arca pesava. Cambaleou para trás, embora tenha conseguido segurá-la, ainda que para isso tivesse ido contra a parede lateral da pequena edificação que se encontrava ao fundo do *flatboat*. Alex percebeu que ela deveria ter-se magoado, mas Cay apenas fez um esgar. Por fim, conseguiu equilibrar-se e endireitar-se ainda com a arca nas mãos.

Quando o miúdo, Tim, começou a rir-se, como se nunca tivesse visto algo mais engraçado, Alex teve vontade de lhe bater. Em vez disso, disse a Cay:

– É bom que ganhe músculo se quer fazer esta viagem.

Ele sabia que ela mal conseguira ouvi-lo, por causa do riso espalhafatoso de Tim, mas, compreendendo o sentido, Cay assentiu com a cabeça. Ele viu-a a pousar a arca no convés e Eli a mostrar-lhe como deveria prendê-la de forma segura.

Alex manteve-se atarefado a fixar os mantimentos no barco, enquanto Cay se despedia das três mulheres. Ficou satisfeito ao ver Tim a resmungar por Cay dar beijos no rosto das três. Como Alex lhe dissera, Tim era um daqueles homens que muito gostariam de ser alvo das atenções das jovens mas para quem estas nem sequer olhavam.

Às cinco, estavam prontos para partir. Alex dera a Thankfull mais instruções acerca dos cuidados a ter com os dois cavalos que se viam obrigados a deixar ali. Depois de descerem umas cem milhas pelo rio, chegariam a outro entreposto comercial, onde ancorariam o barco e arranjariam outros cavalos para darem início à exploração terrestre. Por ora, no entanto, viajariam pelo rio durante o dia e passariam as noites em terra. Se a costa se revelasse demasiado perigosa, quer por causa de animais, quer devido à presença de índios, permaneceriam dentro da pequena estrutura ao fundo do barco.

Grady deixou que Tim os desamarrasse da doca e os quatro mantiveram-se imóveis enquanto as mulheres lhes acenavam. Cay ia corresponder aos acenos, mas Alex deu-lhe uma cotovelada e abanou a cabeça.

– Que enfadonhas são as vidas dos homens! – sussurrou ela. – Passam o tempo todo a impedir-se de fazerem coisas simples e agradáveis.

– Não, menina – sussurrou ele. – Nós não *queremos* fazer figura de tolo, acenando às raparigas.

– Vocês não...

– Jovem Yates! – bradou Mr. Grady. – Que pássaro é aquele?

– Não faço ideia, senhor – disse ela, escudando os olhos com a mão para olhar para uma ave com uma envergadura tal que parecia poder dar sombra a um pátio de escola cheio de crianças.

– Bem, o que dizem os seus livros?

– Os meus livros?

– No baú, rapaz! Os livros de pesquisa do T. C. não estão no baú?

Ele estava com um ar irritado, tinha a bela testa muito franzida.

– Não vi o que estava lá dentro, senhor, mas é tão pesado que podia conter a biblioteca de Mister Jefferson – gritou ela.

Eli riu-se, mas depois tapou a boca com a mão para disfarçar.

O cenho de Mr. Grady continuou carregado.

– Tenho a certeza de que a sua mãe acha graça à sua falta de respeito, mas eu não acho. Espreite lá para essa bolsa, verá umas plantas que apanhei porque nunca antes as tinha visto. Terei razão em assumir que, dado que não sabe que pássaros são aqueles, também não saberá que plantas são essas?

– Não, senhor. Quero dizer, sim, senhor, tem razão. Não conheço plantas nenhuma, à exceção das rosas do jardim da minha mãe. Oh! Desculpe, senhor, não estava a tentar ser engraçado. Vou tirar os livros e investigar que plantas e pássaros são.

Foi a vez de Alex dissimular o riso. Entreolhou-se com Eli e ambos abanaram a cabeça. Se Grady e Cay iam passar as semanas seguintes a discutir, seria uma viagem muito interessante. Ocorreu-lhe que, se Grady se enfurecesse a ponto de a mandar embora, ele, Alex, teria, obviamente, de ir com ela.

À medida que começavam a avançar rio abaixo, Alex sentiu que lhe tiravam um peso do corpo e, ao olhar de relance para Cay, sentada nas tábuas do convés, de bloco de desenho à sua frente e uma dúzia de plantas no colo e à sua volta, sorriu. Estava contente por não a ter deixado na povoação. Se o tivesse feito, já estaria preocupado com ela. Sabia que não confiava nem sequer no supostamente

glorioso Adam para cuidar dela de forma adequada.

– Quer que segure nisso por si?

Ela estava a debater-se por manter uma planta imóvel apesar da brisa, para poder ver como era ao certo que as folhas se ligavam ao caule. Os desenhos de T. C. tinham tanto de ciência como de arte. Cay sabia que, nos melhores retratos da natureza, dava para ver a penugem das folhas, contar as urtigas e, o que era mais importante, identificar a planta pelo nome latino ou ver que ainda não recebera um nome. Fez uma careta.

– Se me ajudar, o mais provável é que ele diga que não estou a trabalhar. – Inclinou a cabeça para indicar Mr. Grady, que estava ao leme, a fitar as águas plácidas. O rio St. Johns era bem conhecido como sendo «preguiçoso». Era largo, chegando a ter quase cinco quilómetros de uma margem à outra, tinha um fluxo muito lento e, daquilo que havia sido visto por exploradores, não variava muito em altitude.

Alex tornou a olhar para Cay.

– A mim compete-me arranjar jantar, ou seja, aves e peixe. E se a deixasse desenhar o que caçar ou pescar antes de o Eli os esfolar e meter na panela?

– Que ideia maravilhosa.

A gratidão nos olhos dela levou-o a abanar a cabeça. Ela fitava-o por entre as pestanas densas, sob o rebordo do chapéu de palha, e ele nunca vira uma rapariga mais bonita – nem mais beijável. Como seria possível que os outros não se apercebessem de que ela era do sexo feminino?

– Importa-se que ajude o meu irmão com as plantas e os animais? – perguntou Alex a Grady do outro lado do convés.

– Faça o que for preciso, mas não descure os seus deveres – respondeu, a examinar os mapas e sem olhar para Alex.

– Pronto, viu, eu disse-lhe que tudo correria bem.

– Costuma fazer que isso aconteça – disse ela, já outra vez de olhos postos no papel de desenho.

As palavras dela fizeram-no sentir-se bem.

Seis horas depois, começava a desejar nunca se ter oferecido para aquilo. Por insistência de Cay – e para desgosto de Eli –, todos os pássaros que tinha atingido eram diferentes e ele passara-lhos para que ela os desenhasse.

Ao início, ela não conseguia decidir em que pose havia de os colocar. Encostara o primeiro a um caixote amarrado a um mastro e, tal como lhe tinham ensinado, desenhou exatamente aquilo que via. Quando acabou, tinha um retrato de um pássaro morto apoiado a uma tábua velha. Não era bonito.

Mr. Grady olhou de esguelha para o desenho e perguntou-lhe se a intenção era desenhar também a panela ao lado. Eli fitou-a, como se quisesse saber como iria ela aguentar aquelas críticas duras, mas as queixas incessantes de Mr. Johns tinham-na preparado para qualquer coisa que Mr. Grady dissesse.

– Imaginação! – resmungou Cay, esboçando rapidamente o pássaro como se estivesse vivo e a alimentar-se. Não fazer ideia do que comia o pássaro fê-la hesitar. Deveria incluir um inseto, um peixe ou uma semente no desenho? – O que come este pássaro? – perguntou a Alex.

– O maçarico-real ou a narceja? – replicou ele.

Depois de o fitar com incredulidade durante algum tempo, ela serviu-se do sotaque escocês mais carregado que conseguia pronunciar e disse-lhe detalhadamente o que pensava dele por lhe ter ocultado o facto de saber distinguir uma criatura exótica da Florida de outra.

– Um homem precisa de ter alguns segredos – disse ele ao mesmo tempo que abatia outro pássaro para que ela o desenhasse.

Uma hora depois, ela silvou-lhe:

– Limite-se a mantê-lo quieto. Como posso desenhar isso se não o impede de esvoaçar?

– Se pudesse partir-lhe o raio do pescoço, deixava de tentar fugir – ripostou ele entre dentes.

Ao colo tinha um da meia dúzia de pássaros que alvejara naquela manhã, mas naquele só acertara de raspão e o animal continuava bem vivo. Quem acreditaria que um pássaro poderia ser tão forte? Assim que acordara nos braços de Alex e começara a tentar libertar-se, arrancando-lhe pele das mãos e dos braços enquanto o fazia, ele tentara silenciá-lo, mas Cay impedira-o.

– É demasiado belo para o matarmos e decerto demasiado encantador para o comermos. Deixe-me só desenhá-lo e depois pode soltá-lo.

– Não o acharia belo se tivesse... Au! Tome, segure nele que eu desenho-o.

– Fui eu quem ganhou o concurso, lembra-se?

Cay teve de manter a cabeça baixa para ocultar o sorriso.

Quando Mr. Grady se aproximou, Alex teve a certeza de que ficaria do seu lado. Em vez disso, comentou, dirigindo-se a Cay:

– Estou a ver que é admirador de Mister Bartram.

– Sim, senhor, sou.

– Prossiga, então – disse Grady, regressando aos seus mapas e cartas.

Cay olhou para Alex no preciso momento em que este afastava a cabeça mesmo a tempo de impedir que o pássaro zangado lhe desse uma bicada no queixo.

– Nem se dê ao trabalho de me perguntar quem é Mister Bartram. Não faço ideia. Então, porque dizem as pessoas que é um mago com os animais?

Estreitando os olhos, Alex resmungou qualquer coisa a propósito da ingratidão dela. Uma coisa era despendar tempo e esforço a amansar um animal que venceria uma corrida, mas aquele era um pássaro que... estava quase morto de susto. Por um instante, sentiu-se envergonhado por ter esquecido tudo o que aprendera quando era criança. Com uma infância tão solitária como a sua, tivera de procurar companhia nos animais que o rodeavam.

Olhou para o pássaro que tinha nos braços e deu-lhe toda a atenção. Muito tempo antes, descobrira que, se isolasse a sua mente do mundo exterior, costumava obter o mesmo efeito no animal em que estivesse a tocar. Sentiu o coração alvoroçado do pássaro começar a acalmar e então tocou-lhe na cabeça. As penas eram quentes e macias e ele esforçou-se para projetar paz para a criatura. A mãe costumava dizer que o dom que Alex herdara da sua família incluía aquilo que ele conseguia levar os animais a sentir.

Lentamente, o pássaro começou a acalmar e parou de se debater.

Quando ficou quieto, Alex levantou a cabeça e viu que os outros passageiros o observavam.

– Como fez isso? – sussurrou Cay.

Ele encolheu os ombros, sem parar de acariciar as asas do grande pássaro.

Ela olhou para a pessoa mais perto de si, que por acaso era Tim, e ia perguntar-lhe se vira aquilo, mas o rapaz virou-se. Quando o seu olhar encontrou o de Eli, o homem mais velho disse:

– Calculo que não vamos comer essa ave logo à noite.

– Não, acho que ele vai casar com ela – replicou Cay com um suspiro. Parecia de tal modo uma mulher apaixonada que tanto Eli como Mr. Grady se riram.

Alex abanou a cabeça em jeito de aviso, mas também ele estava a sorrir.

– Será que agora pode despachar o desenho antes que o companheiro dela apareça e a acorde?

Cay recomeçou a esboçar o mais depressa que conseguia. O que estava a fazer não eram desenhos finais, de forma alguma, mas ela precisava de apontar os pormenores.

– Como sabe que não é um macho?

– Quer insultar-me? – perguntou Alex num tom tão genuinamente ofendido que ela se riu.

– Vocês os dois deviam falar em inglês – intrometeu-se Tim.

– Para poderes bisbilhotar? – perguntou-lhe Cay.

– Para o comandante saber o que dizer-vos para não fazerem – ripostou ele, após o que se riu, obviamente convencido que dissera algo espirituoso.

Cay proferiu um palavrão escocês que fez Alex mandá-la calar-se. Parecia escandalizado.

Enquanto ia desenhando, ela disse-lhe:

– Quero fazer o que faz o tio T. C. e mostrar os pássaros no seu estado natural. Quando mos passa mortos, desenho-os e parecem sem vida, mas, se eu pusesse um inseto ou uma planta ao pé deles, já pareceriam mais vivos.

– Porque não pousa a pena e vê onde está?

– Não posso. Mister Grady irá...

– Quando vir como são bons os seus desenhos, tenho a certeza de que só lhe fará elogios – disse Alex, mas não sabia bem se isso seria verdade. Desde o instante em que tinham abandonado a doca, Grady transformara-se no comandante austero da embarcação. Seria de pensar que eles eram uma tripulação a bordo de uma fragata. E parecia que queria que tudo o que viam fosse registado pelo que Cay desejava fazer-lhe a vontade. Alex pensou que era espantoso que Grady não tivesse chegado com um séquito de meia dúzia de artistas. – Bem que poderia pagar-lhes – comentou entre dentes e até ele se apercebeu que parte da sua amargura para com os ricos que julgara serem seus amigos se transferira para Grady.

– O que disse?

– Nada, menina. Eu...

Ela fitou-o com um olhar aguçado. Obviamente, ouvira o que ele dissera e percebera a quem se referia.

– Desculpe, foi um descuido. Prometo que não voltará a acontecer se vier comigo e olhar para este lugar. É lindo.

Cay lançou um olhar de relance para Mr. Grady, mas este parecia estar absorto nos papéis dispostos em cima de uma pequena mesa, ignorando-os a todos. Quando tentou levantar-se, descobriu que tinha as pernas dormente e cambaleou contra Alex. As suas mãos apoiaram-se no peito dele e, por um breve momento, ela deixou-as ficar. Sentia-lhe os músculos por baixo da camisa.

– Ganhou algum peso desde que o conheci.

Alex pousou-lhe as mãos nos ombros e afastou-a a uns trinta centímetros de si.

– Não é altura para isso.

Olhou rapidamente em redor, para ver se alguém reparara, mas todos estavam ocupados com outras coisas.

– Estava só a preocupar-me com a sua saúde. O que tem comido para aumentar de peso?

– Tenho tentado igualar o seu apetite, nada mais. E a Thankfull preparou-me algumas refeições.

– A Thankfull cozinhou para si?

Eles iam caminhando até à popa.

– Pois, qual é o problema? Também cozinhou para si, não cozinhou?

– Sim, mas eu estava hospedada na estalagem dela e a pagar pelos seus serviços. Pagou-lhe?

Ele fitou-a com um sorriso.

– Se não a conhecesse, pensaria que está com ciúmes. Não, não lhe paguei com dinheiro, mas tive de lhe pagar com histórias intermináveis sobre o T. C. A mulher queria que lhe contasse tudo, incluindo o que ele toma ao pequeno-almoço.

– Mas é claro que o senhor não sabia, porque estava...

O olhar dele impediu-a de dizer a palavra *preso*.

– Será que pode parar de falar, por favor, e observar o que a rodeia? Não pode passar a viagem toda a ver apenas pássaros mortos.

– Eu... – Interrompeu-se, pois de facto olhou em redor. Diante deles corria um rio largo e plácido, cuja superfície pouco se agitava ao fluir na direção deles. Alex explicou-lhe que estavam a ir contra a corrente para seguirem para sul. – É como o Nilo, que corre para norte – disse ela antes de lhe perguntar como sabia tanto acerca daquele lugar.

– Enquanto a menina andava a esgueirar-se entre arbustos e a beijar as gémeas, eu estava no entreposto comercial a fazer perguntas. Basta pagar uma cerveja a um homem para que ele nos conte histórias durante a noite inteira.

– Foi assim que ficou a saber os nomes dos pássaros?

– Não. Passei as noites acordado a ler os livros da arca do T. C. A Thankfull emprestou-mos.

Cay achou interessante que Thankfull se tivesse recusado a abrir o baú para um homem tão jovem como ela fingia ser, mas que tivesse emprestado os livros que se encontravam lá dentro a Alex. Os ciúmes eram uma emoção nova para si, mas, de repente, começava a perceber em que consistiam.

Voltou a olhar para a água. Ao longo das margens havia árvores inclinadas cujos ramos pendiam para o rio. Pássaros brancos com pescoços compridos e finos mantinham-se à borda da água.

– Quero desenhar aqueles – disse ela.

– Há de ter oportunidade de o fazer.

Uma águia sobrevoou-os e seguiu-se um pássaro que Alex disse ser um gavião do mar.

– Sim, já sei. Quer desenhá-lo.

Havia peixes a saltar na água e ela pôs-se de gatas para ver tudo o que conseguisse. Alex ainda não lhe tinha levado peixe. Viu qualquer coisa mesmo abaixo da superfície e levou lá os dedos enquanto se virava para Alex.

– Talvez pudesse apanhar uns peixes para logo à noite e assim eu podia...

De repente, Alex agarrou-a por baixo dos braços e puxou-a para trás. À frente deles, a cabeça de uma criatura de aspeto pré-histórico saiu da água e fechou a boca comprida e feia no espaço onde a mão de Cay tinha estado segundos antes.

Por um momento, ela ficou quieta, incapaz de se mexer, com Alex a segurá-la. Quando ele a largou, caiu de rabo no convés.

– Quase que te comia, não era? – comentou Tim bem alto atrás deles, com a voz a revelar a satisfação que sentia pelo que tinha visto. – Se foste suficientemente tolo para pores a mão de fora, acho que merecias que ta tivesse arrancado. Se fosse a mão com que desenhavas, teríamos de te atirar borda fora, já que não serves para mais nada, pois não? Nem coisas leves consegues carregar.

Ele baloiçou-se nos calcanhares e fitou-a com um ar triunfal.

– Bem, *eu* consigo carregar uma data de coisas – disse Alex, lançando um olhar furioso ao rapaz que, apesar de ser alto, ainda tinha menos dois ou três centímetros que ele e era bem mais leve.

– Estava só a meter-me com ele – respondeu Tim. – É sempre assustador ver um aligátor pela primeira vez.

– E quantos viste tu, rapaz? – perguntou-lhe Eli.

– Mais que ele – resmungou Tim, a olhar para os dois homens, achando que o tinham atacado injustamente.

Cay continuava num estupor, ainda a olhar para a popa do barco, junto à qual o aligátor emergira. Alex baixou-se para lhe segredar ao ouvido:

– O Grady vem aí, por isso controle-se e, faça o que fizer, *não chore*. Ouviu?

Ela conseguiu assentir com a cabeça.

– Mordeu-lhe? – perguntou Mr. Grady num tom preocupado.

Cay inspirou e começou a levantar-se. Alex, atrás dela, disfarçava que tinha uma mão nas costas dela para a ajudar a manter-se de pé.

– Se ele me apanhou? – perguntou ela. – Não me parece, senhor. Será melhor perguntar se lhe cortei a garganta com a minha faca.

– A faca que tem na mão?

Cay olhou para a mão direita e viu que não tinha largado a pena; o medo fizera-a agarrar com mais força. Era uma pena longa, ainda intacta, com a ponta coberta de tinta. Não era exatamente uma arma que fizesse frente a um aligátor.

– Com tinta no nariz sufocam – disse ela, sentindo a mão forte de Alex nas suas costas a impedi-la de cair de medo.

Mr. Grady não se riu. Em vez disso, fitou Alex com o sobrolho franzido.

– Acho que é melhor estar mais atento ao seu irmão e assegurar-se de que não temos mais sustos destes.

– Não poderia estar mais de acordo – respondeu Alex.

Depois do episódio com o aligátor, Cay ficou mais submissa. Certa vez, Adam comentara que ela tivera uma vida muito protegida e que não fazia ideia de como era o mundo. Nessa altura, tinha pensado que isso não era muito simpático da parte dele, mas começava a compreender o que queria dizer. Nem todo o mundo era como a sua casa, com irmãos e um pai para cuidar de si e uma mãe sempre disponível para a ajudar a decidir o que fazer em relação a qualquer problema.

De certa forma, quase ter sido atacada fazia-a sentir que lhe fora dada uma segunda oportunidade na vida. Se Alex não estivesse consigo, se não tivesse agido tão depressa, ela teria sido mordida pelo aligátor, que a puxaria para debaixo de água. Nunca teria sobrevivido.

Durante o resto do dia, prestou mais atenção a tudo o que a rodeava, desde os companheiros de viagem até aos pássaros que os sobrevoavam. À medida que avançavam mais para sul, começou a ouvir barulhos em que ainda não tinha reparado. Havia um rugido subjacente aos trinados constantes de milhares de pássaros, os quais iam sendo cada vez mais ruidosos. O som parecia o de uma enorme pedra a ser lentamente arrastada por cima de um leito rochoso. Era sinistro e fascinante em simultâneo.

Desviou o olhar do seu desenho de uma das plantas que Mr. Grady lhe dera. Eli estava a depenar pássaros para o jantar dessa noite, coisa por que todos ansiavam já que apenas tinham comido pão e queijo durante todo o dia.

– Que som é aquele?

– O grave?

Ela assentiu com a cabeça.

– Aligátors. Estão a instalar-se para passarem a noite.

Cay tentou abafar o terror que sentia a crescer dentro de si.

– Devem ser muitos, para fazerem tanto barulho.

– Centenas – disse Eli. – Milhares. Trepam uns por cima dos outros. Vai ver. Mas não se preocupe. Vamos acampar longe deles.

Cay apenas pôde assentir com a cabeça, pois não conseguia articular qualquer palavra.

Mr. Grady deu ordens para que interrompessem a viagem bem antes de o Sol se pôr, ao que eles impeliram o *flatboat* até à margem. Cay viu vestígios do que parecia ser uma velha fogueira numa pequena colina não muito longe da costa.

– Esteve aqui alguém – disse a Alex, que corria pelo barco, amarrando cordas para o ancorar.

– Neste lugar já esteve gente – respondeu ele –, mas depois iremos a sítios onde outros nunca foram. Está desejosa que isso aconteça?

Cay só conseguia lembrar-se da cabeça feia do aligátor a sair da água para a atacar. Vira-lhe bem os dentes, que lhe tinham parecido muito aguçados. Alex apercebeu-se do seu medo.

– Vamos lá. Não se limite a ficar aí, agarre nesses caixotes e leve-os para terra. Acha que não tem de trabalhar lá porque faz uns desenhos bonitos?

– Para que saiba... – começou Cay, mas calou-se ao ver Mr. Grady a olhar para si. Segurou no

caixote pesado que Alex lhe passava e levou-o colina acima até ao lugar onde iam acampar.

Durante a hora seguinte, esteve demasiado atarefada para poder pensar. Ela e Alex montaram uma das três tendas – uma para eles, outra para Eli e Tim e a última para Mr. Grady. Transportou caixote atrás de caixote desde o barco até ao cimo da colina até lhe doerem as pernas e ficar com os músculos dos braços tão fracos que já tremiam.

– Há de habituar-se – disse Alex, dando-lhe uma palmada tão forte no ombro que ela quase caiu.

– Ou de morrer – ripostou ela, mas, ao ver Tim a fitá-la com um sorriso trocista, agarrou no caixote mais pesado que Eli tinha pousado na margem e acartou-o até ao alto da colina. Quando todas as arcas estavam colocadas e as tendas montadas, ela só queria deitar-se e comer meio alqueire de comida, mas não, havia mais trabalho para fazer. Alex informou-a que tinham de ajudar Eli a preparar o jantar.

– Mas ele tem os pássaros. Há horas que está a limpá-los.

– Está a ver aquelas árvores ali?

Desconfiada, com a mão a amparar os rins, espreitou por entre os arbustos em busca do que quer que fosse para que Alex estava a apontar. Como algo saído do desenho de uma criança, viu umas árvores pequenas carregadas de frutos redondos e lustrosos.

– Laranjas! – exclamou, maravilhada. Em toda a sua vida, só comera duas, pois eram um bem raro e valioso, regra geral apenas oferecido como prenda no Natal. – São a sério?

– Muito. Se não tivesse passado tanto tempo a beijar as gémeas nas traseiras da estalagem, podia ter-lhe mostrado as laranjeiras que havia por lá.

– Se não tivesse passado tanto tempo a espiolar os livros da Thankfull e a seduzi-la, podia ter ido consigo.

Alex riu-se.

– Vem ou não?

– Onde?

– Apanhar laranjas. O Eli quer cozinhar os pássaros com o sumo.

– Isso parece delicioso. Acho que era capaz de os comer todos.

Quando já tinham várias árvores altas a separá-los dos outros no campo, Alex estendeu-lhe uma mão.

– Venha lá, molengona, vamos colher o que há neste laranjal.

Ela deu-lhe a mão, segurou o chapéu com a outra e, juntos, desataram a correr por um campo de vegetação alta até chegarem ao pequeno arvoredor.

– Cheiram divinamente – disse ela, soltando-lhe a mão e rodopiando sobre si mesma.

– Melhor do que óleo de jasmim?

Ele estava a colher frutos e a guardá-los na grande saca que tinha levado.

– Não sei se alguma coisa cheira assim tão bem.

Encostou uma laranja ao nariz e inalou a sua fragrância.

– Do que gostava tanto, do jasmim ou do meu cabelo?

– O facto de o senhor estar limpo era uma delícia olfativa.

– Desafio-a a dizer isso ao Tim. O mais provável era que a lançasse borda fora.

– Porque antipatiza tanto comigo aquele miúdo birrento?

– Por causa disso.

– Do quê?

– Isso mesmo que acaba de dizer. Vê-o como um miúdo e é assim que o trata.

Cay encostou-se ao tronco de uma árvore e observou o belo fruto.

– Não o trato de forma alguma. Raramente olho para ele.

– Exato. Ele acha que é mais velho e, por conseguinte, que tem mais experiência pelo que a menina deveria considerá-lo mais sábio.

– Ele não é mais sábio que as bonecas que tenho em casa.

– Não – disse Alex quando ela esticou a mão para tirar uma laranja de uma árvore. – Essas não. O Eli disse que as que crescem do lado sul das árvores são mais doces. Sabia que as laranjas não são naturais da Florida, que foi um conquistador espanhol qualquer que as trouxe para cá?

– Deixe-me adivinhar: Ponce de León.

– Certo. Agora que já teve a sua lição de história do dia, que tal se nos sentássemos e ficássemos aqui quietos por um bocado? Quanto a si não sei, mas para mim foi um dia muito comprido.

Cay não conseguiu suprimir um sorriso, pois percebia que ele fazia aquilo por ela. Não se notava que ele estivesse nada cansado, mas ela tinha levantado mais pesos naquele dia que em toda a sua vida. Alex escolheu um espaço com relva macia à sombra de uma árvore, de onde se viam as colinas e um prado carregado de flores.

– Que lindo – disse ela enquanto ele lhe dava uma laranja na qual cortara um buraco na parte de cima. – O que faço com isto?

Ele mostrou-lhe como espremer o fruto e sugar o sumo do buraco.

– Que delícia – comentou Cay – e sinto-me mesmo desnaturada por estar a comer uma laranja inteira. Quem me dera poder levar uma carroça cheia destas coisas para Edilean. Dá-las-ia a todas as crianças e até aos adultos.

– E ao Michael e ao Abraham? E ao outro?

Cay teve de pensar um pouco.

– Benjamin.

Tinha sumo a escorrer-lhe pelo queixo e já espremera a sua laranja. Alex passou-lhe outra a que já fizera um buraco.

– O jogador?

– É o que ele é, não é?

Ela e Alex estavam sentados um ao lado do outro e, quando Cay se esticou para agarrar numa terceira laranja, o seu braço roçou no peito dele. Ela não pensara no beijo que haviam trocado mas, ao olhar para os olhos dele, todo o cansaço a abandonou. Num segundo encontrava-se sentada a observar a paisagem, no seguinte já estava nos braços dele e a beijá-lo. Os bigodes dele incomodavam-na, pois não conseguia tocar-lhe em toda a pele, mas sentia a boca dele na sua.

Ele abriu mais os lábios e, quando a ponta da língua dele tocou na sua, Cay quase saltou para cima dele. O seu corpo levantou-se e ela fez pressão contra ele, por pouco não o atirando ao chão. Foi Alex quem se retraiu.

– Não, menina – disse ele em voz baixa. – Não aguento assim tanto. Um beijo é bom, mas pode levar a outras coisas que sei que não quer.

Cay tornou a encostar-se à árvore, a sentir o coração a latejar-lhe na garganta.

– Como sabe o que quero?

Ele não respondeu, limitou-se a ficar a seu lado, com a respiração acelerada enquanto tentava acalmar-se.

– Alex, cheira tão bem. O seu hálito cheira a laranjas e juro que ainda sinto o perfume de jasmim no seu cabelo. O Alex...

Virou-se e fitou-o com as pestanas espessas a escudarem-lhe os olhos. Ele soltou um gemido mais sonoro que qualquer dos ruídos que os aligátors faziam e levantou-se.

– Vai levar-me à loucura, menina. Quem me dera nunca ter colocado o pecado entre nós. Mas devo dizer que o aceitou muito bem.

– Não é isso que diz o padre todos os domingos? Que todos somos propensos ao pecado se tivermos a oportunidade?

– Adaptou-se melhor que a maioria. Agora, pare de olhar para mim assim. Como poderei encarar o T. C. Connor se a devolver maculada e de coração partido?

Ela pôs-se de pé, aproximou-se dele, pousou-lhe uma mão no peito e fitou-o.

– Vai partir-me o coração, Alex?

– Há outras partes do corpo que me preocupam mais. Agora vamos! Temos de levar esta fruta ao Eli.

A sorrir, Cay caminhou à frente dele pelo pequeno trilho que eles tinham feito por entre a vegetação, avançando de volta para o acampamento. Alex dizia que lamentava ter introduzido «pecado» nas suas vidas, mas, independentemente daquilo que lhes chamasse, estava contente por ter os beijos dele. Só desejava que ele a deixasse acabar um deles.

No acampamento, os outros estavam à espera e Tim tinha muito a dizer sobre o facto de Alex e Cay terem demorado tanto a irem buscar as laranjas. Quanto a Eli e Mr. Grady, pouco disseram, mas Cay deu por eles a olharem para si de uma maneira que lhe pareceu estranha. Sentou-se junto à fogueira e observou Eli a cortar as laranjas rápida e eficientemente em quartos e a juntá-las aos pássaros, com casca e tudo.

Estava tão cansada que achava que poderia adormecer antes de a refeição estar pronta, mas sabia que Alex a acordaria. Enquanto começava a dormir, pensou que Alex cuidava sempre de si.

No entanto, acordou cinco minutos depois ao ser picada por um mosquito. Logo se seguiu outra picada e outra ainda. Desatou a dar palmadas nas mãos, no pescoço e até na cara, até que se levantou e começou a agitar os braços para tentar livrar-se dos mosquitos. Eli estava calmamente a cozinhar e parecia não dar pelos insetos traiçoeiros.

– Não me incomodam – disse ele.

– Experimente isto – aconselhou Mr. Grady, passando-lhe um recipiente redondo de metal cheio de um unguento espesso. – Esfregue-o no pescoço e na cara. Deve ajudar.

Ela despejou um pouco nas palmas das mãos, esfregou-as e cobriu a cara, o pescoço e as costas das mãos. O cheiro era quanto bastava para a ajudar a descontraír.

– O que é isto?

– É a minha mãe que o prepara – respondeu Mr. Grady com um encolher de ombros. – Um óleo com alfavema e mais qualquer coisa. Se resultar, arranjo-lhe a receita.

– Obrigad... – começou ela, mas Alex interrompeu-a.

– A nossa mãe ficaria satisfeita, não ficaria, maninho?

– Muito – confirmou Cay, a olhar para Mr. Grady.

A fogueira acesa refletia-se nos olhos dele e as covinhas compridas que tinha nas faces ganhavam sombras sob aquela luz ténue. Era um homem muito atraente e ela não conseguia deixar de pensar na família dele. Afinal, tratava-se de um Armitage.

– Quer comer alguma coisa? – perguntou-lhe Alex com brusquidão.

– Claro.

Com relutância, Cay desviou o olhar de Mr. Grady... de Jamie.

– Um pecado por dia não lhe chega? – sussurrou-lhe Alex ao ouvido depois de Grady se afastar. –

O que diria a sua mãe?

– A minha mãe é uma mulher muito prática. Dir-me-ia para me meter na tenda com ele se isso me fizesse casar com um Armitage. Seria o *criminoso* que ela não queria que eu beijasse.

Assim que o disse, arrependeu-se. Do rosto de Alex só via os olhos, mas percebia que continham mágoa.

– Bem, nesse caso – disse ele, já a afastar-se dela –, tem a minha bênção.

Cay observou-o a sair do acampamento e a encaminhar-se para longe, em direção ao arvoredo. Lançou um olhar desejoso aos pássaros assados, de cuja pele pingava o molho feito com as laranjas, e depois tornou a olhar para o caminho. Estava cansada e com fome, mas magoara Alex e precisava de fazer as pazes com ele.

Eli solucionou-lhe o dilema passando-lhe uma travessa de latão com dois pássaros assados.

– Leve-lhe estes – disse numa voz suave.

Cay lembrou-se mesmo a tempo que não deveria dar um beijo na face de Eli para lhe mostrar a sua gratidão. Aceitou a travessa, embrenhou-se na escuridão, indo atrás de Alex.

– Porque fica ele com a primeira escolha? – ouviu Tim perguntar. – Ele não devia ter de voltar para aqui para comer?

– Senta-te, rapaz – disse Eli –, e mete-te na tua vida.

Encontrou Alex facilmente. Estava perto da mesma árvore junto à qual se tinham sentado antes.

– Trouxe-lhe comida.

– Pensava que ia partilhá-la com o Armitage.

Cay sentou-se no chão, ao lado dos pés dele, arrancou uma perna a um pássaro e começou a comer.

– Isto está uma delícia. Que extravagância, podermos comer todas as laranjas que nos apetecer. Acha que até ao final da viagem ainda nos fartamos? – Uma vez que Alex não respondeu, perguntou-lhe: – O que tem ele que o incomoda tanto?

– Nada *nele* me incomoda. É a menina.

– O que fiz eu?

Alex sentou-se à frente dela e começou a comer.

– É o dinheiro.

– O facto de ele o ter?

– Não – disse ele. – O facto de a menina estar disposta a casar-se por dinheiro.

– O Alex casou – replicou ela e preparou-se para a fúria dele, que não ocorreu.

– Não, não casei. A Lilith não era rica como toda a gente julgava que era.

– Por favor, fale-me disso.

– A Lilith era a acompanhante de uma mulher velha e rica, cheia de ódio, chamada Annia Underwood. A bruxa velha até correra com os parentes mais gananciosos, por isso não tinha ninguém. Só que não queria que toda a gente de Charleston o soubesse, por isso contratou a Lilith para trabalhar para ela e passar por sua sobrinha-neta.

– E tratava bem a sua mulher?

– Nem por sombras, mas a Lilith aguentou até me ter conhecido. Eu disse-lhe umas quantas coisas

que fizeram a velha conter-se um pouco. Estava zangada por a Lilith ir deixá-la e viver comigo depois do casamento que, já agora, foi pago por *mim*.

– Quão zangada? O suficiente para cometer um assassinato?

– Se ela mandasse matar alguém, teria sido a mim, não à Lilith.

Cay fitou-o na escuridão, com o rugido dos aligátores a rodeá-los, e disse:

– Eu não sou advogada, mas, se a Lilith não era tão abastada como toda a gente julgava, isso não anula o motivo que o Alex poderia ter para a matar? Se tivesse dito ao seu advogado...

– Acha que não disse? – ripostou ele quase a gritar. – Acha que não contei tudo isto ao advogado? Ele foi falar com a velha Underwood e ela manteve-se fiel à mentira. Afirmou que a Lilith era mesmo sua sobrinha-neta, que teria herdado a fortuna e que tinha sido por isso que eu me casara com ela. Disse que matei a pobre rapariga para tentar ficar-lhe com a herança. Até afirmou que avisara Lilith a meu respeito... isso ao menos era verdade. – Inspirou e acalmou-se. – A verdade era que a velha guardava rancor à Lilith por cada migalha de pão que lhe dava. As roupas caras que a Lilith usava eram para impressionar a vila, não porque a mulher fosse generosa.

Cay pensou no que ele lhe revelava.

– Então é por isso que, quando menciono as riquezas do Jamie Armitage, desata a correr para o bosque e se recusa a falar?

Estava escuro, mas ela sentiu-o a descontrair.

– Sim, menina, é disso que se trata.

– Nunca lhe ocorreu que eu talvez fale com tanta doçura do Jamie por *querer* deixá-lo com ciúmes?

Ele estacou com uma asa a caminho da boca.

– Não, não posso dizer que essa ideia alguma vez me tenha passado pela cabeça.

– Às vezes – disse ela enquanto limpava a boca –, é bom olharmos para o que e para quem nos rodeia em vez de estarmos sempre a viver no passado. – Olhou para o prato cheio de ossos. – Sinto-me muito melhor e vou deitar-me. Quando vier, pode trazer os pratos?

Só tinha dado quatro passos quando ele lhe pousou uma mão no ombro e a virou para si.

– Faz-me sempre sentir melhor – disse ele enquanto encostava a cara ao pescoço dela. – Transforma as piores coisas da minha vida em algo que posso suportar.

– Alex – sussurrou ela. – Faça... Faz amor comigo.

– Menina, não posso fazer isso.

– Eu hoje não morri por um triz. Quando te conheci, tinhas escapado à morte que te esperava no dia seguinte. A Lilith não viveu o suficiente para aproveitar a sua noite de núpcias.

Ele tapou-lhe os lábios com a ponta dos dedos.

– Eu não sou um homem puro. O que me foi feito tirou-me algo de dentro de mim. Não poderei ser o homem que a menina... que tu queres.

– E eu nunca serei a mulher que perdeste, pelo que estamos quites.

Libertando-se dele, ela deu um passo atrás, em direção ao acampamento, mas ele apanhou-a.

Tomou-a nos braços e ela pôs-se em bicos de pés para o beijar. Por um momento, ele fitou-lhe os olhos, perscrutando-os para ver se ela tinha a certeza daquilo. Passado um segundo, a boca dele precipitou-se sobre a dela de uma forma que ela nunca antes sentira. Tinha trocado beijos castos com cada um dos seus pretendentes e dois com Alex, mas nunca sentira algo semelhante ao que sentia naquele momento.

As mãos dele deslizaram-lhe pelas costas e percorreram-lhe os braços, a nuca, o cabelo.

– Sabes que me tens enlouquecido desde o dia em que te conheci? – murmurou ele enquanto lhe beijava o pescoço.

Cay inclinou a cabeça para trás e levantou o queixo para lhe facilitar o acesso.

– Detestaste-me.

– Parecias um anjo naquele vestido. Não sabia se não teria morrido e se tu não estarias ali para me acolher no céu.

– Alex, isso sabe tão bem.

Ele ia-lhe mordiscando o tendão do pescoço e, quando sentiu as pernas dela a ceder, debruçou-se e pegou-lhe, com os braços por baixo das pernas. Com cuidado, pousou-a na erva suave e começou a desabotoar-lhe a camisa. Por baixo desta, ela tinha o pano apertado a prender-lhe os seios, mas Alex levantou-a e depressa lhe tirou tanto a camisa como o pano.

Quando os lábios dele lhe tocaram no peito, ela arquejou.

– Eu não fazia ideia... – murmurou ela.

As mãos e a boca dele pareciam estar em todo o lado e as roupas dela saíam-lhe do corpo num movimento ligeiro. Quando ficou nua, tentou puxá-lo para si, mas ele resistiu.

– Quero olhar para ti, ver a pele que desejo há tanto tempo.

Ela era pequena e tinha o corpo firme depois de tantos dias de exercício. Ele passou-lhe as mãos pelas coxas, pela barriga e subiu-as de novo até ao pescoço.

– Nunca vi uma mulher tão bela – disse ele.

– Não pareço um rapaz?

Ela tinha as mãos unidas atrás do pescoço dele e o olhar fixo no dele. Como resposta, Alex limitou-se a abafar o riso. Hesitante, ela passou-lhe a mão pelo peito.

– Posso tocar-te?

– Sim – disse ele com a voz rouca. – Toca-me quanto quiseres, onde quiseres.

A sorrir, ela começou a desabotoar-lhe a camisa e, quando esta ficou aberta, colocou uma mão lá dentro. Ele tinha muito mais músculo do que ela havia pensado e ocorreu-lhe que julgara a sua aparência na noite em que o conhecera e não mudara de ideias. Vira-o como um homem velho e magro e ambos haviam andado demasiado ocupados para que ela reparasse que ele se tinha fortalecido bastante.

Cay afastou-lhe a camisa dos ombros e desceu a mão até à cintura dele.

– Ah, menina – sussurrou ele. – És mesmo linda.

Ela só conseguia sorrir enquanto começava a desabotoar-lhe as laterais das bragas.

Quando ele ficou nu e deitado ao lado dela, fitou-lhe o rosto e acariciou-lhe a barba.

– Tens a cara marcada debaixo da barba?

– Só o meu coração guarda as marcas da minha vida – respondeu ele e recomeçou a beijá-la.

Mordiscou-lhe as orelhas e voltou a beijar-lhe o pescoço. Continuou, com os lábios tão suaves e quentes na pele dela que Cay se arqueava contra ele.

– Por favor – disse ela. – Por favor, faz amor comigo.

A mão dele desceu mais e ela arquejou quando ele lhe tocou no meio das pernas. Lentamente, pôs-se por cima dela, com as mãos nas coxas dela, afastou-as e colocou-se entre elas.

Quando a penetrou, ela recuou instintivamente e ele começou a afastar-se, mas ela puxou-o para si.

– Tenho medo de te magoar.

– Mas e a *paixão*? – perguntou ela, citando-o, exatamente com as mesmas palavras e no mesmo tom com que ele certa vez lhe fizera aquela pergunta.

– É paixão que queres, menina? – Os olhos dele cintilavam.

– Sim, oh, sim.

– Então não vou conter-me mais.

Num segundo, Alex passou de um amante delicado e atencioso a um homem que estava praticamente avassalado pelo desejo que sentia pela mulher por baixo de si. Os seus beijos tornaram-se exigentes, obtendo dela o que precisava. As mãos dele agarravam-na com uma ferocidade que Cay nunca antes sentira e à qual correspondeu.

Quando a língua dele procurou a sua, ela abriu a boca e retribuiu cada investida. Era como se algo tivesse estado preso dentro de si durante toda a sua vida e as mãos e os lábios de Alex o libertassem. Algures na sua mente, pensou: «Então era isto o que ele queria dizer com *paixão*.» E soube que nenhum dos homens que conhecera antes poderia tê-la feito sentir o que Alex lhe fazia correr pelas veias. Que os céus a ajudassem, mas era mesmo como se tivesse o sangue a ferver.

Quando voltou a penetrá-la, ele abafou-lhe o grito de dor com os lábios e a dor depressa deu lugar à sensação agradável de o ter dentro de si. Agradável depressa se transformou em algo diferente, à medida que o seu corpo começava a parecer precisar de alguma coisa. Ela não sabia o que seria, mas tinha a impressão que poderia morrer se não a conseguisse.

– Alex – sussurrou ela. – Alex, Alex, Alex.

O rosto dele, com toda a barba que tinha, estava encostado ao seu pescoço. Ela agarrou-o com força, mantendo as mãos nas costas dele, puxando-o para baixo e mais para baixo. As investidas dele tornaram-se mais rápidas e profundas até ela estar quase a gritar de desejo por ele.

Quando ele atingiu o clímax dentro dela, Cay cingiu as pernas à volta dele e sentia o seu corpo a pulsar como se grandes vagas de sensação se tivessem apoderado de si.

Alex abraçou-a com força, mas, quando se afastou dela, Cay não conseguiu largá-lo. Ele encostou-lhe a cabeça ao ombro e ficaram deitados e aninhados um no outro, com os corpos suados. Sentiam o cheiro das laranjas em redor e ouviam os sons dos animais.

Demasiado cedo, Alex anunciou:

– Temos de voltar.

– Um minuto. Agora só quero ficar aqui deitada.

– Queres uma lua de mel – disse ele. – É o que uma mulher merece.

Apoiando-se num cotovelo, ela fitou-o intensamente.

– Que Deus me ajude, Alex McDowell, se me disseses que te arrependes disto, eu...

– Fazes o quê?

– Que te arrependas mesmo.

A sorrir, ele puxou-lhe a cabeça para lhe dar um beijo nos lábios e voltar a pousar a cabeça no seu ombro.

– Não, menina, não lamento nada. Era disto que precisava. Foi...

– O melhor que alguma vez tiveste?

Ele sabia que ela estava a provocá-lo, mas não conseguia corresponder à provocação.

– Sim – disse sinceramente. – Foste a melhor. Agora promete-me uma coisa.

– O quê? – perguntou ela num tom sonhador. Já pensava que ele lhe pediria que lhe jurasse amor eterno.

– Que não me enlouquecerás com perguntas acerca de todas as outras mulheres da minha vida. Agora levanta-te, veste-te e vamos voltar antes que eles mandem o Tim à nossa procura. Não gostaria que ele te visse assim.

Cay ignorou a maior parte do que ele disse enquanto se levantava e começava a vestir.

– Outras mulheres? Com quantas mulheres fizeste... isto?

Alex gemeu.

– Não com tantas como o teu tom indica que julgas.

– O que quer isso dizer?

– Menina, tens de te lembrar que, para os outros, sou teu irmão, por isso, por favor, não caias no erro de me fazer perguntas acerca de outras mulheres. E não me beijes!

– Achas que *eu* vou desejar-te? Acho que será o inverso.

– Só te peço que faças um esforço.

– Vamos ver quem precisa de uma lição de comedimento – replicou ela enquanto vestia a camisa por cima do pano que lhe cingia os seios.

– Que pena – comentou Alex com um suspiro ao vê-la abotoar a camisa. – Tapar uma beleza assim é um crime.

Cay estava a esforçar-se ao máximo por continuar zangada, mas não foi capaz. Ao olhar para Alex, pensou no que tinham acabado de fazer e, no momento seguinte, estava nos braços dele e a beijá-lo.

Ele alisou-lhe o cabelo para trás.

– Não será fácil para nenhum de nós manter a farsa, mas temos de o fazer. Agora dá-me mais dois beijos e depois temos de voltar.

– Três beijos.

Depois de mais seis beijos, Alex deu-lhe a mão e partiram em direção ao acampamento e aos companheiros de viagem.

– E nada pode acontecer na tenda – sussurrou ele. – Não podemos arriscar-nos a que nos ouçam.

– Prometo que não te toco – disse Cay. – Mas não posso falar por ti, pois tens umas mãos perigosamente inconstantes.

– Tenho?

– Pois, tens – confirmou ela num tom muito sério.

Alex inclinou-se, como se fosse beijá-la, mas ouviram uma voz e ele endireitou-se. Com um ar contrariado, ele soltou-lhe a mão antes de entrarem no acampamento.

T rês dias depois da primeira vez que tinham feito amor, Cay estava sentada ao lado de um pequeno lago, com os pés a oscilar e as pernas nuas. Usava apenas a camisa, desabotoada. Alex encontrava-se a poucos metros dela, a encher odres compridos de couro com a água fresca que jorrava de entre as pedras. Só tinha as ceroulas vestidas pelo que estava em tronco nu. Ela observava-lhe as costas, a forma como a pele se mexia sobre os músculos do corpo, e tinha vontade de lhe tocar, de juntar a boca à dele, de fazer todas as coisas que haviam feito ao longo dos últimos dias.

Na manhã a seguir à primeira noite juntos, ele conversara com ela sobre a possibilidade da concepção.

– Se isso acontecer, terás de casar comigo – respondeu Cay.

O único sinal de reação da parte dele àquela afirmação foi um pestanejar rápido.

– E se eu não conseguir ilibar-me? Não podes passar a vida com um criminoso. É possível que tenha de voltar para a Escócia.

Cay decidiu demonstrar o mínimo de emoção e não comentou o facto de terem acabado de concordar que se casariam.

– Aguentarias viver com o clã do meu pai, os McTern?

Ele sorriu-lhe.

– Será que te apaixonaste por mim, menina?

Ela não queria dizer-lhe o que sentia por ele, mas a verdade era que não tinha a certeza dos seus próprios sentimentos. Durante toda a vida, soubera o que queria e que género de homem lhe realizaria os sonhos, mas Alex estava longe de ser esse tipo de homem. Por outro lado, ela apreciava muitíssimo a companhia dele.

No entanto, havia Lilith. Tanto quanto Cay conseguia perceber, Alex achava que a mulher era perfeita. Não tinha falhas algumas, nem sequer aqueles traços de personalidade irritantes que todos os mortais têm. Aos olhos de Alex, Lilith fora o expoente máximo do que uma mulher deveria ser. Não saber muito a seu respeito não parecia incomodá-lo.

Cay sabia que, se ela e Alex ultrapassassem tudo aquilo juntos, mesmo que se casassem e tivessem uma dúzia de filhos, ela nunca estaria à altura das memórias que ele guardava da primeira mulher. A maravilhosa, bela e perfeita Lilith seria sempre um estorvo entre eles. A mulher que ele perdera. O grande amor da sua vida. A mulher por quem ele se apaixonara à primeira vista.

Com um pau, Cay desenhou o nome Lilith na lama na beira do lago e depois riscou-o, cravando o pau bem fundo.

– Estão cheios – anunciou Alex com um odre em cada mão.

Ao levantar a cabeça, ela teve de se rir. O lindo corpo dele estava quase nu, mas o seu rosto continuava coberto por uma barba cerrada e descuidada.

– E o que te diverte tanto, menina?

Ele passou por cima das rochas para se aproximar dela, pousou os odres e começou a vestir-se. À

volta deles, os aligátos emitiam os seus gritos profundos e os pássaros instalavam-se nas árvores. Quando a noite caía, todas as árvores ficavam tão carregadas de pássaros que mal se viam as folhas. No acampamento, as tendas estavam montadas e Eli, Mr. Grady e Tim esperavam-nos.

– Tu e essa barba. Não achas que já estás na altura de a rapares? – Quando ele se sentou a seu lado, ela amparou-lhe a nuca com uma mão e beijou-lhe as pálpebras. – Ou será que estás a esconder aí qualquer coisa? Se calhar, não queres que veja como és feio. É isso?

– Como posso competir com o Grady?

Com um gemido, Cay afastou-se dele.

– Não vais começar com isso outra vez, pois não?

– Como posso não começar? – ripostou Alex. – Todo o dia no barco é «Mister Grady isto» e «Mister Grady aquilo». Nunca paras. E a maneira como olhas para ele! Juro, menina, que hoje quase empurrei o homem borda fora.

– Sim? – Ela estava a sorrir. – Não há motivo para teres ciúmes. Ele é o meu patrão e tenho de o satisfazer.

– Satisfazer?

– Com os meus desenhos. Ele gosta do que faço, não achas?

– Acho que ele gosta de demasiadas coisas em ti – resmoneou Alex.

– Se ele gosta de mim, mas acha que sou um rapaz, isso não abona muito a favor da sua masculinidade, pois não?

– Quanto a isso, não tenho a certeza de que eles o achem.

– Achem o quê?

Alex levantou-se para acabar de se vestir.

– Que és um rapaz.

– Não podes pensar que eles sabem que sou...

– Não tenho a certeza. Não há dúvida que não parecem importar-se quando nós nos escapulimos todas as noites e ficamos ausentes durante horas, enquanto me esforço por satisfazer a tua luxúria insaciável.

Ela começou a defender-se mas depois riu-se e esticou as pernas nuas à frente dele.

– Quanto a isso, acho que precisas de te esforçar muito mais. E mais vezes. Sim, muito mais vezes.

– Acho que não sou capaz – retorquiu Alex, a olhar-lhe para as pernas. – Na verdade, menina, deixas-me esgotado. Com as silenciosas e delicadas de manhã, as rápidas e barulhentas quando nos escapamos durante o dia e as compridas e ociosas à noite, tenho a certeza de que não consigo fazer mais.

– Não consegues? – Ela subiu-lhe a mão pela perna, fechando os dedos à volta da barriga da perna e avançando para o músculo da coxa, duro e firme devido a toda uma vida a cavalo.

Quando chegou ao cimo das coxas e passou a mão para o meio das pernas dele, ele deixou-se cair de joelhos e beijou-a.

– Pensava que não conseguias mais.

– Talvez só esta – disse ele e Cay riu-se.

* * *

«Três semanas», pensou Cay, enquanto desviava o olhar do desenho em que estava a trabalhar e observava Alex. Ele encontrava-se ao leme do pequeno barco e, na sua perspetiva, era ele quem o

comandava. Pelo menos, ele era tudo o que ela via.

Nas últimas três semanas tinham feito muitas coisas e bastante havia mudado. Para começar, o corpo de Cay enrijecera. Nem Mr. Grady nem Alex, nem sequer Eli, lhe davam desconto algum. Ao início, ela tivera dificuldade em transportar os caixotes, mas agora já praticamente corria enquanto os carregava para prepararem o acampamento. Até os mais pesados ela levantava com facilidade. À noite, quando se deitavam juntos na tenda, Alex levantava-lhe os braços e admirava os músculos que ela vinha a desenvolver.

– Não falta muito para que sejas mesmo um rapaz.

– Já te mostro quem é um rapaz – dizia ela, rebolando para cima dele.

Com o barulho dos aligátors, dos pássaros e das rãs que os rodeavam não se davam ao trabalho de disfarçar os sons que faziam. Por vezes, Alex tinha-lhe tapado os lábios com os seus para a manter calada, mas, geralmente, falavam e riam sem recearem que os ouvissem.

No final da segunda semana, tinham parado numa plantação e ela e Alex haviam-se esgueirado para a irem explorar. A grande casa ficava numa colina com vista para o rio e Mr. Grady cumprira o seu dever de passar tempo com o proprietário.

– Achas que o pai dele é dono desta terra? – perguntou Alex.

– Provavelmente. – Olhou de esguelha para ele. – Quando a minha mãe souber que passei tempo sozinha com um Armitage e não aproveitei, vai arrancar-me a pele.

– Ai vai? – perguntou ele. – Esta pele? Esta pele que estás a usar agora?

Ela afastou-lhe a mão que ele tinha enfiado dentro da sua camisa, mas os seus olhos indicavam que mais tarde estaria disposta a fazer o que quer que ele tivesse em mente.

O proprietário da plantação tinha desbravado um laranjal silvestre, arrancando ervas daninhas e arbustos e deixando centenas de árvores. Havia uma grande horta que florescia apesar de ser inverno.

– O calor e os insetos dão cabo de tudo no verão – disse-lhes o jardineiro principal. – A jardinagem aqui é ao contrário.

Estavam rodeados por enormes campos de anileiras, todos trabalhados por mão-de-obra escrava.

– O meu pai concorda com o presidente Adams – comentou Cay. – Não deveria haver escravatura no nosso novo país.

Alex perscrutou os campos.

– Eu acho que aqui é mais uma questão de economia que de humanidade.

Depois de um pequeno-almoço generoso na manhã seguinte, partiram cedo e Cay ficou satisfeita por estar de volta ao barco. Tinha-se afeiçoado ao pequeno grupo, exceção feita a Tim. O rapaz continuava a fazer tudo o que podia para lhe azucrinar a vida. Sempre que Mr. Grady elogiava um dos seus desenhos, Cay já sabia que teria de suportar a inveja de Tim. Durante a primeira semana, tivera de verificar a sua roupa de cama todas as noites para se assegurar de que o rapaz não deixara lá algo desagradável. Encontrara três plantas que decerto lhe causariam uma reação alérgica, duas cobras não venenosas e seis espécies diferentes de insetos de aspeto nojento.

Cay queria que Alex interviesse e obrigasse o rapaz a parar, mas ele limitava-se a encolher os ombros.

– É o que os rapazes fazem uns aos outros.

– Então acho que estás na altura de vocês, que são do sexo masculino, pararem com isto. Aqui e agora. Se um homem se der ao trabalho de impedir rapazes de se torturarem, isso acabará por se

generalizar.

Alex fitou-a como se ela fosse louca.

– E as raparigas são melhores? Quando se zangam, não batem umas nas outras, deixam simplesmente de se falar.

– Sim, bem... – Cay levantou a cabeça. – Sempre é melhor que pôr insetos na cama de alguém.

– É?

Cay não queria discutir com ele. Só desejava que o horrível Tim deixasse de lhe fazer coisas horríveis. Decidiu falar do assunto a Mr. Grady, mas este recusou-se a dar-lhe ouvidos.

– Não posso envolver-me em escaramuças entre rapazes – declarou ele, afastando-se.

Frustrada, Cay decidiu resolver o assunto pelos seus próprios meios. Ia tratar Tim como se fosse um dos seus irmãos; tratá-lo-ia especificamente como a Tally.

Da primeira vez que Cay vira uma cobra a serpentear para dentro da tenda dele, tivera de enfiar o punho cerrado na boca para conter um grito e Alex resolvera o problema. Pisara a cobra, agarrara-a por trás da cabeça e atirara-a colina abaixo. Da segunda vez, Alex também a tinha capturado e atirado para longe. Mas, da terceira, Cay não o incomodou. Fez exatamente o mesmo que ele, segurou o bicho com a bota, agarrou-o pela cabeça e levou-a até ao rio para onde o lançou. Só quando voltou para o acampamento se deu conta de que os três homens estavam especados a olhar para ela.

– O que foi? – perguntou.

– Isso era uma víbora – disse Mr. Grady. Até ela sabia que eram extremamente venenosas. – Da próxima vez, chame um de nós.

Mas Cay não chamou quem quer que fosse da vez seguinte, nem depois dessa. O que fez, porém, foi consultar os livros que T. C. tinha no seu baú, desenhar as cobras mais venenosas e memorizá-las.

No final da segunda semana, pediu um frasco grande emprestado a Eli e encheu-o de cobras pequenas e não venenosas que, certa noite, despejou aos pés do cobertor de Tim. Como este não estava habituado a que Cay retaliasse, só as descobriu quando já lhe subiam pelas pernas. Ao ouvir os gritos dele, já deitada na tenda ao lado de Alex, Cay sorriu e ele perguntou-lhe o que fizera ao «pobre Tim».

– Servi-lhe do seu próprio remédio – respondeu ela e começou a beijá-lo antes que ele pudesse fazer-lhe mais perguntas.

Depois disso, foi como se tivesse sido declarada uma guerra. Quando Cay viu a cabeça de um aligátor a boiar na água, sem o corpo, arrastou-a colina acima, escondeu-a entre os arbustos e, na manhã seguinte, enfiou parte do focinho dentro da tenda que Tim partilhava com Eli. Quando Alex acordou ao som dos gritos de Tim, olhou para Cay, que se encontrava tranquilamente deitada a seu lado.

– O que fizeste agora ao pobre do rapaz?

Ela limitou-se a sorrir.

Tim começou a ser mais cauteloso com as partidas que lhe pregava. Tinha aprendido que haveria vingança pelo que lhe fizesse.

Quanto a Cay, o que compensava a aversão por Tim era o afeto crescente que sentia por Eli. Só ao fim de alguns dias de viagem ela percebera que assumira erradamente coisas a respeito dele que estavam longe de corresponder à verdade. Ela tinha pensado que ele era um homem que passara a vida a cozinhar para os outros, mas não, enquanto jovem estudara direito.

– Quando era advogado tinha de lidar com tanto ódio – contou a Cay certa noite. – Toda a gente

gritava e estava tão cheia de rancor que, quando um cliente meu, aqui o jovem Mister Grady, me disse que queria partir em expedições, fechei o meu gabinete e acompanhei-o. Nunca me arrependi.

Cay sabia que, para ter trabalhado para a família Armitage, deveria ter sido um advogado muito bom.

– Então não desejava ter um lar e uma família?

Viu o brilho abandonar-lhe os olhos antes de ele desviar o rosto sem responder. Mais tarde, perguntou a Mr. Grady o que se tinha passado.

– Ele não gostaria de saber que lhe contei, mas a verdade é que teve uma mulher e um filho que morreram de varíola. Não tornou a casar.

Depois disso, Cay passou a olhar para Eli de forma diferente e, quando o viu a ler um exemplar de Cícero, esboçou um grande sorriso. Conhecia alguém que queria um marido.

Na terceira semana, puxaram o *flatboat* para terra e deram início a uma caminhada para verem certas ruínas de que Mr. Grady tinha ouvido falar. Ele e Alex transportavam equipamento de exploração e Cay levava papel e vários lápis num saco, enquanto Tim e Eli se encarregavam das panelas. Alex cumpria sempre o seu dever de providenciar comida pelo que Tim se viu obrigado a carregar o grande peru que Alex tinha caçado.

Cay não resistiu a dizer-lhe que as penas dariam um bom chapéu para ele, insinuando que ficaria bem com um chapéu de mulher.

Quando chegaram ao velho forte que Mr. Grady queria mapear, Cay sentou-se de um lado e começou a esboçar. A fortaleza tinha sido construída pelos espanhóis e, apesar de se encontrar em ruínas, uma das torres ainda tinha muros de nove metros de altura. Depois de ter feito vários desenhos, ela e Alex deram a volta ao velho forte, observando-o.

– Adorava fazer amor contigo agora mesmo – sussurrou ele.

Porém, quando se inclinou para a beijar, uma grande pedra caiu do cimo do velho muro e aterrou a poucos centímetros de Cay. Alex olhou para cima mesmo a tempo de ver um laivo de branco, que percebeu ser a camisa de Tim. Desatou a correr e, passados alguns minutos, os gritos de Alex ecoavam pela floresta.

– Uma coisa é pregar partidas, outra é tentar matar alguém – ouviram-no dizer ao rapaz.

Cay, de novo com o bloco de desenho, olhou de relance para Mr. Grady, mas este não olhava para ela. A responsabilidade de vociferar com Tim por ter feito algo tão perigoso era sua, mas Grady estava a deixar tudo nas mãos de Alex.

Durante os três dias seguintes, Tim foi encarregado de lavar panelas e juntar lenha.

Ao final do dia, enquanto jantavam, Eli, que estivera muitas vezes na Florida, contava-lhes histórias acerca das suas visitas anteriores e de coisas que ouvira. Uma história era acerca de uma tribo índia que tinha mulheres extremamente belas.

– Melhores do que alguém alguma vez viu – disse ele. – O cabelo, os olhos, os corpos eram os mais belos alguma vez postos nesta terra. E as mulheres eram tão amáveis e simpáticas como agradáveis à vista.

Continuou a falar dos primeiros exploradores que se tinham deparado com elas. Os homens haviam estado a caçar, perderam-se e estavam à beira da morte quando viram as mulheres a quem chamaram Filhas do Sol. Elas deram provisões aos caçadores e deixaram-nos descansar, mas, ao pôr do Sol, disseram-lhes que tinham de partir. Avisaram-nos de que os seus maridos eram guerreiros ferozes que os matariam se os encontrassem. Mas os homens não queriam partir e seguiram as mulheres em

direção à aldeia delas, que viam ao longe. Contudo, por mais que se esforçassem, os caçadores não conseguiam chegar à aldeia. Sempre que pensavam que estavam a aproximar-se, a aldeia reaparecia mais longe. Por fim, os caçadores partiram e regressaram ao seu entreposto comercial, onde contaram a história do que lhes tinha acontecido.

– Ao longo dos anos – disse Eli –, muitos homens têm tentado encontrar a aldeia das Filhas do Sol, mas nenhum o conseguiu.

Quando Eli acabou de narrar a história, Cay entregou-lhe um desenho de uma mulher incrivelmente bonita.

– Acha que as mulheres eram assim?

Eli fitou o desenho de olhos arregalados.

– Creio bem que sim. É alguém que conheça ou inventou-a?

– É a minha mãe – admitiu Cay com melancolia na voz. Gostava de estar ali, mas sentia a falta de casa e da família.

No dia seguinte, pararam cedo e Mr. Grady levou-os até uma pequena aldeia índia. Cay não sabia o que esperara, mas decerto não havia sido aquela pequena povoação limpa e ordeira. As crianças correram ao encontro deles e Cay desejou ter alguns doces para lhes dar. Havia uma grande casa ao fundo, onde o chefe vivia com a sua família e as reuniões se realizavam. Alex, Mr. Grady e Eli foram convidados a entrar, mas a Cay e a Tim foi dito que esperassem no exterior.

A primeira coisa de que Cay se apercebeu foi que os índios sabiam que ela era uma rapariga. Não tinham quaisquer ideias preconcebidas baseadas nos rituais de vestuário do homem branco pelo que as vestimentas masculinas de Cay não os influenciavam. Entre risos, as mulheres levaram-na para uma pequena casa na qual não deixaram que Tim entrasse. Deram-lhe bolos de milho e uma tigela de leite fresco. Uma idosa que sabia um pouco de inglês perguntou-lhe quem era o marido dela. Cay respondeu que era Alex, sem sequer pensar. As mulheres assentiram com a cabeça, como que em aprovação, mas uma delas disse algo e fez um gesto que imitava a barba de Alex.

A primeira mulher explicou:

– Ela acha que ele é um homem muito feio e que seria melhor se ficasse com o outro. Muito mais bonito.

Cay não conseguiu conter o riso enquanto acenava com a cabeça e contou às mulheres que o cabelo de Alex cheirava muito bem e que era por isso que gostava dele. Isso fê-las rirem-se e, quando eles saíram da aldeia índia, as mulheres seguiram Alex, tentando cheirar-lhe o cabelo.

Alex tolerou a situação com bom humor, mas lançou uns quantos olhares a Cay, como se fosse matá-la. Eli e Mr. Grady nada disseram, mas, ao regressarem ao barco, desataram às gargalhadas.

– O que se passa? – perguntou Tim, olhando para Cay. – Estão a rir-se porque as mulheres o levaram para a casa delas? Eu também achei que isso foi muito engraçado. Devem ter visto que nem sequer faz a barba.

E coçou os poucos pelos que tinha espalhados pelo queixo. A afirmação fez com que Eli e Mr. Grady se rissem ainda mais enquanto Alex ficava com o sobrolho mais carregado.

Nessa noite, quando estavam sozinhos na tenda, Cay tentou aliviar-lhe o mau humor, mas não conseguiu.

– O que te incomodou tanto? – perguntou-lhe já frustrada. – Foi por eles estarem a provocar-te? Tens um orgulho tão inflexível que não consegues rir-te de ti mesmo? As mulheres gostaram do cheiro do teu cabelo. Que problema tem isso?

– Eu nunca ficaria zangado por mulheres gostarem de qualquer parte de mim, só que...

Não terminou a frase, pois não queria alarmá-la, mas a cada dia que passava ia ficando mais certo de que Eli e Grady sabiam que Cay era uma mulher. Pior ainda, tinha o pressentimento de que Grady sabia quem Cay era. Havia pequenas coisas em que Cay não reparava mas Alex sim. Aparentemente, Grady tratava-a tal como àquele rapaz idiota, Tim, mas havia pormenores que chamavam a atenção de Alex. Enquanto Tim poderia deixar cair a colher na lama e mal a limpar antes de comer com ela, Grady assegurava-se sempre de que o prato e os talheres de Cay estavam limpos. Por várias vezes, Alex vira tanto Eli como Grady a intercetarem algum inseto ou criatura rastejante que se preparava para subir por Cay enquanto esta estava concentrada nos seus desenhos. Certa vez, Grady tinha esticado a mão por cima da cabeça de Cay e agarrara num fio que uma aranha ia tecendo a caminho do cocuruto dela.

Havia outras coisas, menos físicas, em que Alex reparava. Grady falava com Cay de uma maneira que não usava para se dirigir aos outros. Era uma questão de tom e até de vocabulário. O que Alex sabia, por ter lidado com os rapazes ricos filhos de proprietários de terras em Charleston, era que Grady tratava Cay como se esta fosse da sua própria classe. Alex aprendera que não era possível entrar para essa classe; era preciso ter nascido nela. Ainda que os norte-americanos gostassem muito de se vangloriar de terem um país sem distinções entre classes, Alex descobrira que isso não era verdade.

O que o intrigava era quanto saberia Grady. Alex estava certo de que não teria custado muito a Grady perceber que Cay era do sexo feminino. Ela andava, falava e até reagia como uma mulher. Até as partidas que pregava ao jovem Tim eram feitas de uma forma feminina. Se ela fosse do sexo masculino, por aquela altura já o teria esmurrado.

E o que Alex temia não era tanto o que Grady pudesse ter adivinhado acerca de Cay, mas o que lhe pudessem ter *dito*. Parecia que ele não só sabia que ela era mulher, mas também que era da sua classe, o que levava Alex a desconfiar que Grady talvez tivesse recebido uma carta da família dela, ou de T. C., a explicar-lhe as circunstâncias. E, se Grady tivesse sido informado quanto a Cay, isso significava que sabia que Alex era um prisioneiro a monte.

Depois da visita à aldeia índia, Alex tornou-se mais cauteloso e observou Grady e Eli com mais atenção. Tanto quanto percebia, Eli só sabia que Cay era uma rapariga, mas Grady parecia saber muito mais. Em termos pessoais, o que era pior – no entender de Alex, pelo menos – era que Grady parecia estar a tentar seduzir Cay. Sabia que não deveria confidenciar os seus receios a Cay, que se riria e lhe diria que ele estava a ser ciumento, mas Alex via coisas que o incomodavam. À noite, as histórias de Eli tornavam-se mais compridas pelo que restava menos tempo para que ele e Cay pudessem escapulir-se. Já por quatro vezes Grady lhe ordenara que fosse a terra e lhes levasse caça e plantas invulgares que Cay pudesse desenhar. Que Cay ficasse sozinha no barco com eles enquanto Alex se via obrigado a ir para terra não era algo sobre o qual ele pudesse protestar sem revelar a verdade. Fora extremamente difícil viajar a pé pelos territórios selvagens da Florida, abater um veado, carregá-lo aos ombros e levá-lo até aos outros.

– Pensávamos que já não vinha – comentou Eli da primeira vez que Alex chegara ao acampamento quando já era noite cerrada.

Alex deixou cair a carcaça do veado e olhou para Grady, mas o homem não lhe devolveu o olhar.

Alex não sabia o que Grady queria de Cay. Parecia-lhe óbvio que desejava destruir a aliança entre Alex e Cay, ou seja, que queria que parassem de fazer amor. Mas porquê? Por conhecer a família

dela e isso o levar a sentir-se responsável por ela? Ou estaria ele tão interessado numa aliança com a família dela como ela estava com a dele?

– Parece que comeste qualquer coisa azeda – sussurrou-lhe Cay quando entraram para a pequena tenda que partilhavam. – Aconteceu alguma coisa entre ti e Mister Grady?

– Porque perguntas?

– Não sei. Se calhar, porque já há dois dias que estás a olhar para ele de cenho franzido e porque sempre que ele me dirige a palavra me parece que vais bater-lhe com um remo. É lisonjeiro que tenhas tantos ciúmes, mas acho que aquilo que fazemos juntos deveria provar-te que não tens o direito de não gostar dele.

– Não tenho? – perguntou ele num sussurro bem audível. – Quando sairmos daqui, com quem é provável que fiques? Comigo ou com o Armitage?

– Fala mais baixo, se não eles ouvem-te. Mister Grady não quer que se saiba quem ele é.

– Achas que o Eli não sabe? Só falta pedir-lhe a bênção e beijar-lhe o anel.

– O Jamie não usa anéis.

– O quê? – rugiu Alex com as sobrancelhas tão aproximadas que quase se tocavam no centro.

– Nada. Estava a brincar. Queria animar-te. O que aconteceu para que tenhas ficado tão zangado assim de repente? Julgava que estavas a divertir-te. – Ela encostou a mão ao peito dele e baixou mais a voz. – Eu tenho estado a divertir-me bastante.

Ele agarrou-lhe nas mãos.

– E quando isto chegar ao fim, terá sido apenas uma diversão.

– O que quer isso dizer?

– Quando voltarmos para uma cidade, vais revelar-te ao Grady e o que farão vocês depois? Confessar que estão apaixonados um pelo outro e afixar os banhos do vosso casamento?

Cay fitou-o com um olhar sério.

– Todas as noites, depois de fazermos amor, assim que adormeces, eu esgueiro-me daqui e vou ter com Mister Grady à tenda dele. Fazemos sexo desenfreado durante a noite inteira e, já agora, ele é um amante muito melhor do que *tu*.

Alex inspirou tão intensamente que a lona da tenda se mexeu.

– Tu... tu... – começou ele, engasgado.

– E o Eli é o melhor de todos – continuou ela sem sequer um laivo de um sorriso. – O Tim não tem jeito nenhum, mas eu tenho vindo a ensinar-lhe o que aprendi convosco. Sobretudo com o Eli. Alguma vez te contei que ele...

– Cala-te – disse Alex, puxando-a para os seus braços e beijando-a.

Mais tarde, quando estavam os dois deitados, suados e saciados, ela tornou a dizer-lhe que não deveria ter ciúmes de Mr. Grady. Entrelaçou os dedos na barba dele.

– Ainda que ele seja muito mais bonito do que tu. Até as índias o disseram. Tiraste aquele ninho de maçaricos desse emaranhado?

Ele agarrou-lhe na mão, beijou-lhe a palma e encostou-a ao peito.

– Não é a aparência que me preocupa. É que o Grady é um duque e tu uma princesa.

Cay riu-se, mas Alex não.

– Não tomo banho há uma semana e passo os dias a acartar caixotes de um lado para o outro. Não vejo nada de principesco na minha vida.

– Eu bem sei que mesmo que estejas coberta de lama dos pés à cabeça, ages, falas e mexes-te

como uma princesa. Até quando partilhamos uma colher e uma tigela de guisado és uma senhora.

Cay sabia que deveria sentir-se lisonjeada pelas palavras dele, mas estas faziam-na franzir o sobrolho. Algo importante o importunava, mas ela não conseguia obrigá-lo a contar-lhe o que era. Só conseguiu adormecer dizendo a si mesma que era óbvio o que o deixava irritado. Tinha sido injustamente acusado de um homicídio e não faziam ideia do que o esperaria quando deixasse a discrição do território desconhecido da Florida. Acabou por dormir, mas continuou agitada e Alex também.

Alex fez a barba. Na manhã seguinte, Cay precisou da única bacia que tinham e, quando viu que Alex estava a usá-la, sentiu-se demasiado impaciente para se dar conta do que ele tinha feito.

– Preciso disso – disse ela.

O *flatboat* estava carregado e ela ainda não tinha sequer lavado a cara e as mãos. Como sempre, Eli reservara-lhe um pouco de água quente, mas ela não tivera tempo de a usar, pois Tim pregara-lhe mais uma das suas partidas naquela manhã, desta feita com espinhos de ouriço, a pequena criatura que Alex lhe levara no dia anterior. Só um mês de desconfiança evitara que Cay ficasse empalada nos espinhos aguçados. Tim tinha passado a manhã com um sorriso trocista enquanto Cay arrancava espinhos da roupa.

Portanto, agora Alex ainda a enervava mais ao açambarcar a bacia.

– Desde quando *te* lavas? – explodiu ela.

– Força, usa-a – respondeu ele, mas ela mal o ouviu devido à toalha com que ele tinha envolvido a parte inferior do rosto.

Ao pegar na bacia, Cay viu a água ensaboada e os pelos que lá boiavam, mas nem isso a fez perceber o que Alex fizera. Eli e Mr. Grady barbeavam-se todas as manhãs por isso estava habituada a ver a água cheia de pelos.

Com a bacia entre as mãos, virou-se; porém, ao fim de dois passos, estacou e tornou a virar-se para olhar para ele.

Alex continuava com a toalha na cara e olhava para ela com um ar tímido, quase como se tivesse medo de a deixar ver aquela parte de si nua. Se não estivessem rodeados por outras pessoas, ela teria dito piadas acerca de outras partes dele que ela já vira a descoberto.

– Mostra lá como és.

Ele não se mexeu, limitando-se a continuar a olhar para ela de toalha junto ao rosto. Cay sorriu-lhe para o tranquilizar.

– Não te preocupes, não vou ficar chocada. – A voz dela suavizou-se e Cay aproximou-se mais dele. – Mesmo que estejas a esconder cicatrizes, não vou importar-me. – A sua intenção era fazê-lo rir, mas parou de sorrir ao lembrar-se que ele estivera preso. Não tinha pensado no que poderiam ter-lhe feito na prisão, mas, naquele momento, começou a pensar nisso. Torturas sobre as quais lera ao estudar história – e que Tally lhe lera alegremente em voz alta – passavam-lhe pela cabeça. Segurou o rebordo da bacia com tanta força que ficou com os nós dos dedos embranquecidos. – Por favor, afasta a toalha – exigiu ela num tom delicado, preparando-se para o que iria ver.

Devagar e com relutância, Alex tirou a toalha da cara e fitou-a.

Nada poderia tê-la preparado para o que viu quando o rosto de Alex ficou exposto. Ele era lindo. Não apenas bonito, mas tão encantador, tão perfeito, como um anjo. Os seus olhos azuis, que ela conhecia tão bem, encontravam-se dispostos sobre um nariz perfeitamente formado. Os lábios dele, que ela beijara tantas vezes mas nunca vira realmente, eram cheios e com a forma dos que se viam em pinturas clássicas. O que mais a espantava era que Alex era jovem, teria menos de trinta anos,

segundo lhe parecia, e o seu rosto não tinha nem uma ruga, nem uma mácula. Comparado com Alex, Mr. Grady era um velho insípido.

Ela fitou-o em silêncio durante algum tempo, tão atônita que não conseguia falar, e começou a lembrar-se de todas as vezes que lhe chamara velho e de todas as coisas que dissera acerca da beleza de outros homens – e a raiva começou a percorrê-la. Ele mentira-lhe por omissão. Lembrou-se que ele se rira dela muitas vezes, por tantas coisas, mas era como se isso não lhe tivesse bastado. Desde o dia em que se tinham conhecido, ele dera-se o prazer de saber que estava a tomá-la por tola. Como deveria ter apreciado a perspetiva de a humilhar ao revelar-lhe a verdade sobre si mesmo! E o pior era que, mesmo enquanto faziam amor, ele estava a rir-se dela.

Sem pensar no que fazia, Cay atirou-lhe a água suja à cara, deixou a bacia cair no chão e foi-se embora em passo decidido. Não sabia para onde ia, mas nunca mais queria voltar a ver Alexander McDowell.

Ele agarrou-a quando ela chegou ao rio e pousou-lhe uma mão num braço.

Cay afastou-se bruscamente dele, recusando-se a olhar para ele. Ficou de braços cruzados sobre o peito espalmado e de olhar fixo na água.

– O que se passa? – perguntou ele.

– Sabes muito bem o que se passa.

Ela tinha os maxilares tão cerrados que mal conseguia falar.

– Sou demasiado feio para que olhes para mim?

Alex estendeu a mão para lhe tocar no ombro, mas ela afastou-se.

Ela apertou os braços e os lábios, continuando a recusar-se a olhar para ele.

– És lindo! – exclamou ela de uma forma que dava à palavra o ar de uma acusação.

Por um instante, ele manteve-se calado; depois perguntou:

– Mais bonito que o Adam?

Lá estava ele outra vez – ainda – a rir-se dela, a ridicularizá-la. Dava-lhe vontade de lhe bater, ou ao menos gritar com ele, mas Cay não lhe daria essa satisfação. Se ele era capaz de fazer piadas, ela também.

– Claro que não. E também não és mais bem-parecido que o meu pai.

– E que o Ethan?

– Nem por sombras.

– O Nate?

– Sim.

– Sou mais bem-parecido que o Nate?

– Sim.

Ela continuava de maxilares cerrados e detestava que ele estivesse a divertir-se tanto.

– E o Tally?

– O Tally tem cornos e uma cauda em forma de forquilha.

– O melhor é eu ver.

– Ver o quê? – ripostou ela e cometeu o erro de olhar de relance para ele. Era ainda mais bem-parecido do que ela tinha achado à primeira vista. Voltou-se de novo para o rio. – Não! Não me digas. Querias dizer que ias ver se *tu* tinhas uma cauda. Para que saibas, já te vi o traseiro nu e não tem nada de especial.

– Não? – A sua voz estava carregada de riso.

– Para de te rires de mim!

– Desculpa, menina, mas esta é a melhor conversa que alguma vez tive. Quando tinha nove anos e um rapaz me contou como se faziam os bebés, gostei da conversa, mas esta ainda me agrada mais.

– Bem, a mim não agrada! Sinto-me como... como a Eva no Jardim do Éden.

– Queres dizer que te sentes nua?

– Não! Quero dizer que agora vejo a verdade. Pensava que eras mais velho. Pensei que talvez fosses da idade do tio T. C.

– Sou o *filho* do amigo dele.

– Agora já percebi, desculpa se me confundi um pouco. Com gente a disparar contra mim quando te conheci e a ideia de estar perto de um assassino, sou capaz de ter ficado com as ideias um bocado baralhadas.

O riso abandonou a voz de Alex e ele aproximou-se mais dela, embora não lhe tocasse.

– Menina, de certeza que percebeste que eu não era velho. Um velho não consegue...

– Não consegue o quê? – Ela virou-se para o fitar e pestanejou ao ver o lindo rosto dele. – Perdoa-me por não ter a tua experiência e não ter visto tantos corpos de homens nus que seja capaz de os comparar. Ou a tua experiência quanto às habilidades dos amantes velhos por oposição às dos novos. Eu...

– E o Eli? – perguntou ele com uma expressão solene.

Cay não sorriu.

– Odeio-te.

Virou-lhe costas, com o corpo muito ereto.

– Odeias?

– Sim! E para de olhar assim para mim.

– Se não olhas para mim, como podes saber como estou a olhar para ti?

– Sinto-o. Estás a olhar para mim da mesma maneira que o Ethan olha para as raparigas.

– A comparação faz-me sentir honrado.

– O meu irmão é boa pessoa. Tu, Alexander Lachlan McDowell, *não* és.

E, sem sequer um olhar de relance na direção dele, regressou ao acampamento.

Aos catorze anos, Alex gostara de uma rapariga que vivia a alguns quilómetros da sua família, mas ela nem sequer olhava para ele. Certo dia, ele escondera-se nos arbustos e saltara-lhe para a frente quando ela ia a passar. Uma vez que continuava a nada querer com ele, perguntou-lhe porquê. Ela disse-lhe que ele era demasiado bonito, que nunca seria fiel a uma mulher e que era essa a razão pela qual não queria envolver-se com ele. Triste e zangado com a injustiça da acusação, Alex fora ter com o pai a casa e contara-lhe tudo. Mac escutara-o, compreensivo, e depois dissera-lhe que as mulheres tinham formas de magoar os homens que eram piores do que qualquer coisa que uma espada ou uma pistola podiam fazer. Na altura, Alex achara que era absurdo, mas, nos últimos três dias, tinha descoberto a que se referia o seu pai.

Já havia dias que Cay não lhe tocava ou falava com ele. No dia em que fizera a barba, Alex recebera ordens para ir caçar pelo que só tornara a vê-la ao final do dia. Enquanto seguia o rasto de um veado por entre a vegetação densa da costa, praticamente a correr para chegar tão cedo quanto possível ao lugar onde o barco estava atracado, fora planeando o que haveria de lhe dizer. Imaginou conversas, todas a terminarem com Cay a cair-lhe nos braços e a «perdoá-lo» por ser bonito. A ideia de ser esse o motivo da discussão fê-lo passar o dia a sorrir.

Por vezes imaginava conversas zangadas. Pensava dizer-lhe quão injustas e imerecidas tinham sido as palavras dela. Ela concordaria consigo e correria ao seu encontro.

Noutras ocasiões, pensava pedir-lhe desculpa, dizer que lamentava não se lhe ter revelado... e era aí que ficava embatucado. O que tinha ele a lamentar? Quando estavam no estábulo do velho Yates, deveria ter-lhe contado que, por acaso, debaixo daquele emaranhado de pelo eriçado não era feio? Ou deveria ter-lho dito enquanto dançavam naquela loja em que tinham forçado a entrada? Ou na noite em que haviam feito amor pela primeira vez.

A verdade – e Alex estava bem ciente disso – era que a deixara propositadamente julgar que era feio e velho. De facto, por mais de uma vez dissera: «Os seus olhos jovens veem melhor do que os meus» ou «Como é mais nova, faça isso a menina».

E depois havia a questão de Grady. A ser sincero consigo mesmo, Alex tinha de reconhecer que tivera ciúmes de todas as coisas que Cay dissera acerca de ser tão agradável olhar para Grady. Segundo ela, os anjos tinham inveja da aparência de Grady. Ou, como ela dizia, «da beleza do Jamie». Só com grande esforço Alex conseguira manter-se calado enquanto ela dizia coisas desse género. Cinco minutos depois de terem conhecido Grady, Alex quisera fazer a barba. Sabia que era mais bem-apessoado e jovem do que ele e o seu impulso era revelar-lho, mas algo o levava a conter-se.

Ele sabia o que fora. Quisera ter a certeza de que ela gostava de si, ainda que o julgasse feiíssimo. Desde bebé que as pessoas faziam comentários acerca da sua aparência. As mulheres afirmavam que era uma criança muito bela e os homens diziam ao seu pai: «Que rapaz elegante que tu tens.» Quando cresceu, a sua aparência criara-lhe problemas com o sexo oposto. Parecia que ou se atiravam para os seus braços ou, como a rapariga de quem gostara, nada queriam consigo.

Tinha sido no novo país da América que o seu aspeto lhe dera sorte. Sempre acreditara que fora a boa aparência, combinada com o jeito que tinha com os cavalos, o que lhe abrira caminho para a sociedade rica da classe alta de Charleston. E fora por se encontrar nesse meio que conhecera Lilith. Sabia que ela nunca teria olhado para si se fosse feio. Que uma mulher tão linda como ela se sentisse atraída por alguém como ele sempre o chocara. Mais tarde, depois de se apaixonarem e de terem passado algum tempo a sós, ela confessara-lhe que era pobre e que pouco passava de uma criada de uma velha rica. Também lhe explicara que não poderia aceitar um pedido de casamento de um filho de um proprietário de terras, pois a família do noivo esperaria que ela tivesse uma fortuna, quando ela nada possuía. E até admitira que, sim, o aspeto de Alex tinha sido o que a atraía em primeiro lugar.

Alex estava tão apaixonado por ela, tão fascinado com a beleza dela, que lhe dissera que compreendia. Só depois de ter conhecido Cay e compreendido que esta o via como velho e feio, para além de um possível assassino, começou a acalentar a ideia de se mostrar para ela. Que ela viesse ou não a gostar dele teria apenas a ver com o que Alex *era*, não com o que ela presumisse devido à sua aparência. O facto de ela ter passado a... gostar dele, se não a amá-lo, sem nunca lhe ter visto o rosto, tinha sido maravilhoso.

Sim, para si fora fantástico, mas o problema era que não parecia ter sido assim tão entusiasmante para *ela*. Bom, talvez fosse verdade que sorrisse um pouco sempre que ela se referia à idade que imaginava que ele tinha. E talvez até se tivesse rido – para dentro, decerto não onde ela pudesse vê-lo – quando ela comentava sem cessar quão bonito Grady era.

E, realmente, talvez Alex tivesse estado tão interessado na sua própria perspetiva de tudo que nem parara para pensar em como Cay reagiria quando descobrisse que ele não tinha sido sincero com ela. A questão que se punha era que mentiras seriam necessárias para se desembaraçar daquilo tudo.

Ao longo de todo o dia, pensara em tudo o que conseguira imaginar para voltar a cair nas boas graças dela. Por alguns minutos até ponderara contar-lhe a verdade, reconhecer que cometera um grande erro e pedir-lhe, por favor, que o perdoasse. Mas depressa se desfez dessa ideia. As mulheres gostavam que os homens fossem fortes pelo que humilhar-se e implorar-lhe o perdão nunca funcionaria. No entanto... lembrou-se de que já lhe pedira desculpa uma vez e fora bem sucedido. No entanto, este era um problema mais sério e, nessa altura, ele não tinha à sua disposição a derradeira solução: beijos.

Ao final do dia, quando viu o acampamento, exalou um suspiro de alívio. Não tardaria a estar na tenda com ela; puxá-la-ia para os seus braços e faria amor com ela com tanta ternura que nem teria de dizer uma palavra que fosse. *Mostrar-lhe-ia* que lamentava qualquer coisa que lhe tivesse feito e isso resolveria tudo. Fariam amor com tanto carinho que ela se esqueceria de tudo o que tinha acontecido entre eles. Não havia qualquer necessidade de palavras nem, certamente, de desculpas.

Quando chegou ao acampamento, depois de pendurar a carcaça do veado numa árvore, sorriu. Sem dúvida Cay ficaria tão satisfeita como ele por sanar a discussão. Na verdade, ele aprendera muito antes que podia servir-se da sua aparência para dar a volta a uma mulher. Tudo o que precisava de fazer para que uma mulher lhe perdoasse o que quer que fosse era beijar-lhe as costas da mão enquanto olhava para ela de olhos semicerrados. Se ele a deixasse à espera durante duas horas enquanto estava numa corrida, que importância tinha? Ela perdoá-lo-ia. Se não comparecesse num jantar com a família dela por estar a organizar as corridas do dia seguinte, ela perdoava-o. O máximo que tivera de fazer fora beijar o pescoço a uma mulher algumas vezes. Beijos no pescoço faziam

sempre com que as mulheres lhe perdoassem qualquer coisa.

À exceção de Lilith, pensou ele enquanto amarrava a corda depois de içar a carcaça. Lilith não lhe aturava o que quer que fosse. Ele só a tinha deixado à espera uma vez e, no dia seguinte, vira-a de braço dado com outro homem, a rir-se de tudo o que ele dizia e, quando reparara em Alex, sorrira-lhe alegremente. Que não tivesse ficado aborrecida, que nem sequer parecesse ter-se importado por ele haver faltado ao encontro deles, tivera como resultado nunca mais voltar a atrasar-se.

Portanto, agora sabia que Cay estaria zangada. Conhecia o feitio dela e por isso contava com alguma animosidade, mas beijá-la-ia até a deixar novamente de bom humor.

Confiante nos seus pensamentos, despiu a camisa suada e entrou para a tenda. Via a forma de Cay, adormecida, do outro lado. Tinha colocado uma lona enrolada entre os dois cobertores e até um pequeno caixote, mas Alex afastou-os em silêncio e aninhou-se ao lado dela. Estendeu a mão, tocou-lhe no ombro ao de leve e encostou o rosto ao pescoço dela para começar a beijá-la.

Tudo aconteceu de repente! Alex apercebeu-se de que o pescoço peludo ao qual levava os lábios não era o de Cay e o alvo dos afagos acordou com um grito horrorizado. Era Tim quem estava na tenda com Alex, não Cay. O rapaz bradou:

– Mas que raio julga que está a fazer? – E quase mandou a tenda abaixo ao debater-se para fugir dali.

Os outros foram acordados pelo barulho e saíram das suas tendas. Grady tinha uma pistola carregada na mão, Eli uma grande faca de cozinha. Quando Cay saiu da tenda de Eli, olhou para Alex com uma expressão divertida.

– Ele tentou beijar-me! – gritou Tim, afastando-se de Alex e olhando para ele com um ar enojado.

– Não fiz nada disso – replicou Alex enquanto agarrava na sua camisa e voltava a vesti-la. – Estava a tapar-me com um cobertor e caí para a frente. Se o Tim quer convencer-se de que eu estava a beijá-lo é uma fantasia sua. Se calhar está sozinho há demasiado tempo.

Enquanto inventava aquela mentira, Alex recusava-se a fitar os olhos de Cay.

– Tim, acho que devias voltar para a tenda e deixar-nos dormir – disse Mr. Grady.

– Eu não quero dormir com *ele* – refilou o rapaz. – E, de qualquer maneira, não percebo porque tenho de mudar de tenda. Estava bem com o Eli.

– Tens de *me* deixar dormir – disse Eli. – Ressonas tanto que até assustas os aligátors. Aqui o jovem Cay dorme que nem um bebé e eu preciso da paz que ele me dá. O Alex que te ature os barulhos durante umas quantas noites.

Se Alex tivera algumas dúvidas de que Eli e Grady sabiam que Cay era do sexo feminino, aquelas palavras de Eli tê-las-iam dissipado. Olhou para Grady, que não o fitava nos olhos. Era óbvio que eles estavam a par da discussão – talvez não da causa – e que, apercebendo-se da fúria de Cay, Eli lhe proporcionara uma desculpa para que se afastasse de Alex.

Por um momento, equacionou se haveria de admitir a verdade. Se todos eles – exceção feita a Tim, claro – sabiam o que se passava, porque não haveria de o dizer em voz alta? Contudo, não poderia fazer isso a Cay. Não poderia admitir que tinham sido amantes. Não convinha que as pessoas tivessem a certeza disso, sem sombra de dúvida. E, para mais, havia o instinto de sobrevivência. Se eles sabiam quem era Cay, decerto saberiam quem era Alex. Não queria ter de se sentar junto a uma fogueira e responder a perguntas acerca do que acontecera em Charleston.

– Mantenha as mãos longe de mim! – ordenou Tim a Alex, olhando ora para ele ora para Cay, como se quisesse dizer que havia algo «que não estava bem» entre eles os dois.

Grady não olhava para o rapaz mas retorquiu:

– Acho que seria melhor se todos descansássemos. E, Tim, se quiseres dormir ao relento com os mosquitos, por mim tudo bem.

Virando-se, voltou para a sua tenda.

Cay sorria. Parecia estar a apreciar a zanga de Tim e o ar consternado no rosto demasiado bonito de Alex. Soltou um bocejo exagerado e olhou para Eli.

– Voltamos para dentro e tentamos dormir? – Sorriu a Alex. – Boa noite, irmão. Espero que um inseto não te coma essa cara bonita. Seria uma pena macular tanta pulcritude.

– Hã? – perguntou Tim depois de Cay entrar na tenda. – O que disse ele?

Eli estava a abafar o riso.

– Nada que te dissesse respeito. Agora vai para a cama, rapaz, e tenta não manter o Alex acordado.

Em seguida, voltou também para a tenda. Quando ficaram sozinhos, Tim dirigiu a Alex um olhar de aviso.

– Se voltar a tocar-me, eu... eu...

Alex fitou-o com tanta dureza que Tim não terminou a frase. Lançando-lhe um último olhar desconfiado, entrou para a tenda.

Alex sentia-se tentado a passar o resto da noite no exterior, mas, quando um mosquito lhe picou o pescoço e ele lhe deu uma palmada, recolheu-se na tenda. Tim já tinha adormecido e Alex ouviu o ressonar a que Eli se referira. O rapaz silvava ao inspirar e o ar saía-lhe num assobio agudo. Ao início, o som fê-lo sorrir. Ouvia-o desde que a viagem tinha começado, mas julgara que seria alguma ave noturna. Agora que sabia o que o pobre Eli tivera de suportar durante todo aquele tempo, perguntava-se como teria sobrevivido.

Na manhã seguinte, quando Alex se levantou tão cansado como quando se deitara, já não estava a sorrir.

– Foi a noite mais bem dormida que tive desde que começámos esta viagem – comentou Eli enquanto servia café em canecas de lata e as ia passando. – Não acordei nem uma vez a ouvir assobios e silvos. – Deu uma palmada tão forte no ombro de Cay que ela quase caiu do cepo em que se tinha sentado. – É como te digo, rapaz, nunca dormi ao pé de alguém tão silencioso como tu. Se encontrasse uma mulher assim tão sossegada, casava-me logo com ela.

Alex estava sentado à frente deles e a fitar Cay com um ar furioso, mas ela ignorava-o.

– Anda à procura de esposa? – perguntou Cay a Eli.

– Antes de partirmos, disse a Mister Grady que esta será a última vez que participo numa das suas excursões. Na verdade, até lhe disse que não queria participar nesta. «Não posso ir sem si, Eli», disse ele. «Sobretudo *nesta* viagem.»

Alex olhou para Cay para se assegurar de que ela compreendia a importância do que Eli estava a dizer. Era como se ele admitisse que Grady, de alguma maneira, sabia o segredo de Cay e também o de Alex. Chegariam ao entreposto comercial dali a apenas três dias, onde arranjariam cavalos e seguiriam para sul por terra em vez de continuarem no *flatboat*. Alex não conseguia deixar de se perguntar o que os esperaria no entreposto. Um xerife com algemas a postos?

No entanto, Cay não olhava para Alex nem dava mostras de entender os sinais dele. Estava totalmente concentrada em Eli.

– Acho que tenho a mulher perfeita para si.

– Tem? – perguntou Eli com o interesse a notar-se-lhe na voz.

– Acho que agora não é a altura... – começou Alex com a intenção de a interromper. Se, por sorte, eles não soubessem que ela era do sexo feminino, armar-se em casamenteira decerto a denunciaria.

Mais uma vez, Cay não lhe prestou atenção alguma.

– É a afilhada do tio T. C.

– Miss Hope? – perguntou Eli de olhos arregalados de espanto.

– Conhece-a, então?

– Tive o prazer de usufruir da companhia dela certa vez em que estive com Mister Grady. Uma jovem muito bonita.

– Então sabe... – Cay hesitou.

– Da perna dela? Sei. Mas já provou a tarte de maçã daquela mulher? – Eli estava a apagar a fogueira que tinha ateado para o pequeno-almoço. – Sempre me perguntei por que motivo uma dama elegante como ela não se teria casado.

– Então presumo que não tenha conhecido o pai dela.

– O T. C.?

– Ah! – comentou Cay –, estou a ver que os rumores viajam com facilidade. Não, referia-me ao homem que era casado com a mãe da Hope, Bathsheba.

– Está a falar do Isaac Chapman. – O desdém na voz de Eli era inconfundível. – Uma vez, burlou-me em quase cem dólares. Quando morrer, o diabo ficará mais rico.

– O que fez quando descobriu que ele lhe tinha roubado dinheiro? – A voz de Cay revelava a sua curiosidade.

– Envergonha-me dizer que lhe esmurrei a cara, mas depois levei-o a tribunal, onde me defendi e venci o caso. O juiz obrigou-o a devolver-me o dinheiro, a pagar as custas do advogado e ainda a dar-me mais dez libras pelo incómodo todo.

– Bem feito! – Cay levantou-se. – Acho que vai estar à altura. A Hope pediu-me que lhe levasse um marido que pudesse fazer frente ao pai dela e parece que o Eli pode.

– O Isaac Chapman não vai deixar-me casar com a filha dele – disse Eli.

– Sim, vai. Depois de eu falar à Hope de si, ela fará com que ele aceite – replicou Cay. – Ah, mas ela fez um pedido especial.

Eli suspirou, como se quisesse dar a entender que sabia que haveria algum senão.

– Ela há de querer um homem jovem e elegante aqui como o Alex, não um velhadas como eu.

– A Hope pediu um homem que não adormecesse na noite de núpcias.

Ao início, Eli mostrou-se chocado perante aquelas palavras, mas depois riu-se em alto e bom som.

– Posso garantir que não farei isso. Pode apostar o que quiser que nunca adormeceria enquanto estivesse na cama com uma mulher forte e jovem como Miss Hope.

Pela primeira vez nessa manhã, Cay olhou para Alex e esboçou um pequeno sorriso malicioso para o recordar de que *ele* adormecera na *sua* noite de núpcias.

Os olhos de Alex arregalaram-se com o que ela acabara de fazer, com a forma como conduzira a conversa com Eli apenas para poder terminá-la dando-lhe um golpe. Que ela se servisse da noite em que a mulher dele fora assassinada ultrapassava tudo aquilo de que ele a julgava capaz.

Quando viu Eli e Grady a fitaram-no com uma expressão que tinha tanto de divertimento como de compaixão, teve a certeza de que eles sabiam tudo.

Dado que tinham comida suficiente para um par de dias, Alex pôde permanecer no *flatboat* durante esse dia, mas não conseguiu isolar Cay dos outros para falar com ela. A sua falta de sono não o tinha

deixado com o melhor dos humores, por isso, quando finalmente a apanhou sentada à proa com um bloco de desenho no colo, mal foi capaz de falar.

– Estás a pôr-me a vida em risco – disse ele entre dentes cerrados.

– Por tentar arranjar um marido à Hope?

– Só as raparigas fazem arranjinhos.

– O meu irmão Ethan apresentou três casais que acabaram por desposar-se. Tens ideias bizarras acerca daquilo que os homens e as mulheres podem e não podem fazer.

Ela nem sequer tinha olhado de relance para ele.

– O que fez ele? Arranjou maridos às raparigas que não o largavam? Foi a maneira que arranjou para se livrar delas?

– Sim.

Alex tencionava ser sarcástico, mas o facto de ter adivinhado sobressaltou-o.

– Cay...

Ele esticou a mão para lhe tocar no braço, mas ela desviou-o.

– Se não queres que saibam que sou do sexo feminino, então sugiro que pares de me tocar. E, definitivamente, será melhor que deixes de beijar o pescoço do Tim.

– Fazes-me falta – disse ele com agonia genuína na voz.

– E a mim faz-me falta o homem que eu julgava conhecer! O mentiroso de cara bonita é alguém que nunca conheci.

– Cay!

Ela voltou-se para Mr. Grady, que estava a apontar para um pássaro com um bico comprido a andar ao longo da costa.

– Sim, senhor?

– Desenhou-o?

– Sim, senhor. Tenho quatro desenhos desse pássaro.

– Sabe como se chama?

– Não, senhor, não sei. A minha intenção é dar todo o material ao tio T. C. e deixá-lo verificar os nomes de tudo. A afilhada dele, a Hope, tem uma bela caligrafia pelo que poderá escrever os nomes nos desenhos.

– Parece que pensou em tudo – comentou Mr. Grady com um sorriso antes de lhes voltar costas.

– Ele vai pedir-te em casamento – disse Alex ao lado dela.

– Estás a ser ridículo! Ele acha que sou um rapaz. – Dado que Alex permanecia calado, ela olhou de esguelha para ele. – Está bem, talvez tenham adivinhado, mas o Eli e o Jamie são demasiado cavalheiros para dizerem o que quer que seja. O Tim continua convencido de que sou um rapaz.

Alex sentou-se na proa ao lado dela.

– Esse rapaz passa a noite a assobiar.

– Foi o que o Eli disse.

Cay não tinha interrompido o seu desenho. Estava a esboçar rapidamente uma aguarela da curva do rio mais adiante, tentando captá-la antes que o barco virasse e aquela paisagem desaparecesse.

– Dava para lhe apertar as costelas ao ritmo de uma música e transformá-lo num instrumento. É possível dançar ao som dos assobios dele. – Olhou para Cay, para ver se havia algum sinal de ela se ter rido da sua piada, mas nada viu. Não era justo, pensou ele, que ela conseguisse fazê-lo rir por pior que a situação fosse e que ele não tivesse o mesmo efeito sobre ela. – Menina – continuou em

voz baixa e com um sotaque muito carregado. – Não queria que te sentisses mal. Não fiz a barba enquanto estive preso porque não podia. E não sou do género de homem que alardeie que não é mal-apeado. Não havia nada que eu pudesse ter dito que não soasse a vaidade e não queria que me achasses presunçoso.

– Não – respondeu ela calmamente. – Querias ver se eu gostaria de ti mesmo achando que eras um homem mais velho, tão feio que tinhas de esconder a cara.

A perspicácia dela fê-lo sorrir.

– Pois, queria. É assim tão mau?

– Por acaso, é. – Ela voltou-se para o fitar com um ar zangado. – Julgaste que era tão superficial que só poderia gostar de um homem se ele tivesse um determinado aspeto. *Eu* fui posta à prova apesar de ter arriscado a vida para te salvar. *Tu* eras um assassino condenado, mas eu julguei-*te* pelo que vi, não pelo que tinha ouvido. Agora será que podes ir embora para eu trabalhar?

Alex levantou-se e, quando se virou, ainda foi a tempo de ver Eli a olhar para ele com uma expressão compadecida.

* * *

Cay castigou-o durante os três dias que demoraram a chegar ao entreposto comercial. Mal olhava para ele, raramente lhe dirigia a palavra e agia mais ou menos como se Alex nem existisse. Até fingia que não entendia o sotaque dele. Alex não se dera conta disso, mas, ao longo de toda a viagem, falara com o seu sotaque escocês e ela fora traduzindo o que ele dizia – até os outros terem começado a percebê-lo. Até Tim, que não primava pela inteligência, começara a dizer: «Ah pois, eu cá ã sei.»¹⁸

No entanto, como estava irritada com ele, Cay dizia-lhe que não percebia patavina do que ele estava a dizer e se poderia falar em inglês?

Foi Eli quem pôs termo à zanga que parecia interminável. Apanhou Alex sozinho, longe dos outros.

– Diga ao Cay que agiu mal.

– O quê? – perguntou Alex, desviando o olhar da espingarda que estava a limpar.

– Ao seu irmão. Admita que agiu *mal*.

– Mas eu já admiti.

– Diga-lhe que agiu mal no dia em que nasceu e que ainda não fez outra coisa desde então.

– Mas... – começou Alex.

Eli encolheu os ombros.

– A decisão é sua, jovem. Mas assumir o erro é a única maneira de resolver isto. Aceite o conselho de um homem que queria ter razão a qualquer custo. E veja bem onde estou hoje. Sozinho. A viajar com um grupo de homens. Os meus três irmãos têm dezoito filhos.

Elie virou-se e regressou ao acampamento com um carregamento de lenha debaixo de cada braço.

Não que Alex ainda tivesse dúvidas de que os homens sabiam que Cay era uma rapariga, mas as palavras de Eli deram-lhe a certeza. A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi avisar Cay, mas depois ocorreu-lhe que já não se importava com o que os homens sabiam daquela viagem. Se isso fizesse com que deixasse de estar zangada consigo, poria um joelho no chão à frente deles e imploraria.

– E digo-lhe que agi mal – disse em voz alta.

Ainda sentia que não agira totalmente mal. Não por completo, mas talvez... Por outro lado, talvez também não tivesse agido cem por cento bem.

Não lhe agradou fazê-lo, mas seguiu-a quando ela saiu do acampamento numa pausa privada e esperou entre os arbustos até ela estar de regresso. Quando saiu do meio deles, ela arquejou.

– Não queria assustar-te – disse ele no tom mais contrito de que era capaz. – Só queria dizer-te que... que... – Endireitou os ombros. – Que agi mal.

– Em relação a quê?

– A tudo. Tudo mesmo.

Cay fitou-o de olhos semicerrados.

– Isto é algum truque?

– É um pedido para que me perdoes – disse ele. – Menti-te, admito. Não voltará a acontecer. E julguei-te mal. Achei realmente que eras uma rapariga frívola a quem nunca acontecera nada de mal. Mas já conheci mulheres que só me queriam pela minha aparência, pelo que foi agradável ver-te começar a, bem, a *gostar* de mim apesar de azares que era velho e feio. Mas foi uma atitude muito egoísta da minha parte e agi mal. De uma ponta à outra. Agi total, completa e absolutamente *mal*. Por favor, diz que me perdoas.

– Está bem – respondeu ela e começou a voltar para o acampamento.

Alex agarrou-a por um braço e voltou-a para si.

– Está bem? É só isso?

– Queres mais? Fizeste-me uma coisa verdadeiramente má e eu...

Alex interrompeu-a, puxando-a para os seus braços e beijando-a.

Ela tinha sentido horrivelmente a falta dele, mais do que alguma vez lhe diria. Sentira a falta do cheiro dele, da pele dele na sua, das ações e dos hábitos dele. Tudo isso fazia parte de si e ela tivera de se manter afastada dele durante tanto tempo que chegara a sentir que lhe faltava uma parte do corpo.

Beijou-lhe o rosto belo e sentiu a sombra da barba dele a picar-lhe as faces. Ele tinha um fio de suor a escorrer-lhe por uma face e ela não conseguiu evitar e lambeu-o. O suor e os pelos muito masculinos na sua língua fizeram-na ser percorrida por ondas de desejo.

– Cay, fizeste-me falta – disse Alex. – Não voltes a deixar-me. Por favor, não me deixes. Preciso tanto de ti.

Ela lançou a cabeça para trás e ele percorreu-lhe o pescoço com os lábios. Cay tinha pensado que quando ele lhe tocasse a sensação seria diferente, pois agora ela sabia como ele era. Era como se ele sempre tivesse usado uma máscara e por fim estivesse completamente nu, o que a fazia pensar que seria um homem diferente. Mas não era. De olhos fechados, tratava-se do mesmo homem com quem passara muitas horas. Juntos, tinham rido e amado e agora haviam discutido. Haviam completado uma fase.

¹⁸ No original: «Och aye, an’ dornt Ah ken it.» (*N. da T.*)

— Agora é mais doce — disse Alex. Tinha uma mão no ombro nu de Cay, a outra apenas a tocar na água do riacho.

— O quê?

— Nós. Tu e eu. O que existe entre nós é melhor agora.

Erguendo-se, ela fitou-lhe os olhos. Tinham os corpos despidos e estavam aninhados entre as ervas altas a cerca de um quilómetro e meio do acampamento. No dia seguinte chegariam ao entreposto comercial e um novo rumo da viagem teria início.

— E se não regressássemos?

— Queres dizer nunca deixar este paraíso e nunca voltar a estar com gente e barulho?

À volta deles, os pássaros e os aligátors omnipresentes eram quase ensurdecedores. A sorrir, ela tornou a encostar a cabeça ao ombro dele.

— É que tenho um pressentimento de que algo vai acontecer.

Alex ia começar a dizer-lhe palavras que a tranquilizassem, mas decidiu, em vez disso, ser sincero.

— Eu também. Mas talvez apenas sinta isso por causa do que se passou antes. Quando achava que tinha tudo, tudo me foi roubado.

O que ele não lhe revelava era que tinha a sensação indefinível que herdara da mãe. Algo estava prestes a mudar. Se seria para melhor ou pior, isso ele não sabia. Sempre o intrigara não ter tido uma premonição acerca da morte da mulher. Cay manteve-se calada durante algum tempo.

— Gostavas de não ter passado por tudo isto?

— Claro! O fedor daquela cela vai atormentar-me para o resto da vida. O que foi dito acerca de mim no julgamento... nenhum homem deveria ter de ouvir coisas dessas e... — Interrompeu-se quando Cay se sentou. — O que foi?

— Nada. Está só a ficar frio — respondeu ela, começando a enrolar o pano à volta do peito.

— Quem me dera que não tivesses de usar essa coisa. — Alex ajudou-a a apertá-la. — Se não fosse pelo Tim, acho que poderias aparecer no teu vestido de baile que ninguém se surpreenderia. — Visto que Cay continuava calada, ele virou-a para que ela olhasse para si. — Está qualquer coisa a incomodar-te, portanto, desembucha.

Ela não o encarava.

— Só que, se tudo o que... aconteceu não tivesse acontecido, nós não nos teríamos conhecido.

Quando Cay finalmente olhou para ele, Alex percebeu o que ela estava a dizer. Estava a perguntar-lhe se desejava ter Lilith de volta em vez de estar com ela. Mas como poderia Alex responder a tal pergunta? Lilith fora sua mulher. Era verdade que durante muito pouco tempo, mas haviam-se amado desde o primeiro instante em que se tinham visto. Havia algo nessa sensação inicial de amor que ofuscava a relação mais realista entre si e Cay.

Cay enfiou os braços na camisa e afastou-se dele.

— Ela era a tua mulher e tu amava-la. Eu compreendo. Podes passar-me os sapatos, por favor?

– Não vamos discutir outra vez, pois não? Não vais tornar a não falar comigo, pois não?

– Não – disse ela, dando-lhe um beijo ao de leve nos lábios. – Na verdade, acho que nunca mais vou fazer isso. Da próxima vez que fizeres qualquer coisa de que não goste, acho que te darei um murro nessa cara velha e feia.

Alex sorriu enquanto baixava as pálpebras e a fitava com o olhar que levava todas as mulheres a perdoar-lhe o que quer que ele tivesse feito.

– Ai sim? Sou velho e feio, é?

– Os javalis são mais bonitos que tu. E, se não paras de olhar assim para mim, vou pôr aquela flor amarela debaixo da almofada do Tim para o fazer espirrar. Há de passar a noite toda a silvar.

Alex abandonou os olhares sedutores e recostou-se na erva, resmungando. Desde que tinham feito as pazes, ela ainda não voltara para a tenda dele. Eli dissera-lhe: «Acho que é a sua vez de dormir com o rapaz» e os seus olhos indicavam que não iria ceder.

Alex não o disse a Cay, mas parecia-lhe que a atitude de Eli teria algo que ver com o facto de eles terem feito amor na tenda ao lado da dele. Para disfarçar o embaraço, Alex virara-se.

– Ganhas tu – disse a Cay. – Não suporto os assobios do rapaz e ainda menos os espirros dele.

Por duas vezes, os espirros estrondosos de Tim tinham afugentado bandos de pássaros das copas das árvores em redor e as pessoas que estavam por baixo delas haviam sido bombardeadas por uma chuva de penas e de outras coisas nada agradáveis.

– Espero que nunca mais voltemos a discutir.

– Eu também – respondeu Cay, mas a sua voz continha menos esperança.

Não sabia porquê, mas estava muito receosa do dia seguinte. Não seria apenas o pequeno grupo formado por eles, haveria desconhecidos no entreposto comercial – e os desconhecidos transmitiam notícias. Temia que outros exploradores tivessem estado na povoação onde Thankfull vivia e houvessem feito perguntas. Se as autoridades soubessem que Alex se aventurara nos pântanos, talvez fizessem o que fosse necessário para chegarem lá antes dele e estivessem à sua espera.

– Não fiques tão tristonha – disse-lhe Alex, passando um braço à volta dela. – Podes sempre voltar para aqueles homens que te pediram em casamento. Como se chamavam eles? – A rir-se, ele caminhou à frente dela.

– Alex – sussurrou ela. – Todos se chamavam Alex.

* * *

– Eu conheço-o – disse Alex com a respiração tão tensa que Cay mal conseguiu ouvi-lo.

Tinham chegado ao entreposto comercial duas horas antes, mas tanto Cay como Alex haviam hesitado – ele demorando muito tempo a ajustar as amarras do barco, ela justificando-se com querer rever os seus desenhos. Tim desatara a correr no instante em que o barco tocara na margem. Depois dos sítios por onde tinham estado, o entreposto comercial, com a meia dúzia de casitas que tinha, parecia uma grande cidade. Mr. Grady e Eli também haviam esperado um pouco, mas depois tinham seguido, embora caminhassem lentamente e observassem atentamente todos aqueles com quem se cruzavam.

Passadas duas horas sem que ninguém corresse na direção deles com armas e algemas, Alex e Cay decidiram avançar até ao edifício baixo e comprido que era o centro do pequeno povoado. Era ali que os homens levavam as peles que arranjavam, entregando-as ao comerciante a troco de bens e dinheiro. Este, por sua vez, vendia-as aos homens que desciam pelo rio e, a seu tempo, as peles

acabavam nos ombros de alguma mulher rica de Nova Iorque.

No entanto, quando entraram cautelosamente no entreposto, Alex empalideceu e sussurrou «Eu conheço-o» e apressou-se a sair. O jovem atrás do balcão desviou o olhar das penas que estava a contar – serviriam para enfeitar chapéus de senhora – e apenas viu Cay. Mirou-a de cima a baixo, como se tentasse lembrar-se se já a teria visto antes, após o que tornou a concentrar-se nas penas. Mr. Grady e Eli encontravam-se a um lado, de canecas com cidra encostadas aos lábios, atentos ao que se passava à volta.

Cay esgueirou-se pela porta e começou a correr à procura de Alex. Encontrou-o sentado num cepo, não muito longe do barco.

– Quem é ele? – perguntou, sentando-se a seu lado. Estava a tentar permanecer calma, mas sentia o coração a latejar-lhe na garganta.

– Acredites ou não, é um dos rapazes ricos da pista de corridas.

– Ficaste-lhe com muito dinheiro?

– Que importa isso? Até parece que o roubei.

– Alguns jogadores veem a coisa assim. Quero saber o que nos espera, é só isso.

Alex olhou para uma árvore cheia de pássaros brancos e suspirou.

– Não, ele não era desses. Chama-se George Campbell e, em tempos, eu teria dito que era meu amigo. Foi convidado para o casamento, mas tinha-se ausentado.

Cay não gostava de pensar no casamento de Alex.

– Talvez ele não tenha ouvido falar sobre o que te aconteceu, ou talvez seja realmente teu amigo e nada diga quando te vir.

– Há alguém neste país que não tenha ouvido falar de mim?

– Para jogarmos pelo seguro, é melhor assumirmos que não – disse ela.

Tinha a mente a rodopiar com as coisas que teriam de fazer se o homem pudesse identificar Alex. Em primeiro lugar, precisavam de se manter longe dele. Não poderiam deixá-lo ver o escocês, pois não sabiam o que ele seria capaz de dizer ou fazer. Se chegasse a vê-lo, ou sequer a ouvir dizer que ele estava ali, quanto tempo demoraria o comerciante, aquele tal George Campbell, a contar a alguém que fosse para norte? Poderia ser apenas uma questão de dias para que fossem encontrados.

– Quero que fales com ele – afirmou Alex.

– *Falar* com ele? Com o dono da loja? Estás louco?

– Provavelmente. Depois de ter casado com a Lilith, tudo o que ouvi e vi é um emaranhado enevoadado, mas, se calhar, o George, como não estava lá... não me odiará tanto. – Alex inspirou. – Quando o George se foi embora, disse-me que ia ter saudades da maneira como eu lhe roubava tudo o que ele tinha.

– Belo homem – resmoneou Cay.

– Era uma piada de homem.

– Então suponho que não poderia entendê-la, pois não? – perguntou ela num tom beligerante.

– Não vais começar uma discussão, ou vais?

– Como podes pedir-me isso? Tudo o que estou a tentar fazer é... – Interrompeu-se, pois deu-se conta que *estava* a tentar dar início a uma discussão. Preferia isso a enfrentar o que lhe ia na cabeça.

– O que queres que lhe diga?

– Quero que descubras o que sabe ele.

– Ou seja, se ouviu falar de gente à tua procura?

– Sim – confirmou ele.

– Não sei se tenho algum jeito para mentir.

– Mas que mentiras terias de dizer? – contrapôs Alex. – Conta-lhe que me conheces através do meu pai. Isso não é verdade?

– E achas que Mister Grady e Eli não vão perceber de quem estou a falar? Até o Tim será capaz de decifrar esta.

– Não te preocupes, eu faço com que venham cá para fora. Tu só tens de falar com o George e descobrir o que puderes. E eu vou lá estar contigo.

– A assegures-te que ele não me ataca assim que mencionar o teu nome?

– Pois, menina, é mesmo isso que quero dizer.

Cay engoliu em seco.

– Está bem – concordou ela, mas a ideia de ser uma espia não lhe agradava.

Regressou lentamente ao entreposto comercial e ficou junto à porta até ouvir algo que parecia ser uma explosão perto do barco. De imediato, Mr. Grady e Eli saíram a correr e ela escondeu-se nas sombras.

– O que fez agora aquele rapaz tonto? – perguntou Eli.

Cay perdeu apenas um segundo a pensar se ele estaria a referir-se a si ou a Tim e depois entrou no entreposto fresco e sombrio, onde o jovem estava a contar as peles que tinha num monte.

– Será que ouvi dizer que o seu nome é George Campbell?

– Tanto quanto sei, sou o único na Florida.

Cay começou a sorrir-lhe de uma maneira que sabia agradar aos homens, mas parou. Afinal, devia ser um rapaz.

– O meu pai tem um amigo chamado McDowell e ele tem um filho que...

– O Alex?

– Isso – disse Cay com o rosto a alegrar-se. – O Alex falou-me de um George Campbell e eu estava aqui a pensar se seria o mesmo homem.

– Ah, isso é que sou. – Quando George se dobrou atrás do balcão para puxar mais umas quantas peles, Cay viu Alex a entrar à socapa e a esconder-se atrás de um armário cheio de camisas de homem. – Como está o Alex?

Cay teve de disfarçar o seu espanto perante aquela pergunta.

– Bem. Quando foi a última vez que o viu?

– No dia anterior a ter saído de Charleston. Embebedámo-nos tanto que tiveram de me carregar até ao barco. Quando acordei, estava em Nova Orleães e fiquei com uma dor de cabeça que durou uma semana.

– Nova Orleães? Era aí que queria estar?

– Sim – disse ele, a sorrir. – Era aí que queria estar. Então, onde estudou?

– Na William and Mary – mentiu Cay muito depressa. Parecia que voltara a revelar demasiado a seu respeito. – Então conhecia bem o Alex?

– Conhecia? Até parece que ele morreu. Não morreu, pois não?

– Não – disse Cay com cautela. – Da última vez que tive notícias estava vivo.

– Folgo em ouvi-lo. Passei bons momentos com o Alex, ainda que tenha perdido a seu favor numa centena de corridas. Ele tinha um cavalo... – George soltou um assobio e abanou a cabeça. – Aquele animal deve ter sido criado noutro planeta. Era mais rápido que qualquer coisa que eu alguma vez

tivesse visto. Mas o Alex é um grande cavaleiro.

– É? – Havia um banco junto ao balcão e Cay sentou-se nele. Era bom ouvir alguém que conheceria Alex antes de este ser acusado de um homicídio.

– O que ele consegue levar um cavalo a fazer mais ninguém consegue. – George desviou o olhar das peles. – O que lhe aconteceu?

– O que quer dizer? – replicou Cay, tentando manter a voz calma.

– Pensava que ele ia casar com a sobrinha da velha Mistress Underwood, mas, obviamente, não casou.

Cay precisou de toda a sua força de vontade para não se virar e olhar para onde Alex se encontrava.

– Porque diz isso? – perguntou ela no tom mais sereno de que era capaz.

– Porque vi a Lilith em Nova Orleães há duas semanas.

– Perdão?

– Tive de fazer uma breve viagem até lá porque... – Acenou com a mão como se isso não fosse importante. – Seja como for, enquanto estive lá, vi a Lilith. – George baixou-se e tornou a endireitar-se. – Era capaz de jurar que ela me viu, mas depois voltou-se. Corri atrás dela, porque queria perguntar-lhe como estava o Alex, mas a Lilith entrou para um edifício e não voltei a vê-la. Até perguntei a algumas pessoas por ela, mas ninguém a conhecia. – Encolheu os ombros. – Se calhar não era ela. Talvez fosse só uma pessoa parecida. Só que...

– O quê?

– A Lilith tinha um sinal pequeno no pescoço, de lado, na junção com o pescoço, e era em forma de coração. É demasiado novo para perceber do que estou a falar, mas posso garantir-lhe que todos os homens costumavam ter fantasias com aquele sinal.

– E essa mulher de Nova Orleães também o tinha?

– Pois tinha. Foi isso que me fez reparar nela. Tudo o mais parecia estar diferente. Tinha o cabelo preso e não parecia tão bonita como antes. Não me interprete mal, continuava linda, mas parecia, bem, quase assustada. Quando me viu, até achei que ela ia gritar. Os olhos dela pareciam os de um animal selvagem. Senti pena dela. Porque não se casou com o Alex? Eles discutiram?

– Não sei – respondeu Cay com a voz a soar quase sussurrada. – Já não sei nada de nada.

– Julgava que era o único a sentir-me assim. Vim para aqui na esperança que, se o meu pai não me visse durante algum tempo, se esquecesse do que fiz em Nova Orleães, mas, pelo que me disse na última carta, sou capaz de ter de passar o resto da vida aqui.

Cay levantou-se do banco, sentindo-se tonta. Não pôde deixar de olhar para Alex ocultado pelas sombras atrás do armário. Quando ele lhe fez um sinal com a mão, ela demorou algum tempo a percebê-lo. Queria que ela fizesse com que George saísse da loja. Cay tornou a olhar para o comerciante.

– Estava alguém na porta das traseiras?

– Não ouvi nada.

– Oh! Se calhar eram só aligátors. Sabe como são. O Tim quase perdeu uma perna com uma dentada de um deles, mas eu acertei na cabeça do monstro com um remo e matei-o só com um golpe. Deixe-me que lhe diga, se não estivesse ali o rapaz teria morrido. Acho que Mister Grady está muito contente por *me* ter contratado.

George observou a figura esguia de Cay de alto a baixo, incrédulo.

– E mais, eu...

– Acho que é melhor ir verificar aquela porta – disse George, apressando-se a sair.

Alex esgueirou-se de trás do armário.

– E dizias tu que não tinhas jeito para mentir.

Ela ignorou o comentário.

– O que fazemos, agora?

– *Tu* não fazes nada de diferente. Ficas aqui com os outros e segues para sul, tal como planeado.

Ele voltou-se e saiu da loja. Cay seguia-o a menos de cinco centímetros dos seus calcanhares.

– E *tu*, que planeias fazer?

– Ir para Nova Orleães, como é óbvio.

Cay não tinha a certeza, mas parecia-lhe que ele estava com um passo diferente, mais ligeiro, algo que antes não existia.

– Vou contigo.

Quase tinha de correr para o acompanhar.

– Não, não vais.

Ela parou e fitou-lhe as costas.

– Bom! Então terei semanas a fio sozinha com o Jamie Armitage.

Alex estacou de repente, ficou imóvel por um momento e depois voltou-se para lhe lançar um olhar irado. Ela correspondeu com um sorriso doce.

– Encontramo-nos aqui dentro de uma hora – resmungou ele após o que se afastou demasiado depressa para que ela conseguisse acompanhá-lo.

– Se te fores embora sem mim, mando-te um convite para o meu casamento! – gritou-lhe enquanto ele se ia embora, mas Alex não olhou para trás.

Cay manteve-se parada durante algum tempo. Lilith poderia ainda estar viva. A *mulher* de Alex poderia estar viva e a morar em Nova Orleães. A mulher que ele amava mais do que a própria vida poderia estar à espera dele a poucos dias de cavalgada dali.

Cerrou as mãos em punhos.

– Espero que ela não seja demasiado grande – disse entre dentes. – Não quero ter demasiado trabalho a matá-la.

Dito isso, sentiu-se melhor e, no segundo imediatamente a seguir, já estava a correr. Tinha de se preparar para viajar, desta feita a cavalo e sozinha com Alex. Já ouvira falar de ideias piores.

Nova Orleães, 1799

— Como vamos encontrar o teu irmão, caramba? — perguntou Alex.

Estavam os dois sujos, suados e cansados por de mais. No entanto, ao olhar por cima do seu cavalo para ela, não pôde evitar esboçar um pequeno sorriso.

— Ainda bem que achas graça a alguma coisa, já que eu não. Quero tomar um banho e passar três dias a dormir.

— Estava apenas a lembrar-me da primeira viagem que fizemos juntos. Ficaste exausta ao fim de umas horitas a cavalo.

— Umas horitas? — Esfregou o nariz irritado com a manga. — Referes-te a quando me obrigaste a cavalgar sem parar durante um dia e meio e depois me deixaste ao pé de uma árvore, à mercê de quaisquer patifes que aparecessem? *Essa* viagem?

— Pois — confirmou Alex. — É a essa que me refiro. Cavalgaste com muito mais vigor desta vez.

— Tinha de o fazer, não tinha? — refilou Cay enquanto o seguia para os arrabaldes da cidade. Apesar de já passar bastante da meia-noite, ela via luzes e ouvia música ao longe.

— O que disseste?

— Nada. Não disse nada.

O que a levava a queixar-se fora o facto de ele estar tão determinado a encontrar a mulher que amava que teria feito todo o caminho sem dormir se isso fosse possível. E, de qualquer forma, era praticamente o que tinham feito. No entreposto comercial haviam pedido boleia a um barco que seguia rio a cima, mas que avançava a um ritmo muito lento para o gosto de Alex, pelo que tinham desembarcado numa plantação e usado o que restava do dinheiro de T. C. para pagar um preço exorbitante por dois cavalos. Alex cavalgara intensamente pela margem do rio, sempre em direção a norte, com Cay mesmo atrás dele. Só haviam dormido noite sim, noite não e, certa vez, tinham tido aquilo a que Alex chamava um encontro «infeliz» com um grupo de aligátors escondido na areia.

Cay teria adorado trepar para a segurança de uma árvore, mas isso implicaria deixar Alex sozinho. Ele atingiu um com uma espingarda, atirou-lhe uma pistola carregada e Cay acertou noutro. Não havia tempo para recarregarem as armas pelo que tiveram de se servir de facas. A correr, fizeram tudo o que podiam para escaparem às criaturas que os perseguiam. Numa das histórias que lhes contara, Eli dissera que os aligátors não conseguiam correr aos ziguezagues, por isso ela e Alex foram correndo de um lado para o outro à medida que procuravam terrenos mais elevados.

Ao ficarem a salvo, Cay olhou para Alex e, no minuto seguinte, estava nos braços dele a chorar de medo. Ele abraçou-a com tanta força que ela receou que lhe partisse as costelas, mas não se importou. Limitou-se a apertá-lo da mesma maneira.

Não dormiram muito nessa noite e de manhã Alex teve de ir em busca dos cavalos. Cay pensava

que não os encontraria, mas encontrou. Quando voltou, ela correu para os braços dele e beijou-lhe o rosto com tanto alívio que acabaram por passar ali uma hora a fazer amor, após o que tornaram a partir, desta feita mantendo-se mais afastados das margens.

Nessa noite, tiveram de interromper a viagem cedo, pois estavam a adormecer a cavalo e os animais também estavam demasiado cansados para continuarem. Alex preparou uma fogueira para que pudessem comer e beber antes de se deitarem juntos. Cay passara todo o dia a pensar no seu irmão Nate, perguntando-se o que teria descoberto acerca da acusação de homicídio. Enquanto ela e Alex se aninhavam um no outro depois de fazerem amor, pouco antes de adormecerem, ela contou-lhe que Nate mantinha há muitíssimos anos uma correspondência com alguém na Escócia.

– O meu irmão acha que nós não sabemos nada acerca disso, mas todos sabemos. Temos praticamente a certeza que é o nosso primo Lachlan. Ele só tem mais uns anos que ele e dão-se bem quando os visitamos. Queres ouvir um grande segredo?

Alex esperava que ela não reparasse na rapidez com que o seu coração batia.

– Sim, menina, gostava de ouvir um segredo. Desde que seja qualquer coisa boa.

– Para nós, é, mas duvido que aches o mesmo. O Nate chama Merlin ao seu correspondente.

– Ai sim? – perguntou Alex, tentando aparentar desinteresse e sono. – E o que lhe chama ele?

– Não sei. A chamar alguém pelo nome de um mágico, eu teria dito que seria ao meu irmão. – Já se sentia a adormecer. – O que será que o Merlin chama ao meu irmão científico?

Quando Alex sentiu a respiração de Cay a abrandar e percebeu que tinha adormecido, sussurrou:

– Arquimedes.

Dois dias depois, quando chegaram à povoação e viram Thankfull, Cay comentou:

– *Agora* já sei porque se chama assim. Nunca me senti tão agradecida por ver alguém.

– Eu sim – replicou Alex. – Quando fugimos daqueles aligátors e vi que mantinhas todas as partes lindas do teu corpo, fui a pessoa mais agradecida do mundo.

Cay, sentada no seu cavalo, limitou-se a fitá-lo. Ele nunca estivera tão perto de lhe dizer que a amava.

– Se chorares, ficarás com marcas na sujidade da cara – disse-lhe ele.

– Porque haveria de chorar? Por causa de uma coisa que *tu* tenhas dito? Não me parece!

Ela passou por ele de nariz empinado, mas ouviu-o a rir-se. Thankfull acorreu ao exterior para os cumprimentar.

– Ele esteve cá à vossa procura – disse ela, afogueada, enquanto pegava nas rédeas do cavalo de Cay. – Chegou aqui dois dias depois de se irem embora e teria ido atrás de vocês se não tivesse chegado um mensageiro com uma carta, o que o fez partir para Nova Orleães.

– Quem era ele? – perguntou Alex com a voz constrangida.

– O Tally – responderam as gémeas em uníssono. Tinham saído da estalagem e estavam com o ar de terem passado por alguma experiência divinal. – O Tally.

– É o homem mais elegante que alguma vez vi – comentou uma delas.

– Eu também – disse a outra.

Thankfull estava a observar Alex a desmontar.

– Está com bastante melhor aspeto, agora que fez a barba.

– Ele é mesmo seu irmão? – perguntou uma gémea a Cay, sem sequer olhar para Alex.

– Ele é muito mais... bom, masculino.

Se em tempos as raparigas tinham achado que Cay era um belo rapaz, agora estavam praticamente a

troçar dela.

Porém, Cay sabia que estava com péssimo aspeto – e malcheirosa. O seu colete bordado, outrora tão encantador, estava rasgado e com sangue de aligátors incrustado. Tinha as meias tão sujas que nem se percebia de que cor seriam e o mesmo se passava com a camisa.

– O Tally trazia um casaco lindíssimo – disse uma gémea com um ar sonhador. – Tinha flores bordadas nos bolsos, entrelaçadas com vinhas.

– Eu gostei mais das abelhas.

– O Tally disse que foi a irmã quem lho bordou.

Alex lançou um olhar interrogativo a Cay, que assentiu rapidamente com a cabeça. Era difícil recordar uma altura em que a sua vida era tão calma que ela podia sentar-se numa cadeira junto à lareira e bordar bolsos para os casacos dos irmãos.

– Seria bom comer – disse Alex. – E ter roupas novas. Quanto ao custo...

– Mister Harcourt deixou-vos dinheiro – atalhou Thankfull, olhando de relance para Cay.

«Ela sabe», pensou Cay. «O Tally contou-lhe que sou rapariga e ela manteve o segredo.»

– Ele falou-lhe do tio T. C.?

O rosto de Thankfull iluminou-se.

– Sim, falou. Na verdade, passou as duas noites que aqui estive a contar-me todas as histórias de que conseguia lembrar-se acerca de Mister Connor. O seu irmão é um jovem muito amável e atencioso. – Abriu a porta e deixou-os entrar à frente dela. – Tenho sabão suave para o seu cabelo – sussurrou enquanto Cay passava por ela. – E óleo de jasmim para um banho.

Alex ouviu-a e, virando-se, olhou para Cay. Toda a tensão, todas as tribulações e todo o medo dos últimos dias se dissiparam e começaram a rir. Num segundo, estavam de pé, quase demasiado cansados para se mexerem; no seguinte, agarravam-se aos braços um do outro e riam-se tão alto que as gémeas foram ver o que se passava.

Thankfull enxotou-as pela porta e fechou-a. Cay e Alex continuavam agarrados um ao outro, perdidos de riso e a dizerem coisas incompreensíveis, como «a favor do vento», «assaltantes pelo cheiro» e «o meu cabelo nunca cheirou tão bem».

A sorrir, Thankfull foi para a cozinha a fim de lhes preparar uma refeição enorme.

Para Cay, essa noite na estalagem de Thankfull fora encantadora. Pudera tomar banho, dormir numa cama lavada – com Alex secretamente a seu lado –, comer comida cozinhada e, de manhã, vestir roupas novas e limpas. Que ele a tivesse obrigado a levantar-se às quatro da manhã fora complicado, mas Thankfull despediu-se deles com um pacote de bolos de milho ainda quentes para que os fossem comendo pelo caminho.

– Ele deve querer muito qualquer coisa – comentou Thankfull em voz baixa enquanto Cay montava o seu cavalo.

– Sim, quer.

Não era essa a sua intenção, mas tinha raiva na voz. Agora que se aproximavam do destino, a realidade da urgência de Alex começava a afetá-la.

– Ouvi algumas coisas sobre ele – comentou Thankfull, tão baixo que Cay mal a ouvia. – Mas não acredito nelas. Acho que não poderia ter feito o que as pessoas dizem que fez.

– Não fez e vamos prová-lo.

– O seu irmão... – começou Thankfull, após o que se calou, pois estava a desvendar o segredo.

– Não faz mal. O Alex diz que nunca viu alguém a passar tão mal por rapaz.

– Isso não é verdade. Da última vez que cá estive, julguei que fosse do sexo masculino.

– Obrigada – respondeu Cay. – Acho eu. – Por impulso, deu um beijo no rosto de Thankfull. – Vou fazer tudo o que puder para interceder a seu favor junto do tio T. C., mas ele é um homem teimoso. A minha mãe diz que ele prefere estar de luto por uma mulher que ter de lidar com uma a sério.

– A sua mãe parece ser uma mulher sensata.

– É, e sinto-lhe muito a falta.

– É melhor ir – aconselhou Thankfull. – O Alex está a olhar para nós com um ar zangado. – Inclinou-se para Cay. – Quem teria pensado que era tão elegante debaixo daquela barba toda?

– Eu não adivinhei.

– Mas parece que já compensaram o tempo perdido.

– Nós, hã... – gaguejou Cay.

– As paredes desta casa são muito finas. Agora vá para poder fazer o que precisa. E diga a Mister Connor que... que...

Cay endireitou-se em cima do cavalo.

– Vou juntar-vos e deixar que seja *a Thankfull* a dizer-lhe. – Olhou para Alex. – Vais ficar aí o dia todo?

Com um toque nas rédeas, Alex indicou ao cavalo que avançasse.

– Então, outra vez armada em casamenteira? Primeiro, o Eli com a filha do T. C., agora uma esposa para o próprio T. C. Nunca te ocorreu que estas pessoas são capazes de encontrar companheiros por si mesmas?

– Não, não posso dizer que tenha ocorrido. Achas que uma das gémeas conviria ao Tally?

Alex pôs o cavalo a trote.

Demoraram dias a chegar a Nova Orleães e, por essa altura, estavam exaustos, mas alcançarem o destino imbuíu-os de uma nova energia.

– Então, onde te parece que o teu irmão estará? A dormir nalgum hotel de ricos? – Alex fitou-a com uma sobrancelha arqueada. – Sozinho ou acompanhado?

– Tenho a certeza que o Tally é virgem. O Adam e o pai mantêm-no sob uma vigilância cerrada.

– Como a ti?

Cay fez um esgar.

– Autorizaram-me a viajar sozinha porque julgavam que era a filha sensata e ajuizada.

– Provei que estavam errados – comentou Alex tão orgulhosamente que ela se riu.

– Nunca estive nesta cidade por isso não sei quais são os melhores hotéis.

Alex olhou para ela. O seu cabelo espesso e arruivado tinha crescido um pouco nas últimas semanas e soltava-se do laço atrás. Estava a encaracolar-se à altura dos ombros de uma maneira que lhe dava vontade de a arrancar do cavalo e puxá-la para a sua sela.

– Não temos tempo para isso agora – disse Cay, ao ver a expressão dele, mas estava a sorrir. – Acho que me corrompeste.

– Dei o meu melhor.

Os olhos dele pestanejavam inocentemente.

– Ainda bem que só cá está o Tally, porque se o Adam te visse a olhar assim para mim...

– O que haveria ele de fazer? – perguntou Alex num tom divertido. – Esbofetear-me com uma das suas luvas e desafiar-me para um duelo ao raiar do dia? Achas que trouxe as pistolas de duelo do vosso pai?

Cay fitou-o com um sorrisinho arrogante.

– Obviamente, ficaste com uma ideia errada acerca do Adam. Mas ainda bem que ele não está cá.

– Então quem enviou a carta ao teu irmão mais novo?

– O Nate – apressou-se Cay a dizer. – Acho que o Nate é capaz de estar aqui, mas ele não é problemático. Se eu lhe dissesse que tinha passado o tempo todo na cama contigo, o Nate haveria apenas de me pedir que lhe explicasse porque tinha perdido tempo numa atividade tão improdutiva quando poderia ter estado a aprender alguma coisa.

Alex não podia rir-se demasiado, pois receava que ela percebesse que sabia mais do que lhe dizia. Mas a descrição fizera-o mesmo lembrar-se do amigo.

– Rua Bourbon – disse ele. – Vamos começar por aí.

– Já cá estiveste?

– Cay, minha querida, ganhei milhares e milhares de dólares nesta cidade. Segue-me.

Ela percorreu as ruas antigas e retorcidas da cidade a sorrir com o termo carinhoso que ele usara. Atravessaram os arrabaldes modorrentos em direção à luz e ao barulho que já se ouvia de longe. À medida que o barulho se foi transformando em música e ficando cada vez mais alto, Cay deu por si a endireitar-se no cavalo e a perder a fadiga. Ao longo de toda a viagem, não se permitira pensar no que implicaria encontrarem a mulher de Alex com vida. Num segundo, ele passaria de homem disponível a casado. Não, agradava-lhe pensar que, se encontrassem a mulher dele viva, isso significaria que a condenação por homicídio poderia ser anulada. Por fim, ele ficaria livre. Poderia... O quê?, pensava ela. O que quererá ele fazer? Assentar? Viajar mais? Explorar mais lugares desconhecidos? Não tinham chegado à parte da Florida que ainda não fora explorada, portanto, talvez ele quisesse voltar para lá.

Ou desejaria ficar ali com a mulher e ter filhos com ela?

Se fosse esse o caso, o que faria Cay? A ideia de regressar para Edilean, ao encontro dos três homens com quem ponderara casar, tornara-se tão absurda que só conseguia rir-se dela. Naquele momento, não era capaz de conceber que alguma vez tivesse sido tão jovem, ingénua e inocente. Por um par de vezes na viagem pensara no que teria sido a sua vida se realmente tivesse casado com um desses homens. Enfadonha, mais enfadonha e mais enfadonha ainda, concluía.

Alex tinha-lhe dito que era preciso haver paixão para se casar com alguém e ela já sabia do que estava a falar. Era verdade que ele fizera algo muito mau, falseando a sua aparência e rindo-se dela durante semanas. Até a encorajara a pensar nele de uma forma que não correspondia à verdade, mas ela perdoara-o. Não tinha dúvida alguma que se Micah, Ephraim ou Ben tivessem feito metade do mal que ele lhe fizera, ela nunca os perdoaria.

Lembrava-se bem do que ele lhe dissera certa vez: *Devia olhar para um homem e sentir que morreria se não passasse o resto da sua vida com ele. Precisa de sentir que o coração lhe salta para a garganta e que não sai daí.* Nessa altura, julgara que nunca sentiria isso por quem quer que fosse.

E, para mais, agora também sabia o que era fazer amor. Bastava pensar nisso para sentir todo o corpo a aquecer. Quem teria imaginado que algo tão básico poderia ser tão excitante, tão satisfatório? As mãos de Alex por todo o lado! Pensou nas posições em que por vezes se metiam e ficou com o rosto vermelho. Se alguém lhe tivesse dito que um dia estaria completamente nua com os tornozelos à volta do pescoço de um homem, teria respondido que isso era impossível. *Ela* nunca faria uma coisa tão ordinária, nojenta, primitiva! Nunca!

Mas fizera-o e adorara-o. Teve de suprimir uma risada ao imaginar fazer algo do género com Micah. Alex tinha-lhe dito que alguns casais só usavam uma posição e ela rira-se. Agora que pensava nisso, provavelmente Micah faria as coisas só de uma maneira e muito depressa.

– Se não tiras esse ar da cara, vamos ter de parar e arrendar um destes quartos de hotel – disse Alex a seu lado num tom baixo e rouco.

– Na verdade, estava a pensar no Micah.

– Tens mais irmãos? Ou é algum dos teus primos?

– Como se não te lembrasses! Olha! Estás a ver aquele hotel? Parece um sítio em que o Tally poderia hospedar-se.

Ela estava a apontar para um pequeno hotel de aspeto conservador e bem cuidado, mesmo antes de onde o barulho começava.

– Esse sítio, para um jovem rico e sozinho em Nova Orleães? Não me parece. Daquilo que me contaste, é mais provável que ele esteja ali.

Alex apontou para o fundo da rua, onde havia um edifício de três andares que parecia ser a fonte do ruído. As janelas e as portas abertas projetavam muita luz para a rua. Homens de braço dado com mulheres espalhafatosamente vestidas passeavam-se por ali e os seus risos flutuavam na brisa da noite.

– Estás enganado – disse Cay. – Ainda que por vezes lhe falte maturidade, o Tally é bom rapaz. Nunca se alojaria num sítio assim.

– E se dermos a volta e espreitarmos por uma das janelas das traseiras? Se não o virmos, sugiro que arranjemos um quarto de hotel e amanhã, depois de tomarmos banho, vamos à procura dele. Ou deles, se o teu outro irmão também cá estiver.

Alex tinha de se esforçar por não deixar o entusiasmo transparecer-lhe na voz ao pensar que iria finalmente conhecer o seu amigo de infância. Para além do pai, Nate fora a pessoa mais importante da sua vida. A correspondência frequente que tinham partilhado ajudara-o a suportar tudo.

– Está bem – disse Cay. – Mas espreitamos só pela janela. *Não* entramos. Posso atravessar um pântano cheio de aligátors contigo, Alexander McDowell, mas não entrarei num sítio nojento e imoral como esse.

– Nem eu – respondeu ele muito sério. – Nunca entrei nem nunca entrarei. – E virou o cavalo.

– É impressão minha ou estás a perder o jeito para a mentira?

A gargalhada de Alex voou até Cay, que abanou a cabeça.

Vinte minutos depois, estavam nas traseiras do grande edifício e a música que de lá saía abafava quaisquer sons que eles fizessem. O riso agudo e excitado de mulheres era contrabalançado por sons guturais e sugestivos de homens. Cay lançou um olhar a Alex, indicando que tinha razão quanto àquele lugar.

– Ele não está lá dentro! – sussurrou junto à orelha de Alex enquanto se moviam por baixo das janelas altas. Alex tinha de se encolher para que não lhe vissem a cabeça.

Quando chegaram perto da frente, ele parou e endireitou-se.

– Eu olho e poupo-te a sensibilidade delicada.

– Ter moral não implica que seja delicada. Tive a força necessária para já te ter salvado a vida uma dúzia de vezes.

Alex não se deu ao trabalho de responder, já a espreitar pela janela alta e muito iluminada.

Ao fim de vários minutos sem que ele nada dissesse, Cay fitou-o. O parapeito da janela dava-lhe

pela altura dos olhos pelo que ela estava encostada à parede.

– O que vês?

– Várias amigas antigas. Como achas que ficarias de vestido vermelho?

– Será que podes manter-te concentrado? Vês o meu irmão?

Alex afastou-se da janela para olhar para ela.

– Como hei de saber? Nunca o vi antes!

– Mas porque não disseste...? – Impediu-se de dizer o que deveria ter pensado por si mesma. –

Levanta-me.

Alex não fez qualquer expressão, mas ela sabia que ele estava a rir-se de si.

– Acho que isso não é lá muito boa ideia. Uma maria-rapaz doce e inocente como tu chocar-se-ia com o que se passa lá dentro. Ora, só lá está um jovem com uma mulher ao colo e ele tem a cara enterrada no... – Alex fez um gesto para indicar um peito prodigioso. – Alguém tão inocente como tu não poderá ver algo tão imoral como... Au!

Alex segurou no sítio do braço onde ela lhe tinha batido.

– Levanta-me para conseguir ver e para de gozar comigo.

– Se eu fizesse isso, teria de deixar de falar. Está bem, menina, não me batas outra vez. Com a quantidade de aligátores com que tiveste de te haver, os teus murros começam a magoar.

Ela estreitou os olhos para o fitar enquanto ele a agarrava pela cintura e a içava. Apoiou os pés numa das coxas dobradas dele e manteve-se quieta para se equilibrar.

A primeira coisa que viu – a única coisa que viu – foi o irmão Tally sentado a uma mesa de jogo, com uma mão cheia de cartas, a outra à volta da cintura de uma mulher que Cay considerou gorda. Ou que o seria quando tirasse o espartilho. Tinha a cintura apertada num círculo pequeno enquanto a parte de cima e a de baixo sobressaíam de uma maneira realmente ordinária.

– Alguém que reconheças? – perguntou Alex com os braços à volta dela e a cara encostada à sua anca.

O riso na voz dele indicou-lhe que, de alguma forma, ele sabia exatamente quem era o jovem.

– Não conheço vivalma neste sítio – ripostou ela com firmeza.

– Tens a certeza? Seria capaz de jurar que vi semelhanças entre ti e um dos jovens aí dentro. Mas suponho que tenha sido imaginação minha.

– Põe-me no chão! – sibilou ela, mas ele continuava a mantê-la no ar. Debruçando-se, ela tentou ficar abaixo do nível da janela, mas as mãos fortes de Alex na sua cintura obrigavam-na a continuar empoleirada na coxa dele. – Que Deus me ajude, se não me puseres no chão, vou fazer com que te arrependas.

– E que planeias fazer-me? – perguntou ele num tom sugestivo.

– Não o que quer que esteja a passar-te pelo cérebro minúsculo. Larga-me!

Ela debateu-se por um momento até que se apercebeu de que continuava diante da janela. Quando tornou a olhar lá para dentro, Tally estava a fitá-la. Ao início, julgou que não era possível que a visse, mas, quando ele tirou a mulher do colo sem qualquer cerimónia, pousou as cartas na mesa e se levantou sem nunca desviar o olhar do de Cay, percebeu que ele não só a vira como a reconhecera.

Encolheu-se para sair de frente da janela.

– O Tally viu-me e está a vir para aqui.

Alex pô-la no chão de imediato.

– O que queres fazer? Podemos esconder-nos esta noite e vê-lo amanhã.

– Esconder-nos? Do Tally? Não nesta vida. Quero que tu... – Olhou em redor. – Quero que me ajudes a subir para aquele telhado.

– Queres o quê? – Ele olhou para o pequeno edifício que se encontrava nas traseiras do hotel. Era baixo, apenas com um andar, e tinha um telhado muito íngreme. – Se tens medo dele, eu falo com ele primeiro.

– Não tenho medo dele e não quero esconder-me. Se não me ajudas a subir, terei de o fazer sozinha.

Levantou uma perna para se colocar em cima de uma cisterna, mas esta era demasiado alta e as suas pernas demasiado curtas.

Alex não fazia ideia do que estaria ela a tramar, mas a curiosidade superou o seu senso comum. Ela não deveria andar num telhado a meio da noite, mas ele queria ver o que ia acontecer. Com uma mão por baixo do traseiro pequeno e redondo dela, empurrou-a para cima. Teve de trepar para cima do barril para a ajudar a chegar ao telhado, após o que voltou para o chão mesmo a tempo de ver o irmão dela surgir pela porta das traseiras.

Escondido nas sombras, Alex observava a cena. Desde que conhecia Cay que ela se queixava sem cessar daquele irmão pelo que queria vê-los juntos.

Tally era um jovem alto, com cabelo escuro que tinha laivos arruivados. Era bonito, com um ar matreiro que Alex pensava que agradaria às mulheres, e parecia que o riso nunca estaria muito ausente da sua vida. Em silêncio, Tally saiu da entrada iluminada do hotel e avançou para o beco escuro. Alex não sabia por que motivo não chamava a irmã. Em vez disso, o jovem caminhava lentamente, olhando em redor com cautela.

Quando Cay se postou à beira do telhado, dando a entender que estava prestes a saltar, Alex saiu das sombras. Que demónios estaria ela a fazer?

Tally parou de andar ao ver Alex e os seus olhos arregalaram-se. No segundo imediatamente a seguir, Cay emitiu um som que era uma combinação de grito índio de guerra e de rugido de aligátor e saltou do telhado para cima de Tally.

Alex correu para tentar apanhá-la, mas Cay acertou mesmo em cheio em Tally. Este cambaleou para trás; contudo, não caiu. E Alex apercebeu-se da maneira como a segurava, protegendo-a, para que ela não magoasse nem um fio de cabelo.

Deu um passo atrás e observou-os. Claramente, aquilo era algo que tinha acontecido muitas vezes entre eles. Mas, não obstante, só para jogar pelo seguro, Alex manteve-se por perto, pronto a intervir se necessário.

– Mas que raio tens vestido? – perguntou Tally enquanto se debatia contra ela.

Alex calculou que Tally não estava habituado aos músculos que a irmã desenvolvera nas últimas semanas pelo que foi tomado de surpresa quando ela passou o tornozelo por trás do pé dele e o puxou. Tally caiu no chão com estrondo, mas, durante a queda, segurou Cay de forma a que ela não se magoasse.

– Vou dizer à mãe que tu estavas a praguejar e que o Alex me transformou num rapaz.

Tally, ainda no chão, olhou para Alex; Cay estava em cima do irmão.

– Foi este o homem que raptou-te e deixou a correr perigo de morte?

Cay colocou todo o seu peso sobre o braço esquerdo de Tally e parecia estar prestes a parti-lo.

– Te raptou! Te raptou, seu idiota!

Tally parou de se debater e olhou para ela com um ar consternado.

– O quê?

– É «o homem que te raptou», não «o homem que raptou-te». O Alex é o sacana que *me levou* para os territórios selvagens da Florida. Dá para ver que não tens estudado durante a minha ausência.

– Andei pelo país todo à tua procura, como havia de ler o que quer que fosse?

Ele retorceu o braço para o tirar debaixo dela e tentou levantar-se, mas Cay lançou o corpo todo para cima do dele.

– Se lhe tocares, transformo-*te* numa rapariga – disse Cay enquanto o obrigava a ficar deitado.

Das sombras saiu outro jovem que Alex não tinha visto lá dentro. Tinha o cabelo loiro-escuro, uns olhos muito sérios e era bem-parecido, mas com um rosto calmo, muito distinto da boa aparência fogosa de Tally. Num instante, Alex soube quem ele era e, por breves momentos, mantiveram-se os dois sob a luz ténue, fitando-se mutuamente. Correspondiam-se desde crianças e sabiam mais acerca um do outro do que qualquer outra pessoa. Nas suas cartas, tinham confidenciado coisas que nunca haviam contado a outrem.

– Ninguém vai castrar ninguém – disse Nate num tom calmo enquanto punha o corpo à frente de Alex e olhava para os irmãos a lutarem no chão.

Cay não hesitou: saiu de cima de Tally e atirou-se a Nate de braços abertos. Não houve qualquer luta, ninguém caiu no chão nem fez comentários provocadores, foi apenas um abraço tranquilo.

– Estás bem? – perguntou-lhe Nate. – Não te magoaste de maneira alguma?

– Absolutamente nada – respondeu Cay, em bicos de pés, com os braços à volta do pescoço do irmão.

– Aprendeste alguma coisa durante a tua viagem?

– Tudo. E mais, desenhei tudo o que vi.

Nate arqueou as sobrancelhas.

– Desenhaste? Onde estão os desenhos?

– É o Jamie Armitage quem os tem.

– O quê? – espantou-se Tally, a levantar-se do chão e a sacudir o pó da roupa. – Está um Armitage envolvido nisto tudo?

– Ele dá pelo nome Grady e lidera a expedição.

– Quantos eram vocês? – perguntou Nate. – E onde foram? Desceram pelo Saint Johns? Que vida animal encontraram? O que...

Cay deu um beijo na face de Nate.

– Acho que devias falar com o Alex acerca disso. Ele estudou os livros e sabe os nomes de tudo. Vou dar os desenhos ao tio T. C. e deixá-lo identificar as plantas.

– E presumo que este seja o Alex? – perguntou Tally, ainda a olhar para ele como se tivesse vontade de lhe bater.

– Sim. – Cay afastou-se dos irmãos e colocou-se ao lado de Alex. Teve de se controlar para não lhe dar a mão, mas pareceu-lhe que seria demasiado para Tally. Com o temperamento acalorado que tinha, vê-la a tocar em Alex poderia fazê-lo atacar. – Eu e o Alex...

Interrompeu-se quando viu Tally a olhar para a direita, para o fundo da lateral do edifício, e inspirar fundo. Cay olhou para Nate, que correspondeu com um breve aceno de cabeça. Ela não reparou que ele também olhara para Alex.

– Ele está cá? – sussurrou Cay.

– Quem? – perguntou Alex, falando pela primeira vez naqueles minutos.

Só Nate o viu a aproximar-se mais de Cay, como se quisesse protegê-la do que, ou de quem, Tally estivesse a ver.

Porém, quando Cay olhou para Alex e abanou a cabeça, ele deu um passo atrás. Nate reparou que se tratara de uma comunicação silenciosa entre eles, na qual Cay indicara que estava segura e que ele não precisava de a proteger.

Lentamente, Cay contornou o edifício, com Alex a segui-la de perto. A caminhar na direção deles estava um homem grande, tão alto quanto Alex, mas com bastantes mais quilos e, a avaliar pela forma como se movia, todos eles de músculo. Alex soube de imediato que era o irmão de que Cay falava com tanta frequência: Adam. Pelo que tinha percebido, o irmão mais velho dela era uma pessoa austera e impressionante, o que o levou a preparar-se. Não lhe importava que ele fosse ou não irmão dela: se lhe dirigisse nem que fosse uma palavra desagradável, se comesse a gritar com ela, Alex obrigá-lo-ia a calar-se. Depois de tudo por que passara, ninguém, nem sequer um irmão, tinha o direito de a magoar, fosse lá como fosse.

Observou-a a parar enquanto o irmão estacava a vários metros deles. Alex tentou ver se ela estava tão imóvel por ter medo, mas não conseguia decifrar-lhe a expressão. Cerrou os punhos. Poderia perder uma luta com o homem, mas morreria a protegê-la.

Quando Adam se baixou, apoiando-se num joelho, Alex não percebeu bem o que estava a acontecer, mas, no instante a seguir, Adam abriu os braços e Cay desatou a correr. Ajoelhado, era praticamente da altura dela. Cay abraçou-o e encostou a cara ao pescoço dele. E, pouco depois, o ar enchia-se com os soluços de ambos.

Envergonhado perante tal exibição de emoção pura, Alex virou-se para Nate e Tally. Estes tinham os olhos postos nos irmãos, que continuavam abraçados, com as cabeças voltadas para baixo, numa posição de entrega, e o choro a propagar-se pelo ar quente da noite. Corriam lágrimas pelos rostos de Nate e Tally, mas nem um nem outro se davam ao trabalho de as limpar.

Alex afastou-se deles e avançou para as sombras. Era como se já tivesse perdido Cay, como se o tempo que tinham passado juntos nunca tivesse existido e ela estivesse a regressar aonde pertencia. Alex nunca se tinha sentido mais insignificante ou desnecessário do que naquele momento. O que estava a acontecer era algo entre ela e os seus irmãos e não havia lugar para ele.

Em silêncio, virou-se e começou a retirar-se, mas a mão de Nate no seu braço travou-o.

– Não vás. Hão de acalmar-se não tarda e o Adam vai começar por lhe dizer que ela nos pregou um susto tamanho e que nunca mais terá permissão para sair sozinha de casa. Quando as coisas voltarem ao normal, nós os dois podemos ir a algum lugar e conversar. És diferente do que eu tinha imaginado.

Alex percebeu a que Nate se referia. Ambos tinham sido muito modestos ao descreverem-se por carta. Alex dissera que era parecido com um cavalo e Nate escrevera que tinha um rosto sem graça, como todos os cientistas. Mas Alex tinha a beleza morena de um anjo do Renascimento, enquanto Nate tinha as feições cinzeladas de uma escultura grega.

– Esperava que fosses mais bem-parecido – comentou Alex, mantendo uma expressão séria.

– É evidente que passaste bastante tempo na companhia da minha irmã – replicou Nate com a mesma seriedade. – Não há situação a propósito da qual não brinque. Ah! Estou a ver que vocês os dois já pararam de chorar. Talvez possamos jantar. Tenho muito para vos contar e serei capaz de pensar melhor se tiver algum sustento dentro de mim.

Alex não resistiu a sorrir. Nate falava tão formalmente como escrevia. E, oh!, como lhe parecia tão

conhecido. Depois de meses em que tudo e todos eram novos e diferentes, era muito bom ouvir algo que conhecia bem.

– Precisarás de um lenço? – perguntou Nate, de sobrelance arqueada.

– Deixo o choro para a tua família – respondeu Alex, ficando satisfeito ao ver o amigo esboçar um ligeiro sorriso.

– Tens de me mostrar o que fazes com os cavalos.

– E tu tens de resolver o mistério que me condenou à força.

– Até o Tally já decifrou isso. – Nate falou como se um cão treinado tivesse feito um truque extraordinário e os dois partilharam a primeira gargalhada na presença um do outro.

– Quem fez rir o meu irmão mais novo, sempre tão sério? – perguntou uma voz grave que Alex não conhecia.

Nate e Alex viraram-se e depararam-se com Adam, que tinha o braço à volta de Cay de tal forma que, se ela tentasse fugir, não conseguiria. Alex não foi capaz de impedir as mãos de se cerrarem em punhos. Não lhe importava que fosse irmão dela, não queria outra pessoa a tocar-lhe.

– Acho que todos deveríamos conversar – disse Adam ao que Alex assentiu com a cabeça.

* * *

Adam tinha tomado providências para que um restaurante permanecesse aberto e só eles se encontravam lá. Assim que se sentaram a uma mesa redonda, Tally e Adam começaram a falar, mas Adam deixou que fosse o irmão mais novo a contar aquilo por que tinham passado para encontrarem Cay.

– E o filho do Mac – acrescentou, à laia de acessório, obviamente ainda sem ter decidido se Alex era aliado ou inimigo.

Quando os criados começaram a encher a mesa com travessas de comida, Alex receou por instantes que os ouvissem. Talvez eles tivessem esquecido que Alex era um homem procurado, mas ele nunca se esqueceria. Só quando viu o ar confuso de um dos empregados se apercebeu de que toda a família passara a falar com um sotaque escocês tão carregado que parecia ter saído das Terras Altas no dia anterior.

Tally falou de ter ido ao entreposto comercial e conhecido Thankfull e as irmãs gémeas.

– Cheguei lá dois dias depois de vocês terem partido. – Por um momento, fitou o espaço à sua frente e abanou a cabeça. – Aquelas miúdas! Seguiam-me para onde quer que eu fosse. Nunca vi nada assim.

– Então nem todas as raparigas são tão agressivas como elas? – perguntou Cay.

Quando Tally disse que não, ela olhou para Alex com uma expressão de «eu não disse?»

– Mas quem me dera que fossem! – continuou Tally, cheio de entusiasmo. – Não teria de me esforçar tanto se todas as raparigas fossem como elas.

Com um olhar, Adam mandou-o calar-se, mas Cay e Alex não conseguiram suprimir o riso.

– Eu disse-te que os homens gostam daquilo – lembrou Alex.

– E eu disse-te que as mulheres não são todas assim – respondeu Cay a rir-se.

– Mais uma vez, temos os dois razão – concluiu Alex entre risos.

Adam olhou para Tally e o mais jovem encolheu os ombros. Não faziam ideia do que estariam eles a falar.

– O Nate ficou em Charleston enquanto eu vim para Nova Orleães – disse Adam, sobrepondo-se

aos risos.

– Mas não disseste ao tio T. C. para onde ias – criticou-o Cay num tom severo.

– Na altura, estava um pouco irritado com ele.

Adam bebeu um gole de vinho.

– Ele estava preparado para arrancar a cabeça ao tio T. C. – disse Tally a Cay. – Eu só queria que tu estivesse lá para poderes fazer um desenho da luta. Não teria sido uma coisa bela de se ver?

– Não me parece que isso alguma vez pudesse ter acontecido – ripostou Adam.

Tally prosseguiu, contando os percalços e tribulações com que se houvera para chegar à Florida e tentar alcançar Cay antes que ela partisse no barco.

– O tio T. C. não nos disse que ias com um dos filhos do Armitage.

– Duvido que isso lhe importasse – disse Adam. – A menos que o homem brote folhas e flores de acordo com o calendário, não me parece que o T. C. o julgasse interessante.

– O Grady foi avisado a meu respeito, acerca de nós? – perguntou Alex.

Foi Adam quem respondeu:

– Que eu saiba, não, mas da última vez que vi o Jamie, ele perguntou-me se a minha irmã mais nova já tinha crescido. Acho que não lhe terá custado muito somar dois mais dois.

Ao longo de toda a conversa, Nate manteve-se em silêncio, atento. Gostava de observar o que se passava à sua volta, fossem pessoas, animais ou até mudanças na paisagem. Tinha uma memória formidável e recordava tudo o que via e ouvia.

Naquele momento, estava a observar Alex e Cay com toda a concentração que teria se os visse à lupa. Reparou que a irmã tinha mudado, tanto física como mentalmente. Sabia que ela passara toda a vida protegida. Até tinha dito ao pai que a forma como Cay era tratada não lhe seria necessariamente benéfica. Se ela casasse e se mudasse para a casa de outra pessoa, teria dificuldades de adaptação. Estava habituada apenas ao bom e ao melhor; nenhuma parte má da vida tivera permissão para a atingir.

Porém, Nate via que entretanto a irmã ficara diferente. O facto de se encontrar sentada ao lado de um homem que fora julgado por homicídio, mas de quem ela não parecia ter o menor receio, era uma grande alteração. A caminho do restaurante, dois homens, obviamente bêbados, quase tinham ido contra ela. Adam agira de imediato para os afastar, mas Cay já os havia contornado. E fizera-o com tanta destreza que era como se já o tivesse feito uma centena de vezes. E o que era mais invulgar era que até parecia que não reparara nos homens. O seu olhar estava fixo em Alex. *Sempre* em Alex.

Agora, no restaurante, Adam estava sentado à frente de Cay, ladeado por Tally e Nate, enquanto Alex se encontrava ao lado dela. Adam tinha estado a contar o que fora feito para a localizar, com Tally a acrescentar à história tanto drama quanto conseguia.

– Quando estive na estalagem da Thankfull, até vi um aligátor – contou Tally. – A sério, vi. Não estava a mais de quinze metros de mim, mas fiquei quieto e deixei-o passar.

– Deixaste? – perguntou Cay com um olhar de relance a Alex, estando ambos igualmente divertidos.

Tally olhou ora para um, ora para o outro e franziu o sobrolho. Ele e Adam eram demasiado bem-educados para comentarem o facto de Cay e Alex estarem a comer do prato um do outro. Parecia que sabiam de que comida gostava o outro e, sem sequer se entreolharem, trocavam legumes. Toda a família sabia que Cay não gostava de feijão verde, pelo que, quando a viram a comê-lo e a partilhá-lo com Alex, até Adam ficou com o garfo parado no ar, a caminho da boca.

– Não consigo deixar de me admirar com o teu aspeto – disse Tally à irmã. – Mudaste.

– O cabelo há de voltar a crescer – disse ela. – Ainda que eu talvez não queira que cresça. É mais fácil cavalgar sem vinte quilos de cabelo a pesar.

– Faz-te mal ao pescoço – comentou Alex, ao que Cay se riu, como se fosse a coisa mais divertida que alguma vez tivesse ouvido.

Tally olhou para Nate, mas este fitava Cay e Alex com tal intensidade que até parecia que não se dava conta do que estava a acontecer. Contudo, Tally sabia que o irmão estava a fazer aquilo a que tinham passado a chamar «conjurar», ou seja, a estudar algo para perceber o que significava. Tinha a certeza que, mais tarde, Nate lhes diria numa única frase concisa o que de facto acontecera.

– Depois de comermos – disse Adam à irmã –, vamos para o hotel onde reservei quartos e amanhã de manhã terás roupas adequadas. Não precisarás de continuar a vestir-te como um rapaz. Tenho irmãos que cheguem, não preciso de mais.

Alex desviou o olhar do prato.

– Não. O espartilho magoa-a. Deixa-a aproveitar a liberdade tanto quanto possível. Quando vir a mãe, não tardará a ficar outra vez presa nessa gaiola. – Falara em voz baixa, mas com autoridade, e Adam fitou-o diretamente nos olhos.

Nate tinha visto poucos homens a fazerem frente ao seu irmão mais velho e só o pai a vencê-lo, mas o olhar fixo de Alex e o seu maxilar inabalável indicavam que não cederia.

– Bem, nesse caso – acabou Adam por dizer. – Suponho que amanhã seremos cinco homens a andar por Nova Orleães. Mas, Cay, não podes... – O olhar que Alex lhe lançava fê-lo interromper-se.

– O que não pode ela? – perguntou Alex com a voz de um homem pronto a lutar.

Os três irmãos fitaram Cay, mas esta tinha o nariz praticamente colado ao prato.

– O que achas *tu* que ela devia fazer? – perguntou Nate a Alex.

– Acho que ela devia... – Interrompeu-se e o ar de desafio abandonou-lhe o rosto. Voltou-se para Cay. – Acho que devia fazer o que *ela* quisesse.

A mudança de tom foi dramática. Tinha estado disposto a fazer frente aos mais de noventa quilos de Adam, mas, perante a perspetiva de dizer a Cay o que fazer, recuava. Num segundo, a sua voz passara de agressiva a permissiva.

Todos eles com mais de um metro e oitenta, os homens entreolharam-se e depois olharam para a pequena Cay; de repente, rebentaram a rir. Cay tentou manter-se alheada, como se não fizesse ideia do que se riam, mas depois também ela se juntou à diversão. Quando baixou a mão ao lado de Alex e lhe retirou a grande faca da bainha, agitando-a, os risos ainda aumentaram mais.

Nate observava Cay a olhar para Alex com olhos que pareciam derreter-se. «Está apaixonada por ele», pensou, e teve de reprimir um sorriso. Que conveniente que a sua irmã estivesse apaixonada pelo seu melhor amigo.

No entanto, ao lembrar-se de que Alex tinha uma mulher que estava viva e se encontrava a menos de três quilómetros de onde eles estavam, a vontade de sorrir abandonou-o. Alex teria de tomar uma decisão e, se isso magoasse Cay, Nate não sabia se teria de escolher entre a irmã e o melhor amigo.

Cay estava a dormir na cama, a sonhar que se encontrava a bordo do *flatboat* e a descer pelo rio calmo e plácido da Florida. Mr. Grady e Eli estavam lá e Alex ia sentado a seu lado. Tim encontrava-se debruçado na amurada do barco, com a mão a deixar um rasto na água, e havia um pequeno aligátor a seguir-lhe os dedos, de boca aberta. Ela ia avisá-lo quando um som a despertou.

– Ei! Dorminhoca! – disse Alex em voz baixa, enfiando-se na cama ao lado dela.

Cay manteve os olhos fechados e aninhou-se nele.

– Cheiras tão bem...

– Não posso dizer o mesmo de ti. Não tomaste banho e cheiras a pântano.

– Hmmm. Pensava que gostavas dos pântanos.

Ela passou uma perna por cima da dele e mexeu-se, como se fosse pôr-se em cima dele. Com relutância, Alex empurrou-lhe a perna de cima do estômago.

– O teu irmão está no quarto ao lado e, com o barulho que tu fazes, não me atrevo a fazer o que quer que seja contigo.

Ela voltou a pôr a perna por cima dele.

– Desde quando tens medo do Tally?

– É o Adam quem está aqui ao lado.

Cay afastou a perna, abriu os olhos e baixou o tom da voz.

– Nesse caso, o que estás aqui a fazer e quando tomaste banho?

Ele puxou-lhe a cabeça para a tornar a encostar ao ombro.

– Passei a noite acordado, a falar com o Nate.

– Com o Nate? O meu irmão?

– Claro. Porque não?

– É que o Nate não fala com ninguém. Prefere observar e aprender a dar informação. Então, que te disse ele?

– Eu queria saber o que contaram ao Grady e o que ele calculou, mas não podemos perguntar-lhe antes de ele voltar da selva.

Cay percebeu que ele estava a ganhar tempo e esperou que chegasse às notícias importantes. Mas soube o que Alex ia dizer antes que ele falasse, pois o braço dele apertou-a com mais força para que ela não conseguisse mexer-se.

– O Nate falou-me da Lilith. – Quando Cay começou a virar-se para se ir embora, Alex manteve-a no lugar. – Terás de ouvir isto, mais cedo ou mais tarde pelo que podes deixar que seja um dos teus irmãos a contar-te ou podes ouvi-lo de mim. A escolha é tua.

Ela sabia que Alex lhe narraria a história com mais diplomacia do que aqueles seus três irmãos. Se Ethan ali estivesse, ela pedir-lhe-ia que lhe explicasse tudo, mas a verdade era que ele não estava.

– Está bem, conta-me. Mas, se ouvirmos alguém à porta e julgarmos que poderá ser o Adam, terás de sair pela janela.

Alex sorriu.

– Sabes que estás no quarto piso, não sabes?

– Se estivéssemos no décimo segundo andar, continuarias a ter de sair por lá. Nem a tua vida nem a minha valeriam o que quer que fosse se o Adam te encontrasse aqui comigo.

– O Nate disse praticamente o mesmo, mas é por isso que ele está a mantê-lo ocupado.

Cay levantou a cabeça para olhar para ele. Alex estava limpo e tinha-se barbeado e ela julgava que ele era de longe o homem mais bonito que alguma vez vira. Nunca lho diria, mas até achava que ele era mais bem-apegoado que o seu irmão Ethan.

– Não há dúvida que travaste amizade com o Nate em pouco tempo.

Alex tornou a baixar-lhe a cabeça.

– Queres ouvir a história ou não? O Nate só vai poder distrair o Adam durante algum tempo antes de ele começar a ficar desconfiado.

– Conta-me – disse ela, sentindo o corpo a retesar-se. Não lhe agradava pensar no que estava prestes a ouvir. – Porque é que a tua... – Não conseguia dizer a palavra *mulher*. – Como é possível que essa mulher esteja viva, quando tanta gente a viu com a garganta cortada?

– A questão é mesmo essa. Foram muito poucas as pessoas que a viram. Nessa noite, os únicos que a viram foram o juiz, o médico e os dois homens que me algemaram. Depois disso, o corpo da Lilith foi levado para o gabinete do médico, onde foi colocado num caixão fechado e, três dias depois, enterraram-no.

– Presumo que ela não estivesse dentro do caixão – disse Cay, com vontade de acrescentar: «O que é uma pena.»

– Não. O que o Nate descobriu foi que o médico fez parte da tramoia toda. Forneceu os comprimidos que foram usados para me adormecer e escreveu a nota que tinha o cuidado de *não* dizer que eu tinha assassinado a minha noiva, mas apenas que poderia ser encontrado ao lado dela. O médico atirou a nota pela janela do juiz e acordou-o. Também foi ele quem chamou os polícias e que os levou até ao meu quarto. Mas só o médico viu a Lilith com atenção. Os outros três estavam demasiado atarefados a atirar-me para o chão e a dizer-me que eu era primo direito do diabo. Mesmo eu só a vi de relance. No entanto, o que vi tem-me atormentado desde então. Esse olhar foi quanto bastasse.

– Suponho que deva perguntar por que motivo te fez ela uma coisa tão horrível.

– Essa parte não sabemos e continuarei sem saber até falar com ela, o que vai acontecer hoje.

– Hoje? – Havia medo na voz de Cay.

Alex acariciou-lhe o cabelo enquanto a abraçava.

– Pois, hoje. Os teus irmãos contrataram três guardas que estão a vigiá-la neste preciso instante.

– Ela sabe que estás aqui?

– Não. Não sabe coisa alguma. Já que é tão boa a escapar-se, os teus irmãos acharam que seria melhor não a avisar. Limitaram-se a contratar homens para a seguirem e observarem tudo o que faz, sem deixarem que ela os veja. Os teus irmãos querem que eu a «surpreenda». – O tom de Alex revelava o que pensava disso.

O rosto de Cay iluminou-se quando algo lhe ocorreu:

– O médico morreu. Não me disseste que o médico tinha morrido de ataque cardíaco?

– Pois – confirmou ele. – Agrada-me pensar que tinha consciência suficiente para que a culpa pelo que me fez o tenha matado. O Nate diz que julga que a Lilith não queria que eu fosse acusado pelo homicídio dela. Acha que só queria que o médico declarasse tratar-se de um suicídio.

Cay ficou horrorizada.

– E isso teria sido melhor? Terias passado toda a vida atormentado por isso. Uma mulher que preferia matar-se a passar a noite contigo.

Alex segurou-lhe o queixo e levantou-lhe o rosto. O beijo que lhe deu revelava quão agradecido estava pela compreensão dela.

Cay tornou a passar uma perna por cima dele – e ele a empurrá-la. Ela suspirou.

– Então vais vê-la hoje e perguntar-lhe porque te fez uma coisa tão escabrosa, horrível e perversa, que quase te deixou na forca?

Alex soltou uma risada contida.

– Estou contente por te ter do meu lado. Mas, sim, é mesmo isso que vou fazer.

– Se o plano dela era apenas fingir que se tinha suicidado, por favor, não te esqueças de lhe perguntar porque não te acudiu quando foste condenado à forca por a teres assassinado.

– Essa pergunta é uma das primeiras da minha lista.

– E depois? Tu... – Hesitou. – Depois de resolveres isto, poderás ir para a Virgínia connosco.

– Não – respondeu ele gentilmente. – Não posso. Tenho de reaver o meu bom nome.

– Isso é simples. Basta arranjares alguém que confirme que ela está viva, contratares um advogado para que apresente o documento a um juiz de Charleston e ficarás livre. A minha família vai ajudar-te. O meu pai conhece montes de gente pelo que deves ter a sentença revogada num abrir e fechar de olhos. Tu... – O silêncio de Alex indicava-lhe que havia algo mais. – Pronto, conta-me tudo, mesmo a parte que estás a evitar – disse-lhe num tom carregado, receosa do que ia ouvir.

– É verdade que posso fazer com que as acusações sejam anuladas, mas preciso de reaver o meu *bom nome*.

– Passas a vida a dizer isso, mas a que te referes ao certo?

– Espero que nunca venhas a saber o que é passar de julgar que tens muitos amigos a descobrir que não tens nem um. Antes do dia do meu casamento, seria capaz de jurar que tinha alguns amigos realmente bons. O George contou-te que nós costumávamos beber uns copos juntos. Eu... – Fez uma pequena pausa. – A verdade é que julgava que tinha feito algumas coisas boas. Perdi a conta às dívidas de jogo que perdooi. Se um homem não pudesse pagar o que perdera, se tivesse uma mulher e filhos para sustentar, era frequente eu dizer que não tinha recebido a aposta a tempo de a registar e devolver-lhe o dinheiro. Muitas vezes me deram palmadas nas costas, dizendo-me que eu era mesmo *boa* pessoa. Era assim que regia a minha vida. E, quanto às mulheres, fizeram-me muitas ofertas, mas nunca aceitei *nem uma*. Não queria um marido a perseguir-me com uma arma, nem um pai ou irmão zangado comigo pelo que tivesse feito a uma rapariga inocente.

Cay beijou-lhe o peito através da camisa branca lavada.

– Fazia o que podia para conquistar amizades e respeito – disse Alex. – Mas, depois de a Lilith ser encontrada morta na minha cama, ninguém intercedeu por mim, *nem uma pessoa!*

– À exceção do tio T. C.

– Pois, à exceção dele.

Cay estava a tentar perceber o que ele lhe tinha contado e, quando isso aconteceu, teve vontade de chorar.

– Queres voltar a Charleston com... com *ela* e mostrar a essa gente toda que continua viva. Uma folha de papel e um ajuste de contas discreto não te bastam.

Ele apertou-a mais contra si.

– Compreendes.

– Não. Apenas te conheço o suficiente para saber que é o que queres fazer. – Levantou a cabeça e apoiou-a na mão para olhar para ele. – Não quero que vás.

– Tenho de ir.

– Não, não tens, e estou a pedir-te que não vás. Ao menos não vás sozinho. O Adam irá contigo.

– O Nate vai comigo.

– O Nate? – Ela fitou-o com os olhos semicerrados. – Porque fala ele tanto contigo? O Nate não faz amigos com facilidade.

– Isto não se resume ao homicídio. Esqueces-te disso?

Cay estava bem ciente de que Alex não respondera à sua questão acerca de Nate e que tinha mudado de assunto. Mas sabia a que se referia ele. Deixou-se cair na almofada.

– Casamento. Se ela está viva, continuas casado.

– Exatamente. Eu e o Nate achamos que, se um juiz ouvir o que a Lilith me fez, declarará de imediato que o casamento é inválido.

– Uma anulação.

– Pois, um decreto legal que diga que o casamento nunca existiu. O país inteiro sabe que não foi consumado.

Ela virou-se para ele.

– *Vou* contigo.

– Não, não *vais*! Tu vais voltar para Edilean com o Adam e o Tally. Isso já foi decidido.

– E quem «decidiu»?

– Não olhes assim para mim. Eu e o Nate passámos a noite acordados a falar de tudo e concluímos que assim seria melhor. Vais para a Virgínia e esperas lá por mim.

– Devo esperar, é isso? – A voz dela estava a subir de volume.

– Suponho que se espere que aperte um espartilho, ponha um vestido bonito, entre para uma carruagem e regresse para junto da minha mãe, na Virgínia.

– É exatamente isso que vais fazer – disse Alex num tom firme. – E não vou discutir contigo por causa disto. *Não* podes ir comigo para Charleston.

– Os olhos dela fitaram os meus e eu passei a ser dela – citou ela.

– O quê?

– Foi o que tu disseste. Eu perguntei-te se a amavas e tu respondeste: «De alma e coração.» E depois disseste que a tinhas amado assim que a viste e que, quando os olhos dela fitaram os teus, passaste a ser dela.

Alex suspirou.

– Tenho a certeza de que nunca disse uma coisa tão ridícula. Um homem não fala dessa maneira. É demasiado... demasiado floreado. Bom, se tivesse óleo de jasmim no cabelo...

Os olhos dele escureceram e ele rebolou para junto dela, obviamente com a intenção de a beijar. Cay encostou as mãos ao peito dele e empurrou-o.

– Se julgas que vais distrair-me, Alexander McDowell, é bom que penses melhor. Que Deus me ajude, se não responderes às minhas perguntas, vou gritar e podes apostar que o meu irmão atravessará aquela porta... ou a parede, se for preciso.

Com um suspiro, Alex recostou-se na almofada e olhou para o teto.

– Não vou voltar a apaixonar-me por ela, se é isso que te preocupa. Isto é uma questão de justiça e

de tentar mostrar-me íntegro outra vez. Nunca conseguirei expulsar o fedor da cadeia da minha mente, mas esforçar-me-ei ao máximo. Conte-te que me atiravam pedras quando era levado para o tribunal?

– Pelo menos cinquenta vezes. Quero que me contes o teu estúpido plano de voltares para Charleston e *viveres* com uma mulher por quem estás loucamente apaixonado.

– Não vou viver com ela e já não estou apaixonado por ela. – Virou-se e olhou para Cay. – Estou apaixonado por outra pessoa.

Ela fitou-o com um ar zangado.

– Nem te atrevas a dizer isso. És um homem casado.

Alex sentou-se na cama e correspondeu-lhe ao olhar.

– É isso que tenho estado a dizer! É o que tenho estado a tentar explicar-te! Tenho de me livrar da acusação de homicídio e tenho de deixar de estar casado com ela. És surda, rapariga, para não ouvires uma coisa tão simples?

– Ouço-te e metade das pessoas deste hotel também.

Alex tornou a deixar-se cair na almofada, a abanar a cabeça de frustração.

– Se algum homem no mundo soubesse mesmo como é ser casado, nunca o faria. – Voltou-se e olhou para ela, implorando-lhe que compreendesse. – Não podes ir comigo porque não quero que o teu nome fique manchado. Se eu aparecer em Charleston contigo num braço e a Lilith no outro, independentemente da verdade, as pessoas vão dizer que *tu* és a razão pela qual ela teve de forjar a própria morte. As pessoas procurarão qualquer coisa que prove que não foram os tolos e imbecis que na realidade foram. Quando descobrirem que condenaram um homem inocente à morte, hão de procurar uma razão para se perdoarem. Se virem outra mulher comigo, culpá-la-ão... culpar-te-ão.

– Mas eu só te conheci depois do veredicto!

– Achas que vão acreditar nisso? Estavas em Charleston e o teu padrinho foi a única pessoa que me visitou. E estás a esquecer-te de que foste vista a ajudar-me a fugir? Eu sei que a tua família te ilibou legalmente, mas ninguém acreditará que alguém fosse tão crédula e inocente a ponto de aceitar ajudar um condenado em fuga que nunca antes vira. Isso é mais do que suficiente para que inventem histórias acerca de eu ter outra mulher. Diziam que o único motivo pelo qual eu tinha casado com a Lilith era o dinheiro que ela alegadamente herdaria. Até os jornais publicaram isso. O Nate tem provas de que a Lilith não é sobrinha da velha Lady Underwood, mas achas que as pessoas vão acreditar nisso?

– Vão ver que não tinhas um motivo oculto para casares com ela. Para mais, *eu* é que sou rica – replicou Cay. – Ela é pobre, mas eu sou rica, pelo que, se andasses atrás de alguma mulher pelo seu dinheiro, seria atrás de *mim*.

Alex ergueu as mãos, frustrado.

– Isso é perfeito. Dirão que, quando descobri que a Lilith não era rica, procurei uma mulher que o fosse. Dirão que infernizei a vida da Lilith a tal ponto que ela se viu obrigada a forjar a própria morte para me escapar.

Cay franziu o sobrolho.

– E não há dúvida de que as pessoas olharão para essa mulher e para mim e decidirão que a única razão plausível para *me* teres escolhido em vez dela terá sido o dinheiro da minha família.

– Pois, é o que dirão – confirmou Alex. – Bastará um olhar para esse teu cabelo sujo e para a tua cara, que costuma estar manchada de lama dos pântanos, para que nunca percebam porque te prefiro a uma beleza conceituada como a Lilith.

– Esperas que isso me faça sentir *melhor*?

– Acho que devias ter tanta confiança em mim que soubesses que poderia entrar numa sala cheia de mulheres nuas e só pensaria em ti.

– Até eu sei que em Nova Orleães isso é possível, portanto, é bom que o Nate não venha a contar-me que decidiste pôr a teoria à prova.

Dado que Alex se manteve calado, Cay tentou apresentar uma razão lógica que justificasse ir com ele, mas nenhuma lhe ocorria. Tudo o que sentia era uma emoção vertiginosa que lhe rasgava o coração.

– Tu *estás* apaixonado por ela. Estás profunda e completamente apaixonado por ela. Sei que estás.

– Não, não estou. Mal a conheço.

– Disseste-me que não é preciso saber tudo acerca de uma pessoa para se estar apaixonado por ela. Até troçaste das minhas listas. Essa mulher deixa-te o sangue a ferver! Tu próprio o disseste.

– E quem me dera poder cortar a língua por o ter feito – replicou Alex. – Cay, menina, não sabes o que aprendi nas últimas semanas? O que *tu* me ensinaste? Aprendi que o amor é mais do que apenas paixão. É preocuparmo-nos com alguém, conhecemo-la e não fazer caso dos seus defeitos por se amar tanto essa pessoa. É mais do que olhar para uma bela mulher com um peito glorioso e pensar que se morrerá se não se for para a cama com ela. É...

Um olhar para o rosto de Cay indicou-lhe que tinha cometido um erro. Ela levantou-se da cama e ficou ao lado do colchão, a fitá-lo. Usava as suas roupas sujas de rapaz e sentia a oleosidade do cabelo enquanto Alex estava fresco e limpo.

– Então estás a dizer que *eu* tenho defeitos enquanto *ela* tem um... o que foi que disseste? Um «peito glorioso». E é linda, não é? Sempre bem vestida, não está?

Alex pôs as mãos atrás da cabeça e fitou o teto. Sabia que o aguardava um ataque de raiva de Cay e que teria simplesmente de esperar que passasse.

– Para que saibas, *eu* estava bem vestida quando te conheci. Tinha um vestido de seda que custou mais do que algumas casas e tinha diamantes no cabelo. Será que a tua *mulher* – ela rosnou a palavra – tem diamantes para usar no cabelo? E a razão pela qual tive de usar roupas de rapaz e esconder o meu peito não tão «glorioso» foi o *teu* couro imprestável e ingrato. Se calhar, achas que todas as mulheres devem ataviar-se com sedas e laçarotes, mas eu não pude fazê-lo porque *tu* precisavas da minha ajuda. Será que a tua adorada Lilith alguma vez te *ajudou*? Não, não o fez. Foi *ela* a razão pela qual as pessoas te atiravam pedras. E permite-me que te recorde que, se não fosse *eu*, por esta altura estarias morto.

Alex suspirou, ainda de olhar fixo no teto.

– Não vens comigo e ponto final.

Cay deixou-se cair na cama ao lado dele, tendo esgotado a raiva.

– Eu podia usar as roupas de rapaz que tu agora decidiste desprezar. Não seria a grande beleza que essa mulher é, mas estaria lá contigo.

– Não – disse Alex enquanto saía da cama e se levantava. – Vais voltar para a Virgínia e ficar lá. Quando esta confusão chegar ao fim, eu...

Ele olhou para ela.

– Tu o quê? Vais buscar-me? Alguma vez te ocorreu que, enquanto estiveres com *ela*, eu posso conhecer um homem que também tenha algumas partes do corpo gloriosas e fugir com ele para uma plantação na Florida?

Alex esboçou um pequeno sorriso divertido.

– E que partes do corpo seriam essas, menina?

– Aquela de que tu mais gostas – replicou ela.

Ele franziu o sobrolho. Pensava que ela estava a referir-se ao rosto de um homem, mas afinal estava a falar de ir para a cama com outro homem.

– Deves fazer o que te parecer acertado – respondeu num tom tenso.

Cay pôs-se de joelhos na cama e passou os braços à volta do pescoço dele.

– Alex, não me deixes. Passámos por tanto juntos e sobrevivemos a tudo. Esta é só mais uma dessas alturas.

Alex abraçou-a com força.

– Achas que *quero* ir sem ti? Nem consigo imaginar como será acordar sem ti. Durante os dias que passaste na tenda do Eli, pensei que ia enlouquecer.

– Isso era só o ressonar do Tim a dar contigo em doido – disse ela com a cara aninhada no pescoço dele.

– Não – disse ele em voz baixa. – Era mais do que isso. Tu completas-me.

– Dizes isso por teres perdido tanto no julgamento? Eu sei que te faço rir.

– Tu fazes-me... – Ele afastou-lhe os braços do pescoço para poder olhar para ela. – Tens razão em afirmares que não tenho o direito de te dizer o que sinto por ti e o que espero que aconteça entre nós. Neste momento, sou um homem casado e que ainda é perseguido pela justiça. Até poder estar puro e limpo diante de ti, não posso permitir-me dizer tudo o que quero, dizer-te tudo o que significas para mim. – Baixou a cabeça e olhou-lhe para a barriga. – É possível que estejas...

– Não, não estou – disse ela com uma voz chorosa.

O seu fluxo mensal começara no dia anterior. Não havia algo que quisesse mais do que dizer-lhe que esperava um filho dele para que tivesse de voltar para *si*.

O rosto de Alex espelhava tanto desapontamento como o dela. Curvando-se, fitou-lhe os olhos.

– De que tens mesmo medo?

– De que vejas a grande beleza dela e te apercebas que vais amá-la para sempre.

Ele sorriu.

– Isso parece-me altamente improvável. E se um aligátor aparece na sala de jantar? Quem me vai ajudar a livrar-me dele? E aquelas víboras grandes e venenosas? Tu é que és a encantadora de serpentes.

Cay não sorriu.

– Tu casaste com a cobra mais venenosa de todas e eu faço piadas melhores do que as tuas.

– Pois, menina, casei e fazes. És melhor do que eu em muitas coisas. Quando penso nisso, fico pasmado com a minha arrogância por ter julgado que poderia desenhar melhor do que tu. Vencer-te no que quer que fosse, já agora.

– Cavalgas melhor que eu – disse ela.

Cay tinha o lábio inferior a tremer. Temia muito que, ao ver a mulher, Alex tornasse a apaixonar-se por ela e desaparecesse para sempre da sua vida.

– Faço o quê?

Ela não respondeu.

– Por favor, repete, menina. Quero ouvir-te dizer que sabes que há uma coisa neste mundo que eu sou capaz de fazer melhor que tu.

Ela tornou a abraçar-lhe o pescoço.

– Odeio-te e não podes ir sem mim. Passarei o dia inteiro num hotel. Nunca sairei do nosso quarto.

Ele beijou-lhe o lóbulo da orelha, mas, quando ela virou os lábios para os dele, Alex afastou-lhe os braços.

– Tenho de ir. O Nate está à minha espera.

Ainda na cama, Cay sentou-se em cima dos calcanhares.

– Vais vê-la agora, não vais?

– Vou. Mas não por querer. Se dependesse de mim, nunca mais a veria, mas tenho de o fazer.

– Depois de a veres, regressarás com ela para Charleston. E vocês os dois vão ficar sozinhos.

– Não, já te disse que o Nate vem connosco.

– Não percebo por que razão o Nate vai. Ele não faz coisas com outras pessoas. Muito menos com desconhecidos. Ele...

– Eu sou o Merlin.

Incrédula, Cay ficou a pestanejar, observando-o.

– És o Merlin do Nate?

– Sou. Até me teres falado disso, pensava que ninguém da tua família sabia o que quer que fosse a meu respeito, à exceção da vossa mãe, claro. Foi ela que fez com que a correspondência entre mim e o Nate começasse quando éramos miúdos, logo a seguir à morte da minha mãe. A dor do meu pai era profunda e ele lidava com isso em silêncio. Eu precisava de alguém com quem falar. Durante esse primeiro ano, escrevi ao Nate todos os dias e ele respondia-me todos os dias. Costumava receber as cartas dele em grandes maços. Salvaram-me. Devo-lhe muito e à vossa mãe também.

– Merlin.

Cay não sabia ao certo se se sentia traída ou feliz por Alex ter uma ligação tão firme à sua família.

– Foi o que o Nate passou a chamar-me depois do vosso primo ter dito que eu era um «mago» com os animais.

– Porque nunca nos visitaste quando estivemos na Escócia?

– Eu queria, mas o meu pai dizia que as riquezas todas da vossa família o deixavam nervoso. *Lairds* e antigos *lairds* a viverem num castelo não era coisa a que estivéssemos habituados.

– O Nate nunca nos disse nada sobre ti – contou Cay, ainda a fitá-lo com admiração.

– Parece que ainda me contou menos acerca de *ti*. A primeira coisa que lhe perguntei foi porque não me tinha dito que eras uma artista.

– Não achou que fosse importante.

– Foi exatamente o que me respondeu. Há anos, disse-me que queria algo privado que não tivesse de partilhar com a família e eu transformei-me nisso. Foi o Tally quem descobriu a nossa correspondência?

– Claro. Não dá para esconder um segredo do Tally. Deve ter bisbilhotado as coisas do Nate. Eles dormem no mesmo quarto. – Pegou na mão de Alex e fixou-lhe os olhos, implorando. – Por favor, deixa-me ir contigo. Sou irmã do Nate, portanto, tenho uma razão para estar lá.

Alex sorriu-lhe, mas ela percebeu que ele não ia ceder.

– Agora tenho de ir, menina. O Nate está à minha espera e vamos ver a Lilith. Volto logo à noite e conto-te o que aconteceu.

– Que tipo de perfume é que ela usa?

– Não faço ideia.

– Se chegares a cheirar a perfume de mulher, eu...

– Já sei. Fazes com que me arrependa. Mas não vês que eu já estou arrependido? Vá, anda cá e dá-me um beijo. O Nate está...

– À espera. Sim, eu sei. Não tens de te preocupar com ele. Ele sabe entreter-se sozinho. Por esta altura, já deve ter lido três livros acerca de algum tema obscuro que ninguém consegue sequer pronunciar quanto mais entender. Se queres ajudá-lo, apresenta-lhe uma mulher que ele possa amar.

– Uma dama cientista? – perguntou Alex a sorrir.

– Não, uma dama que lute com aligátores. Se alguém precisa que lhe ensinem o que é a paixão é o meu irmão.

– Como eu te ensinei? – Os olhos dele ganharam calor.

– Ah! Eu é que sou criativa. Ensinei-te a maior parte do que tu sabes acerca de tudo.

– Pois, lá isso ensinaste, meu amor – concordou Alex em voz baixa com os braços a apertarem-na muito. – Vou sentir a tua falta. Independentemente do tempo que esteja longe de ti, nem que sejam só dez minutos, vou sentir a tua falta em cada segundo. – Com delicadeza, beijou-a e, quando ela tentou transformar o beijo em algo mais, ele afastou-se e tirou-lhe os braços do pescoço. – Tenho de ir. – Beijou-lhe a testa. – Volto assim que possa. – Beijou-lhe o nariz. – Logo à noite terei uma história para te contar acerca dos motivos que levaram uma mulher a fingir a própria morte. – Beijou-lhe o queixo. – E vou abraçar-te e contar-te tudo.

– Prometes?

– Pela minha honra. – Avançou para a porta. – E, quando tudo isto estiver acabado, conto-te em pormenor o que sinto por ti.

– Juras?

– Juro. – A sorrir, ele abriu a porta e espreitou para o corredor. – Estou espantado por não estar aqui um dos teus irmãos de vigia à porta.

Quando tornou a virar-se para ela, tinha tanta ansiedade no olhar que, por um instante, ela julgou que ele mudaria de ideias. No entanto, logo a seguir passou para o corredor e fechou a porta.

Cay deixou-se cair na almofada e começou a chorar. Cinco minutos depois, porém, sentou-se. Ia segui-lo. Veria por si mesma que Alex já não estava apaixonado pela mulher com quem casara. Se visse que isso era verdade, saberia que podia voltar para a Virgínia e esperar por ele para sempre. Pensou pedir que lhe levassem uma tina para tomar banho, mas não havia tempo. Iria como o rapaz sujo que as pessoas julgavam que ela era.

Em silêncio, esgueirou-se do quarto e avançou pelo corredor.

— Que raio estás aqui a fazer? — perguntou-lhe Tally, puxando a irmã para que esta entrasse pela janela. — E com mil demónios, como chegaste ao terceiro andar?

— Se não parares de blasfemar, vou contar ao pai que estavas com aquela gorda ao colo. Sabes que toda a família acha que és virgem? — Ela endireitou-se no meio do quarto e reparou nas mobílias elegantes. — Este sítio há de ser bem caro. Quem está a pagar?

— O que sabes tu acerca da virgindade? — replicou Tally. — E desde quando te importas com dinheiro sem ser quanto consegues gastar?

— À medida que avançamos pela vida, aprendemos coisas.

Cay desempoeirou a parte de trás das calças. Para chegar àquele quarto, tivera de deslizar por uma varanda de ferro para que as pessoas no quarto ao lado não a vissem.

— Parece que estás num púlpito. E quando vais vestir roupas limpas?

— Quando me apetecer, Mister Janota. — Mirou o irmão de alto a baixo e viu que ele estava vestido com o melhor que tinha. Ficou contente por usar o casaco que ela bordara. — As gémeas gostaram do teu casaco.

— Passavam a vida a pôr as mãos nos meus bolsos. Porque não são as outras raparigas como elas?

— Porque temos miolos. Então, onde estão eles? — Em cima de uma mesa com tampo de mármore estava uma taça de fruta e um cesto com pão. Também havia um bule com chá tépido. — Estou faminta.

— Depois do que comeste ontem à noite, fiquei convencido que não comerias durante o resto da semana. — Tally sentou-se à frente dela e esticou as pernas longas. — Como nos encontraste?

Cay encolheu só um ombro.

— Não foi difícil. Quero ir para Charleston com o Alex.

— Parece-me que queres passar todos os minutos do dia com esse homem.

Cay apontou para a boca, indicando que, como estava cheia, não podia responder-lhe.

— Eles não vão deixar-te ficar neste quarto, sabes? O Adam vai mandar-te embora.

— Se não souber que estou aqui, não vai.

Olhou em redor, observando o belo espaço. Ao fundo havia um armário alto colocado a cerca de trinta centímetros da parede do canto. Era mesmo o espaço suficiente para que ela se escondesse lá atrás. Olhou para Tally.

— Oh, não, nem penses. Se te esconderes e fores descoberta, é a *mim* que o Adam vai culpar.

Cay partiu um pedaço de pão ao meio e barrou-o com manteiga.

— Tenho de te lembrar das coisas que sei acerca de ti e com as quais podia chantagear-te?

— Eu acho que também sei algumas coisas a teu respeito — retorquiu ele num tom matreiro.

— Que bom. Espero mesmo que contes ao pai que há semanas que durmo com o Alex McDowell, que é para ele nos obrigar a casar.

Os olhos de Tally arregalaram-se.

— Quando ficaste tão rude?

— Quando descobri como é a vida real. Vais ajudar-me ou não?

– É claro que vou. Ajudo sempre, não ajudo? Mas lembra-te só que, se vires alguma coisa que não te agrade, poderás sofrer.

Cay acabou com o pão.

– Então como é ela?

– Quem?

Ela fitou-o com os olhos semicerrados.

– Bonita, mas não a grande beldade que eu tinha ouvido dizer que era.

– Estás a dizer isso só por dizer?

– Estou – admitiu ele. A sua irmãzinha sabia sempre quando ele estava a mentir. – Não se veste como ouvimos dizer que se vestia em Charleston, mas, mesmo com aquelas roupas sensaboronas, é uma beleza. Tem olhos de gato, lábios que parecem cerejas maduras e o corpo dela é...

– Já percebi. Sabes o que ela fez ao Alex, não sabes?

– Claro. Mas ele não poderia ter feito alguma coisa para a impedir?

Cay sentiu a nuca a arrepiar-se.

– O que queres dizer com isso? Que ele deveria ter percebido que a mulher que amava era uma cabra desprezível e mentirosa? Que deveria ter entendido que ela estava a servir-se dele para concretizar um plano maléfico? Que ela não poderia importar-se menos que o Alex fosse enforcado, desde que *ela* conseguisse o que queria? – Quando terminou, estava de pé e a fitar o irmão com um ar muito zangado.

Ele observava-a com interesse.

– Se é isto o que o amor faz a uma pessoa, espero que nunca me aconteça.

Cay tornou a sentar-se.

– Nenhuma mulher seria suficientemente louca para se apaixonar por ti.

– Quanto a isso, querida maninha, estás bem enganada. Metade das mulheres de Nova Orleães está caidinha por mim. A outra metade quer o Adam.

– Isso é porque o Ethan não veio. – Ouviu barulho do lado de fora do quarto. – Eles chegaram.

Tally agarrou-a por um braço e obrigou-a a levantar-se.

– Se eu tivesse algum juízo, empurrava-te janela fora.

Quase que a arrastou pelo quarto, até ao armário, e, quando ela tentou passar-lhe uma rasteira, ele esquivou-se.

– Solta-me! Sou capaz de andar.

– Andar não é o problema – ripostou ele enquanto a empurrava para o pequeno espaço atrás do armário. – Se nunca te tivessem ensinado a cavalgar, não estarias metida nesta confusão. Fica aí e nem um pio.

Cay começou a preparar uma réplica, mas achou melhor conter-se. Tally poderia contar aos irmãos e a Alex que ela estava ali e eles mandá-la-iam embora. Para descobrir onde Alex ia, tivera de o seguir pelas ruas de Nova Orleães. Escondera-se atrás de uma grande palmeira no átrio de um hotel e, quando Alex subira as escadas, ela dissera ao rececionista que tinha uma encomenda a entregar à noiva daquele homem. Dera a entender que se tratava de um anel.

O homem tinha ficado enojado com as roupas sujas de Cay, mas isso evitara que a observasse com demasiada atenção. Foi-lhe dito que Nathaniel Harcourt tinha reservado dois quartos naquele hotel, sendo que um deles era a suíte nupcial, no último andar. Cay pediu-lhe a chave do quarto para poder surpreendê-lo, mas o olhar do rececionista deixou bem claro que não lha daria. Ela sabia que, se

fosse uma jovem bonita e bem vestida, ele lhe teria dado o que quer que fosse que ela pedisse. Parecia que ambos os sexos tinham vantagens e desvantagens.

Por fim, Cay vira-se obrigada a trepar pelas varandas das traseiras do hotel, que tinham vista para o jardim, para conseguir chegar ao quarto. Quase caíra por duas vezes e só com pura força muscular fora capaz de tornar a içar-se e ficar a salvo.

– Obrigada, Florida – sussurrou ao chegar à varanda do último andar. Todos os caixotes que tivera de carregar, a vara que tivera de usar para ajudar a desatolar o barco, já para não falar das noites enérgicas passadas com Alex, haviam-na deixado muito mais forte.

Para a ocultar, Tally abriu as quatro portas do armário e colocou uma caixa decorativa de madeira no chão à frente dela, escondendo-lhe os pés. Seria preciso olhar com muita atenção para a ver por trás das portas abertas, mas Cay tinha mesmo a altura certa para espreitar pela nesga entre as portas.

Depois de ficar escondida, começou a pensar no que estava a fazer. Estava à espera de ver aquela mulher de quem tanto ouvira falar. O grande amor da vida de Alex. A mulher que ele soubera que amava assim que vira.

Tally estava a pouco mais de meio metro dela quando a porta do quarto se abriu. Era Nate.

– Por favor, entre – disse Nate no seu habitual tom calmo, como se nada sentisse em relação ao que estava a acontecer.

Porém, Cay conhecia-o bem e detetou o desagrado subjacente na sua voz. Nate não gostava de injustiças. Na faculdade, escrevera vários ensaios contra a escravatura e enviara uma petição ao presidente Adams, na qual lhe perguntava se ele, Nathaniel Harcourt, poderia contribuir para a reforma de todo o sistema judicial dos Estados Unidos. Naquele momento, Cay percebia que o irmão desprezava por completo a mulher com quem Alex se casara por paixão.

Cay susteve a respiração ao ouvir os passos ligeiros de uma mulher após o que lhe viu as costas. Era alta e tinha o cabelo preto e denso preso no alto da cabeça. Vendo-a por trás, Cay percebeu que usava um espartilho bem apertado dentro de um vestido de seda azul que fora obviamente feito à medida. Tinha uma pequena jaqueta que Cay sabia ser o último grito da moda. Quando a mulher começou a virar-se, o coração de Cay quase parou.

Lilith Grey era de facto linda. Tinha maçãs do rosto cinzeladas, olhos amendoados e uns lábios vermelhos perfeitos – que Cay julgou terem alguma cor artificial.

Tentou ser sensata e pensar nela do ponto de vista de um homem. Tally estava a fitá-la com uma expressão estúpida no rosto, como se estivesse a ver uma estrela que tivesse aterrado neste planeta. Ao menos, Nate não parecia encantado com ela, pensou Cay. Estava a olhar na direção da porta aberta como se visse algo bem mais interessante que a mulher.

No momento seguinte, Nate observava o quarto e, quando viu a mesa com a taça vazia que antes tinha fruta e o cesto de pão também vazio, arregalou os olhos. Cay teve vontade de se pontapear por não se ter lembrado de que aquele seu irmão estaria presente. Ele via tudo.

Nate desviou de imediato o olhar da mesa para o resto do quarto e, num segundo, viu os olhos de Cay a espreitarem por entre as portas abertas do armário. Chegou até a dar um passo na direção dela, mas, nessa altura, Alex entrou e Nate olhou para o amigo.

Cay não tinha pensado no que esperava da mulher por quem Alex quase havia sido enforcado, mas seria expectável que a sua principal emoção fosse contrição. Haveria de pedir desculpa e implorar-lhe que a perdoasse, não?

Contudo, Lilith mantinha-se simplesmente ali, a olhar para o que Cay supunha ser a aproximação

de Alex, e o seu belo rosto abriu-se num sorriso, o que a deixou ainda mais encantadora. Para espanto de Cay, a mulher parecia estar a olhar para alguém que amava muito.

Quando Alex ficou a menos de um metro dela, de costas para Cay, pelo que esta não conseguia ver-lhe o rosto, a mulher deu dois passos em frente e passou os braços à volta dele.

Cay viu-o a segurar Lilith pela cintura e, quando esta o beijou, ele correspondeu-lhe.

Cay desmaiou. O sangue fugiu-lhe da cabeça, o seu corpo ficou leve e ela perdeu os sentidos. Tanto Tally como Nate haviam estado furtivamente a observá-la e conseguiram ampará-la antes que ela embatesse no chão.

Quando Alex correu ao seu encontro, Tally ergueu os braços e bloqueou-lhe o caminho.

– Vai com a tua mulher e, se voltares a aproximar-te da minha irmã, matar-te-ei.

Ainda antes de abrir a porta do seu quarto de hotel, Adam tinha a certeza de quem estaria do outro lado. Nessa manhã, Tally tinha-lhe contado que Cay desmaiara e quase batera com a cabeça no chão duro. Tally ficara tão zangado que queria desafiar Alex para um duelo. No mínimo, queria fazer queixa dele à polícia.

– Não achas que ele já teve problemas suficientes com a justiça? – perguntou Nate, calmo como sempre.

Adam virou-se para Nate e perguntou o que tinha acontecido.

– A nossa irmã queria vê-lo com a mulher. Viu e foi mais do que conseguia aguentar.

Tally lançou um olhar irritado a Nate.

– Diz-lhe porque não estás preocupado com isto. Conta ao Adam por que motivo não poderias estar menos ralado com o que foi feito à nossa irmã, incluindo arrastá-la para território inexplorado onde até as plantas têm dentes.

– Ainda não fui confrontado com provas de que haja plantas que devorem carne humana, por mais que Mister Connor adore contar histórias sobre elas.

– Provas? Não precisas de provas para o que aconteceu hoje de manhã. Só porque *tu* achas que o McDowell é incapaz de fazer o que quer que seja de mal, isso não significa...

– Tally! – interrompeu-o Adam. – Estou certo ao pensar que a nossa irmã se encontra bem?

– Se achas que «estar bem» é chorar tanto que só de a ouvir o coração de um homem se desfaz e recusar-se a comer ou a falar com quem quer que seja, então, sim, está bem.

– Que observação tão interessante – comentou Nate calmamente –, já que costumas ser tu a fazê-la chorar.

– Mas tu...

Tally avançou para Nate, que levantou os punhos; tinha tido aulas de pugilismo, dadas por um profissional.

O braço comprido de Adam interveio e travou Tally.

– Senta-te! Quero saber o que aconteceu e já que tu, Tally, pareces estar incapaz de dar coerência aos pensamentos, vou deixar que seja o Nate a contar-me. Em primeiro lugar, por que motivo o nosso irmão mais novo está tão zangado e julga que não te importas com a nossa irmãzinha?

– Conta-lhe – instou-o Tally, deixando-se cair numa cadeira.

– O Alexander McDowell é o Merlin.

Adam fitou Nate durante alguns momentos antes de falar.

– Agora compreendo. É por isso que tens estado tão dedicado a esta busca pela verdade.

– Sim, é – respondeu Nate. – Estando tanto a minha irmã como o meu amigo envolvidos, não poderia dar menos que o meu melhor.

– Então e o que aconteceu depois de a Cay ter desmaiado? – perguntou Adam.

Foi Tally quem respondeu:

– Levei-a para o quarto do Nate.

Adam assentiu com a cabeça. Na noite anterior, ele e Cay tinham ficado num hotel enquanto Nate, Tally e Alex se hospedavam noutro. Fora neste último que decorrera o encontro de Alex com a mulher.

– O que fez o Alex para transtornar de tal maneira a Cay?

– Beijou aquela mulher – ripostou Tally muito indignado.

– Se quando dizes «aquela mulher» te referes à mulher dele, ele tinha o direito de o fazer, não tinha? – salientou Nate.

– À frente da Cay? – retorquiu Tally.

– Se te tivesses mantido alerta como devias, ela não se encontraria escondida atrás das portas de um armário, donde pôde assistir a tudo.

– Desde quando sou ama-seca dela?

– Parem! – ordenou Adam. – Quero saber o que aconteceu entre Alex e essa mulher.

Tally e Nate entreolharam-se e depois fitaram o irmão.

– Não sabemos – disse Nate. – Estávamos mais preocupados com a Cay. Levámo-la para o meu quarto, reanimei-a com saís de cheiro e ela...

Nate não gostava de muita emoção e sobretudo não lhe agradava ver a irmã a chorar e em tanto sofrimento. Tally continuou:

– Quando voltei ao quarto onde o McDowell se tinha encontrado com a mulher, eles tinham desaparecido. Achas que partiram em lua de mel?

– Se estiverem nesta cidade, posso encontrá-los – disse Nate.

– Não – contrapôs Adam. – Nada temos que ver com o que se passa entre eles. Tally, quero que leves a Cay para casa. Deixemos que a mãe lide com as lágrimas dela. Saberá o que será melhor fazer.

– O pai vai ficar muito zangado – disse Nate.

– Pois vai, não vai? – replicou Tally, a sorrir. – Há de esfolar o McDowell vivo e pregar-lhe o couro à porta do celeiro.

– Tally – apelou Nate –, não me parece mesmo que as tuas declarações sanguinárias sejam necessárias.

– Gostaria que cuidasses da nossa irmã – disse Adam ao mais novo.

– De bom grado! – Tally levantou-se. – Quero-a tão longe quanto possível do McDowell.

Nate continuou sentado, a olhar para Adam.

– O que vais fazer?

– Vou esperar aqui até que o Alex venha ter comigo.

Nate não conseguiu reprimir um sorriso.

– Ele virá.

– Sim – disse Adam –, tenho a certeza que virá. O meu receio é que, depois de falarmos, ele vá ter com a Cay e ela lhe perdoe tudo, o que nos deixará a braços com uma guerra. Agora, enquanto ela está zangada com ele, quero que se vá embora daqui.

– Vais falar com o sacana? – insurgiu-se Tally.

– Vou ouvir todas as palavras que ele tenha para dizer. Parece-me que já é altura que alguém o ouça. Agora vai buscar a Cay enquanto ela continua transtornada. Quando se recompuser, quero que já se encontre em Edilean e sob a alçada do pai.

– Este plano agrada-me – disse Tally, encaminhando-se para a porta, mas virou-se e olhou para

Nate. – E o que tencionas *tu* fazer?

– Depois de o Merlin... o Alex falar com o Adam, vou prestar-lhe toda a ajuda de que ele possa precisar.

– Vais escolher esse sacana em vez da tua própria família?

– Não – replicou Nate calmamente. – Vou...

– Tally – atalhou Adam –, será que podes ir ver como está a Cay e fazer o que pudeses para a acalmar? E Nate...

Mas Nate já estava de pé e pronto a sair com Tally.

– Vou dar-te tempo a sós com ele. Espero que tu...

– Serei justo e ouvi-lo-ei – garantiu Adam. – O homem foi falsamente acusado e condenado por homicídio. Não posso imaginar o que isso lhe terá causado.

Nate despediu-se com um aceno de cabeça e saiu do quarto de hotel de Adam.

* * *

Era tarde, alguém estava a bater-lhe à porta e Adam tinha a certeza que seria Alexander McDowell.

– Ela foi-se embora? – perguntou Alex assim que entrou no quarto.

– Sim. A Cay seguiu para Edilean com o Tally hoje de manhã. O Nate ficou à espera para te ajudar no que quer que tenha de ser feito. A Cay também queria ficar, mas todos achamos que será melhor que ela agora esteja com a nossa família. – Adam fazia os possíveis para pensar e agir de uma forma racional, mas não conseguiu conter-se: – Que raio te passou pela cabeça para beijares aquela mulher à frente da Cay?

Alex deixou-se abater pesadamente numa cadeira. Parecia ter envelhecido vinte anos num dia.

– Em primeiro lugar, não sabia que a Cay estava escondida no quarto. Eu disse-lhe... – Passou as mãos pelos olhos. – Deveria saber que, depois de lhe dizer que não podia ir comigo, ela arranjaría forma de lá estar.

Parte da zanga de Adam abandonou-o; a sua irmã era mesmo assim.

– Então porque beijaste uma mulher que te fez uma coisa destas?

– Não sei. Acho que foi pelo alívio de ver que ela estava viva e não morta, o que significou que o pesadelo da minha vida ia ter fim. Passaram-me mil ideias pela cabeça.

– A Cay... – Adam sentia-se dividido entre querer gritar com o homem e sentir empatia por ele. No entanto, se havia coisa que sabia era que Alex amava Cay. Vira-o. O amor que nutriam um pelo outro era tão forte que era quase palpável. – Estás apaixonado pela tua mulher?

Abanando a cabeça, Alex soltou uma pequena risada depreciativa.

– Nunca tinha passado um dia inteiro com ela e, depois de hoje, não sei como pude alguma vez acreditar que estava apaixonado por ela. A Cay disse-me que fui um tolo por ter casado com alguém que não conhecia e tinha razão.

– Eu vi-a, a beleza dela atordoia um homem.

– Pois, é verdade. O facto de ela *me* querer fazia-me sentir o alvo de uma grande honraria. Mas ela também me fazia sentir que precisava de ganhar bateladas de dinheiro para poder dar-lhe tudo, casas, carruagens, roupas lindas. Eu queria dar-lhe tudo o que pudesse.

– Não é como a minha irmã? – Havia curiosidade presente na voz de Adam.

Alex sorriu.

– A Cay não poderia ser mais diferente. Acho que, se lhe dissesse que queria estabelecer uma pensão na Lua, ela começaria a fazer as malas.

– Sempre soube que, quando se apaixonasse, seria em força.

– Então ela não se apaixonou pelos três homens que a queriam?

A sorrir, Adam sentou-se numa cadeira à frente de Alex.

– Fui eu quem persuadiu o nosso pai a deixá-la ir para Charleston, a fim de ter algum tempo para pensar nos três pedidos de casamento. Queria que conhecesse outras pessoas, visse novos lugares. Esperava que o tempo e a distância a levassem a esquecer esses homens com quem equacionava casar. – Adam levantou-se, serviu dois copos bem cheios de uísque escocês *MacTarvit* e deu um deles a Alex. – Ela falou-te das Margaridas?

– Nunca ouvi falar delas.

– Vários dos amigos do meu pai, e do teu também, instalaram-se em Edilean e casaram. Por acaso, nasceram cinco meninas no ano da Cay e, à medida que foram crescendo, tornaram-se grandes amigas. Quando tinham oito anos, anunciaram que o grupo passaria a chamar-se A Corrente, pois tinham uma amizade forte como o aço. Acho que a ideia foi da Jess, a filha do Naps e da Tabitha, que... – Fez um gesto com a mão, indicando que aquilo não era importante. – Se os conhecesses, compreenderias. Seja como for, o Tally soube do decreto e disse que elas se assemelhavam mais a uma enfiada de margaridas que a uma corrente de aço. O nome ficou. As cinco continuam a ser grandes amigas e todos lhes chamam Margaridas.

– A Cay só falava dos irmãos – disse Alex. – Noite e dia, não havia assunto que não fosse acerca de vocês os quatro. Nada aprendi sobre as amigas dela, à exceção de uma que tinha dez irmãos e cujos pais tinham um mau casamento. Ela contou que a filha passava a vida em vossa casa para fugir à dela.

Alex também se lembrava do que Cay lhe dissera acerca de uma rapariga chamada Jessica e da sua língua, mas não o mencionou.

– Deve ser a Jess. Sim, os pais dela fartam-se de discutir, mas a Jess vai para nossa casa porque a minha irmã a recebe com uma passadeira vermelha. Vestidos, andar a cavalo, ensinar-lhe coisas. Tudo o que a Jess queira a Cay dá-lhe.

– Parece típico dela. – Alex estava a sorrir.

– Tens fome? Não jantei. Posso pedir que nos tragam qualquer coisa. Imagino que tenhas muito para me contar e poderás fazê-lo igualmente bem enquanto jantamos.

– Boa ideia – respondeu Alex, que se levantou e foi espreitar pela janela enquanto Adam puxava o cordão da sineta que estava na parede e um empregado de casaca branca surgiu.

Alex sabia que lhe estava a ser dado tempo para descontraír porque Adam queria toda a informação que pudesse obter e decerto teria algumas ordens que queria ver cumpridas. Desconfiava que lhe diria que não poderia ver Cay até toda aquela confusão com Lilith estar terminada. Casamento, homicídio, tudo isso teria de estar resolvido e atirado para trás das costas antes de Alex poder rever Cay. Isso parecia-lhe bem, pois chegara à mesma conclusão.

Os dois homens pouco disseram até a comida ter chegado e se sentarem para comer. Adam agarrou numa travessa com couves-de-bruxelas e o seu olhar indicou a Alex que estava na altura de começar a falar.

Havia tanto para dizer que ele nem sabia bem por onde começar.

– Não sou casado.

– Oh! – espantou-se Adam.

– A mulher que esperei no altar tem um marido a viver em Inglaterra. Ao que parece, ela assassinou o sobrinho do marido, herdeiro dele, e eu fui usado como forma de impedir que a prendessem. Quando vivia em Charleston, descobriu que havia uns homens à procura dela, pelo que congeminou o plano de fingir a própria morte de uma maneira bastante pública. Achou que os homens transmitiriam às autoridades inglesas que ela estava morta e que assim poderia voltar a mudar de nome e... – Acenou com a mão. – Não faço ideia o que planeava fazer. – Alex comeu umas quantas garfadas. – Assim que me disse que tinha um marido vivo, levei-a a um juiz aqui de Nova Orleães. Deixa que te diga que não foi fácil conseguir levá-la lá. – Meteu um pouco de comida na boca e mastigou lentamente. Era difícil contar tudo o que tinha ficado a saber naquele dia. – O juiz disse-nos que, se bastasse que duas pessoas jurassem que uma delas continuava a ser casada com outra pessoa para se dissolver um casamento, já não sobraria nem sequer um casamento neste país. Disse-nos: «Preciso de uma *prova*! Se ela se casou em Inglaterra, então vão a Inglaterra e tragam-me documentos. Quero documentos com selos. Selos de ouro. Caso contrário, não acreditarei nesta história toda.»

– Então tens de voltar ao Reino Unido com ela?

– Se quero que este horror saia da minha vida, sim, tenho. – Alex inspirou profundamente. – Acho que tudo aquilo por que tenho passado por causa daquela mulher me privou da capacidade de sentir pena... pelo menos dela. – Alex comeu um pouco de bife e fez uma pausa. Estava determinado a controlar a raiva.

– Nem o Nate conseguiu descobrir nada disso... Merlin.

Alex sorriu.

– Merlin. Isso tudo parece ter acontecido há uma eternidade. Quem me dera poder sair daqui hoje e apresentar-me diante da Cay como um homem livre, mas vou demorar bastante tempo a resolver tudo isto em termos legais. Já disse à Cay que tenho de ir a Charleston com... – Olhou para o seu prato. – Documentos oficiais que digam que não a matei não me chegam. Isto faz algum sentido?

– Faz todo o sentido. Se eu estivesse na tua situação... na verdade, nem consigo imaginar o que faria.

– Mas não terias de fazer tanto, pois não? – replicou Alex muito depressa. – Tens família e amigos. Eu só tinha o T. C.

– Parece-me que podes acrescentar a minha irmã e o Nate a essa lista de pessoas que te têm ajudado e acreditado em ti. E eu e o Tally já fizemos umas quantas coisas. A propósito, o Nate já me informou que, para onde quer que tu vás, ele vai contigo. O meu irmão é uma pessoa muito leal.

A sorrir, Alex começou a descontrair.

– Terás de me perdoar, tive um dia arrasador.

– Demora o tempo que precisares, não vou sair daqui.

Alex empurrou o seu prato ainda a meio e levantou-se.

– Em primeiro lugar, tenho de ir a Charleston para repor o meu bom nome. Preciso de caminhar por aquelas ruas com a... – Olhou para Adam. – Ela não se chama Lilith Grey, mas sim Margaret Miller. Chamavam-lhe Megs quando era miúda. Percebes, tudo acerca dela é uma mentira. Queres ouvir a história dela, a que ela parecia julgar que me faria perdoar-lhe tudo?

– Não me ocorre algo que gostasse mais do que saber porque terá ela feito uma coisa tão abominável. Vou pedir charutos e brande.

Adam puxou o cordão na parede e o criado apareceu tão depressa que Alex teve a certeza que ele tinha estado à espera do lado de fora. A mesa não demorou a ser levantada e, depois de tornarem a ficar sozinhos, Alex falou:

– Aquele beijo! Tantos problemas provocou! A Megs julgou que esse beijo significava que a tinha perdoado pelo que tentou seduzir-me batendo as pestanas e debruçando-se sobre mim de uma forma que costumava enlouquecer-me de desejo. Agora apenas me causa repulsa. Demorei horas a arrancar-lhe a verdade, mas acabou por me contar a história toda, dizendo-me cada palavra entre soluços ruidosos e rogos por compaixão. – Alex recompôs-se. – Parece que cresceu numa grande miséria, com um pai que lhe batia. Mais uma vez, peço desculpa pela minha falta de sensibilidade, mas, depois do que a mulher me fez, nada consigo sentir por ela.

– Compreendo inteiramente – afirmou Adam, fumando o seu charuto e observando Alex, que andava de um lado para o outro. – O que disse ela quando lhe perguntaste porque permaneceu escondida durante o teu julgamento?

– Ela jura que não sabia que tinha sido acusado do homicídio dela e que, caso tivesse tido conhecimento disso, teria regressado de imediato a Charleston. Não acredito nela. – Fez uma pausa. – Depois de descobrir que aqueles homens estavam na vila à procura dela, inventou o seu plano diabólico para que pensassem que tinha morrido. Tinha visto a forma como o médico olhava para ela, portanto, chorou e contou-lhe uma história triste e patética qualquer. Não sei qual terá sido, mas decerto seria boa, pois o médico acedeu a fazer tudo o que ela quisesse. Ela disse-me que, se ele não tivesse morrido, o plano teria funcionado perfeitamente, mas... – Alex inspirou. – Seja como for, depois de eu ser detido e levado para a cadeia, o médico levou o «corpo» dela para o seu gabinete, onde ela lavou o sangue do pescoço e entrou para uma carruagem que a esperava, já com os seus pertences.

– E o que planeava ela para *ti*?

Alex teve de inspirar profundamente antes de responder.

– O Nate também tinha decifrado isso. O médico deveria declarar que a causa da morte dela fora suicídio, o que me libertaria da prisão.

– Dir-se-ia pela vila que ela se tinha matado para não passar a vida contigo. – O desdém de Adam transparecia-lhe na voz.

– Pois, seria isso o que se diria. Acho que teria preferido ser enforcado. Mesmo agora, depois de as pessoas verem que não assassinei a minha mulher, o que não posso tolerar é que o nome da Cay fique associado a este imbróglio feio. Se ela fosse para Charleston comigo, como queria, as pessoas diriam que ela tinha tido alguma coisa que ver com tudo isto.

– Não há fumo sem fogo.

– Exatamente. O velho adágio. Não – disse Alex com um esgar –, quero que todos os mexericos digam respeito a quem os merece: a Megs.

– O que fez ela depois de deixar o médico?

– Diz que foi para um pequeno vilarejo da Georgia e que ficou lá. Até me disse que se esforçou ao máximo por parecer feia, para que ninguém reparasse nela.

– E que tal correu isso? – perguntou Adam, dando uma grande passa no seu charuto.

– Como sempre, teve alguns problemas com homens. Apresentou-se como uma jovem e bela viúva a viver sozinha num pequeno povoado e claro que veio a ter problemas.

– Onde arranjou ela o dinheiro?

– Não me disse e não perguntei, mas acho que o roubou à velha Lady Underwood. Ouviste falar dela?

– Acho que não houve coisa alguma que o Nate não tenha descoberto acerca do teu julgamento, por isso, sim, falaram-nos da velha rica. Mas como jurou em tribunal que a tua mulher era sobrinha dela, duvido que vá apresentar queixa por ela a ter roubado.

– Não, a Lilith... a Megs tem o dom de fazer situações más funcionarem em seu proveito.

– Presumo que esses problemas com homens terão sido o que a fez vir para Nova Orleães.

– Pois foram. Disse-me que achou que talvez fosse mais fácil passar despercebida numa cidade que numa vila pequena. A minha opinião é que ela andava à procura do próximo marido a quem ludibriar. Mas quem sabe a verdade? Talvez se tenha simplesmente entediado e querido excitação. Se o George Campbell não a tivesse visto...

Adam interveio:

– Quando estivemos em Charleston, o Nate interrogou alguém que mencionou Nova Orleães, por isso ele seguiu um dos seus «palpites abalizados» em relação ao percurso que ela estaria a fazer. O nosso plano era que eu viria para Nova Orleães e Tally para os pântanos para vos encontrar. De qualquer maneira, o Tally estava mortinho por fazer isso.

– Acho que ele teria gostado de ser um explorador aventureiro.

– Tu gostaste?

– A companhia agradou-me – disse Alex com um sorriso, recordando os tempos passados com Cay.

– Se não te importas, acho que vou passar essa parte. Afinal, estamos a falar da minha irmã. Descobriste porque foi que essa mulher, a Megs, *te* escolheu para concretizar a tramoia?

– Foi uma das primeiras coisas que lhe perguntei. Disse-me que havia muitos homens em Charleston que a olhavam com os olhos vidrados de desejo... foram mesmo estas as palavras que usou: «olhos vidrados de desejo». Mas eu era diferente, porque não tinha família ali e as únicas pessoas que conhecia não eram amigos de longa data. Disse-me que, depois do seu suicídio forjado, calculava que eu abandonaria aquela vila e nunca mais veria qualquer uma daquelas pessoas.

– Presumo que isso signifique que ela só estava a pensar no teu bem-estar, não no dela.

– É o que alega.

– Então e que história te contou a mulher para justificar a sua perfídia?

Alex sentou-se.

– Não sei se é ou não verdade, mas vou repetir o que me contou. Disse-me que o pai a queria prostituir. Que lhe dizia que a beleza dela poderia conseguir muito dinheiro, mas a Megs tinha outros planos para a sua vida. Quando fez dezasseis anos, detetou uma oportunidade de fuga e aproveitou-a. A cerca de trinta quilómetros do sítio onde nasceu, viu uma carruagem que se tinha voltado e, caídos por terra na beira da estrada, estavam o condutor e a passageira, uma dama jovem, ambos mortos. Tenho de reconhecer que a Megs é capaz de raciocínio rápido... e que parece não ter consciência alguma daquilo que faz às pessoas. Seja como for, trocou de roupa com a jovem morta e empurrou o corpo dela para o rio. Quando o corpo inchado foi encontrado, semanas depois, o pai identificou-o como sendo o da sua filha.

– Então ela livrou-se dele forjando a própria morte – disse Adam. – Dado que, dessa vez, funcionou, ela decidiu usar o mesmo esquema anos mais tarde. Que fez ela então, vestida com essas roupas finas?

– Foi até à propriedade abastada mais próxima e apresentou-se como uma jovem que perdera a

memória. – Alex fez uma careta. – Quando a conheci, ela disse-me que não percebia o meu sotaque, mas hoje descobri que tem jeito para as imitações. Mostrou-me o seu sotaque londrino carregado e impossível de compreender e depois mudou para os sons da aristocracia inglesa. Até imitou o meu sotaque escocês. Devia ter sido atriz.

– Concedo que lá coragem não lhe falta.

– Não seria isso que eu lhe chamaria. – Alex acendeu o seu charuto. – Em resumo, uns anos mais tarde casou-se com o viúvo rico que era dono da propriedade. Ele tinha quarenta e cinco anos e ela dezanove.

– Estavam apaixonados?

– A Megs diz que estavam, mas quem sabe? Ela costumava dizer-me que me amava mais do que a própria vida.

– Talvez não estivesse a mentir – comentou Adam, o que fez Alex soltar uma gargalhada sem som.

– Com ela, nunca saberei. Parece que toda a sua vida tem sido uma mentira.

– Talvez por necessidade.

– Se o objetivo disso é fazer com que me compadeça dela, peço-te que passes pelo que eu passei e vejas se consegues apiedar-te da vida infeliz dela.

– Mas foi por causa dela que conheceste a minha irmã – acrescentou Adam.

Alex sorriu.

– Há males que vêm por bem.

– Foi o homicídio que a fez vir para a América?

– Pois, foi isso. O sobrinho do marido dela, que herdaria a fortuna, apareceu e não acolheu de bom grado que o tio tivesse casado com uma jovem fértil. Contratou uns homens para que investigassem e descobrissem quem ela realmente era.

– Ah, chantagem.

– Ao início, mas ela diz que se tornou algo muito pior. Uma vez que ele persistia em chantageá-la e em abusar dela, a Megs agarrou num candelabro, deu com ele na cabeça do sobrinho e matou-o.

Adam manteve-se em silêncio, a observar Alex.

– Para que ela volte e obtenha um certificado que declare que o vosso casamento é inválido, terá de se sujeitar a um julgamento por homicídio.

– Pois, é verdade – concordou Alex numa voz sumida. – Eu disse-lhe que espero que ela possa livrar-se disso pelo que prometi que a ajudaria de qualquer forma que estivesse ao meu alcance, mas não vou desistir da minha vida pela dela.

– E ela está disposta a voltar a Inglaterra e enfrentar essa situação?

– Nem pensar. Na verdade, ameaçou bater-me com um candelabro. – Alex fitou Adam. – Não confio nela. Neste momento, deixei aqueles guardas que o Nate contratou *dentro* do quarto com ela. Sei que bastaria meia oportunidade para que ela fugisse. Qualquer mulher capaz de fazer o que ela me fez não é digna da minha confiança. Vou com ela, primeiro a Charleston, depois a Inglaterra. O que quer que seja necessário para obter a prova de que um juiz norte-americano precisa, fá-lo-ei. Se ela tiver de ser julgada por homicídio, pois que o seja. Jurei-lhe que a acompanharia durante o processo por... respeito por outro ser humano, mas nada mais. É possível que venha a mudar, mas, neste preciso instante, sinto que, se a enforcassem, seria merecido. – Alex esfregou a cara com uma mão. – Como posso ter julgado que amava uma mulher que não conhecia de facto? Deveria ter sido como a Cay e feito uma lista dos atributos positivos e negativos da mulher.

– Quer-me parecer que a minha irmã discordaria de ti quanto a isso. Acho que, se lho perguntasses agora, ela te diria que deves deixar-te levar pela paixão.

Adam estava a olhar fixamente para Alex.

– Que mulher trata um homem condenado por homicídio com toda a amabilidade e consideração que prestaria a um convidado da sua casa?

– A minha irmã – respondeu Adam. – Desde que nasceu, sempre foi amorosa connosco. O Tally fez-lhe algumas coisas realmente horríveis, mas a Cay sempre conseguiu impor-se.

– E o que fazias tu ao Tally quando o apanhavas?

Adam esboçou um sorriso enviesado.

– Prefiro não dizer, mas, por volta dos oito anos, ele já sabia que não devia torturar a irmã. – O seu olhar ficou sério. – O que planeias fazer quanto à minha irmã.

Por um momento, Alex foi incapaz de falar. Afastou-se até à parede do fundo do quarto.

– Acho que vou precisar de pelo menos um ano para resolver tudo isto.

– Presumo que estejas a dizer que, durante esse tempo, não verás a minha irmã?

Quando Alex inspirou, o ar ficou-lhe preso na garganta.

– Quero dar-lhe oportunidade de decidir por si mesma. Quero que ela saiba o que real e verdadeiramente quer. Foi colocada a meu lado numa situação de vida ou de morte e por vezes receio que ela possa julgar que me ama por causa daquilo por que passámos juntos. – Alex endireitou os ombros. – E há a questão de classe. Eu não passo de um pobretanas das Terras Altas. Tenho jeito para cavalos e para pouco mais, mas a Cay é linda, educada e habituada a uma vida que nunca poderei proporcionar-lhe. – Fitou Adam. – A menos que me servisse do dinheiro do vosso pai, coisa que nunca farei. Sei que a Cay tem sido protegida e pouco exposta às realidades da vida. Os homens com quem queria casar...

– Horríveis! – exclamou Adam. – Todos tinham metade da inteligência da minha irmã, um quarto da sua educação e nem um décimo do seu talento. A Cay quer agradar aos nossos pais e acha que o fará através de um casamento de conveniência.

Tais palavras não provocaram sorriso algum a Alex.

– E eu não sou «conveniente». Se ela me escolher, quero que o faça por livre vontade, não devido a... a lembranças.

– Isso é muito nobre da tua parte. Se eu estivesse no teu lugar e tivesse encontrado uma mulher que pudesse amar, nunca a perderia de vista. Se me visse obrigado a isso, trancá-la-ia num quarto e mandaria a chave fora.

– Ora que bela ideia. Vou... – O olhar de Adam interrompeu-o e fê-lo rir.

– Queres algo de mim, não queres? – perguntou Adam.

– Sim. Enquanto estiver fora, a resolver este horror, quero que garantas que a Cay terá mais oportunidades na vida. Ela considerou entusiasmante a nossa incursão pelas zonas selvagens e receio que seja isso o que a faz gostar de mim. Cavalgadas loucas pelos campos, dormir em tendas, atacar aligátors com uma faca.

– Não me parece que conheça a rapariga de quem estás a falar. A minha irmãzinha gosta de vestidos de seda e de lanches com porcelana francesa.

– Ela também gosta... – Alex não completou a frase, pois por pouco não dissera que ela gostava de fazer amor ao luar. – Vi uma faceta diferente dela, uma faceta que ela apenas agora começou a descobrir.

– E queres que ela tenha mais oportunidades dessas?

– Sim, quero.

Adam observou Alex durante um momento prolongado.

– Ela é jovem, linda e abastada. Tens a certeza que queres expô-la de tal forma que outros homens a vejam?

– É claro que não quero. Se ao menos nunca tivesse conhecido a Megs... – Fez uma pausa e depois tornou a fitar Adam. – A verdade é que nunca teria sequer olhado para a Cay se não tivesse passado por tudo o que passei. Se a tivesse conhecido em circunstâncias normais, julgo que a teria visto como a irmã mais nova do Nate e a ignoraria. Sempre me senti atraído pelo género alto, belo e misterioso.

Adam sorriu.

– Não somos todos assim? Só que, neste caso, o mistério tinha um cerne maléfico. Acho que aquilo que pedes tem uma boa justificação racional, mas, se me encontrasse nas mesmas circunstâncias, não sei se seria tão generoso quanto tu estás a ser. Falarei com a nossa mãe e ela certificar-se-á de que a Cay é apresentada a homens que não sejam de Edilean.

– Que não sejam da Virgínia. Ou deste país. Levem-na a Itália e arranjem-lhe um professor italiano de desenho. Acho que ela não tem noção do talento que possui. Já vejo quadros de Charles Albert Yates pendurados em museus de todo o mundo.

– Estou a ver. *C.A.Y.* Mais uma coisa que sabes acerca dela e que a família desconhece.

– Tenho de ir e dormir um pouco – disse Alex. – Ainda tenho um quarto aqui?

– Mantive o quarto da Cay para ti. Julgo que saberás onde é.

Alex sorriu.

– Pois, lá isso sei. – Parou junto à porta. – Não sei como vou ultrapassar tudo isto sem o humor da Cay. Por piores que as coisas fossem, ela fazia-me sempre sorrir.

– É assim com todos nós. Assim que aprendeu a falar, começou a fazer piadas.

– E a desenhar.

– Sim. Desenhava e pintava tudo. Havia de pedir à nossa mãe que te contasse da vez em que ela pintou a parede da sala de estar.

– Adoraria. Há uma coisa que gostava de te perguntar. Ela refere muitas vezes a grande beleza da mãe. Ela é assim tão bonita como a Cay diz?

– Mais. Agora tem mais idade, mas continua a deixar homens embasbacados... o que muito arrelia o meu pai.

– A Cay acha que não é tão bonita quanto a mãe.

– E o que achas tu?

– Que Deus estava a sorrir enquanto fazia a Cay.

– É o que todos nós achamos. Vais escrever-lhe?

Alex apertou a maçaneta da porta com mais força.

– Não me parece. Quero dar-lhe tempo para que decida por si mesma. A ideia de um mau casamento assusta-a pelo que quero que tenha certezas do que decidir fazer.

– Vou contar-lhe a verdade acerca do que aconteceu, onde foste e porquê.

– Obrigado – disse Alex. – Sabes, pensava que serias diferente. Ou talvez tivesse apenas ciúmes por ouvir o teu nome de manhã, à tarde e à noite. Começo a considerar que és digno de ser irmão da Cay.

Com um sorriso, Alex saiu do quarto e fechou a porta. Adam fitou-a por alguns minutos e depois

sentou-se à secretária para escrever uma carta para a mãe. Tencionava aceder aos desejos de Alex quanto a expor Cay a outras coisas e pessoas, mas sabia bem quem queria que fosse seu cunhado pelo que se esforçaria para que isso acontecesse.

Começou a carta.

UM ANO DEPOIS

Edilean, Virgínia, 1800

Sentada junto ao lago, não muito longe da casa, com um cavalete à sua frente e um conjunto de aguarelas no colo, Cay estava ociosamente a pintar os patinhos bonitos na água, os juncos que cresciam junto à margem e os...

O perfume de jasmim alcançou-a e ela não resistiu a fechar os olhos, perdida numa memória deliciosa. O aroma recordava-a de noites carregadas de um ar quente e húmido, nas quais fazia amor durante horas.

Quando abriu os olhos, viu a forma de um homem refletida na água e soube de imediato quem era. Tentou serenar o coração, que tinha começado a latejar, e esforçou-se por controlar o impulso de saltar e passar os braços à volta dele. Tinha-se passado tanto, tanto tempo desde a última vez que o vira.

– Vi o Tim – comentou enquanto tentava não interromper a pintura.

– Viste?

O som da voz dele, tão familiar mas ao mesmo tempo parecendo algo que provinha de um passado remoto, acelerou-lhe a pulsação. O sotaque dele suavizara-se e isso deu-lhe vontade de chorar. Não assistira a essa mudança. Seria que a *mulher* dele o ensinara a falar como um cavalheiro inglês?

– Vi – confirmou. – Não me reconheceu pelo que namorisei indecentemente com ele e até lhe perguntei pela sua viagem pelas zonas selvagens da Florida.

Alex pousou um grande ramo de jasmim ao lado do cavalete para que ela o visse. Presos aos caules estavam as três estrelas de diamante e os brincos de pérolas que ela esquecera quando tinham ido para Nova Orleães. Alex ajoelhou-se na relva ao lado dela, mas, ainda assim, ela não olhou para ele.

– E que conta ele dessa viagem?

– Segundo o Tim, salvou-me a vida uma meia dúzia de vezes.

Quando Alex falou, tinha riso na voz.

– E o que fizeste ao pobre rapaz por dizer isso?

Cay não olhou para ele, continuando a pintar, como se a presença dele não a afetasse minimamente. Não se deu conta de que pintava o lago de cor de rosa.

– Nada fiz, absolutamente nada. No entanto, é verdade que mais tarde ele veio a ter um acidente muito infeliz com um barco a remos. Parece que uma pequena cobra... bem, talvez não fosse assim tão pequena... tinha deslizado para o barco com ele. O Tim ficou tão agitado que caiu ao lago. Não fazia ideia que ele não sabia nadar, mas, por causa disso, o Tally teve de mergulhar e salvá-lo.

Alex sentou-se na relva.

– Ele deve ter ficado satisfeito por o Tally estar presente.

– Depois disse que estava a salvar o Tally. – Inspirou e começou a colorir o céu num tom verde pálido. – A Hope e o Eli casaram-se dois meses depois de se conhecerem.

– O Nate contou-me. Tinhas razão quanto a esse arranjinho.

– A Thankfull veio visitar-me e, por acaso, o tio T. C. estava cá nessa altura.

– Ora que coincidência afortunada. Ela trouxe as gémeas?

– Pois trouxe – disse Cay, apercebendo-se que estava a começar a falar no dialeto escocês que usavam entre eles. – E a minha mãe encontrou-lhes maridos.

– Ai sim?

Alex pegou num dos pincéis que estava na caixa de madeira pousada no chão e passou-lho.

Virando a cabeça apenas um pouco, Cay aceitou o pincel e olhou para a mão de Alex, mas não para o seu rosto. Era uma mão que ela conhecia muitíssimo bem e que tocara em cada centímetro do seu corpo.

– Constou-me que o Armitage vos visitou – disse ele num tom sério.

– É verdade, visitou, e tivemos uma longa conversa. Ele disse-me que soube quem eu era durante a viagem. Ao início não, mas, depois de me ver desenhar, lembrou-se de mim. Disse-me que também tinha calculado quem tu eras.

– Julguei que o tivesse feito. Estava com receio que me mandasse prender quando chegássemos ao entreposto comercial.

– O Jamie disse-me que pensou fazê-lo, mas que nos observou e percebeu que não estavas a fazer-me mal. O Adam contou-lhe tudo acerca do que aconteceu.

– O teu irmão tem sido um bom amigo para mim.

– Ele é assim. – Cay serviu-se do pincel que Alex lhe dera para pintar os patos de roxo. – O Jamie pediu-me em casamento.

– O Adam escreveu sobre isso ao Nate, que me contou – referiu Alex. – Quando me leu essa parte da carta, saí e embebedei-me durante três dias; depois tive de esperar quase um mês até que chegasse uma carta a dizer que tinhas recusado.

– A minha mãe ficou contente, mas o meu pai acha que sou uma idiota.

– E o que achas tu?

– Que só posso não ter cérebro.

Alex riu-se.

– Seja como for, nunca foi pelo teu cérebro que te amei.

As palavras dele fizeram com que o coração de Cay batesse com tanta força que ela sentia as barbas do espartilho em esforço. Estava desejosa de olhar para ele, mas tivera um ano para pensar na sua vida e no seu futuro e havia coisas que a incomodavam.

– Ouvi dizer que tu e ela passaram uma data de tempo juntos em Charleston. Disseram-me que vocês fazem um belo casal.

– E eu ouvi dizer que a tua mãe te apresentou a mil homens jovens.

– Pois apresentou – retorquiu Cay a sorrir enquanto pintava um bico azul a um dos patos. – Levou-me a Londres, a Paris e a Roma numa viagem que durou oito meses e durante a qual conheci toda a gente. Um primo afastado do meu pai casou com a filha de um conde, pelo que o filho deles herdou o título. Têm pouco dinheiro e não detêm terras, mas lá honrarias não lhes faltam. A minha mãe serviu-se de todos os contactos que arranjava para me apresentar a todos os solteiros respeitados dos três

países. Também queria levar-me a Viena, mas por essa altura sentia-se tão triste por estar longe do meu pai que não aguentei mais.

– O que fizeste?

– Adoecei. Nenhum dos médicos teve a perspicácia de perceber o que se passava comigo até que acabei por *contar* a um deles. Conspirámos e ele informou a minha mãe que eu sofria de um caso tão grave de saudades de casa que ela teria de me trazer imediatamente de volta. A minha mãe fez as malas e em menos de vinte e quatro horas já tinha conseguido que embarcássemos. O mais engraçado foi que...

– O quê?

– Quando chegou, sentia-se tão adoentada que teve de passar os primeiros quatro dias na cama... e o meu pai estava tão preocupado com ela que ficou com ela durante todo esse tempo.

Alex riu-se e, ao fazê-lo, estendeu as mãos e segurou-lhe na bainha da saia. Não tinha a certeza, mas parecia-lhe que não se rira nem uma vez ao longo do último ano. Entre o inferno por que passara e a seriedade da companhia de Nate, não houvera muitos motivos de riso.

– E os jovens que foste conhecendo?

– Alguns eram maravilhosos – disse Cay num tom entusiasmado. – Mas outros eram horríveis. Conheci o filho de um duque que me disse que, se eu lhe pedisse que casasse comigo, ele teria em conta o meu pedido. Creio bem que julgava que deveria sentir-me lisonjeada pela sua oferta.

– Mas não ficaste?

– Nem por sombras. Fui a tantos piqueniques que por pouco não me transformei num cesto. Ópera, balés, concertos. E bailes! Devo ter gastado uma centena de pares de sapatos com tanto que dancei.

– E o resultado foi...?

– O que a minha mãe pretendia: pedidos de casamento, claro. A minha família é rica, graças àquilo que a minha mãe trouxe para o casamento e que o meu pai aumentou. Acrescente-se o facto de eu não ser desagradável à vista e de até os ingleses admitirem que os meus modos não os embaraçavam, e fiquei com dúzias de homens de joelhos à minha frente.

– E acedeste a algum dos pedidos?

Ela demorou um pouco a responder.

– Estava tão zangada contigo por me teres deixado que era o que queria fazer. Imaginava escrever-te uma carta a contar-te que estava muito feliz, loucamente apaixonada, e que me casaria com um homem fabuloso.

– Mas não o fizeste – disse Alex e, na sua voz, havia um laivo de alívio.

– Não, não o fiz. Mas a verdade é que nenhum desses homens *me conhecia*. Todos olhavam para mim para verem se me adequaria ou não às suas vidas. Quantos filhos poderia ter? Seria capaz de cuidar das propriedades deles? E a minha questão preferida era se eu toleraria ou não os casos extraconjugais que viriam a ter. Sabes qual foi o único homem pelo qual me senti realmente atraída?

Alex tentou não franzir o sobrolho, mas não foi capaz.

– Não, quem?

– Um dos tratadores de cavalos de uma propriedade enorme de um inglês que queria casar-se comigo por causa do meu dote. Era um homem alto, de ombros largos e montes de cabelo escuro. Os ingleses diziam que era um «mago» com os cava-los.

– Um mago?

– Eu chamava-lhe Merlin e, quando íamos andar a cavalo, beijava-o.

– Beijavas?

Alex cerrou os punhos.

– Sim. – A voz de Cay ficou carregada de raiva. – Sim! Enquanto andavas a beijar a tua *mulher* – resmungou ela –, *a dormir* com ela, tanto quanto sei, beije um homem.

Ele relaxou as mãos. Estava contente por ouvir a raiva e os ciúmes dela.

– Só a beije dessa vez em que tu estavas escondida atrás do armário e nos viste. Para além disso, nunca lhe toquei e posso garantir-te que não dormi com ela. Graças a ti, fui capaz de não dar importância ao que me tinha atraído nela e ver a pessoa que ela é. Nunca deixou de jurar que não sabia que eu tinha sido julgado pelo seu homicídio, mas não é possível que não tenha tido conhecimento. O Nate foi àquela pequena vila da Georgia para onde ela fugiu logo a seguir ao que me fez e os jornais estavam cheios de notícias do julgamento. O editor até tinha registos de que ela, sob o nome falso que usava lá, assinava o jornal. – Inspirou fundo. – Mal suportava estar perto de uma mulher capaz de fazer o que ela me fez.

– Eu sei – disse Cay. – O Nate escreveu-nos acerca de como ela te desagradava. Mas parece que não tenho o cérebro e o coração ligados. Um ouve e compreende, o outro sente.

Quando Cay deslizou o pé na direção dele, Alex tocou-lhe no tornozelo, envolvido numa meia de seda. Como ela não se afastou, ele pousou-lhe a mão no pé.

– O Nate contou-te que o sobrinho do marido dela está vivo? Ela não o tinha matado, só o fez perder os sentidos. Os homens que a procuravam em Charleston trabalhavam para o marido dela, que a queria de volta.

– O Nate escreveu-me acerca de tudo. – O ênfase da sua voz indicava que *ele*, Alex, nem uma vez lhe escrevera. Mas, por intermédio de Nate, tinham comunicado. – Então ela voltou para o marido?

– Pois, voltou. – Alex descalçou-lhe o sapato e começou a acariciar-lhe o pé. Sabia que Nate tinha escrito a Cay, contando-lhe o que se ia passando, mas algumas coisas Alex guardara para ser ele mesmo a dizer-lhe. – Falei com o marido dela em privado e contei-lhe tudo o que a mulher me tinha feito. Até obriguei a Megs a revelar-lhe a verdade acerca do princípio da sua vida e a confessar-lhe que mentira para o conhecer. Mas ele já o sabia. Ela não me tinha contado, mas trabalhara na cozinha dele quando era pequena e ele lembrava-se dela. Soubera quem a Megs era assim que ela apareceu vestida com as roupas da filha do primo dele. Não demorou muito a perceber o que tinha acontecido.

– E perdoou-a?

– Mais do que isso, amava-a. Disse-me que se tinha casado pela primeira vez para agradar ao pai e que odiara a esposa rica e aristocrática, mas que, da segunda vez, se casara para agradar a si mesmo.

– Então são felizes?

– Quando eu e o Nate viemos embora, a Megs esperava um filho dele.

– Do Nate? O nosso pai não vai gostar nada disso!

Por um instante, Alex sentiu-se confuso, mas depois começou a rir-se – a rir-se *muito*. O riso principiava no seu íntimo e subia com estrépito, como a erupção de um vulcão. Tinha-se esquecido que ela estava sempre a fazer piadas sobre tudo. Passara um ano em que só tivera seriedade, pouco riso, enquanto recuperava o bom nome e lidava com juizes, advogados e Megs. Depressa descobrira que a beleza dela era um pobre substituto de alguém que queria fazê-lo sentir-se bem.

O riso descontraíu-o e Alex já não suportava mais que Cay se recusasse a olhar para si. A pintura que ela tinha estado a fazer do lago parecia algo que um criança daltónica houvesse desenhado, com

patos roxos de bicos azuis a nadarem num lago cor de rosa. A mão dele subiu-lhe pela perna e, um segundo depois, ele puxou-a para a relva a seu lado, onde começou a beijar-lhe a cara e o pescoço.

– Senti a tua falta – disse-lhe. – Todos os segundos do dia pensava em ti e queria estar contigo. O Nate leu-me as cartas que tu e a tua mãe lhe enviavam, descrevendo todas as festas e todos os bailes a que ias. A tua mãe até escreveu que os teus malditos sapatos se gastavam de tanto dançares.

– Fui eu que lhe pedi para incluir isso – confessou Cay, com um brilho nos olhos enquanto o fitava. Tinha as mãos nas faces dele, sentindo a suavidade do seu rosto. Sabia que haveria de lhe mostrar a centena de retratos dele que desenhara de memória ao longo do último ano. Por mais homens que conhecesse, por mais elegantes que fossem, tudo o que ela via era Alex.

– Ocorreu-me que poderias ter sido, mas disse a mim mesmo: «Não, a minha querida Cay nunca seria tão cruel.»

– Cruel, eu? Tu é que inventaste a crueldade. A Santa Inquisição poderia aprender algumas coisas contigo. O meu irmão horrível escreveu com todas as palavras o que vocês descobriram acerca dessa... dessa mulher e do seu estúpido marido. Ele deveria *odiá-la*! Tens a certeza de que ela não assassinou essa rapariga da carruagem? Se calhar ela...

Quando Alex a beijou, Cay interrompeu o que estava a dizer. Ele afastou os lábios dos dela, com os olhos a perscrutarem-lhe o rosto, a memorizarem-no, enquanto lhe ajeitava o cabelo, puxando-o para trás.

– Também penso nisso, mas o marido já sabia do acidente. Um dos seus empregados tinha-o visto e ele ia sair de casa quando a Megs lhe apareceu à porta, alegando ser a rapariga morta. A audácia dela divertiu-o e não passou muito tempo até que se apaixonasse por ela. – Alex falou num tom mais baixo: – Quem pode compreender o amor? – Passou os polegares pelas sobrancelhas dela, alisando-as. – Concordo com o teu pai: se tivesses algum juízo, aceitarias o pedido de casamento do Armitage. Ele é da tua classe e...

– A minha mãe contou-me a verdade.

Ele fitou-a com curiosidade. Estavam deitados no chão, ele com metade do corpo em cima do dela, demasiado pesado para que ela conseguisse mexer-se.

– A verdade acerca do quê?

– Acerca dela e do meu pai.

– E verdade virá essa a ser? – A voz dele revelava a sua diversão.

Cay empurrou-o para que ele saísse de cima dela.

– Se vais mentir-me e fingir que não conhecias a verdadeira história, bem que podes voltar para de onde quer que tenhas vindo e ficar lá. Tu disseste: «Não havia casal menos adequado em toda a cristandade», portanto, eu sei que estás a par da história toda.

– Como consegues lembrar-te de todas as palavras de uma frase que foi dita há mais de um ano, caramba?

Ela ignorou a pergunta.

– Não permitirei que me tratem como uma menina pequena. Nem tu nem ninguém!

Alex começou a beijar-lhe o pescoço.

– Estás a dizer-me que a tua mãe te contou que o teu pai era um pobre andrajoso e que a tua mãe se espojava em ouro? É essa a verdade?

– Por tudo o que é sagrado, acho que já estás a rir-te de mim. Seria de pensar que ao menos me porias no dedo o anel que me compraste antes de começares a trocar de mim.

– Não consegui esperar.

Alex pôs uma perna por cima das coxas dela.

Ela virou-se para olhar para ele, assimilando a familiaridade doce do rosto dele e a pensar no muito que o amava – e sempre amaria. No barco de volta para casa, a mãe contara-lhe em pormenor tudo aquilo por que ela e o pai de Cay tinham passado antes de casarem. Ao longo de toda a sua vida, Cay ouvira histórias doces e perfeitas – mentiras, no fundo – acerca do namoro deles. Mas a verdade havia sido bem diferente e Cay ficara chocada ao ouvir quantas semelhanças existiam entre aquilo por que ela e a sua mãe haviam passado. Quando a mãe lhe contara que tinha barbeado Angus e visto que ele era bonito por baixo de todo aquele pelo, Cay partilhara o momento em que atirara a água suja ao rosto de Alex.

– Só água suja? – perguntou a mãe. – Eu alvejei o teu pai e por pouco não o matei.

De olhos arregalados, Cay prestara atenção a todas as palavras da história da mãe.

– Porque estás a olhar assim para mim? – perguntou Alex.

Ela ia dizer-lhe o que lhe tinham contado, mas não era a altura certa. Em vez disso, lançou-lhe um olhar intenso.

– Se achas que vais servir-te de mim antes do casamento, é bom que penses melhor.

– Servir-me de ti? Lembro-me de uma altura em que...

Com um grande empurrão, ela rebolou e saiu de baixo dele, esticando a mão esquerda. A sua expressão indicava o que queria.

Com um suspiro de derrota, Alex sentou-se.

– O que a leva a pensar que tenho um anel? Ah, sim, o Nate. Ele não veria motivo algum para ficar calado acerca do anel que te comprei em segredo.

– É claro que o meu irmão me disse o que andavas a tramar, até me contou das tuas idas às joalharias de Londres. E contou-me que o marido daquela mulher te deu cavalos e que compraste a quinta ao meu pai. O Nate disse que querias mudar-lhe o nome para McDowell, mas ou se passa a chamar Quinta Merlin ou não vou viver para lá. O meu irmão contou-te que o tio T. C. levou os meus desenhos da viagem pela Florida a Londres, onde os apresentou à Associação Africana, mas que eles disseram que uma mulher não poderia ter pintado aqueles quadros e muito menos viajado para as regiões remotas da Florida pelo que não os quiseram?

– Eu sei, amor – disse Alex com delicadeza. – Ele contou-me. Mas não te preocupes, havemos de arranjar uma solução. E podes dar o nome que quiseres à quinta. Trouxe uma dúzia de cavalos de Inglaterra e recuperei o *Tarka*.

Não obstante o facto de Nate parecer narrar «tudo», Alex estava bem ciente que o amigo não contara a vivalma que conhecera em Inglaterra uma mulher muito semelhante a si. Mas a verdade era que Alex vira que Nate não fazia ideia de quão afetado por ela estava.

– E ouvi dizer que o teu pai veio para a América contigo – disse Cay, chamando-o para o momento presente.

– Pois, pois veio, e o meu prémio em dinheiro de Charleston foi-me devolvido e eu acrescentei-o ao que ganhei numas quantas corridas em Inglaterra.

– Então agora és rico – concluiu Cay, sentando-se na relva a poucos centímetros dele, com os olhos a fitarem-no como se tivesse vontade de o devorar.

– Não de acordo com os padrões do teu pai, mas posso sustentar uma mulher. – Sorriu. – E um filho ou dois.

– Eu só vou ter meninas.

– Bela escolha. Conheci os teus irmãos.

– Que mal têm os meus irmãos? – ripostou ela, mas, ao aperceber-se de que ele estava a provocá-la, lançou-lhe um olhar furioso. – Vou fazer-te pagar por isso.

– Por favor, faz – disse ele e, quando abriu os braços, tal como havia imaginado, ela caiu neles.